

O Livro dos Segredos Volume 5

OSHO

AnDre
Advaita Samtusti
[a r z @terra.com.br](mailto:ar_z@terra.com.br)

Agradecimento a Ma Gyan Darshana por disponibilizar o ebook em espanhol

Capítulo 61

Técnicas para Fazer-se Um com a Totalidade

Os Sutras

88 *Cada coisa é percebida mediante o conhecimento. O ser brilha no espaço mediante o conhecimento. Percebe um ser como o que conhece e o conhecido.*

89 *Amada, neste momento deixa que a mente, o conhecimento, a respiração, a forma sejam incluídos.*

ouvi uma anedota. Em uma assembléia da Partida Conservadora, convidaram a falar com Lorde Mancroft. Chegou bem a tempo, subiu à tribuna e lhe disse ao público - parecia um pouco nervoso-«Me perdoem por cortar um pouco meu discurso breve, mas o certo é que minha casa está ardendo.» E isso é certo para todo mundo. Sua casa também está ardendo, mas nem sequer parece um pouco nervoso. A casa de todo o mundo está ardendo, mas não é consciente, não é consciente da morte, não é consciente de que sua vida te está escapando das mãos.

Está morrendo a cada momento; a cada momento está perdendo uma oportunidade que não pode voltar a recuperar-se. O tempo que se perdeu, perdido está; não se pode fazer nada para recuperá-lo, e sua vida se vai fazendo mais curta a cada momento.

Isto é o que quero dizer com que sua casa também está ardendo. Mas nem sequer parece um pouco nervoso, nem sequer parece estar preocupado por isso. Não é consciente do fato de que a casa está ardendo. O fato está aí, mas sua atenção não está aí. E todo mundo pensa que há tempo suficiente para fazer algo. Não há tempo suficiente, porque há tanto que fazer que nunca há tempo suficiente.

Aconteceu uma vez que o diabo esteve esperando durante anos e anos e ninguém vinha ao inferno.

Estava esperando para lhe dar a bem-vinda às pessoas, mas tudo ia tão bem na Terra que ninguém ia ao inferno. É obvio, preocupou-se muito. Convocou um conselho de emergência. reuniram-se seus principais discípulos para abordar a situação. O inferno estava atravessando uma grande crise, e isto não podia tolerar-se. Terei que fazer algo. De modo que pediu conselho: «O que devemos fazer?».

Um discípulo sugeriu: «Eu iria à Terra e falaria com a gente e trataria de lhes convencer de que Deus não existe e as religiões são falsas, e de que tudo o que diz a Bíblia, o Corán e os Veda é uma tolice.»

O diabo disse: «Isto não servirá, porque viemos fazendo isso desde o começo mesmo, e não tem feito muita trinca na gente. Com esse ensino só se pode convencer aos que já estão convencidos. Assim é inútil; não serve de muito.»

Então, o segundo discípulo, mais sutil que o primeiro, disse: «irei ensinar às pessoas e tratarei de lhes convencer de que tudo o que diz a Bíblia, o Corán e os Veda é correto. Existe o céu, existe Deus, mas não existe o diabo nem o inferno, assim não tenham medo. E se podemos fazer que tenham menos medo, não se preocuparão absolutamente pela religião, porque todas as religiões se apóiam no medo.»

O diabo disse: «Sua proposta é um pouco melhor. Pode que o obtenha, pode que consiga convencer a uma minoria, mas a maioria não lhe escutará. Têm menos medo ao inferno que cobiça pelo céu. Inclusive se lhes convence de que o inferno não existe,

ainda quererão ir ao céu, e tentarão ser bons para isso. De modo que isto tampouco servirá de muito.»

Então o terceiro discípulo, o mais sutil de todos, disse: «Tenho uma idéia. me dê a oportunidade de pô-la a prova. Irei e direi que tudo o que diz a religião é absolutamente certo

-existe Deus e existe o diabo e existe o céu e existe o inferno-, mas não há nenhuma pressa.»

E o diabo disse: «Isso! Você tem o sistema apropriado. Vê você!»

E se diz que após nunca houve uma crise no inferno. Mas bem lhes preocupa o excesso de população.

Assim é como estão funcionando nossas mentes, pensamos sempre que não há pressa. Estas técnicas das que estamos falando não servirão para nada se sua mente pensar que não há pressa. Então pode seguir postergando, e a morte virá antes. Não chegará o dia em que pense que há pressa, em que pense que agora chegou o momento. Pode seguir pospondo. Isto é o que viemos fazendo com nossas vidas.

Tem que te decidir a fazer algo. Está em uma crise, a casa está ardendo. A vida sempre está ardendo, porque a morte está sempre escondida detrás dela; qualquer momento e pode que já não exista. E não pode discutir com a morte. Não pode fazer nada. Quando a morte acontece, acontece. Há muito pouco tempo. Inclusive se viver setenta anos, ou cem anos, há muito pouco tempo. O que tem que fazer para te transformar, para trocar, para te converter em um ser novo é um trabalho enorme. Não siga pospondo.

A não ser que sinta que é uma emergência, uma crise profunda, não fará nada. A não ser que a religião se volte um processo muito crítico para ti, e sinta que a menos que faça algo por te transformar, desperdiçará toda sua vida... Só se sentir isto muito aguda, profunda e honestamente servirão para algo estas técnicas. Porque pode as compreender, mas a compreensão não serve para nada a não ser que ponha algo em prática. Em realidade, a menos que ponha algo em prática, não as compreendeste, porque a compreensão deve converter-se em ação. Se não se está convertendo em ação, então só as conhece, não as compreende.

Tenta compreende esta distinção. Conhecer não é compreender. as conhecer não te compelirá à ação. Não compelirá a nenhuma mudança. Não te compelirá a fazer algo a respeito. Acumulará-o na mente; voltará-se informação. Voltará-te mais erudito. Mas, ao chegar a morte, tudo cessa. Segue acumulando muitas coisas, sem pôr nunca nada em prática. voltam-se só uma carga para ti.

Compreensão significa ação. Quando compreende algo, imediatamente começa a te ocupar disso, porque se for certo e sente que é certo, tem que nascer algo a respeito. Do contrário, tudo segue sendo emprestado, e o conhecimento emprestado não pode voltar-se compreensão. Pode esquecer que é emprestado..., você gostaria de esquecer que é emprestado, porque perceber que é emprestado significa que o ego se sente ferido. De modo que segue esquecendo que é emprestado. Pouco a pouco começa a sentir que é realmente teu. Isso é muito perigoso.

ouvi uma anedota. A congregação de uma igreja estava muito aborrecida do pastor. Chegou um momento em que os membros da igreja disseram diretamente ao pastor: «Já é hora de que você se vá.»

O pastor disse: «me dêem outra oportunidade, só uma, e se logo me dizem que vá, irei.»

Assim é que no domingo seguinte todo o povo se reuniu na igreja para ver o que ia fazer o pastor agora que só ficava uma oportunidade. Nunca suspeitaram, nunca

GRUPO PROVISÃO, ESTUDA MECÂNICA
QUÂNTICA
VENHA PARTICIPAR , VC TAMBÉM
65 9 9632 0674

imaginaram que fora dar um sermão tão formoso esse dia. Nunca tinham ouvido uma coisa semelhante.

Surpreendidos, encantados, deleitaram-se com ele, e quando acabou o sermão, reuniram-se em torno do pastor e lhe disseram: «Não precisa ir-se. Fique aqui. Nunca antes ouvimos uma coisa tão formosa, nunca na vida. seja-lhe isso aqui e fique aqui, e, é obvio, com um aumento em seu estipêndio.»

Mas então, um homem, um membro muito proeminente da congregação, perguntou: «me diga só uma coisa. Quando começou seu bate-papo, elevou a mão esquerda com dois dedos levantados, e quando finalizou o bate-papo, elevou a mão direita, de novo com dois dedos levantados. O que significa este símbolo?».

O pastor disse: «O significado é fácil. Esses dedos simbolizam as aspas. Esse sermão não era meu; era emprestado.»

Recorda sempre essas aspas. É muito bom as esquecer, sente-se bem, mas tudo o que sabe está entre aspas; não é teu. E só pode deixar essas aspas quando algo se converteu em sua própria experiência.

Estas técnicas são para converter o conhecimento em experiência. Estas técnicas são para converter o conhecimento em compreensão. O que pertence a um Buda ou a um Krishna ou a um Cristo, mediante esta técnicas te pode pertencer a ti, pode voltar-se teu. E a não ser que se volte teu, nenhuma verdade é verdadeira. Pode que seja uma grande mentira, uma bela mentira, mas nenhuma verdade é verdadeira a menos que se converta em sua experiência, individualmente, autenticamente tua.

Três coisas. Primeira: recorda sempre que sua casa está ardendo. Segunda: não escute ao diabo. Ele te dirá constantemente que não há pressa. E terceira: recorda que conhecer não é compreender.

Tudo o que estou dizendo aqui fará que esteja muito informado. Isso é necessário, mas não é suficiente. Põe-te em marcha, mas não é o final. Faz algo para que o conhecimento não fique em conhecimento, não fique em lembrança, mas sim se converta em sua experiência e sua vida.

88 Conhece que conhece e o conhecido.

Agora a primeira técnica: *Cada coisa é percebida mediante o conhecimento. O ser brilha no espaço mediante o conhecimento. Percebe um ser como o que conhece e o conhecido.*

Sempre que se conhece algo, conhece-se mediante o conhecimento. O objeto chega a sua mente mediante a faculdade de conhecer. Miras uma flor, sabe que isto é uma rosa. A rosa está aí e você está dentro. Algo de ti vai à rosa, algo de ti é projetado à rosa. Alguma energia sai de ti, vai à rosa, toma sua forma, cor e aroma, e volta e te informa que isto é uma rosa.

Todo conhecimento, independentemente de qual seja, revela-se mediante a faculdade de conhecer. Conhecer é sua faculdade; os conhecimentos se aprovisionam mediante esta faculdade. Mas conhecer revela duas coisas: conhecido-o e o que conhece. Sempre que está conhecendo uma rosa; há três coisas, a rosa, conhecido-o; e o que conhece, você; e a relação entre os dois, o conhecimento.

De modo que conhecer pode ser dividido em três pontos, que conhece, conhecido-o e o conhecimento. O conhecimento é como uma ponte entre dois pontos, o sujeito e o objeto. Normalmente, seu conhecimento revela só o conhecido; que conhece permanece sem revelar. Normalmente, seu conhecimento vai em uma só direção, dirige-se à rosa,

mas nunca se dirige a ti. A não ser que comece a dirigir-se a ti, esse conhecimento te permitirá conhecer o mundo, mas não te permitirá te conhecer ti mesmo.

Todas as técnicas de meditação são para revelar ao que conhece. George Gurdjieff usou uma técnica concreta como esta. Chamou-a lembrança da gente mesmo. Disse que sempre que estar conhecendo algo, recorda ao que conhece. Não o esqueça no objeto. Recorda ao sujeito.

Agora mesmo me está escutando. Quando me está escutando, pode escutar de duas maneiras. Sua mente pode estar enfocada em mim, de tal forma que se esquece do que escuta. Então se conhece que fala e se esquece ao que escuta. Gurdjieff dizia que enquanto esteja escutando, conhece que fala e conhece também ao que escuta. Seu conhecimento deve ir em duas direções, dirigido a dois pontos, que conhece e o conhecido. Não deve fluir só em uma direção para o objeto. Deve fluir simultaneamente em duas direções, conhecido-o e o que conhece. Isto se chama lembrança da gente mesmo.

Ao olhar uma flor, recorda também ao que está olhando. Difícil, porque se o tenta, se tenta ser consciente de que conhece, se esquecerá da rosa. Acostumaste-te tanto a ir em uma só direção, que tomará tempo. Se tomadas consciencia de que conhece, então esquecerá o conhecido. Se tomadas consciencia do conhecido, então esquecerá ao que conhece.

Mas um pouco de esforço, e com o tempo pode ser consciente de ambos simultaneamente. E quando te volta capaz de ser consciente de ambos..., isto é o que Gurdjieff chama lembrança da gente mesmo. Esta é uma das técnicas mais antigas que usou Buda, e Gurdjieff voltou a introduzi-la no mundo ocidental.

Buda a chamou *samyak smriti*, atenção correta. Ele dizia que sua mente não está em uma atenção correta se só conhecer um ponto. Deve conhecer os dois. E então acontece um milagre, se for consciente tanto do conhecido como de que conhece, de repente te volta o terceiro; não é nenhum dos dois. Pondo empenho em ser consciente tanto do conhecido como de que conhece, volta-te o terceiro, volta-te uma testemunha. Imediatamente surge uma terceira possibilidade, forma-se um ser que é testemunha, porque como vais conhecer ambos? Se for o que conhece, então permanece fixo em um ponto. Na lembrança da gente mesmo te move do ponto fixo de que conhece. Então o que conhece é sua mente e o conhecido é o mundo, e você te volta um terceiro ponto, uma consciencia, um ser que é testemunha.

Este terceiro ponto não pode ser transcendido, e o que não pode ser transcendido é o supremo. O que pode ser transcendido não merece a pena, porque então não é sua natureza, pode transcendê-lo.

Tentarei explicá-lo com um exemplo. De noite dorme e sonha. Pela manhã desperta e o sonho se perde. Quando está acordado, não há nenhum sonho; aparece um mundo diferente. Anda pela rua, trabalha em uma fábrica ou em um escritório. Logo volta para casa, e te volta a dormir de noite. então este mundo que conhecia enquanto estava acordado desaparece. Então não recorda quem é. Então não sabe se for negro ou branco, pobre ou rico, sábio ou tolo.

Não sabe nada. Não sabe se for jovem ou velho. Não sabe se for homem ou mulher. Tudo o relacionado com a consciencia da vigília desaparece; entra no mundo dos sonhos. Esquece o mundo da vigília; já não existe. Pela manhã, o mundo dos sonhos desaparece de novo. Volta.

Qual é real? Porque enquanto está sonhando, o mundo real, o mundo que conhecia quando estava acordado, já não existe. Não pode comparar. E enquanto está acordado, o mundo dos sonhos já não existe. Não pode comparar. Qual é real? por que chamas irreal ao mundo dos sonhos? Qual é o critério?

Se disser: «Porque desaparece quando estou acordado», este não pode ser o critério, porque seu mundo da vigília desaparece quando está sonhando. E, em realidade, se argumentas desta maneira, então pode que o mundo dos sonhos seja mais real, porque enquanto está acordado pode recordar o sonho, mas enquanto está sonhando não pode recordar a consciencia da vigília e o mundo em torno dela. De modo que qual é mais real e mais profundo? O mundo dos sonhos faz desaparecer completamente o mundo que chamas real. Seu mundo real não pode fazer desaparecer o mundo dos sonhos tão totalmente; parece mais sólido, mais real. E qual é o critério? Como asseverá-lo? Como comparar?

O tantra diz que ambos são irreais. Então, o que é real? O tantra diz que o que conhece o mundo dos sonhos e o que conhece o mundo da vigília, ele é real, porque nunca é transcendido. Nunca é anulado. Já sonhe ou esteja acordado, está aí, sem ser anulado.

O tantra diz que o que conhece o sonho, e o que sabe que agora o sonho cessou, que conhece o mundo da vigília, e o que sabe que agora o mundo da vigília desapareceu, isso é o real, porque não há nenhum ponto no que não esteja; sempre está aí. O que não pode ser anulado por nenhuma experiência é o real. O que não pode ser transcendido, pelo que não se pode ir mais à frente, é seu ser. Se pode ir além dele, então não era seu ser.

Este método do Gurdjieff, que ele chama lembrança da gente mesmo, ou o método da Buda, que ele chama atenção correta, ou este sutra do tantra, conduzem a uma coisa. Levam-lhe dentro de ti a um ponto que não é nem o conhecido nem o que conhece, a não ser um ser observador que conhece ambos.

Este ser que é testemunha é o supremo; não pode ir além dele, porque agora, faça o que faça, será testemunha. Não pode ir ser testemunha. De modo que observar é o substrato supremo, o fundamento básico da consciencia. Este sutra se revelará a ti.

Cada coisa é percebida mediante o conhecimento. O ser brilha no espaço mediante o conhecimento. Percebe um ser como o que conhece e o conhecido.

Se pode perceber em ti mesmo um ponto que é tanto o que conhece como o conhecido, então transcendeste o objeto e o sujeito. Então transcendeste a matéria e a mente; então transcendeste o externo e o interno. chegaste a um ponto em que o que conhece e o conhecido são um. Não há divisão.

Com a mente, a divisão permanecerá. Só com o ser que observa desaparece a divisão. Com o ser que observa não pode dizer quem é o conhecido e quem é o que conhece, é ambos. Mas isto tem que estar apoiado na experiência; do contrário se converte em uma discussão filosófica. Assim prova-o, experimenta.

Está sentado junto a uma rosa, olha-a. O primeiro que terá que fazer é estar totalmente atento, emprestar total atenção à rosa, de modo que o mundo inteiro desapareça e só fique a rosa, seu consciencia está totalmente atenta ao ser da rosa. Se a atenção for total, então o mundo desaparece, porque quanta mais atenção se concentra na rosa, mais se desvanece todo o resto. O mundo desaparece; só fica a rosa. A rosa se volta o mundo.

Este é o primeiro passo, concentrar-se na rosa. Se não poder te concentrar na rosa, será difícil ir ao que conhece, porque então sua mente sempre está distraída.

De modo que a concentração se volta o primeiro passo para a meditação. Só fica a rosa; o mundo inteiro desapareceu; Agora pode ir para dentro; agora a rosa se converte no ponto do que pode te mover. Agora vê a rosa, e começa a tomar consciencia de ti mesmo, que conhece.

Ao princípio não dará com isso. Quando entrar no que conhece, a rosa sairá da consciencia. Logo que será perceptível, irá-se, voltará-se remota. Irá de novo à rosa, e esquecerá o ser. Este jogo do esconderijo continuará, mas se perseverar, cedo ou tarde chegará um momento em que, de repente, estará no meio. que conhece -a mente- e a rosa estarão aí, e você estará justo no meio, olhando a ambos. Esse ponto médio, esse ponto equilibrador, é a testemunha.

Uma vez que o conhece, tornaste-te ambos. Então a rosa -conhecido-o- e o que conhece -a mente- são duas asas para ti. Então o objeto e o sujeito são só duas asas; você é o centro de ambas. São extensões tuas. Então o mundo e o divino som extensões tuas. chegaste ao centro mesmo do ser. E este centro é só uma testemunha.

Percebe um ser como o que conhece e o conhecido.

Começa te concentrando em algo. Quando a concentração tenha chegado a ser total, entontes tenta ir para dentro, te empreste atenção a ti mesmo, e então tenta equilibrar. Levará tempo..., meses, inclusive anos. Depende de quão intenso seja seu esforço, porque ficar em meio de ambos é o equilíbrio mais sutil. Mas acontece, e quando acontece chegaste ao centro da existência. Nesse centro está enraizado, situado, em silêncio, ditoso, em êxtase, e a dualidade já não existe. Isto é o que os hindus chamaram *samadhi*. Isto é o que Jesus chamou o reino de Deus.

Tão somente compreendê-lo verbalmente não servirá de muito, mas se o tenta, do começo mesmo começará a sentir que algo está acontecendo. Quando te concentrar na rosa, o mundo desaparecerá. Isto é um milagre..., quando o mundo inteiro desaparece. Então chega a compreender que é sua atenção o que é básico, e que onde põe sua atenção, cria-se um mundo, e de onde retira sua atenção, o mundo cessa. De modo que pode criar mundos com sua atenção.

Considera o desta maneira. Está sentado aqui. Se estiver apaixonado por alguém, só há uma pessoa nesta sala; todo o resto desaparece, não está aqui. O que acontece? por que só há uma pessoa quando está apaixonado? O mundo inteiro cessa realmente; é como uma aparição, sombras. Só uma pessoa é real, porque agora sua mente está concentrada, sua mente está totalmente absorta em uma pessoa. Todo o resto se volta como um assombra, uma existência fantasma; para ti não é real.

Sempre que pode te concentrar, a concentração mesma troca toda a pauta de sua existência, toda a pauta de sua mente. Prova-o; com algo. Pode prová-lo com uma estátua de

Buda, ou uma flor, ou uma árvore, ou algo, ou simplesmente com o rosto da pessoa que amas, ou de seu amigo...; simplesmente olhe seu rosto.

Será fácil, porque se amas algum rosto, é fácil concentrar-se. E, em realidade, os que tentaram concentrar-se na Buda, no Jesus, na Krishna, amavam-lhes. De modo que para a Sariputta, ou para o Maudgalyan, ou para outros discípulos era fácil concentrar-se no rosto da Buda; amavam a Buda. No momento em que olhavam o rosto da Buda, fluíam facilmente para ele. Havia amor; estavam apaixonados.

Assim tenta encontrar um rosto -qualquer rosto que ame servirá- e lhe olhe aos olhos e te concentre no rosto. de repente, o mundo inteiro cessa; aberto-se uma nova dimensão. Sua mente está concentrada em uma coisa; então essa pessoa ou essa rosa se volta o mundo inteiro. Quando digo isto, quero dizer que se sua atenção estiver totalmente enfocada em algo, isso se volta o mundo inteiro. Cria o mundo com sua atenção. Cria seu mundo com sua própria atenção. E quando está totalmente absorto, fluindo como um rio para o objeto, então de repente começa a tomar consciencia da

fonte original da que está fluindo esta atenção. O rio está fluindo; agora toma consciencia da origem.

Ao princípio te perderá uma e outra vez; alternará. Se for à origem, esquecerá o rio e o objeto, o mar para o que está fluindo. Trocará, se for ao objeto, esquecerá a origem. É natural, porque a mente está totalmente acostumada a estar ou no objeto ou no sujeito.

Por isso tanta gente vai a retiros, deixam o mundo. Deixar o mundo significa basicamente que deixam os objetos para poder concentrar-se em si mesmos. É fácil. Se deixar o mundo e fecha os olhos e fecha todos seus sentidos, pode ser consciente de ti mesmo facilmente, mas também essa consciencia é falsa, porque escolheste um ponto da dualidade. Isto é outro extremo da mesma enfermidade.

Primeiro foi consciente do objeto, conhecido-o, e não foi consciente do sujeito, que conhece. Agora te aderiste ao que conhece e esqueceste o conhecido, mas segue dividido em uma dualidade. E esta é de novo a velha mente em uma nova pauta. Nada trocou.

Desde aí minha ênfase em não deixar o mundo dos objetos. Não abandone o mundo dos objetos. Mas bem tenta tomar consciencia do sujeito e do objeto simultaneamente, do externo e o interno simultaneamente. Só se ambos estão aí pode estar equilibrado entre eles. Se só houver um, obcecará-te com isso.

Os que se vão aos Himalayas e se encerram, são iguais que você, só que em uma posição inversa. Seu está aderido aos objetos; eles estão aderidos ao sujeito. Você está aderido ao externo; eles estão aderidos ao interno. Nem você é livre, nem o são eles; porque não pode ser livre com apenas um. Com um te identifica. Só pode ser livre quando toma consciencia dos dois. Então pode te voltar o terceiro, e o terceiro é o ponto livre. Com um te identifica. Com dois pode te mover, pode alternar, pode equilibrar, e pode chegar a um ponto médio, um ponto médio absoluto.

Buda estava acostumada dizer que este caminho é um caminho médio: *majjhim nikai*. Não se entendeu realmente por que insistiu tanto em chamá-lo o caminho médio. Esta é a razão, porque todo seu processo era de atenção; é o caminho médio. Buda diz: «Não deixe o mundo, e não te aferre ao outro mundo. Mas bem, estate no meio. Não deixe um extremo e vá ao outro; estate no meio, porque no meio não há nenhum dos dois. Justo no meio é livre. Justo no meio não há dualidade. chegaste ao um, e a dualidade se tornou tua extensão, simplesmente duas asas.»

O caminho meio da Buda se apóia nesta técnica. É formoso. É formoso por muitas razões. Uma, é muito cientista, porque só pode te equilibrar entre dois. Se só houver um ponto, terá que haver desequilíbrio. De modo que Buda diz que os que são mundanos estão desequilibrados, e os que renunciaram ao mundo também estão desequilibrados no outro extremo. Um homem equilibrado é um que não está nem neste extremo nem naquele; vive justo no meio. Não pode lhe chamar mundano, não pode lhe chamar separado do mundo. Tem liberdade de movimentos; não está obstinado a nenhum. chegou ao ponto médio, ao justo médio.

Em segundo lugar, é muito fácil ir-se ao outro extremo; muito fácil. Se comer muito, pode jejuar facilmente, mas não pode estar a dieta facilmente. Se falas muito, pode te passar ao silêncio muito facilmente, mas não pode falar menos. Se comer muito, é muito fácil não comer absolutamente, isto é o outro extremo. Mas comer moderadamente, chegar a um ponto médio, é muito difícil. Amar a uma pessoa é fácil; odiar a uma pessoa é fácil. Ser simplesmente indiferente é muito difícil. De um extremo te pode ir ao outro.

Permanecer no meio é muito difícil. por que? Porque no meio tem que perder sua mente. Sua mente existe em extremos. Mente significa o excesso. A mente sempre é extremista, ou está a favor ou está em contra. Não pode ser simplesmente neutro. A

mente não pode existir na neutralidade, pode estar aqui ou aí, porque a mente necessita o oposto, precisa opor-se a algo. Se não se opuser a algo, desaparece. Então não tem nenhum funcionamento; não pode funcionar.

isto prova. De qualquer forma, te volte neutro, indiferente...; de repente, a mente não tem nenhuma função. Se estiver a favor, pode pensar; se estiver em contra, pode pensar. Se não estar nem a favor nem em contra, o que fica por pensar?

Buda diz que a indiferença é a base do caminho médio. *Upeksha*, indiferença, se indiferente aos extremos. Tenta simplesmente uma coisa, se indiferente aos extremos. Acontece um equilíbrio.

Este equilíbrio te dará uma nova dimensão de sentir em que é tanto o que conhece como o conhecido, o mundo e o outro mundo, isto e isso, o corpo e a mente. É ambos, e simultaneamente nenhum, por cima de ambos. criou-se um triângulo.

Pode que tenha visto que muitas sociedades ocultas, secretas, usaram o triângulo como seu símbolo. O triângulo é um dos símbolos ocultos mais antigos devido a isto, porque o triângulo tem três ângulos. Normalmente, só tem dois ângulos; falta o terceiro. Ainda não está aí, não se desenvolveu. O terceiro ângulo está além de ambos. Ambos lhe pertencem, formam parte dele e, entretanto, está mais à frente e por cima de ambos.

Se fizer este experimento, ajudará a criar um triângulo dentro de ti. O terceiro ângulo surgirá pouco a pouco, e quando chega, não pode ser desventurado. Uma vez que pode ser uma testemunha, não pode ser desventurado. Desdita significa identificar-se com algo.

Mas terá que recordar um ponto sutil, então nem sequer te identificará com a sorte. Por isso diz Buda: «Só posso dizer isto, que não haverá desdita. Em *samadhi*, em êxtase, não haverá desdita. Não posso dizer que haverá sorte.» Buda diz: «Não posso dizer isso. Simplesmente posso dizer que não haverá desdita.»

E tem razão, porque «sorte» faz referência a quando não há identificação de nenhum tipo..., nem sequer com a sorte. Isto é muito sutil. Se sentir que é ditoso, cedo ou tarde voltará a ser desventurado. Se sentir que é ditoso, está-te preparando para voltar a ser desventurado. Ainda te está identificando com um estado de ânimo.

Sente-se feliz, agora te identifica com a felicidade. No momento em que te identifica com a felicidade, começou a infelicidade. Agora aferrará a ela, agora lhe agarrará medo ao oposto, agora esperará que permaneça contigo constantemente. criaste todo o necessário para que haja desdita, e então chegará a desdita, e quando te identifica com a felicidade, identificará-te com a desdita. A identificação é a enfermidade.

No terceiro ponto não está identificado com nada, tudo chega e passa, chega e passa; você permanece como testemunha, como espectador..., neutro, indiferente, sem te identificar.

Chega a manhã e sai o Sol e você o observa. Não diz: «Sou a manhã.» Logo, quando vem o meio-dia, não diz: «Tornei-me o meio-dia.» É uma testemunha. E quando fica o Sol e chega a escuridão e a noite, não diz: “Sou a escuridão e a noite.” É uma testemunha. Diz: «Houve a manhã, logo houve o meio-dia, logo houve a tarde e agora há a noite. E voltará a haver a manhã e o círculo continuará, e eu sou só um espectador. Sigo observando.»

Se isto mesmo se voltar possível com seus estados de ânimo -estados de ânimo da manhã e estados de ânimo do meio-dia e estados de ânimo da tarde e da noite, e têm seu próprio ciclo; seguem passando-, volta-te uma testemunha. Diz: «Agora chegou a felicidade..., igual à manhã. E agora virá a noite, a desdita. Os estados de ânimos seguirão trocado em torno de mim, e eu permanecerei centrado em mim mesmo. Não apegarei a nenhum estado de ânimo. Não aferrarei a nenhum estado de ânimo. Não terei a esperança de nada e não me sentirei frustrado. Simplesmente

observarei. Aconteça o que aconteça, verei-o. Quando chegar, verei-o; quando se for, verei-o.»

Buda usa isto muitas vezes. Diz uma e outra vez que quando surgir um pensamento, olha-o. Surge um pensamento de desdita, um pensamento de felicidade, olha-o. Chega a um clímax, olha-o. Logo começa a vir-se abaixo, olha-o. Logo desaparece, olha-o. Surgindo, existindo, morrendo, e você permanece simplesmente como testemunha; segue olhando-o. Este terceiro ponto te faz uma testemunha, *sakshin*, e ser uma testemunha é a possibilidade mais alta da consciencia.

89 Inclui-o tudo em seu ser.

Segunda técnica: *Amada, neste momento deixa que a mente, o conhecimento, a respiração, a forma, sejam incluídos.*

Esta técnica é um pouco difícil, mas se pode fazê-la, é prodigiosa, bela. Sentado, não divida. Sentado em meditação, inclui-o tudo, seu corpo, sua mente, sua respiração, seu pensamento, seu conhecimento, tudo. Inclui-o tudo. Não divida, não crie nenhuma fragmentação. Normalmente, fragmentamos; seguimos fragmentando. Dizemos: «O corpo não é eu.» Há técnicas que também podem usar isso, mas esta técnica é totalmente diferente; mas bem, o oposto.

Não divida. Não diga: «Eu não sou o corpo.»

Não diga: «Não sou a respiração.» Não diga: «Não sou a mente.» Simplesmente diga: «Sou tudo»..., e se tudo. Não crie nenhuma fragmentação dentro de ti. Isto é uma sensação. Com os olhos fechados, inclui tudo o que existe em ti. Não te centre em nenhuma parte, permanece sem centro. A respiração vem e vai, o pensamento vem e vai. A forma de seu corpo seguirá trocando. Não observaste isto.

Se se sinta com os olhos fechados, sentirá que às vezes seu corpo é grande, às vezes seu corpo é pequeno; às vezes é muito pesado, às vezes muito leve, como se pudesse voar. Pode sentir este momento e diminuição da forma. Fecha os olhos e sente-se, e sentirá que às vezes o corpo é muito grande, enche toda a habitação; às vezes é muito pequeno, atômico. por que troca esta forma? Conforme troca sua atenção, troca a forma do corpo. Se incluir, volta-se grande; se excluir -não sou isto, não sou isto-, então se voltará muito diminuto, muito pequeno, atômico.

Este sutra diz: *Amada, neste momento deixa que a mente, o conhecimento, a respiração, a forma, sejam incluídos.*

Inclui-o tudo em seu ser e não descarte nada. Não diga: «Eu não sou isto»; diga: «Eu sou», e inclui-o tudo nisso. Se pode fazer isto simplesmente estando sentado, acontecerão-lhe coisas maravilhosas, absolutamente novas. Sentirá que não há centro; não há centro em ti. E ao ir o centro, não há «eu», não há ego; só fica consciencia, consciencia como um céu que o cobre tudo. E quando crescer, não só estará incluída sua própria respiração, não só estará incluída sua própria forma; ao final, todo o universo está incluído em ti.

Swami Ramateertha usou esta técnica para sua própria *sadhana*. Chegou um momento em que começou a dizer: «O mundo inteiro está em mim, e as estrelas se movem em mim.»

Alguém estava falando com ele e lhe disse: «É muito formoso aqui nos Himalayas.» Ramateertha estava nos Himalayas, e o homem lhe disse:

«É muito formoso aqui nos Himalayas.»

E se conta que Ramateertha disse: «Himalayas? Os Himalayas estão em mim.»

O homem deveu pensar que estava *louco*. Como vão estar os Himalayas nele? Mas se praticar esta meditação, pode sentir que os Himalayas estão em ti. me permita explicar como é possível.

Em realidade, quando me olha não pode olhar ao que está sentado aqui na cadeira. Em realidade, está olhando a imagem de mim que há em ti, em sua mente. Como vais conhecer me aqui nesta cadeira? Seus olhos têm simplesmente uma imagem. Nem sequer uma imagem; só entram em seus olhos raios de luz. E então os olhos não vão eles mesmos à mente; só entram os raios que passam pelos olhos, e seu sistema nervoso, que leva esses raios, não pode levá-los como raios; transforma-os em substâncias químicas. De modo que só as substâncias químicas se movem, e essas substâncias químicas são decodificadas e me vê em sua mente.

Nunca estiveste fora de sua mente. O mundo inteiro que conhece o decodifica em sua mente, conhece-o em sua mente todos os Himalayas e todos os sóis e as estrelas e as luas estão em sua mente em uma existência muito sutil. Se fechar os olhos e sente que tudo está incluído, saberá que o mundo inteiro se está movendo dentro de ti. E uma vez que sintas isto -que o mundo inteiro se está movendo dentro de ti-, toda sua desdita individual desaparecerá. Já não é um indivíduo. Tornaste-te o absoluto, o não individual. Tornaste-te a existência inteira.

Esta técnica expande seu consciencia. Agora no Ocidente se estão usando muitas drogas para expandir a consciencia, LSD, maconha, e outras drogas. Na Índia também se usaram antigamente, porque dão uma falsa sensação de expansão. Para todos os que usam drogas, esta técnica será formosa, muito útil, porque seu desejo é a expansão.

Quando toma LSD, não está confinado em ti mesmo; abrange-o tudo. houve casos... Uma garota saltou de um edifício de sete pisos porque sentiu que não podia morrer, que a morte era impossível. Sentiu que podia voar, e sentiu que não havia nenhuma barreira, que não havia medo. Saltou de um edifício de sete pisos e morreu, estrelou-se. Mas em sua mente, sob a influência da droga, não havia nenhuma limitação, nenhuma morte.

A expansão da consciencia se tornou uma moda, porque quando te expande, sente-se «colocado». Pouco a pouco vai incluindo em ti o mundo inteiro. Volta-te grande, imensamente grande, e com a grandeza, com a expansão, todas as desditas individuais desaparecem. Mas com o LSD ou a maconha ou outras drogas, isto é só uma sensação falsa.

Mediante esta técnica, esta sensação se volta real, o mundo inteiro vem realmente dentro de ti. Há duas razões para isto. Uma, nossa consciencia individual não é realmente individual; no mais profundo é coletiva. Parecemos ilhas, mas no mais profundo todas as ilhas estão conectadas com a terra. Parecemos ilhas, diferentes -eu sou consciente, você é consciente-, mas seu consciencia e meu consciencia em algum ponto profundo são uma. Está conectada à Terra, o fundamento básico.

Por isso acontecem muitas coisas que parecem inexplicáveis. Se meditar sozinho, será mais difícil entrar nisso, mas se meditar com um grupo é muito fácil, porque todo o grupo funciona como uma unidade. Nos campos de meditação hei sentido e observado que depois de dois ou três dias já não está sua individualidade; faz-te parte de uma consciencia maior. E se sentem ondas muito sutis, começam a mover-se ondas muito sutis, e a consciencia do grupo se desenvolve.

De modo que quando dança, em realidade você não está dançando, mas sim está dançando a consciencia do grupo; você é só uma parte dela. O ritmo não está só dentro de ti; o ritmo está também fora de ti. O ritmo te rodeia por toda parte. Em um grupo, você não existe. esquece-se o fenômeno superficial de ser ilhas e se cristaliza o fenômeno profundo de ser um. Em um grupo está mais perto do divino; solo está mais

longe quando volta a te concentrar no ego, na diferença superficial, na separação superficial. Esta técnica ajuda, porque, em realidade, é um com o universo. É só uma questão de como captá-lo, ou de como cair nisso e dar-se conta disso.

Estar com um grupo amistoso sempre te dá energia. Estando com alguém que é hostil sempre sente que te ficaste sem energia. por que? Se estiver com um grupo amistoso, em uma família, e estão sentados, lhes relaxando, simplesmente estando juntos, sente-se revitalizado, vivificado. Ao te encontrar com um amigo, sente-se mais vivo que antes. Com apenas passar junto a um inimigo, sente que perdeste um pouco de energia, sente-se cansado. O que acontece?

Quando une a um grupo amistoso e pormenorizado, esquece sua individualidade; baixaste ao nível básico no que lhes podem unir. Quando alguém é hostil, volta-te mais individual, egoísta; aferra a seu ego. devido a esse teimosia, sente-se cansado. Toda a energia vem das raízes; toda a energia chega com a sensação de um ser coletivo.

Ao princípio, fazendo esta meditação sentirá que surge um ser coletivo, e logo, ao final, que surge uma consciencia cósmica. Quando todas as diferenças se perdem, todos os limites desaparecem e a existência permanece como uma peça, uma unidade, uma totalidade, então tudo está incluído. Este esforço por inclui-lo tudo começa em sua própria existência individual. Inclui.

*Amada, neste momento deixa que a mente, o conhecimento,
a respiração, a forma, sejam incluídos.*

O ponto básico é recordar incluir. Não exclua. Esta é a chave para este sutra, a inclusividad, incluir. Inclui e cresce. Inclui e te expanda. Prova-o com seu corpo, e logo prova-o também com o mundo externo.

Sentado sob uma árvore olhe a árvore; logo fecha os olhos e sente que a árvore está dentro de ti. Olhe o céu, logo fecha os olhos e sente que o céu está dentro de ti. Olhe o Sol nascente, logo fecha os olhos e sente que o Sol está saindo dentro de ti. Sinta-se mais inclusivo.

Acontecerá-te uma experiência tremenda. Quando sentir que a árvore está dentro de ti, imediatamente se sentirá mais jovem, mais fresco. E isto não é imaginação, porque a árvore e você pertencem à Terra. Ambos estão enraizados na mesma Terra e essencialmente enraizados na mesma existência. De modo que quando sente que a árvore está dentro de ti, a árvore *está* dentro de ti -isto não é imaginação-, e imediatamente sentirá o efeito. A vitalidade da árvore, seu verdor, sua frescura, a brisa que passa por ele..., sentirá-o dentro de ti em seu coração. Inclui mais e mais existência, e não exclua.

De muitas maneiras, muitos professores mundiais estiveram ensinando isto. Jesus diz: «Ama a seu inimigo como a ti mesmo.» Isto é um experimento em inclusividad. Freud estava acostumado a dizer: «por que deveria amar a meu inimigo como a mim mesmo? É meu inimigo, assim por que deveria lhe amar como a mim mesmo? E como vou poder amar?». Sua pergunta parece relevante, mas não é consciente de por que Jesus diz que ame a seu inimigo como a ti mesmo. Não é por nenhuma política social, não é por nenhum troco na sociedade, não é para criar uma sociedade melhor, a não ser para te dar uma sensação expandida de ser e de consciencia.

Se pode incluir o inimigo dentro de ti mesmo, não pode te danificar. Isso não significa que não possa te matar; pode te matar, mas não pode te danificar. O dano chega quando lhe exclui. No momento em que lhe exclui, volta-te o ego, separado, sozinho, isolado da existência. Se incluir o inimigo dentro de ti, então tudo está

incluído. Quando o inimigo pode ser incluído, então por que não a árvore e por que não o céu?

A ênfase no inimigo é porque se pode incluir o inimigo em seu ser, pode inclui-lo tudo; então não há necessidade de excluir nada. Se sentir que seu inimigo está incluído dentro de ti, então inclusive seu inimigo te dará vitalidade, energia. Não pode ser daninho para ti. Pode te matar, mas inclusive enquanto te está assassinando não pode te danificar. Esse dano vem de sua própria mente quando exclui.

Mas o que acontece nós é totalmente, diametralmente oposto, nem sequer os amigos são incluídos. Os inimigos som excluídos, e nem sequer os amigos são incluídos. Nem sequer seu amante, as pessoas que amas, são incluídos.

Quando está com seu amante, não te está fundindo com ele ou com ela. Permanece separado, controla a ti mesmo. Não quer perder sua identidade. devido a isto, o amor se tornou impossível.

Como vais poder amar a não ser perde a identidade? Quer seguir sendo você mesmo, e seu amante quer seguir sendo ele mesmo, e nenhum está disposto a fundir-se, nenhum está disposto a incluir. Ambos excluem, ambos estão engravatados em vós mesmos; não há encontro, não há fusão, não há comunhão. Se nem sequer os amantes se incluírem, então tem que acontecer que sua existência é a mais pobre possível. Está sozinho, é pobre, um mendigo. Com toda a existência incluída, é o imperador.

Assim recorda isto, converte incluir em um estilo de vida. Não só uma meditação, mas também um estilo de vida, uma maneira de viver. Tenta incluir mais e mais. quanto mais inclui, quanto mais te expande, mais retrocedem seus limites até os rincões mesmos da existência. Um dia só existe você; toda a existência está incluída. Isto é o supremo de toda experiência religiosa.

Amada, neste momento deixa que a mente, o conhecimento, a respiração, a forma, sejam incluídos.

Capítulo 62

A Meta é Agora mesmo

PERGUNTAS

Como concilia «dar-se pressa» jogando»?

Como incluir a meu inimigo em meu ser?

Primeira pergunta:

Ontem disse que alguém deveria dar-se pressa em dirigir-se ao objetivo porque temos muito pouco tempo. Entretanto, faz algum tempo disse também que todo o processo de alcançar o objetivo deveria ser um jogo sem nenhum esforço. Como conciliaria os términos «dar-se pressa» e «jogo»? Porque o que se dá pressa nunca obtém a alegria de jogar.

O primeiro, não tente conciliar técnicas diferentes. Quando digo que não tenha pressa, que se esqueça completamente do tempo, que não fique sério, que não faça nenhum esforço, que te entregue, que esteja em um estado de deixar ir, isto é uma

técnica diferente. Isto só é adequado para uma parte da humanidade -todos não podem fazer esta técnica-, e o tipo de pessoa que pode fazer esta não pode fazer a oposta. Esta técnica é para a mente feminina. Todas as mulheres não são necessariamente femininas, e todos os homens não são necessariamente masculinos, de modo que quando falo de uma mente feminina não refiro às mulheres.

Uma mente feminina significa uma mente que pode entregar-se, que pode ser receptiva como um útero, mas pode ser aberta, passiva. A metade da humanidade pode ser deste tipo, mas a outra metade é totalmente oposta. Igual ao homem e a mulher são as duas metades da humanidade, da mesma maneira a mente feminina e a mente masculina são as duas metades da mente humana.

A mente feminina não pode fazer esforços. Se fizer esforços nunca chegará a nenhuma parte. Os esforços serão sua perdição; só criarão angústia e tensão e nenhum lucro. O funcionamento mesmo da mente feminina é esperar e permitir que as coisas aconteçam.

Igual a uma mulher, inclusive se está apaixonada, não tomará a iniciativa. E se uma mulher toma a iniciativa, tem todos os motivos para ter medo e escapar, porque essa atitude é a atitude masculina, no corpo feminino há uma mente feminina, e estará em dificuldades. Se for realmente masculino, imediatamente a mulher perderá atrativo. Só se for feminino -homem no corpo, mas feminino na mente- pode deixar que a mulher tome a iniciativa, e será feliz. Mas então fisicamente ela é uma mulher e você é um homem; mentalmente você é feminino e ela é masculina, ela é varonil.

Uma mulher esperará. Nunca dirá as palavras «te amo» antes de que as haja dito você e te tenha comprometido. Na espera mesma está o poder feminino. A mente masculina é agressiva, tem que fazer algo. Tem que mover-se e ir e tomar a iniciativa.

O mesmo acontece no caminho espiritual. Se tiver uma mente agressiva, uma mente masculina, o esforço é necessário. Então date pressa; então não perca o tempo e as oportunidades. Então cria uma urgência e uma crise para poder pôr todo seu ser em seu esforço. Alcançará-o quando o esforço se tornou total. Se sua mente for feminina, então não há pressa absolutamente. Não há tempo.

Pode que tenha observado ou não que as mulheres não têm sentido do tempo; não podem o ter. De modo que o marido está fora da casa e está dando buzinas e dizendo: «Baixa!» E a mulher diz: «Hei-te dito mil vezes que vou em um minuto. Levo duas horas te dizendo continuamente que vou em um minuto. Assim não te enfureça. por que está dando buzinas?»

A mente feminina não pode ter sentido do tempo. É a mente masculina, agressiva, a que se preocupa com o tempo, a que é consciente do tempo. São totalmente diferentes.

A feminina não tem nenhuma pressa; não há pressa. Em realidade, não há nenhum sítio ao que chegar. Por isso as mulheres não podem chegar a ser grandes líderes, grandes cientistas, grandes guerreiros; não podem. E se às vezes há mulheres fenomenais, têm uma mente masculina. Por exemplo, Juana de Arco, ou Laxmi Bai, são só femininas no corpo; a mente não é feminina absolutamente, é masculina.

Para a mente feminina não há nenhuma meta, e nosso mundo se orienta ao masculino. De modo que as mulheres não podem ser realmente grandes em um mundo que se orienta ao masculino, porque a grandeza se relaciona com a meta.

Terá que alcançar alguma meta; então é grande..., e a mente feminina não persegue nenhuma meta. É feliz aqui e agora. É desventurada aqui e agora. Não há nenhum sítio ao que ir.

A mente feminina existe no momento. Por isso a curiosidade feminina nunca tem que ver com o remoto; sempre tem que ver com o próximo. Não está interessada no que está acontecendo no Vietnam, a não ser no que está acontecendo na casa da lado, o

íntimo, o aqui. O homem parece absurdo. «por que está tão preocupado pelo que está fazendo Nixon ou o que está fazendo Mao?» A mulher está interessada em quão namoricos estão acontecendo na vizinhança. Tem curiosidade pelo próximo; o longínquo não tem sentido. O tempo não existe.

O tempo existe para os que têm que alcançar uma meta. Recorda, o tempo só existe quando tem que chegar a alguma parte. Se não ter que chegar a nenhuma parte, que sentido tem o tempo? Então não há pressa.

Olhe esta situação de um ângulo diferente. Oriente é feminino e Ocidente é masculino. Oriente nunca esteve muito interessado no tempo; Ocidente está louco pelo tempo. Oriente foi muito pausado, movendo-se lentamente como se não se movesse absolutamente; nenhuma mudança, nenhuma revolução..., uma evolução tão silenciosa que não produz ruído em nenhuma parte. Ocidente está louco, todos os dias é necessária a revolução, e todo se tornou uma revolução. A menos que tudo esteja trocando, parece que não vamos a nenhuma parte, tornamo-nos estáticos. Se tudo está trocando e tudo permanece em agitação, então Ocidente sente que algo está acontecendo. E Oriente pensa que se, há agitação, isso significa que estamos doentes. Algo está mau; por isso há mudança. Se tudo estiver bem, não há necessidade de nenhuma revolução, de nenhuma mudança.

A mente oriental é feminina. Por isso, no Oriente valoramos todas as qualidades femininas, a compaixão, o amor, a compreensão, a não-violência, a aceitação, a complacência..., todas as qualidades femininas. No Ocidente se valoram todas as qualidades masculinas, a determinação, a força de vontade, o ego, a auto-estima, a independência, a rebelião... Estes são os valores que se apreciam ali. No Oriente, a obediência, entrega-a, a aceitação.

A atitude básica é feminina no Oriente e masculina no Ocidente.

Estas técnicas não são para chegar a um acerto, não são para ser sintetizadas em modo algum. A técnica da entrega é para a mente feminina. A técnica do esforço, a vontade, o empenho, é para a mente masculina. E estão abocadas a ser pólos opostos, de modo que se fizer alguma síntese entre as duas criará uma mixórdia, sem sentido, absurda, e inclusive perigosa. Não servirá de nada para ninguém.

Assim recorda isto. Estas técnicas muitas vezes parecerão contraditórias, porque estão ideadas para tipos de mente diferentes, e não há nenhum esforço por chegar a uma síntese. De modo que se sentir que algo é contraditório, não te inquiete por isso, é-o. E só as mentes muito pequenas se assustam da contradição; as mentes muito pequenas, as mentes mesquinhas. inquietam-se, sentem-se incômodas. Pensam que tudo deve estar livre de contradição, tudo deve ser consistente. Isto é uma tolice, porque a vida é inconsistente.

A vida mesma é contraditória, de modo que a verdade não pode estar livre de contradição; só as mentiras podem estar livres de contradição, só as mentiras podem ser consistentes. A verdade tem que ser inconsistente, porque tem que cobrir tudo o que há na vida. Tem que ser total. E a vida é contraditória. Há o homem e há a mulher, o que posso fazer ou o que pode fazer Shiva? E o homem é totalmente o pólo oposto da mulher; por isso se atraem; do contrário não haveria atração. Em realidade, o tipo oposto de ser, a diferença, cria a atração. O pólo ficado volta uma força magnética. Por isso, quando um homem e uma mulher se unem há felicidade, porque quando dois pólos opostos se unem se anulam mutuamente. anulam-se mutuamente porque são opostos. anulam-se mutuamente, e durante um só momento quando um homem e uma mulher se unem realmente -não só corporalmente, mas também totalmente; quando seus seres se unem no amor-, durante um só momento desaparecem ambos. Então não há nem homem nem mulher; existe a existência pura... Essa é a sorte dessa união.

O mesmo pode acontecer também dentro de ti, porque a análise profunda mostra que também, há uma polaridade dentro de ti. Agora os enfoques psicanalíticos profundos revelaram que a mente consciente e a mente inconsciente são também pólos opostos dentro de ti. Se for um homem, sua mente consciente é masculina, sua mente inconsciente é feminina. Se for uma mulher, sua mente consciente é feminina, sua mente inconsciente é masculina. O inconsciente é o oposto do consciente. Na meditação profunda chega um profundo orgasmo, um coito, um amor, entre seu consciente e seu inconsciente, fazem-se um. Quando se fazem um, alcança a sorte mais alta possível.

De modo que o homem e a mulher podem unir-se de duas maneiras. Pode te unir com uma mulher fora de ti; então esta união só pode ser momentânea, muito momentânea. Durante um segundo solo chega o topo, e logo tudo começa a debilitar-se. Há outra união de homem e mulher que acontece dentro de ti, sua mente consciente e inconsciente se unem. Quando acontece isto, esta união pode ser eterna. O prazer sexual é também um vislumbre do espiritual -só momentâneo-, mas quando a união real acontece dentro, então se volta *samadhi*, então se volta um fenômeno espiritual.

Mas tem que começar com sua mente consciente, de modo que se sua mente consciente é feminina, entrega-a será útil. E recorda ser uma mulher não é necessariamente sinônimo de ter uma mente feminina. Isso cria a dificuldade. Do contrário, tudo seria muito fácil, então as mulheres seguiriam o caminho da entrega e os homens seguiriam o caminho da vontade. Mas não é tão fácil. Há mulheres que têm mentes masculinas -sua aproximação à vida é agressiva- e cada dia há mais.

O movimento de liberação da mulher criará mais e mais mulheres masculinas. Serão cada vez mais agressivas, e então o caminho da entrega não será para elas. E como as mulheres se estão voltando mais competidoras do homem, o homem está retraindo-se da agressão; está-se voltando cada vez mais feminino. O caminho da entrega será cada vez mais útil para o homem no futuro.

De maneira que tem que decidir sobre ti mesmo. E não pense do ponto de vista da valoração; não pense que, como é um homem, como vais ter uma mente feminina? Pode tê-la, e não há nada de mau nisso; é formoso. E não pense que, como é uma mulher, como vais ter uma mente masculina? Não há nada de mau nisso; é formoso. Se autêntico com respeito a sua própria mente. Tenta compreender que tipo de mente tem; logo segue o caminho que é para ti, e não tente criar nenhuma síntese.

Não me pergunte como vou conciliar estes dois. Não vou fazer o. Nunca sou partidário de conciliar, e não sou partidário de afirmações não contraditórias. São estúpidas e infantis. A vida é contraditória, e é por isso que a vida está viva. Só a morte é consistente e não contraditória.

A vida vive mediante a oposição, mediante o encontro com o pólo oposto, e esta oposição, desafio, cria energia. Libera energia, e isso mediante a vida avança. Isto é o que dizem os hegelianos..., um movimento dialético, tese, antítese, e logo a síntese se volta de novo uma tese e cria sua própria antítese, e isto segue. A vida não é monótona. Não é lógica. É dialética.

Deve compreender a diferença entre lógico e dialético. Pergunta-a se deve a que pensa que a vida é lógica, assim perguntas como conciliar, porque a lógica sempre concilia; a lógica não pode tolerar o contraditório. A lógica não pode tolerar o contraditório. De algum jeito, a lógica tem que explicar que não é contraditório, e se for contraditório, então os dois termos não podem ser verdadeiros; então um deve ser errôneo. Ambos podem ser errôneos, mas ambos não podem ser verdadeiros. A lógica tenta encontrar a não-contradição em todas partes.

A ciência é lógica. É por isso que a ciência não se ajusta totalmente à realidade, não pode fazê-lo. A vida é contraditória, ilógica. Funciona mediante a oposição. Não

tem medo ao oposto; usa o oposto. Os opostos são só aparentemente opostos; no fundo funcionam juntos. É dialética, não lógica. É um diálogo entre os opostos, um diálogo contínuo.

Pensa um só momento, se não haver contradição, a vida estará morta, porque de onde virá o desafio? De onde virá a atração? De onde sairá a energia? Será monótona, morta. A vida só é possível devido à dialética, devido ao oposto. Homem e mulher é a oposição básica, e então o desafio cria o fenômeno do amor. E a vida inteira gira em torno do amor. Se seu amante e você lhes fazem tão totalmente um que não há diferença absolutamente, os dois estarão mortos. Então não poderão existir. Ambos desaparecerão deste processo dialético.

Só pode existir nesta vida se a unidade nunca for total, e tem que te afastar uma e outra vez para te aproximar. Por isso lutam os amantes. Essa luta cria a dialética. Lutarão todo o dia. Afastarão-se muito um do outro, voltarão-se inimigos. Isto significa que agora chegaram a ser realmente pólos opostos; afastaram-se todo o possível. O amante começa a pensar em como matar a esta mulher, e a mulher começa a pensar em como desfazer-se deste homem. foram-se ao rincão mais longínquo possível. E, entretanto, de noite estão fazendo o amor.

Quando estão longe, muito longe, a atração se produz de novo. Voltam a olhar de um ponto tão longínquo que se sentem atraídos. Então se voltam de novo simplesmente homem e mulher, não amantes. Então são homem e mulher, estranhos. Voltarão-se a apaixonar. Aproximarão-se. Chegará um ponto em que se farão um por um só momento, e isso será sua felicidade, sua alegria.

Mas no momento em que se feito um, o processo de afastar-se começa de novo. No momento mesmo em que a mulher e o marido são um, se podem ser testemunhas disso, verão que começaram a separar-se outra vez. No momento mesmo em que chega o topo, começa o processo de ser diferentes, de separar-se, de ser opostos. Este movimento continua, junta-te e te separa uma e outra vez.

Isto é o que quero dizer, a vida cria energia mediante as polaridades. Sem polaridades a vida não pode existir. Se dois amantes se fizerem realmente um, desaparecem da vida. liberam-se realmente. Não terão que nascer de novo; não haverá vida no futuro. Se dois amantes podem fundir-se tão totalmente, seu amor se tornou a meditação mais profunda possível. alcançaram o que Buda alcançou sob a árvore *bodhi*. alcançaram o que Jesus alcançou na cruz. alcançou a não-dualidade. Já não podem existir.

A existência tal como a conhecemos é dual, dialética, e estas técnicas são para os que existem na dualidade. De modo que haverá muitas contradições, porque estas técnicas não são filosofia; estas técnicas são para ser feitas e vividas. Não são fórmulas matemática; são processos vitais reais. São dialéticas, são contraditórias. Assim não me peça que as concilie. Não são as mesmas; são opostas.

Tenta descobrir que tipo é. Pode-te relaxar? Pode deixar ir? Pode estar em um momento passivo, sem fazer nada? Então todas as técnicas que requerem vontade não são para ti. Se não te pode relaxar, e se te digo que te relaxe e imediatamente me pergunta como te relaxar, esse «como» mostra sua mente. Esse «como» mostra que não pode te relaxar sem fazer um esforço. Inclusive para a relaxação necessita algum esforço, de modo que perguntas «como?». A relaxação é a relaxação; não tem nenhum «como». Se pode te relaxar, sabe como te relaxar; simplesmente te relaxa. Não há nenhum esforço, nenhum método.

Igual a dorme de noite...; nunca pergunta como dormir. Mas há pessoas que têm insônia. Se lhes disser, «Simplesmente ponho a cabeça no travesseiro, e já está, estou dormido», não podem te acreditar. E seu receio é significativo. Não podem te acreditar;

estão-lhes enganando..., porque eles também põem a cabeça no travesseiro. Seguem pondo a cabeça no travesseiro toda a noite...; não acontece nada.

Perguntarão como, como pôr a cabeça no travesseiro? Deve ter algum secreto que não lhes está dizendo. Está-lhes enganando; o mundo inteiro lhes está enganando. Todo mundo diz, «Simplesmente não dormimos. Não há nenhum "como". Não há nenhuma tecnologia.» Não lhe podem acreditar, e não pode imputar-lhe Diz, «Simplesmente reclinamos a cabeça, fechamos os olhos, apagamos a luz, e estamos dormidos.»

Eles também seguem o mesmo procedimento, fazem o mesmo ritual, e o fazem mais corretamente que você o tem feito nunca, mas não acontece nada. A luz está apagada, têm os olhos fechados, estão tombados na cama...; não está acontecendo nada. Uma vez que perde a capacidade de te relaxar, então é necessária a técnica. Necessitam uma técnica; então, sem a técnica não poderão dormir.

De modo que se tiver uma mente que pode relaxar-se, então a entrega é para ti. E não crie nenhum problema; então simplesmente te entregue. Ao menos a metade de vós pode fazer isto. Pode que não sejam conscientes, mas a possibilidade é de cinquenta por cento, porque as mentes masculinas e femininas existem em uma proporção similar. São sempre metade e metade, quase exatamente metade e metade, em todas as áreas, porque um homem não pode existir sem uma mulher que lhe oponha. Este é um equilíbrio muito profundo na natureza.

Sabe? Nascem cento e quinze meninos por cada cem garotas, porque os meninos são mais fracos que as garotas, de modo que para quando forem sexualmente amadurecidos, terão morrido quinze meninos. Nascem cento e quinze meninos por cada cem garotas. As garotas são mais fortes, têm mais vigor, mais resistência. Os meninos são débeis, não têm tanta resistência, de modo que nascem cento e quinze meninos por cada cem garotas. Logo morrem quinze meninos. No momento em que se voltem amadurecidos sexualmente, por volta dos quatorze anos, o número será o mesmo. Por cada homem existe uma mulher, por cada mulher existe um homem, porque há uma tensão interna. Não podem existir sem ela; é necessário esse pólo oposto.

E o caso é similar também com a mente interna. A existência, a natureza, necessita um equilíbrio, de modo que a metade de vós é feminina e pode entregar-se profundamente com muita facilidade. Mas pode criar problemas para ti mesmo. Pode que sintas que te pode entregar, mas pensa, «Como vou entregar-me?». Sente que pode que o ego se sintas ferido. Agarra-lhe medo à entrega, porque lhe ensinaram, «Sei independente. Permanece independente, não te perca. Não dê a ninguém controle sobre ti. Permanece sempre em controle.»

Isto é o que se ensinou; estas são dificuldades ensinadas. De modo que pode sentir que te pode entregar, mas então surgem outros problemas que lhe foram jogo de dados pela sociedade, a cultura e a educação. E criam problemas. Se realmente sentir que a entrega não é para ti, então te esqueça dela. Não é algo pelo que preocupar-se. Então ponha toda sua energia no esforço.

De maneira que estes são os dois extremos. Um, se realmente for uma mente feminina, não tem nenhum sítio ao que ir, não há meta, não há nenhum Deus que alcançar, nenhum céu futuro..., nada. Já não tenha pressa, permanece fiel ao momento, e tudo o que a mente masculina pode alcançar mediante a pressa, o esforço, obterá-o aqui e agora sem nenhum esforço. Se pode te relaxar, está na meta agora mesmo.

A mente masculina tem que correr daqui para lá e daqui para lá até ficar extenuada, e então se vem abaixo; só então pode relaxar-se. A agressão, o esforço, o empenho, são necessários para que a mente masculina esteja exausta. Quando acontece esse esgotamento, então lhe resulta possível relaxar-se e entregar-se. Essa entrega só

chegará ao final; para a mente feminina sempre é ao princípio. Chegam ao mesmo sucesso, mas as maneiras de chegar são diferentes.

Assim quando ontem disse: «Não perca o tempo», o disse à mente masculina. Se pinjente que te dê pressa e crie uma emergência tal que toda sua energia e seu ser se enfoquem, concentrem-se, e só nesse esforço concentrado se converterá sua vida em uma chama, isto é para a mente varonil, a mente masculina. Para a mente feminina, te relaxe e já é uma chama. devido a isto, tem a Mahavira, tem a Buda, tem ao Jesus, Krishna, Ramo, Zaratustra, Moisés, mas não tem uma lista similar de mulheres. Não porque as mulheres não tenham alcançado semelhante estado de mente; alcançaram-no, mas seus caminhos são diferentes. E toda a História a tem escrito o homem, e o homem só pode compreender a mente masculina. O homem não pode compreender a mente feminina; esse é o problema. É realmente muito difícil.

Um homem não pode compreender que uma mulher, simplesmente sendo uma singela dona-de-casa, possa alcançar algo que um buda alcança com tanta dificuldade, tão arduamente. Um homem não pode conceber, resulta-lhe impossível conceber, que uma mulher o possa alcançar sendo simplesmente um dona-de-casa, vivendo momento a momento, desfrutando de momento a momento, simplesmente perto e aqui e agora, e sem preocupar-se de nada mais..., nenhuma meta, nenhuma espiritualidade; simplesmente amando a seus filhos, amando a seu marido, sendo uma mulher corrente, mas ditosa. Não há necessidade de fazer um esforço tão árduo como está fazendo Mahavira, doze anos de prolongado e árduo esforço. Mas o homem apreciará a Mahavira, porque pode apreciar o esforço.

Se alcançar uma meta sem esforço, para o homem não tem valor. Não pode apreciá-lo. Pode apreciar a alguém, um Tensing, um Hillary, que chegam ao Everest..., não porque o Everest tenha tanto valor, mas sim porque se necessita muito esforço e é muito perigoso. E se disser que já está no Everest, rirão, porque o importante não é o Everest, o importante é o esforço por chegar a ele. No momento em que se volta fácil chegar, para a mente masculina se perdeu toda a atração. Então não há nada que obter no Everest. Quando Hillary e Tensing chegaram ali, não havia nada que obter, mas a mente masculina sente uma grande glorifica.

Quando Hillary chegou lá eu estava em uma universidade; todos os professores estavam muito emocionados. Perguntei a uma professora: «O que lhe parece que Hillary e Tensing tenham chegado ao topo do Everest?».

Ela disse: «Não entendo por que se criou tanto alvoroço. Do que serve? O que conseguiram chegando ali? Inclusive chegar ao mercado, a uma loja, tivesse sido melhor.»

Para a mente feminina é inútil. Ir à Lua... Para que tanto perigo? Não há nenhuma necessidade. Mas para a mente masculina não é a meta. Em realidade, o que conta é o esforço, porque então prova que é masculino. O esforço mesmo, a agressão mesma e a possibilidade mesma da morte lhe dão a emoção.

O perigo é muito atrativo para a mente masculina. Para a mente feminina não tem nenhum atrativo absolutamente. devido a isto, em realidade só se escrito a metade da História humana. A outra metade foi totalmente ignorada, ficou totalmente inédita. Não sabemos quantas mulheres se voltaram budas; é impossível sabê-lo, porque nossa medição, nosso critério, não pode ser aplicado à mente feminina.

Assim primeiro decide a respeito de sua própria mente. Primeiro medita sobre sua própria mente -que tipo de mente tem- e logo te esqueça de todos os métodos que não lhe correspondam. E não tente conciliá-los.

Segunda pergunta:

Há dito: «Aprende a incluir mais e mais da existência em seu ser. Extrai energia da fonte raiz de toda a existência. Inclui inclusive a seu inimigo». Mas como posso incluir a meu inimigo quando estou entrando plenamente na emoção do ódio? Não conduz isto à repressão?

Hei dito que inclua inclusive a seu inimigo, mas não hei dito que comece com o inimigo. Começa com o amigo. Tal como é agora mesmo, nem sequer incluí o amigo. Começa com o amigo. Inclusive isso é difícil, incluir o amigo em seu ser, lhe permitir que entre em ti e te penetre, estar aberto a ele, vulnerável. Começa com o amigo. Começa com o amante, a pessoa amada. Não salte ao inimigo.

E por que salta ao inimigo? Porque então pode dizer «É impossível, não pode fazer-se», e pode descartá-lo. Começa pelo primeiro passo. Está começando pelo último. Como vai ser possível a viagem? Sempre começa pelo último passo. Ainda não se deu o primeiro, de modo que o último está só na imaginação. E sente que é impossível. É obvio que é impossível. Como vais começar pelo final? O inimigo é o último ponto que terá que incluir.

Se pode incluir a seu amigo, faz-se possível, porque só os amigos se voltam inimigos. Não pode fazer de alguém um inimigo sem antes lhe fazer seu amigo. Ou sim? Primeiro será necessária a amizade se quer fazer de alguém seu inimigo. A amizade será o primeiro passo.

conta-se que Buda há dito: «Não faça amigos, porque esse é o primeiro passo para fazer inimigos». Buda diz: «Se amistoso; não faça amigos. Se fizer amigos, já deste o primeiro passo; agora não está longe o dia em que fará inimigos.»

Inclui o amigo. Começa pelo próximo, começa pelo princípio. Só então é possível; não sente nenhuma dificuldade. Quando tem que incluir o amigo e abranger ao amigo, isso já é suficientemente difícil, porque não é questão do amigo ou o inimigo. É questão de que te abra. Está fechado inclusive para o amigo; inclusive com o amigo permanece em guarda; inclusive com o amigo não deixaste ver seu ser totalmente, de modo que como vais poder lhe incluir?

Só pode lhe incluir quando não há medo, quando não tem medo, quando pode lhe permitir que entre em ti e não está tomando nenhuma medida de segurança. Inclusive com a pessoa que amas está fechado; não tem aberto sua mente. Ainda há várias coisas que são secretas, privadas. Se tiver privacidade não pode estar aberto, não pode incluir, porque então a privacidade pode conhecer-se, então seus segredos podem fazer-se públicos. Não é fácil incluir sequer ao amigo, assim não pense que é difícil incluir o inimigo, agora mesmo, é impossível.

Por isso o ensino do Jesus se voltou impossível, e os cristãos se voltaram falsos. Tiveram que fazê-lo, porque Jesus diz: «Amem a seus inimigos», e nem sequer é capaz de amar a seus amigos. Dá-te uma meta impossível. Terá que te voltar hipócrita, falso; não será autêntico. Falará de amar, de amar a seus inimigos, e odiará a seus amigos. Eu não estou dizendo isso.

Assim que o primeiro, não pense no inimigo agora mesmo. Isso é um truque da mente. Pensa no amigo. O segundo, a questão não é incluir a alguém; a questão é incluir. Isso é uma qualidade de seu consciencia. Cria a inclusividad, cria a qualidade.

Como pode criar a qualidade? Para isso é a técnica. Está sentado junto a uma árvore. Olhe a árvore. Está fora de ti, mas se realmente está fora de ti, não pode conhecê-lo. Algo dele já entrou em ti; assim é *como* pode saber que a árvore está aí. É verde, mas sabe que o verde existe em ti, não na árvore? Quando fecha os olhos, a árvore não é verde.

Agora os cientistas dizem isto, que a cor o contribui você. Nada na natureza tem cor; não existe nenhuma cor. A cor se cria quando os raios que saem de algum objeto chegam a seu olho. Então se cria a cor. De modo que a cor o dá seu olho. O verde acontece em um encontro da árvore e você. As flores estão em plena floração, chega-te o aroma, e o cheira. Mas essa fragrância também a contribui você; não está na natureza. Só lhe chegam ondas que você interpreta como aroma. É seu nariz a que o cheira. Se você não estiver, não haverá nenhum aroma. Houve filósofos como Berkeley ou Nagarjuna ou Shankara que dizem que o mundo é irreal, existe em sua mente, porque tudo o que sabemos sobre o mundo o contribuimos em realidade nós. Devido a isto, Emmanuel Kant, um pensador e filósofo alemão, diz que a coisa em si não pode ser conhecida; o que conhecemos não é a coisa, a não ser nossa projeção.

Sua cara me parece bonita. Sua cara não é nem bonita nem feia; é minha atitude. Sou eu quem te faz bonito ou feio. Depende de mim; é minha sensação. Se estiver sozinho no mundo e não há ninguém que possa dizer que é feio ou bonito, não será nenhuma das duas coisas, ou sim? Se estiver sozinho na Terra, será bonito ou feio? Será inteligente ou tolo? Não será nada. Em realidade, não pode existir sozinho na Terra. Não pode ser.

Se está sentado junto a uma árvore, medita. Abre os olhos e olhe a árvore, e logo fecha os olhos e olhe a árvore dentro. Se o tentar -volta a abrir os olhos, medita com a árvore e logo fecha os olhos e olhe a árvore dentro-, ao princípio a árvore de dentro será uma pálida sombra da árvore de fora, mas se continuar, à larga chegará a ter a mesma realidade e ser que a árvore de fora.

E se continuar e persevera, o que é difícil, chega um momento em que a árvore externa se volta só uma sombra do interno. O interno se volta mais formoso, mais vivo, porque agora seu consciencia interna é seu chão. Agora está enraizado na consciencia interna. Agora se está nutrindo na consciencia, verdadeiramente. É algo excepcional.

De modo que quando Jesus ou gente como Jesus falam do reino de Deus, fazem-no com uma linguagem tão vívida que pensamos que, ou estão loucos, ou estão alucinando. Não estão nenhuma das duas coisas. Aprenderam a incluir existência. Sua própria consciencia interna se tornou agora um fenomenal vivificador. Agora, tudo o que se planta dentro toma vida. Tem mais cor, é mais fragrante, mais vital como se não fora deste mundo, este mundo mundano; pertence a algum outro mundo. Os poetas conhecem um pouco isto. Os místicos o conhecem muito profundamente, mas os poetas o conhecem um pouco. Têm um vislumbre. Podem sentir o mundo incluído neles.

Tenta-o incluir. A isto refiro quando digo que inclua, deixa que entre a árvore e jogue raízes aí. Deixa que entre a flor e deixa que floresça aí. Não pode acreditá-lo, porque não há maneira a menos que o experimente. Te concentre em um casulo, um casulo de rosa. Te concentre nele, e deixa que seja transferido ao interno.

E quando sua experiência interna do casulo se tornou realmente tão real que o externo, o casulo real, o suposto casulo real, pareça só uma sombra dele -a idéia real agora está dentro, a essência real está dentro, e o externo é só uma pálida sombra-, quando tiver chegado a este ponto, fecha os olhos e te concentre no casulo interno. Ficará assombrado, porque o casulo interno começará a abrir-se. Voltará-se uma flor, e nunca conheceu uma flor semelhante. E não pode encontrar essa flor fora. Isto é um fenômeno excepcional, quando algo começa a crescer dentro de ti, a abrir-se, a florescer.

Inclui desta maneira, e logo, pouco a pouco, deixa que todos os confine se expandam. Inclui a seus amantes, seus amigos, sua família, inclui estranhos, e logo, à larga, será capaz de incluir o inimigo. Esse será o último ponto. E quando puder incluir o inimigo e possa lhe deixar entrar em ti e jogar raízes aí e voltar-se parte de seu

consciência, então nada te será hostil. Então o mundo inteiro se tornou seu lar. Então nada é estranho, ninguém te é alheio, e está a gosto nele.

Mas se consciente da ardilosa mente. A mente te dirá sempre algo que não pode fazer, e quando não o puder fazer, a mente dirá: «Estas coisas são absurdas. as deixe.» A mente estabelecerá uma meta inalcançável. Recorda sempre isso, e não seja vítima de sua própria mente. Começa sempre com algo que seja possível; não salte ao impossível. Se pode crescer no possível, o impossível é só seu outro cabo. Não se opõe a isso; é só o outro cabo. É o mesmo espectro, o outro cabo do espectro.

Há uma pergunta mais incluída nela, *Como posso incluir a meu inimigo quando estou entrando plenamente na emoção do ódio? Não conduz isto à repressão?*

Este é um ponto sutil que terá que compreender profundamente. Quando odiar, não digo que o reprima, porque tudo o que se reprime é perigoso. E se reprimir algo, nunca pode te abrir. Então cria um mundo privado que não te permitirá incluir a outros. Sempre terá medo ao que reprimiste, porque em qualquer momento pode sair. Assim que o primeiro, não reprima a ira, o ódio, nada. Mas não é necessário expressar-lhe a alguém.

Se se o expressas a alguém, sentirá que o outro é responsável; isso é errôneo. O outro não é responsável; só você é responsável. Sente ódio porque está cheio de ódio, e o outro só te dá uma oportunidade, nada mais. Se vier e me maltrata, simplesmente me dá uma oportunidade de tirar o que há em mim. Se houver ódio, sai ódio. Se houver amor, então sairá amor. Se houver compaixão, então sairá compaixão. É só uma oportunidade para que me manifeste.

Se sair ódio, não sinta que o outro é responsável. É só instrumental. Em sânscrito temos uma bela palavra para isso: *nimitt*, instrumental. Ele não é a causa; a causa sempre está dentro. Ele é só o instrumento para tirar a causa. Assim agradeça-lhe lhe agradeça que te tenha feito tomar consciência de seu próprio ódio oculto. É um amigo. Converte-lhe em um inimigo porque tombas toda a responsabilidade nele. Pensa que ele está criando o ódio. Ninguém pode criar nada em ti; recorda isso sempre.

Se for a Buda e lhe maltrata, ele não te vai odiar, não vai se zangar contigo. Faça o que faça, não pode fazer que se zangue. Não porque seu esforço seja menos, mas sim porque não há ira nele; não pode fazer que saia. O outro não é a fonte do ódio, assim não o lance a ele. Simplesmente estate agradecido a ele, te mostre correspondido, e o ódio que está dentro de ti, lánzase-lo ao céu; o primeiro.

O segundo: inclui também o ódio. Isso é uma esfera mais profunda, uma dimensão mais profunda. Inclui também o ódio.

A que me refiro quando digo isto? Sempre que há algo mau, sempre que acontece algo que chamas mau, maligno, nunca o inclui em ti mesmo. Sempre que acontece algo bom, inclui-o. Se for amoroso, diz: «Sou amor.» Quando odeia, nunca diz: «Sou ódio.» Quando tem compaixão, diz: «Sou compaixão.» Quando está zangado, nunca diz: «Sou ira.» Diz sempre: «Estou zangado», como se a ira te tivesse acontecido; como se você não fosse ira, é só algo que vem de fora, algo acidental. E quando diz: «Sou amor», parece algo essencial, não algo acidental que te aconteceu. Não algo que veio que fora. Vem de dentro.

Tudo o que é bom, inclui-o. E tudo o que é mau, não o inclui. Inclui também o mau.

Porque é ódio, é ira, e a não ser que sinta isto profundamente -que «sou ódio»-, nunca o transcenderá.

Se pode sentir: «Sou ira», estabelece-se imediatamente um sutil processo de transformação. O que acontece quando diz: «Sou ira»? Acontecem muitas coisas. Em

primeiro lugar, quando diz: «Estou zangado», é diferente da energia que chama ira. Isto não é verdade, e de uma base falsa não pode acontecer nada verdadeiro. Isto não é verdade, esta ira é você; esta é sua energia. Não é um pouco separado de ti.

Separa-o porque cria uma imagem falsa de ti mesmo, que nunca te enfurece, que nunca odeia, que sempre é amoroso, que sempre é carinhoso e pormenorizado. Criaste uma imagem falsa de ti mesmo. Esta imagem falsa é seu ego. Este ego segue te dizendo: «Trunca a ira, trunca o ódio, não são bons», não porque saiba que não são bons, mas sim porque não lhe dão a imagem; não sustentam seu ego e sua imagem.

É um homem bom, respeitável, amável, culto...; tem uma imagem. Às vezes te cai dessa imagem, isso som acidente. Recupera sua imagem. Isso não são acidentes; em realidade, dizem mais a verdade sobre ti. Quando está zangado, revela-se seu verdadeiro eu mais verdadeiramente que quando está sorrindo falsamente. Quando mostra seu ódio, é mais autêntico que quando finge amar.

O primeiro é ser autêntico, verdadeiro. Inclui o ódio, inclui a ira, inclui tudo o que há em ti. O que acontecerá? Se o incluir tudo, sua imagem falsa cairá para sempre, e isso é muito bom. É estupendo que te libere da imagem falsa, porque vai criando complicações. Ao cair a imagem, cairá o ego, o que constitui a porta à espiritualidade.

Quando diz: «Sou ira», como vais ter seu ego? Quando diz: «Sou ódio, sou ciúmes, sou crueldade, sou violência», como vais ter ego? pode-se ter ego facilmente quando diz: «Sou Brahma, sou o Deus supremo.» Então é fácil. Mas quando diz: «Sou ciúmes, ódio, ira, paixão, *sexo*», não pode ter ego. Com a imagem falsa cai o ego; volta-te autêntico, natural. Então é possível compreender sua realidade. Então pode abordar sua ira sem nenhuma atitude em contra. É você. Tem que compreender que é sua energia.

E se pode ser pormenorizado com respeito a sua ira, a compreensão mesma a troca e a transforma. Se pode compreender todo o processo da ira e o ódio, no processo mesmo de compreender, desaparece, porque um ingrediente básico para enfurecer-se e odiar é ser ignorante a respeito disso, não ter consciencia disso, não estar alerta a isso. De modo que cada vez que não está alerta, pode estar zangado. Quando está alerta, não pode estar zangado. A alerta absorve toda a energia que se volta ira.

Buda disse uma e outra vez a suas monges: «Não digo que não lhes zanguem. Digo que quando estiverem zangados, estejam alerta.» Isto é realmente um dos fundamentos da mutação. Não digo que não te zanguem. *Digo*: quando estiver zangado, estate alerta. Prova-o. Quando chegar a ira, estate alerta. Olha-a. Observa-a. Se consciente dela, não te adormeça. E quanto mais alerta está, menos ira. Em um momento em que está realmente alerta, não há ira, a mesma energia se volta alerta.

A energia é neutra. A mesma energia se volta ira, a mesma energia se volta *ódio*, a mesma energia se volta amor, a mesma energia se volta compaixão. A energia é uma; todo isso são expressões. E há situações básicas nas que a energia pode voltar um estado de ânimo em particular. Se não estar alerta, a energia se pode voltar ira, a energia se pode voltar sexo, a energia se pode voltar violência. Se estiver alerta, não pode; a alerta, a consciencia, não lhe permite entrar nesses sulcos. Vai a um plano diferente...; a mesma energia.

Buda diz: «Anda, come, sente-se. O que faça, faz-o, mas faz-o plenamente acordado, atento, consciente de que está fazendo-o.»

Aconteceu uma vez que Buda estava andando e chegou uma mosca e se posou em sua cabeça, em sua frente. Ele estava falando com alguns monges, assim, sem emprestar realmente atenção à mosca, simplesmente fez um gesto com a mão e a mosca se foi de sua frente. Então se deu conta de que tinha feito algo sem ser plenamente consciente, porque seu consciencia estava nos monges.

Aos que estava falando, assim disse aos monges: «me desculpem um momento.» Fechou os olhos e voltou a levantar a mão. Os monges estavam assombrados do que estava fazendo, porque já não havia nenhuma mosca. Voltou a levantar a mão e fez um gesto com ela junto ao lugar em que tinha estado a mosca, embora já não estava ali. Retirou a mão e então abriu os olhos e disse: «Agora podem perguntar.»

Mas esses monges disseram: «esquecemos o que estávamos perguntando. Agora queremos perguntar o que tem feito. Não havia nenhuma mosca; tinha estado antes, assim, o que tem feito?».

Buda disse: «Fiz o que deveria ter feito antes, levantar a mão plenamente consciente. Não tinha sido bom para mim. Fazia algo inconscientemente, automaticamente, *como* um robô.»

Semelhante alerta não pode voltar-se ira, semelhante alerta não pode voltar-se *odeio...*, impossível. Assim primeiro inclui o ódio, a ira, tudo o que se pensa, que é mau. Inclui-o em ti mesmo, inclui-o em sua imagem, para que seu ego se derrube. Baixas das nuvens à Terra. Volta-te autêntico.

Então não o lance a outro. Deixa que esteja aí; exprésaselo ao céu. Se plenamente consciente. Se está zangado, vete a uma habitação, *sozinho*, e estate zango e expressa sua ira..., e se consciente. Faz tudo o que teria feito com a pessoa que foi instrumental. Pode usar uma foto dela, ou simplesmente agarrar um travesseiro e dizer: «É meu pai», e lhe dar uma boa surra. Se plenamente consciente. Se plenamente consciente do que está fazendo, e faz-o.

Será uma profunda realização. A ira será *ex-presada*, e você estará alerta. E poderá rir; poderá saber as estupidezes que estava fazendo. Mas poderia havê-lo feito com seu pai real; só o está fazendo ao travesseiro. E se realmente o faz de maneira autêntica, sentirá-se muito carinhoso, muito amoroso com seu pai. Quando sair da habitação e quando olhar a seu pai à cara, sentirá-se muito pormenorizado, muito amoroso. Inclusive você gostaria de lhe pedir que te perdoe.

A isto é ao que me refiro quando digo que inclua. Não me refiro a que reprima. A repressão sempre é perigosa, venenosa. Com tudo o que reprime está criando complexos internos que continuarão e que terminarão por te voltar louco. A repressão está destinada a voltar-se loucura. Expressa, mas não se o expressos a alguém. Não é necessário. Isso é estúpido, e cria um círculo vicioso. Expressa sozinho, meditativamente, e estate alerta enquanto expressos.

Capítulo 63

Começa a te Criar a Ti Mesmo

Os Sutras

90 *Tocando os olhos como uma pluma, a leveza entre isso; abre-se no coração e ali impregna o cosmos.*

91 *Amável Devi, entra na presença etérica que se estende muito por cima e por debaixo de sua forma.*

Aconteceu uma vez em uma igreja que, depois de um sermão muito comprido e árido, o pastor anunciou que haveria uma reunião, uma breve reunião da junta de

esboços, justo depois da bênção. Depois do ofício, um sentiu saudades aproximou do pastor; era o primeiro que o fazia. O pastor pensou: «Deve ter havido algum mal-entendido», porque o homem era um completo estranho. Nem sequer parecia cristão; tinha aparência de muçulmano, assim que o pastor disse: «Parece que você não compreendeu bem o anúncio. vai haver uma reunião da junta de esboços.» O estranho disse: «Isso é o que ouvi..., e se houver alguém aqui que esteja bocejando mais que eu, eu gostaria de lhe conhecer»* .

* Piada de impossível tradução exata ao castelhano, já que se apóia na equivalência da pronúncia das palavras inglesas *board* e *bored*. O pastor anuncia uma reunião «*of (hei board)*» (da junta), e o estranho ouça «*of rhe bored*» (dos aborrecidos), por isso afirma: «Se houver alguém aqui mais aburrido que eu...» (*N. do T.*)

Mas esta é a situação de todo o mundo. Olhe a cara da gente, ou sua própria cara em um espelho, e te parecerá que é o que mais aborrecido está, e parecerá impossível que haja alguém que esteja mais aborrecido que você. A vida inteira parece um prolongado aborrecimento, árida, monótona, sem sentido; de alguma forma, carrega com ela como um fardo.

por que aconteceu isto? A vida não tem que ser um aborrecimento. A vida não tem que ser um sofrimento. A vida é um festival, uma celebração, um cenit de alegria..., mas isso é só na poesia, nos sonhos, nas filosofias. Às vezes um Buda, um Krishna, parece estar em funda celebração, mas parecem exceções, realmente incríveis; não reais, só ideais. Parece que nunca acontecem. São só o cumprimento imaginário de nossos desejos, mitos, sonhos e esperanças, mas não realidades. A realidade parece ser nosso rosto -aborrecido, e com o sofrimento plasmado nele-. E a vida inteira é só um ir atirando de algum jeito.

por que aconteceu isto? E esta não deve ser a realidade básica da vida, não pode sê-la, porque isto só lhe acontece ao homem. As árvores, as estrelas, os animais, os pássaros..., a nada mais acontece isto. À exceção do homem, ninguém está aborrecido. E inclusive se às vezes houver dor, é momentâneo; nunca se converte em angústia. Nunca se volta uma obsessão constante; não está sempre na mente. É algo momentâneo, um acidente; não se carrega com ele.

Os animais podem ter dor, mas não sofrem. A dor parece um acidente; recuperam-se. Não carregam com ele, não se converte em uma ferida. É esquecido e perdoado. vai ao passado; nunca se volta parte do futuro. Quando a dor se volta algo constante, uma ferida, não um acidente a não ser uma realidade, essencial, como se não pudesse existir sem ele, então se converte em um problema..., e esse problema só surgiu para a mente humana.

As árvores não estão sofrendo. Não parecem ter nenhuma angústia. Não é que a morte não lhes vá acontecer; a morte acontece, mas não é um problema. Não é que não tenham experiências dolorosas; têm-nas, mas não se voltam a vida mesma. Só acontecem na periferia e desaparecem. No profundo do núcleo interno, a vida continua celebrando. Uma árvore segue celebrando. A morte acontecerá, mas acontece só uma vez; não se vai carregando com ela constantemente. À exceção do homem, tudo está de humor festivo. Só o homem está aborrecido; o aborrecimento é um fenômeno humano. O que é o que foi mau? Algo deve ter ido mau.

Em certo modo, isto pode ser também um bom sinal. O aborrecimento é humano. pode-se definir ao ser humano pelo aborrecimento. Aristóteles definiu ao ser humano como racional. Pode que isso não seja exatamente certo; não é cem por cem certo,

porque a diferença só é de grau. Os animais também são racionais, menos racionais, mas não absolutamente irracionais. Há animais que estão justo debaixo da mente humana. Também são racionais a sua maneira; não tanto como o homem, mas não estão completamente privados de razão. A diferença só é de grau, e o homem não pode ser definido só pela razão. Mas lhe pode definir pelo aborrecimento, é o único animal aborrecido.

E este aborrecimento pode chegar a um clímax tal que o homem pode suicidarse. Só o homem pode suicidarse; nenhum animal se suicida. Esse é um fenômeno absolutamente humano. Quando o aborrecimento alcança um ponto que inclusive a esperança se volta impossível, nesse momento cai morto por ti sozinho, porque então não tem sentido carregar com tudo isto. Pode carregar com este aborrecimento, esta dor, porque ainda há algum manhã esperanzador. Isto é mau hoje, mas amanhã acontecerá algo. Vai atirando devido a essa esperança.

Ouvi que aconteceu uma vez que um imperador chinês condenou a morte a seu primeiro-ministro. O dia em que o primeiro-ministro ia ser enforcado, o imperador foi ver lhe para despedir-se. Tinha sido seu devoto servidor durante muitíssimos anos, mas tinha feito algo que irritou tanto ao imperador, que lhe tinha condenado a morte. Mas recordando que este ia ser o último dia, o imperador foi ver lhe.

Quando chegou o imperador, viu o primeiro-ministro chorando, e caíam lágrimas de seus olhos. Não podia imaginar que a morte fora a causa, porque era um homem valente, assim que lhe perguntou: «Resulta impossível imaginar que esteja chorando porque vais morrer esta tarde; resulta impossível de conceber. É um homem valente, e conheci seu valor muitíssimas vezes, assim deve ser alguma outra coisa. Do que se trata? Se posso fazer algo, farei-o.»

O primeiro-ministro disse: «Já não se pode fazer nada, e é inútil dizer-lhe mas se insistir, ainda sou seu servidor; obedecerei-lhe e o direi.»

O imperador insistiu, de modo que o primeiro-ministro disse: «Não é minha morte, porque isso não importa muito -o homem tem que morrer um dia; a morte acontecerá qualquer dia-, mas estou chorando porque vi seu cavalo aí fora.»

O imperador perguntou: «Devido ao cavalo? por que?».

O primeiro-ministro disse: «Toda minha vida estive procurando este tipo de cavalo, porque aprendi um antigo secreto, que posso ensinar a voar aos cavalos, mas só a um tipo em particular. Este é o tipo, e este é meu último dia. Não estou preocupado por minha morte, mas sim porque uma antiga arte se perderá comigo. Por isso estou chorando.»

O imperador se emocionou, excitou-se -se o cavalo pudesse voar, isso seria extraordinário-, assim disse: «Quantos dias demoraria?».

O primeiro-ministro disse: “Pelo menos um ano..., e este cavalo começará a voar.”

De modo que o imperador disse: «Muito bem, porei-te em liberdade durante um ano, mas recorda, se em um ano o cavalo não voa, será condenado de novo e enforcado. Mas se o cavalo voa, será perdoado, e não só perdoado, darei-te a metade de meu reino, porque serei o primeiro imperador da História que tem um cavalo voador. Assim sal da prisão e não chore.»

O primeiro ministro se montou no cavalo e se foi a sua casa, feliz e renda-se. Mas sua mulher ainda seguia chorando e gemendo, e disse: «Ouvi-o, a notícia chegou antes que você..., mas só um ano? E se que não conhece nenhuma arte, e este cavalo não pode voar. Isto é só um truque, um engano, de modo que se pôde pedir um ano, por que não pediu dez anos?».

O primeiro-ministro disse: «Isso seria muito. Como é, já é muito, o cavalo voando já é muito. E logo pedir dez anos teria sido óbvio que era um truque. Mas não chore.»

Mas a esposa disse: «Entristece-me ainda mais que estarei vivendo contigo e depois de um ano lhe enforcarão. Este ano vai ser um tortura.»

O primeiro-ministro disse: «Agora te direi um antigo secreto que não conhece. Neste ano o rei pode morrer, o cavalo pode morrer, eu posso morrer. Ou, quem sabe?, pode que o cavalo aprenda a voar! iUn ano!».

Tão somente esperança..., e o homem vive mediante a esperança porque está muito aborrecido. Quando o aborrecimento chega a um ponto no que não pode ter esperança, no que a desesperança é absoluta, lhe suicidas. O aborrecimento e o suicídio são humano. Nenhum animal pode suicidarse, nenhuma árvore pode suicidarse.

por que aconteceu isto? Que razão há detrás disso? esqueceu-se o homem completamente de como viver, como celebrar, como ser festivo? Enquanto a existência inteira é festiva, como se retraiu que ela o homem e criado um entorno triste a seu redor?

aconteceu. Os animais vivem mediante o instinto; não vivem mediante a consciencia. Vivem mediante o instinto, mecanicamente. Não têm que aprender nada, nascem com tudo o que precisam saber. Sua vida transcorre em um suave plano instintivo; não há nenhuma aprendizagem. Têm um programa congênito, um esquema em suas células, com tudo o que necessitam para viver e ser felizes, de modo que vão vivendo mecanicamente.

O homem perdeu o instinto; já não há nenhum esquema para viver. Nasce sem nenhum esquema, sem nenhum programa congênito. Não há disponíveis nenhuma linhas mecânicas sobre as que te mover. Tem que criar seu próprio caminho. Tem que substituir o instinto por algo que não é instinto, porque já não há instinto. Tem que substituir seu instinto por inteligência, por consciencia. Não pode viver mecanicamente. foste além desse estádio no que é possível a vida mecânica; não é possível para ti. Não pode viver como os animais e não sabe como viver de alguma outra forma; este é o problema.

Não tem um programa natural congênito que seguir. Sem um problema, tem que confrontar a existência. E o aborrecimento, o sofrimento, terá que ser seu destino se não poder criar uma consciencia tal que possa viver mediante a consciencia em vez de viver mediante o instinto. Tem que aprendê-lo tudo; este é o problema. Nenhum animal precisa aprender nada. Você tem que aprendê-lo tudo, e a não ser que o aprenda, não pode vivê-lo. Tem que aprender a viver. Nenhum animal precisa fazê-lo.

Esta aprendizagem é o problema. Aprendem muitas coisas, aprende a ganhar dinheiro, aprende matemática, aprende história, aprende ciência, mas nunca aprende a viver. Isso está criando o aborrecimento. Toda a humanidade está aborrecida porque um pouco muito básico permanece sem tocar. E não pode deixar-se ao instinto, porque já não há instintos para viver. Para o homem, o instinto cessou; essa porta está fechada. Tem que criar seu próprio programa. Nasce sem um mapa.

Isto é bom, porque a existência pensa que é tão responsável que criará seu próprio mapa. Isto é uma honra. Isto é magnífico. Isto faz ao homem o mais elevado, a cúpula da existência, porque a existência te deixa livre. Nenhum animal é livre, tem que viver e seguir um programa específico que a existência lhe dá. Quando nasce, nasce com um programa; tem que segui-lo. Não pode sair do caminho, não pode escolher. Não lhe dá nenhuma alternativa. Para o homem, todas as alternativas estão abertas, e sem nenhum mapa com o que mover-se. Se não aprender a viver, sua vida se voltará um assunto monótono. Isto aconteceu. Então segue fazendo muitas coisas e, entretanto, sente que não está vivo. Morto; no fundo algo está morto, não vivo. Segue fazendo coisas porque tem que as fazer. Segue fazendo coisas tão somente para viver, mas esse «tão somente

para viver» não é a vida. Não há nenhuma dança nisso, nenhuma canção nisso. tornou-se um transação. Não há jogo nisso, e obviamente não pode desfrutá-lo.

Estas técnicas do tantra são para te ensinar a viver. São para te ensinar a não depender do instinto animal, porque já não o tem. tornou-se tão fraco que não pode te servir, não pode funcionar.

notou-se, observado, que se um ser humano é criado sem a mãe, não poderá aprender a amar, nunca poderá amar. Durante toda sua vida permanecerá sem amor, porque já não há instinto; tem que aprendê-lo. Por isso o amor terá que aprendê-lo. Um menino humano que seja criado sem amor não pode aprendê-lo. Não poderá amar. Se não haver uma mãe, e se a mãe não se converte em uma fonte de felicidade, de êxtase, então nenhuma mulher se pode converter em uma fonte de felicidade e de êxtase para esse menino. Quando se voltar amadurecido, adulto, não se sentirá atraído pelas mulheres, porque o instinto já não está funcionando.

Isto não acontecerá aos animais, no momento adequado começarão a ficar em marcha.

Voltarão-se sexuais, começarão a ir para o sexo oposto; isso é instintivo, mecânico. No homem nada é mecânico. Se não lhe ensinar a linguagem a um menino humano, não o aprenderá. Se não o ensina, não o terá. Não é natural; não há nenhum instinto para isso. Tudo o que é se deve a sua aprendizagem. O homem é menos natureza e mais cultura. Os animais são simplesmente natureza.

O homem é menos natural e mais cultural, mas uma dimensão, a básica e mais fundamental, permanece sem cultivar, a dimensão de estar vivo. Considera que já a tem; dá-se por suposta. Isso é errôneo. Não sabe viver, porque simplesmente respirar não é sinônimo de viver. Simplesmente comer e dormir e levar a cabo as tarefas corporais não é sinônimo de viver. Está existindo, isso é certo, mas não está vivo.

Um buda está vivo, não simplesmente existindo. Essa viveza só pode chegar se a aprende, se tomadas consciencia dela, e se a buscas e cria situações nas que possa desenvolver-se. Recorda isto, para o homem não existe a evolução mecânica. teve lugar a evolução consciente, e agora não pode fazer nada a respeito, tem que entrar na evolução consciente. Não pode retroceder. Pode ficar fixo onde está... Então te aborrecerá.

Isso é o que está acontecendo. Não está avançando. Vai acumulando coisas físicas, de modo que as coisas estão avançando, não você. Suas riquezas vão acumulando-se, estão crescendo; sua conta bancária está crescendo, não você. Você não está te acrescentando absolutamente. Pelo contrário, pode que esteja te reduzindo, decrescendo, mas não está crescendo. A não ser que faça algo conscientemente, está perdido. É necessário um esforço consciente. Não pede aos animais porque eles não são responsáveis. De modo que tem que compreender algo muito básico: com a liberdade chega a responsabilidade. E só pode ser livre se for responsável.

Os animais não são responsáveis, mas tampouco são livres. Não são livres; têm que seguir uma pauta específica. São felizes porque nada pode ir mau. Estão seguindo um curso predeterminado, estão seguindo uma pauta que foi elaborada ao longo de milênios, de séculos de evolução. foi elaborada e se viu que é correta. Estão-a seguindo; não há nenhuma possibilidade de que algo vá mau.

Você tem todas as possibilidades de que algo vá mau, porque não há nenhum plano, não há nenhum mapa, não há nenhuma pauta. Não há nenhum mapa de sua vida futura. É livre. Mas então recai sobre ti uma grande responsabilidade, e essa responsabilidade é a de escolher corretamente, obrar corretamente, e criar seu futuro mediante seu esforço. Em realidade, o ser humano tem que criar-se a si mesmo com seu próprio esforço.

O que os existencialistas do Ocidente dizem é certo. Dizem que o homem nasce sem essência, ou se pode dizer que sem alma. Sartre, Marcel, Heidegger... dizem que o homem nasce sem essência. Nasce como existência, e logo, mediante seu próprio esforço, cria a essência. Nasce só como uma possibilidade, e logo, mediante seu próprio esforço, cria a alma. Nasce só como forma, e logo, mediante seu próprio esforço consciente, cria a substância.

Justo o contrário acontece com toda a natureza, todo animal, toda planta, nasce com uma essência, com uma alma, com um programa, com um destino fixo. O homem nasce como uma abertura sem o destino fixo; isto cria uma carga, isto cria responsabilidade. Isto te produz medo, angústia, ansiedade. E então, esteja onde esteja, se não fazer nada, estanca-te. O estancamento produz aborrecimento.

Só pode estar vivo, *feliz*, festivo, alegre, quando está avançando, quando está crescendo, quando está te acrescentando, quando está criando a alma; verdadeiramente, quando está prenhe do divino, e quando o divino está crescendo em seu ventre, quando vai dar a luz.

Para o tantra, Deus não é o princípio, Deus está ao final. Deus não é o criador, a não ser a cúpula suprema, o ponto omega, da evolução. É o último, não o primeiro; não é o alfa, a não ser a omega. E a não ser que fique prenhe e a não ser que leve um menino dentro de ti, aborrecerá-te, porque então sua vida é vã, não vai sair nada dela; não vai ter nenhum fruto. Isso cria aborrecimento.

Pode converter esta oportunidade em uma fonte de evolução, ou pode perder a oportunidade e convertê-la em uma ocasião para o suicídio. Depende de ti; porque só o homem pode suicidarse, só o homem pode crescer espiritualmente. Nenhum animal pode crescer espiritualmente. Como o homem pode destruir-se a si mesmo, pode também criar. Recorda ambas as possibilidades se dão simultaneamente. Nenhum animal pode destruir-se a si mesmo; impossível. Não pode conceber um leão pensando em suicidarse, em atirar-se por um ravina e acabar contudo; não, impossível. Nenhum leão pode pensar isso. À margem de quão valente seja; nenhum leão pode pensar em acabar consigo mesmo, em destruir-se a si mesmo. Não é livre.

Você sim pode conceber te destruir a ti mesmo. É impossível encontrar um ser humano que não tenha pensado muitas vezes em destruir-se a si mesmo. E se pode encontrar a um ser humano que não tenha pensado em suicidarse, ou é um animal ou é Deus. Isso é muito basicamente humano, a possibilidade de destruir. Mas isso abre também outra porta; ambas comporta se abrem simultaneamente, também pode criar. Pode te criar a ti mesmo, porque pode te destruir a ti mesmo.

Nenhum animal pode criar-se a si mesmo. Você te pode criar a ti mesmo, e a não ser que comece a criar, estará destruindo. A menos que crie a ti mesmo, começa a te criar... E te criar a ti mesmo não é uma coisa, a não ser um processo, tem que seguir criando. A não ser que alcance o supremo, tem que seguir criando. A não ser que o deus nasça dentro de ti, tem que seguir criando. Se não estar criando, estará aborrecido; a vida não criativa é aborrecimento. Todas estas técnicas são para te ajudar a criar, a renascer, a ficar prenhe.

Inclusive quando está falando evita os olhos. A não ser que esteja apaixonado por alguém, a não ser que alguém esteja disposto a ser autêntico contigo, não pode olhar fixamente. Há um limite.

Os psicólogos observaram que trinta segundos é o limite. Com um estranho pode olhar fixamente trinta segundos, nada mais. Se miras mais, começaste a ser agressivo, e imediatamente o outro começará a sentir-se molesto. Pode olhar de longe, mas então ninguém se dá conta. Se estiver a trinta metros, posso seguir te olhando fixamente, mas se estiver só ao meio metro, volta-se impossível.

Em um trem muito cheio, ou em um elevador muito cheio, quando estão muito perto, sentados ou de pé, nunca lhes olham aos olhos. Podem-lhes tocar o corpo -isso não é tão ofensivo-, mas nunca lhes olham aos olhos, porque isso seria muito, muito próximo, e penetrariam no homem autêntico. O primeiro que terá que recordar, os olhos não têm personalidade. São pura natureza, não têm nenhuma personalidade.

O segundo que terá que recordar, põe-te em contato com o mundo quase só através dos olhos; dizem que em oitenta por cento. Os que estiveram trabalhando com os olhos, os psicólogos, dizem que oitenta por cento do contato com o mundo é através dos olhos. Oitenta por cento de sua vida sai através dos olhos.

Por isso, quando vê um cego, sente lástima. Nunca sente tanta lástima e simpatia quando vê um surdo, mas quando vê um cego, de repente sente simpatia e compaixão. por que? Porque não está vivo em oitenta por cento. Um surdo está mais vivo. Inclusive se lhe amputam os pés e as mãos, estará mais vivo, mas um cego está fechado em oitenta por cento; só vive vinte por cento.

Através dos olhos sai oitenta por cento da energia. Põe-te em contato com o mundo através dos olhos. De modo que quando te cansa, o primeiro é os olhos. Logo, outras partes do corpo.

Agora me ocuparei das técnicas.

A primeira técnica... Esta técnica é muito fácil e realmente maravilhosa. Pode fazê-la, qualquer pode fazê-la. Não é questão de tipo; qualquer pode fazer esta técnica, e será útil para todo mundo. Inclusive se não poder aprofundar muito nela, também então será útil. Renovará-te.

Quando estiver aborrecido, refrescará-te imediatamente. Quando estiver cansado, revitalizará-te imediatamente. Quando estiver de um humor em que se sinta farto de tudo, imediatamente fluirá dentro de ti uma nova quebra de onda de energia. Assim para todo mundo, inclusive se não estar meditando com ela, será útil, uma ajuda médica. Dará-te saúde. E é muito fácil de fazer, sem nenhum requisito prévio.

90 Te toque os olhos ligeiramente.

O sutra é: *Tocando os olhos como uma pluma, a leveza entre eles se abre no coração e ali impregna o cosmos.*

antes de entrar na técnica, alguns comentários introduções sobre ela. Primeiro, terá que compreender algo sobre o olho, porque toda a técnica depende disso.

O primeiro, o que é, o que parece desde fora, é falso, mas seus olhos não podem enganar. Não pode criar olhos falsos. Pode criar um rosto falso; não pode falsear seus olhos. Isso é impossível..., a menos que te volte um professor perfeito, um Gurdjieff. A menos que te volte um perfeito professor de todas suas energias, não pode falsear seus olhos. Nenhum ser humano corrente pode fazer isso. Não pode falsear seus olhos.

Por isso, se alguém lhe olhe aos olhos, se alguém lhe olhe fixamente aos olhos, sente-se ofendido, porque está tratando de encontrar o autêntico. E então não pode fazer nada, seus olhos revelarão o ser verdadeiro. De modo que não é de boa educação olhar fixamente aos olhos a alguém. Enel corpo serão afetadas; os olhos serão o primeiro que ficará sem energia. Se pode reanimar os olhos, pode reanimar todo o corpo, porque os olhos são oitenta por cento de sua energia. Se pode revitalizar os olhos, revitalizaste a ti mesmo.

Em um entorno natural nunca se sente tão cansado como em uma cidade artificial, porque em um entorno natural seus olhos estão sendo nutridos continuamente. O verdor, a atmosfera fresca...; toda relaxa os olhos e os nutre. Em uma cidade moderna tudo

explora seus olhos e nada os nutre. Assim vete a um povo remoto, ou ao topo de uma colina, em que não haja nada artificial no entorno, em que tudo seja natural, e sentirá um tipo diferente de olhos. O brilho, a qualidade, serão diferentes, frescos, como os dos animais, penetrantes, vivos, bailarinos.

Em uma cidade moderna os olhos estão mortos, vivendo ao mínimo. Não sabem o que é a celebração. Não sabem o que é o frescor. Os olhos não são conscientes de que flua vida alguma através deles; simplesmente estão sendo explorados. Oitenta por cento de sua energia se move através dos olhos, de maneira que tem que ser perfeitamente consciente, e tem que aprender uma arte a respeito deste movimento, esta energia, e a possibilidade dos olhos.

Na Índia viemos chamando os cegos *prajna-chakshu*, olho de sabedoria, por uma razão concreta, porque toda desgraça pode ser transformada em uma grande oportunidade. Oitenta por cento da energia se move através dos olhos, e quando uma pessoa é cega, não está viva em oitenta por cento; oitenta por cento de seu contato com o mundo se perde.

É muito pobre no que se refere ao mundo externo, mas se pode usar esta oportunidade, esta oportunidade de ser cego, então pode usar oitenta por cento de sua energia para seu mundo interno, este oitenta por cento que não pode usar normalmente a não ser que conheça a arte.

De modo que oitenta por cento de sua energia fica nele, é um depósito, e a energia que normalmente vai para fora pode ir para dentro. Se souber como deixar que vá para dentro, voltará-se um «olho de sabedoria».

Um cego não é um *prajna-chakshu*, um olho de sabedoria, pelo mero feito de ser cego, mas pode sê-lo. Não tem olhos correntes, mas pode obter os olhos da sabedoria. A possibilidade existe. Chamamo-lhe *prajna-chakshu*, para que tome consciência de que não deveria lamentar que não tem olhos; pode criar um olho interno. E tem oitenta por cento mais de energia que os que têm olhos. Pode movê-la, pode usá-la.

Inclusive se o cego não é consciente disso, volta-se mais silencioso que você. volta-se mais depravado. Observa a um cego, é mais silencioso, sua cara está mais relaxada, parece estar a gosto consigo mesmo, não descontente. Isto não será assim com um surdo. Ele estará mais inquieto que você, e se voltará ardiloso. Mas um cego nunca é ardiloso, nunca é inquieto, nunca é calculador, a não ser basicamente crédulo com uma profunda fé na existência.

por que acontece isto? Porque oitenta por cento da energia, inclusive se ele não sabe, está indo para dentro. converte-se em uma cascata constante, como um salto de água. Inclusive se ele não é consciente disso, a energia segue caindo a seu coração. A mesma energia que sai segue caindo em seu coração; isso troca a qualidade de seu ser. Na Índia antiga, um cego era muito respeitado..., muito respeitado. Com fundo respeito, chamávamo-lhe *prajna-chakshu*, olho de sabedoria.

Você pode fazer o mesmo com seus olhos, e esta técnica é para isso, para ajudar a sua energia que sai a depositar-se em seu coração, no mesmo centro de seu coração. Se cair no coração, volta-te o mais ligeiro possível. Sente como se todo o corpo se tornou uma pluma, como se a gravitação não tivesse efeito algum em ti. E imediatamente está conectado com a fonte mais funda de seu ser, que te revitaliza.

Para o tantra, o dormir profundo te revitaliza, não devido a que dorme, a não ser só porque a energia que ia para fora vai para dentro. Se conhecer o segredo, então o que um homem corrente faz dormindo seis ou oito horas, você pode fazê-lo em uns minutos. O que um homem corrente faz em oito horas, em realidade não o está fazendo ele. Está deixando que a natureza faça algo, e não é consciente do que é. Um processo misterioso está acontecendo quando dorme. Uma das coisas básicas é que sua energia não está

saindo; vai caindo em seu coração, e isso te revitaliza. Está em um banheiro profundo com sua própria energia.

Algo mais sobre esta energia que se move. Pode que tenha observado que quando há um homem dominante sempre lhe olhe fixamente aos olhos. Quando há um homem dominado, olhe para baixo. Os escravos, os serventes, ou qualquer que seja inferior a alguém, nunca olharão fixamente aos olhos ao superior. Mas o superior pode olhar. Os reis podem olhar, mas se estiver ante um rei, se estas na audiência do rei, não deve olhar. Isso seria uma ofensa. Tem que olhar para baixo.

Em realidade, sua energia se move com os olhos. Pode voltar uma violência sutil. E não só no homem, mas também inclusive nos animais. Quando dois estranhos se encontram, quando dois animais se encontram, olham-se fixamente aos olhos para julgar quem vai ser o superior e quem vai tomar o papel do inferior. E assim que um animal olhe para baixo, já está decidido. Então não lutarão; acabou-se. Já se dá é obvio quem é superior.

Inclusive os meninos jogam a olhar-se fixamente aos olhos, e o que desvia o olhar perdeu. E têm razão. Quando dois meninos se olham fixamente aos olhos, que primeiro se sente incômodo e começa a inquietar-se e a apartar o olhar e a evitar o olhar do outro, perdeu. que segue olhando é mais forte. Se seus olhos podem derrotar aos olhos do outro, é uma indicação sutil de que é mais forte que o outro.

No cenário, quando alguém tem que falar ou atuar, assusta-se muito, sente um grande tremor. Inclusive os que levam muito tempo na profissão, os atores velhos..., quando sobem ao cenário, sentem-se presa do medo, porque há tantos olhos olhando; há tanta energia agressiva. Há tanta energia dos milhares de pessoas que lhes estão olhando, que de repente começam a tremer no fundo de si. sentem-se presa do medo. Está fluindo uma energia sutil através dos olhos, uma energia muito sutil. A mais sutil, a mais refinada das forças físicas, está fluindo através dos olhos. E a qualidade da energia troca contigo.

Dos olhos de um Buda flui um tipo diferente de energia; dos olhos de um Hitler, um tipo totalmente diferente. Se miras os olhos da Buda, aceitam-lhe, acolhem-lhe, voltam-se uma porta. Se miras os olhos do Hitler, rechaçam-lhe, condenam-lhe, apartam-lhe com força, expulsam-lhe. Para o Hitler, seus olhos são como armas; para a Buda, seus olhos são compaixão. A qualidade dos olhos troca. cedo ou tarde, devemos chegar a medir a energia ocular, e então não haverá necessidade de saber muito sobre o homem; simplesmente a energia ocular e sua qualidade mostrarão que tipo de homem se oculta detrás. cedo ou tarde, isso será possível.

Este sutra, esta técnica: *Tocando os olhos como uma pluma, a leveza entre eles se abre no coração e ali impregna o cosmos.*

Tocando os olhos como uma pluma... Usa as duas Palmas, as ponha sobre os olhos, e deixa que as Palmas toquem os olhos..., mas só como uma pluma, sem nenhuma pressão. Se pressionar, perderá a oportunidade, desperdiçará toda a técnica. Não pressione; simplesmente toca como uma pluma. Terá que reajustar, porque ao princípio pressionará. Exerce cada vez menos pressão, até que simplesmente esteja tocando sem nenhuma pressão absolutamente; sua Palmas só tocam os olhos. Só um contato, uma união sem pressão, porque se houver pressão, então a técnica não funcionará. Assim... *como uma pluma.*

por que? Porque uma agulha pode fazer o que não pode fazer uma espada. Se pressionar, a qualidade trocou, é agressivo. E a energia que está fluindo pelos olhos é muito sutil, uma ligeira pressão e começa a lutar e se cria uma resistência. Se pressionar, a energia que está fluindo pelos olhos começará a resistir; surgirá uma luta, uma

conflito. Assim não pressione; inclusive uma ligeira pressão é suficiente para que a energia do olho julgue.

É muito sutil, é muito delicada. Não pressione, como uma pluma, sua palma está tocando como se não estivesse tocando. Tocando como se não estivesse tocando, sem nenhuma pressão; só um contato, uma ligeira sensação de que a palma está tocando o olho, isso é tudo.

O que acontecerá? Quando simplesmente está tocando sem nenhuma pressão, a energia começa a ir para dentro. Se pressionar, começa a lutar com a mão, com a palma, e sai. Só um contato, e a energia começa a ir para dentro. A porta está fechada; simplesmente a porta está fechada e a energia retrocede. No momento em que a energia retroceda, sentirá que chega uma leveza a toda sua cara, sua cabeça. Esta energia que retrocede te faz ligeiro.

E justo entre estes dois olhos está o terceiro olho, o olho da sabedoria, o *prajna-chakshu*. Justo entre estes dois olhos está o terceiro olho. A energia que retrocede dos olhos dá no terceiro olho. Por isso se sente ligeiro, levitando, como se não existisse a gravitação. E do terceiro olho a energia cai ao coração. É um processo físico, goteja, goteja, cai..., e sentirá uma sensação muito ligeira entrando em seu coração. Os batimentos do coração serão mais lentos, a respiração será mais lenta. Todo seu corpo se sentirá depravado.

Inclusive se não estar entrando em meditação profunda, isto te ajudará fisicamente. Em qualquer momento do dia, te relaxe em uma cadeira -ou, se não ter uma cadeira, simplesmente sentado em um trem-, fecha os olhos, sente um ser depravado em todo seu corpo, e então ponha ambas as Palmas sobre os olhos. Mas não pressione; isso é muito importante. Só toca como uma pluma.

Quando tocar e não pressione, seus pensamentos cessarão imediatamente. Os pensamentos não podem mover-se em uma mente relaxada; detêm-se. Necessitam excitação e febre, necessitam tensão para mover-se. Vivem mediante a tensão. Quando os olhos estejam silenciosos, relaxados, e a energia esteja indo para trás, os pensamentos se deterão. Sentirá uma certa qualidade de euforia, e isso se fará mais profundo cada dia. Assim faz-o muitas vezes ao dia. Inclusive durante um só momento, tocar será bom. Sempre que seus olhos se sintam esgotados, secos de energia, explorados -depois de ler, de ver um filme ou de olhar a televisão-, sempre que os sintam assim, fecha os olhos e toca-os. Imediatamente se produzirá o efeito. Mas se quer convertê-lo em uma meditação, então faz-o ao menos durante quarenta minutos. E o essencial é não pressionar. Porque é fácil ter um contato como de pluma durante um só momento; é difícil durante quarenta minutos. Esquecerá-o muitas vezes e começará a pressionar.

Não pressione. Durante quarenta minutos, permanece consciente de que suas mãos não pesam; tão somente estão tocando. Continua sendo consciente de que não está pressionando, a não ser só tocando. Isto se voltará uma profunda consciencia, como respirar. Da mesma maneira que Buda diz que respire com plena consciencia, o mesmo acontecerá tocando, porque tem que estar atento constantemente a que não está pressionando. Sua mão deveria ser uma pluma, algo sem peso; simplesmente tocando.

Sua mente estará totalmente presente, alerta, junto aos olhos, e a energia estará fluindo constantemente. Ao princípio estará caindo em gotas. Em uns meses, sentirá que se tornou como um rio, e em um ano sentirá que se tornou uma inundação. E quando acontecer -*tocando os olhos como uma pluma, a leveza entre eles*-, quando tocar sentirá leveza. Pode senti-la agora mesmo. Imediatamente, assim que toca, chega a leveza. E essa *leveza entre eles se abre no coração*; essa leveza penetra, abre-se no coração. No

coração, só a leveza pode entrar. Só costure muito ligeiras podem lhe acontecer ao coração.

Esta leveza entre os dois olhos começará a cair ao coração, e o coração se abrirá para recebê-la..., *e ali impregna o cosmos*. E quando a energia que cai volta um arroio e logo um rio e logo uma inundação, ficará lavado, limpo. Não sentirá que existe. Sentirá simplesmente que existe o cosmos. Inspirando, exaltando, sentirá que te tornaste o cosmos. O cosmos entra e o cosmos sai. A entidade que sempre foste, o ego, não estará ali.

Esta técnica é muito singela, não tem nenhum perigo, de modo que pode experimentar com ela como quer. Mas devido a que é tão fácil, pode que não seja capaz de fazê-la. Tudo depende do contato sem pressão, assim terá que aprendê-lo. Prova-o. Em menos de uma semana, acontecerá. de repente, algum dia, quando estiver tocando sem pressão, sentirá imediatamente o que estou dizendo, uma leveza e uma abertura no coração, e algo que cai da cabeça ao coração.

91 Sente seu corpo etérico.

Segunda técnica: *Amável Devi, entra na presença etérica que se estende muito por cima e por debaixo de sua forma.*

A segunda só pode fazer-se se tiver feito a primeira. Também se pode fazer separadamente, mas então será muito difícil. Mas se fizer a primeira, então é bom fazer a segunda..., e muito fácil.

Sempre que acontecer isto -que se sinta ligeiro, levitando, como se pudesse voar-, de repente tomará consciência de que há uma luz azulada em torno de seu corpo. Mas isso só o pode ver quando sente que pode levitar, que seu corpo pode voar, que se tornou luz, completamente livre de toda carga, completamente livre de toda gravitação para a Terra.

Não é que possa voar; não se trata disso. Às vezes acontece. Às vezes acontece que se alcança um ponto de equilíbrio tal que o corpo se eleva. Mas esse não é o objetivo, e não pense nisso absolutamente. Isto bastará, que sinta com os olhos fechados que seu corpo se elevou. Quando abrir os olhos verá que segue sentado no chão, assim não se preocupe por isso.

Se com os olhos fechados sentem que seu corpo se elevou e sente que não pesa, isto é suficiente. Para a meditação, isto é suficiente. Mas se está tentando aprender a levitar, então não é suficiente. Mas eu não estou interessado nisso, e não te direi nada a respeito disso. Isto é suficiente, que sinta que seu corpo não pesa, que se tornou leve.

Sempre que sentir esta ingravidez, com os olhos fechados toma consciência da forma de seu corpo. Com os olhos fechados, sente os dedos dos pés e sua forma, e as pernas e sua forma, e logo a forma de todo o corpo. Se estas sentado em *siddhasana*, como um buda, então sente a forma enquanto está sentado como um buda. por dentro, tenta sentir a forma de seu corpo. Voltará-se apreciável, aparecerá ante ti, e simultaneamente tomará consciência de que em torno da forma há uma luz azulada.

Faz-o com os olhos fechados ao princípio. E quando esta luz vá expandindo-se e perceba um aura, um aura azulada, em torno da forma, então, às vezes, quando o estiver fazendo de noite sem luz em uma habitação às escuras, abre os olhos e a verá exatamente em torno de seu corpo, uma forma azulada, só luz, luz azul, ao redor de seu corpo. Se quer vê-la realmente, não com os olhos fechados a não ser com os olhos abertos, faz-o em uma habitação às escuras, sem nenhuma luz absolutamente.

Esta forma azulada, esta luz azulada, é a presença do corpo etérico. Tem muitos corpos. Esta técnica tem que ver com o corpo etérico, e mediante o corpo etérico pode entrar no mais alto dos êxtase. Há sete corpos, e cada corpo pode usar-se para entrar no divino; cada corpo é simplesmente uma porta.

Esta técnica usa o corpo etérico, e o corpo etérico é o mais fácil de perceber. quanto mais profundo é um corpo, mais difícil, mas o corpo etérico está junto a ti, junto ao físico. Está muito perto. A segunda forma é a etérica, em torno de ti, em torno de seu corpo. Penetra em seu corpo e está também em torno de seu corpo como uma luz nebulosa, uma luz azul, pendurando como uma túnica folgada.

Amável Devi, entra na presença etérica que se estende muito por cima e por debaixo de sua forma.

Muito por cima, por debaixo..., por toda parte em torno de sua forma. Se pode ver essa luz azul em torno de ti, o pensamento cessará imediatamente, porque para o corpo etérico não é necessário pensar. E a luz azul é tão tranqüilizadora, tão sosegadora, tão relaxante... Inclusive a luz azul corrente é sosegadora. por que? Porque é a luz de seu corpo etérico, e o corpo etérico é muito sosegador.

Sempre que alguém te ama, sempre que alguém te toca com profundo amor, toca seu corpo etérico. Por isso o sente como algo sosegador. Inclusive foi fotografado. Dois amantes em profundo amor, fazendo o amor, se seu coito pode continuar além de certo limite, mais de quarenta minutos, e não há ejaculação, em torno de ambos os corpos cheios de amor aparece uma luz azul. Inclusive foi fotografada.

E às vezes houve fenômenos muito estranhos, porque esta luz é uma força elétrica muito sutil. Em todo mundo aconteceu muitas vezes que um casal novo, em uma habitação nova em sua lua de mel, ou em sua primeira noite, quando ainda não conhecem o corpo do outro e não sabem o que é possível... Se ambos os corpos estiverem em uma certa vibração de amor, de atração, de funda implicação e compromisso –abertos, vulneráveis o um ao outro, dispostos a voltar um só espaço-, às vezes acontece acidentalmente que seus corpos se eletrificam tanto, seus corpos etéricos se avivam tanto, que começam a cair coisas na habitação.

Fenômenos muito estranhos, há uma estátua sobre a mesa...; de repente, cai. O cristal da mesa se rompe de repente. Não há ninguém mais, só o casal fazendo o amor, e eles nem sequer hão meio doido o cristal. Ou de repente algo começa a arder... Estes casos se registraram em muitas delegacias de polícia por todo mundo, e se realizaram muitas investigações, e se tem descoberto que duas pessoas muito apaixonadas podem criar uma força elétrica tal que pode afetar às coisas que lhes rodeiam.

Essa força também chega através do corpo etérico. Seu corpo etérico é seu corpo elétrico. Sempre que está transbordante de energia, seu corpo etérico tem muito mais alcance. Quando está triste, deprimido, não tem nenhum corpo etérico junto a seu corpo. retrai-se dentro do corpo. De modo que com alguém triste, com alguém deprimido, você também se sentirá triste. Se entrar nesta habitação uma pessoa realmente triste, sentirá que algo foi mau, porque seu corpo etérico lhe afeta imediatamente. volta-se um explorador, porque suas próprias forças etéricas estão tão deprimidas que começam a nutrir-se das de outros.

Uma pessoa triste ficará triste, uma pessoa deprimida te deprimirá, uma pessoa doente ficará doente, porque não é só o que vê; algo oculto está atuando constantemente. Inclusive se não haver dito nada, inclusive se estiver sorrindo externamente, se está deprimida se aproveitará de ti. Seu corpo etérico perderá sua energia, essa pessoa se aproveitará de ti, nutrirá-se de ti. Quando entra alguém que é

feliz, imediatamente sente uma felicidade em torno de ti, porque está lançando uma grande força etérica. Está-te dando realmente um banquete; está-te nutrindo. Tem tanto que está transbordante.

Quando um Buda vai de um lado a outro, ou um Cristo, ou um Krishna, está-lhes dando um banquete constantemente, são suas hóspedes constantemente. E quando volta depois de ver um Buda, sente-se tão fresco, tão vivo, tão revitalizado, tão rejuvenescido... O que aconteceu? Pode que Buda não haja dito nada. Inclusive um *darshan*, tão somente um olhar, e sente que algo trocou dentro de ti, algo entrou em ti.

O que está entrando? Está tão transbordante de energia... E quem está em paz consigo mesmo, sempre está transbordante, porque sua energia não se desperdiça em tolices desnecessárias, como essas nas que você está esbanjando sua energia. Sempre está transbordante, e qualquer que venha pode tomar. Jesus diz: «Venham para mim. Se tiverem cargas pesadas, venham para mim. Eu lhes aliviarei.» Em realidade, ele não está fazendo nada; é só sua presença.

diz-se que quando um homem divino, um *tirthankara*, um *avatar*, um Cristo, anda pela Terra, cria-se um certo entorno ao redor dele. Os iogues jainas incluso o mediram. Dizem que é de trinta e oito quilômetros e médio. Trinta e oito quilômetros e médio é o rádio em torno de um *tirthankara*, e no rádio de trinta e oito quilômetros e médio todo mundo está imerso em sua energia, sabendo, sem sabê-lo, amigo ou inimigo, lhe seguindo ou opondo-se a ele, dá no mesmo.

Se lhe está seguindo, está mais imerso, porque está mais aberto; se te está opondo a ele, está imerso, mas nem tanto, porque está fechado; mas a energia está transbordando. Um só homem é um depósito tal...; um só homem, se estiver sereno, silencioso, a gosto, em casa, é um depósito tal que em trinta e oito quilômetros e médio à redonda se cria um entorno. E nesse entorno está em um banquete constante.

Isto acontece mediante o corpo etérico. O corpo etérico é seu corpo elétrico. O corpo que vemos é o físico, o material. Isto não é realmente a vida. A vida chega a este corpo devido ao corpo elétrico, etérico. Isso é seu *prana*, isso é sua vitalidade.

De modo que Shiva diz: *Amável Devi, entra na presença etérica...*

Primeiro terá que tomar consciencia da forma que rodeia sua forma física, e quando tiver tomado consciencia, então ajuda-a a crescer, ajuda-a a aumentar e expandir-se. O que pode fazer?

Sentado em silêncio, olhando-a, sem fazer nada, simplesmente olhando a forma azulada que te rodeia, sem fazer nada, simplesmente olhando-a, sentirá que está aumentando, expandindo-se, crescendo mais e mais. Porque quando não está fazendo nada, toda a energia vai ao corpo etérico. Recorda isto, quando não está fazendo nada, a energia vai ao etérico.

Lao Tsé diz: «Sem fazer nada, ninguém é mais forte que eu. Sem fazer nada absolutamente, e ninguém é mais forte que eu. Os que são fortes fazendo, podem ser derrotados.» Diz Lao Tsé: «Eu não posso ser derrotado, porque minha energia provém de não fazer.» De modo que o segredo é não fazer nada.

Que fazia Buda sob a árvore *bodhi*? Não fazia nada. Não estava fazendo nada nesse momento. Não estava. Simplesmente estando sentado alcançou o supremo. Parece estranho. Estamos fazendo tanto esforço e não se obtém nada; e Buda não estava fazendo nada sob a árvore *bodhi* e alcançou o supremo.

Quando não está fazendo nada, sua energia não está saindo. Vai ao corpo etérico, acumula-se aí. Seu corpo etérico se volta um depósito elétrico. E quanto mais cresce, mais silencioso te volta. quanto mais silencioso te volta, mais cresce. E uma vez que sabe dar sua energia ao corpo etérico e não esbanjá-la innecesariamente, tem cansado na conta, chegaste a conhecer uma chave secreta.

Então pode ser festivo. Em realidade, só então pode ser festivo. Tal como é agora, drenado de energia, como vais ser festivo? Como vais celebrar? Como vais florescer? As flores são um luxo. Quando a árvore está transbordante de energia, chegam as flores. As flores são sempre um luxo.

Se a árvore está desnutrida, não virão as flores, porque nem sequer há suficiente alimento para as folhas, nem sequer há suficiente alimento para as raízes. Há uma hierarquia, primeiro se nutrirão as raízes, porque são o mais básico. Se desaparecerem, então não há nenhuma possibilidade para as flores. Logo se nutrirá o tronco, logo se nutrirão os ramos. Se tudo for bem e ainda há energia, então se nutrirão as folhas, e se ainda fica alimento e a árvore está totalmente satisfeita e não necessita nutrição, não necessita energia para existir e sobreviver, de repente floresce. A energia sobrada se converte em flores. As flores são uma festa para outros. São uma mercê. São um presente que te faz a árvore.

E isto acontece também no homem. Um buda é uma árvore que floresceu. Agora sua energia é tão transbordante que convida a todos, individual e coletivamente, a vir a compartilhá-la.

Primeiro prova a primeira técnica e logo prova a segunda. Também pode fazê-la separadamente, mas será mais difícil perceber a forma azulada do corpo etérico.

Capítulo 64

A Não-Eleição é Sorte

PERGUNTAS

Como é que a maioria escolhe o sofrimento?

Como podemos abrigar a esperança de uma sociedade iluminada?

Primeira pergunta:

É certo que ao homem só lhe apresentam duas alternativas -uma vida de tristeza e sofrimento permanentes ou uma vida de divindade e sorte- e que a eleição é dela? Como é que a maioria escolheu o caminho da tristeza e o sofrimento?

É uma pergunta muito significativa, mas também muito delicada. O primeiro que terá que compreender é que a vida é muito paradoxal, e devido a isso acontecem muitas coisas. Estas são as duas alternativas, o homem pode estar no céu ou no inferno, e não há uma terceira possibilidade. Pode estar em um sofrimento profundo, ou pode estar sem sofrimento e em uma profunda sorte. Estas são as duas únicas possibilidades, as duas aberturas, as duas portas, os dois modos de ser.

Então surge necessariamente a pergunta de por que o homem escolhe o sofrimento. O homem nunca escolhe o sofrimento, o homem sempre escolhe a sorte..., e então chega a paradoxo. Se escolhe ser ditoso, sofrerá, porque ser ditoso significa estar em um estado de não-eleição. Este é o problema. Se escolhe ser ditoso, sofrerá. Se não escolher, se simplesmente permanecer como uma testemunha, sem escolher, será ditoso. De modo que não é questão de escolher entre a sorte e o sofrimento; no fundo é questão de escolher entre escolher e não escolher.

por que acontece que sempre que escolhe sofre? Porque escolher divide a vida, terá que cortar algo e desprezá-lo. Não aceita a totalidade. Aceita algo em ti e nega algo; isso é o que significa escolher. E a vida é uma totalidade. Se escolher algo e nega algo,

o que negue virá a ti, porque a vida não pode ser dividida. E o que nega, simplesmente porque o nega, volta-se algo que tem muito poder sobre ti. Em realidade, agarra-lhe medo.

Não se pode negar nada. Só pode fechar os *olhos* a algo. Só pode escapar. Pode deixar de lhe emprestar atenção, mas sempre está aí escondido, esperando o momento de impor-se. De modo que se negar o sofrimento -se disser que não vais escolher o sofrimento-, então, de uma maneira sutil, escolheste-o. Agora estará sempre a seu redor; o primeiro.

A vida é uma totalidade, isto é o primeiro; e a vida é mudança, o segundo. Estas são verdades básicas. Não pode dividir a vida. O segundo, nada está estagnado, e nada pode está-lo. De maneira que quando disser: «Não vou sofrer. vou escolher um modo de viver ditoso», aferrará-te à felicidade. E quando aferra a algo, quê-lo, esperas que seja permanente. E nada pode ser permanente na vida. A vida é um fluxo.

De modo que quando te aferra à felicidade, está criando de novo sofrimento, porque esta felicidade se desvanecerá; nada pode permanecer.

É um rio, e no momento em que te aferra ao rio, está criando uma situação em que estará frustrado, porque o rio se moverá. cedo ou tarde descobrirá que o rio se foi muito longe. Já não está contigo, tem as mãos vazias e o coração frustrado.

Se te aferrar à sorte, haverá momentos de sorte, mas passarão. A vida é um fluxo. Aqui nada pode ser permanente exceto você. À exceção de ti, aqui nada é eterno, e se aferra a algo cambiante, quando se tiver ido sofrerá. E não é só que sofrerá quando se tiver ido; se tiver uma mente que se aferra, enquanto esteja aqui tampouco poderá desfrutá-lo, porque estará constantemente com medo a perdê-lo.

Se te aferrar, perderá também a oportunidade. Sofrerá depois e não desfrutará agora mesmo, porque o medo está à volta da esquina, cedo ou tarde isso tem que ir-se. O hóspede veio a sua casa, e sabe que é um hóspede e que manhã pela manhã se irá. Começa a sofrer pelo futuro

-amanhã pela manhã se ira-, e essa dor, esse sofrimento, essa angústia, tem-na agora mesmo. Não pode ser feliz enquanto o hóspede está em sua casa. Enquanto o hóspede está contigo, não pode ser feliz, pois já está cheio de ansiedade e de angústia porque amanhã pela manhã se irá. De modo que enquanto esteja aqui, não será feliz, e quando se tiver ido, será desventurado. Isto é o que está acontecendo.

O primeiro, a vida não se pode dividir. Só pode escolher se dividir. E o que escolhe é como um fluxo -cedo ou tarde se terá ido-, e o que negaste cairá sobre ti; não pode escapar disso. Não pode dizer: «Só viverei durante o dia e escaparei das noites.» Não pode dizer: «Só viverei com a inspiração e não permitirei a expiração.»

A vida é um ritmo dos opostos. A respiração entra e sai, existe entre estes dois opostos, inspiração e expiração. Há sofrimento, há felicidade. A felicidade é só como a inspiração, o sofrimento é só como a expiração; ou o dia e a noite, o ritmo dos opostos. Não pode dizer: «Só viverei se for feliz. Quando não for feliz, não viverei.»

Pode adotar esta atitude, mas esta atitude fará que sofra mais. Ninguém escolhe o sofrimento; recorda. Perguntas por que o homem escolheu sofrer. Ninguém escolheu sofrer. escolheste não sofrer, escolheste ser feliz, e escolheste mau. Está fazendo-o tudo por ser feliz e por isso está sofrendo, por isso não é feliz.

De modo que, o que terá que fazer? Recorda que a vida é total. Não pode escolher; terá que viver a vida inteira. Haverá momentos de felicidade e haverá momentos de sofrimento, e terá que viver ambos; não pode escolher. Porque a vida é as duas coisas; se não, o ritmo se perderá, e sem ritmo não haverá vida.

É como a música. Ouve música, há notas, sons. E depois de cada som há silêncio, uma pausa. devido a essa pausa, esse intervalo de silêncio, e ao som, devido aos dois

opuestosse cria a música. Se disser: «Escolherei só os sons e não tomarei as pausas», não haverá música. Será algo monótono, será algo morto. Esses intervalos dão vida ao som. Esta é a beleza da vida, que existe por meio dos opostos. Som e silêncio, som e silêncio...; isso cria música, o ritmo. O mesmo passa com a vida. O sofrimento e a felicidade são dois opostos. Não pode escolher.

Se escolher, tornaste-te uma vítima; sofrerá. Se tomadas consciencia desta totalidade dos opostos e a maneira em que funciona a vida, não escolhe; isto é o primeiro. E quando não escolhe, não há necessidade de aferrar-se, não tem sentido aferrar-se. Quando chega o sofrimento, desfruta do sofrimento, e quando chega a felicidade, desfruta da felicidade. Quando o hóspede está em casa, desfruta-o; quando se foi, desfruta do sofrimento, a ausência, a dor. Digo que desfrute de ambos. Este é o caminho da sabedoria, desfrutar das duas coisas, não escolher. Independentemente do que te chegue, aceita-o. É seu destino, assim é a vida, e não se pode fazer nada a respeito.

Se adotar esta atitude, não há eleição. deixaste que escolher. E quando não escolher, tomará consciencia de ti mesmo, porque agora não está preocupado pelo que acontece, de modo que não está indo para fora. Não está preocupado pelo que está acontecendo a seu redor. Independentemente do que aconteça, desfrutará-o, viverá-o, passará por isso, experimentará-o, e tirará algo disso, porque toda experiência é uma expansão da consciencia.

Se realmente não houver sofrimento, isso te empobrecerá, porque o sofrimento te dá profundidade. Um homem que não sofreu permanecerá sempre na superfície. Sofrer te dá profundidade. Em realidade, a não ser há sofrimento será insosso. Não será nada; só um fenômeno aborrecido. O sofrimento te dá tom, viveza. Adquire uma qualidade que só o sofrimento pode dar, que nenhuma felicidade pode dar. Um homem que permaneceu sempre feliz; cômodo, que não sofreu, não terá nenhum tom. Será tão somente uma massa de ser.

Não pode haver nenhuma profundidade. Em realidade, não pode haver nenhum coração. O coração se cria mediante o sofrimento; mediante a dor evolui.

Se um homem só sofreu e não conheceu a felicidade, então tampouco se enriqueceu, porque essa riqueza chega mediante os opostos. quanto mais entra nos opostos, mais elevadamente, mais profundamente evolui. Um homem que simplesmente tenha sofrido se voltará um escravo. Quem não tenha conhecido nenhum momento de felicidade não estará realmente vivo. Voltará-se um animal; tão somente existirá de qualquer maneira. Não haverá poesia, nem canção no coração, nem esperança nos olhos. Assentará-se em sua existência pessimista. Não haverá nenhuma conflito, nenhuma aventura. Não avançará. Será simplesmente um charco estancado de consciencia, e um charco estancado de consciencia não é consciente, pouco a pouco se voltará inconsciente. Por isso, se houver muito dor perde a consciencia.

De maneira que a felicidade só não servirá para muito, porque não haverá nenhum desafio. A dor só não produzirá muito crescimento, porque não haverá nenhuma razão para lutar, para confiar, para sonhar; não haverá fantasia. necessitam-se ambos, e a vida existe entre ambos como uma tensão muito delicada, uma tensão sutil.

Se compreender isto, então não escolhe. Então sabe como funciona a vida, como é a vida. É assim, assim é a vida, passa pela felicidade, passa pelo sofrimento e te dá tom, e te dá sentido, e te dá profundidade. De modo que ambos são bons.

Digo que ambos são bons. Não digo que escolha entre ambos, mas sim ambos são bons; não escolha. Melhor, desfruta de ambos; melhor, deixa que ambos aconteçam. Permanece aberto, sem nenhuma resistência. Não aferre a um e não resista ao outro.

Deixa que a não-resistência seja seu lema, não resistirei à vida. Independentemente do que me da vida, estarei preparado para tomá-lo, estarei disponível, e o desfrutarei. As noites também são boas e belas, e o sofrimento tem uma beleza própria. Nenhuma felicidade pode te dar essa beleza. A escuridão tem sua própria beleza; o dia tem sua própria beleza. Não há nenhuma comparação e não há nenhuma eleição. Ambos têm suas próprias dimensões nas que operar.

Assim que esta consciencia surja em ti, não escolherá. Será só uma testemunha, e desfrutará; este estado de não-eleição se converterá em sorte. Este estado de não-eleição se converterá em sorte. A sorte não é contrária ao sofrimento; a sorte é uma qualidade que pode levar a algo..., inclusive ao sofrimento.

Buda não pode sofrer, mas isso não significa que não lhe aconteça o sofrimento. Recorda, o sofrimento acontece a Buda tanto como a ti, mas ele não pode sofrer porque conhece a arte de desfrutá-lo. Não pode sofrer porque permanece ditoso. Inclusive no sofrimento permanece festivo, meditativo, vivo, desfrutando, aberto, sem resistir. O sofrimento lhe acontece, mas não lhe toca. O sofrimento vem e vai, igual à respiração entra e sai. Ele segue sendo ele mesmo. O sofrimento não pode lhe apartar. O sofrimento não pode fazer que se perca. Nada pode lhe empurrar, nem o sofrimento nem a felicidade. Você existe como um pêndulo, tudo te empurra..., tudo. Nem sequer pode ser realmente feliz, porque também a felicidade te matará. Envolve-te muito nela.

Lembrança que aconteceu uma vez que um pobre professor de escola muito velho, pobre, aposentado ganhou um prêmio na loteria. Sua mulher se assustou e pensou: «Isto vai ser muito para o velho. Cinco mil dólares é muito para ele. Inclusive um bilhete de cinco dólares lhe dá uma grande felicidade, assim cinco mil dólares podem lhe matar.»

Correu à igreja, à igreja do lado, e foi contar lhe ao cura o que tinha passado. Disse-lhe: «O velho saiu, mas está a ponto de voltar; volta para esta hora, assim faça algo. Cinco mil dólares... a notícia lhe matará!»

O padre disse: «Não se assuste. Conheço a mente humana e se como funciona. Se psicologia. Irei com você.»

De modo que o padre foi à casa. No momento em que chegaram, chegava também o ancião, assim que o padre começou. Disse: «Suponha que vontade cinco mil dólares na loteria... O que faria?»

O ancião pensou nisso, considerou-o cuidadosamente, e disse: «Daria-lhe a metade do dinheiro à igreja.»

O padre caiu morto. Era muito.

Inclusive a felicidade te matará, porque te envolve tanto. Não pode ficar fora de nada. Sofrimento ou felicidade independentemente do que chegue a sua porta, envolve-te tanto com isso que perde a cabeça. Já não está presente. Entra uma simples brisa na casa e já não está presente.

O que estou dizendo é que se não escolher, se permanecer alerta e consciente de que assim é a vida -os dias e as noites vêm e vão, o sofrimento e a felicidade-, simplesmente observa. Não te aferra à felicidade, não deseja a felicidade, e não te escapa do sofrimento. Permanece em ti mesmo, centrado, enraizado. Isto é a sorte.

Assim recorda, a sorte não é algo oposto ao sofrimento. Não pense que quando alcançar a sorte não haverá sofrimento; isso é uma tolice. O sofrimento forma parte da vida. Só cessa quando já não existe. Quando desaparece completamente do corpo, o sofrimento cessa. Quando não há nascimento, o sofrimento cessa. Mas então está perdido na totalidade, então já não existe, uma gota tem cansado ao oceano e já não existe.

Enquanto exista, o sofrimento continuará. Forma parte da vida. Mas pode te voltar consciente; então o sofrimento acontece em alguma parte ao redor de ti, mas nunca

acontece a ti. Não pense que a felicidade seguirá te acontecendo e o sofrimento não acontecerá, não te acontecerá nenhum dos dois. Simplesmente acontecerão ao redor, na periferia, e você estará centrado em ti mesmo. Verá que acontecem, desfrutará com que aconteçam, mas acontecerão ao redor de ti; não acontecerão a ti.

Isto se faz possível se não escolher. Por isso pinjente que isto é delicado, sutil. devido a que a vida é paradoxal, escolhe a felicidade e cai no sofrimento. Tenta escapar do sofrimento, e atrai mais e mais sofrimento. De modo que pode considerá-lo uma lei suprema, à margem do que escolha, o oposto será seu destino. Digo-o como uma lei suprema, à margem do que escolha, o oposto será seu destino.

De maneira que seja qual seja seu destino, recorda, escolheste-o você escolhendo o oposto. Se está sofrendo, escolheste o sofrimento escolhendo a felicidade. Não escolha a felicidade, e o sofrimento desaparece. Não escolha absolutamente. Então não te pode acontecer nada, e tudo é um fluxo exceto você. Isso terá que compreendê-lo muito profundamente.

Só você é o fator constante na existência; nada mais. Só você é a eternidade, nada mais. Seu consciencia nunca é um fluxo. Chega o sofrimento, observa-o. Logo chega a felicidade, observa-a. Logo não vem nada, observa-o. Só uma coisa permanece constante, a observação; e a observação é você.

Foi um menino..., ou, se retroceder ainda mais, uma vez foi só uma célula atômica. Nem sequer o pode imaginar, só uma célula atômica no ventre de sua mãe, nem sequer apreciável a simples vista. Se te aparece essa célula e te topa com ela, não poderá reconhecer que uma vez foi isso. Logo foi um menino, logo te fez jovem, e agora é velho, ou está em seu leito de morte. aconteceram muitas coisas. Toda sua vida foi um fluxo; nada permaneceu igual nem sequer dois momentos.

Heráclito diz que não pode entrar duas vezes no mesmo rio..., e isto o diz sobre o rio da vida. Não pode ter dois momentos similares. O momento que se foi não pode repetir-se. foi-se para sempre; não pode voltar ao ter. O mesmo não pode existir. Em semelhante fluxo tão grande, só uma coisa permanece igual dentro de ti, a observação.

Se pudesse ter observado no ventre de sua mãe, a qualidade da consciencia teria sido a mesma. Se pudesse ter observado quando foi um menino, a qualidade da consciencia teria sido a mesma. Jovem ou morrendo, justo quando te estiver morrendo em sua cama, se pode observar, a qualidade da consciencia será a mesma.

O único no profundo de ti é seu ser que observa, seu consciencia, isso permanece igual; todo o resto troca. E se aferra a qualquer objeto do mundo da mudança, sofrerá. Não se pode fazer nada a respeito. Está tratando de fazer o impossível, por isso sofre. Se que nunca escolhe, mas não se trata disso, se sofrer, escolheste-o indiretamente.

Uma vez que tome consciencia desta qualidade indireta da vida, esta qualidade paradoxal da vida, deixará de escolher. Quando a eleição cessa, o mundo desapareceu. Quando a eleição cessa, entraste no absoluto.

Mas isso só é possível quando a mente que escolhe desaparece completamente. necessita-se uma consciencia que não escolhe, e então será ditoso. Mas bem será a sorte. E o repetirei de novo, o sofrimento seguirá acontecendo, mas agora nada pode te fazer sofrer. Inclusive se de repente é arrojado ao inferno, com sua mera presença, para ti já não será o inferno.

Alguém perguntou ao Sócrates onde gostaria de ir, e Sócrates disse: «Não se se houver um inferno e um céu. Não se se existirem ou não, mas não escolherei entre eles. Minha única prece será esta: me permita estar alerta em qualquer lugar que esteja. me permita estar plenamente consciente em qualquer lugar que esteja. Que seja o inferno ou o céu, isso é irrelevante.» Porque se estiver plenamente consciente, o inferno

desaparece, o inferno é seu ser não consciente. Se estiver plenamente consciente, aparece o céu, o céu é seu ser plenamente consciente.

Em realidade não há lugares geográficos como o inferno e o céu. E não siga pensando em términos infantis que algum dia morrerá e Deus te enviará ao céu ou ao inferno segundo suas obras, segundo o que tenha feito na Terra. Não; você leva seu inferno e seu céu dentro de ti. Em qualquer lugar que vai, leva contigo seu inferno e seu céu.

Nem sequer Deus pode fazer algo. Se de repente te encontrar com ele, parecerá-te um inferno. Leva seu inferno dentro de ti; projeta-o em qualquer lugar que está. Sofrerá. O encontro será mortífero, intolerável. Pode que perca o sentido. Tudo o que te acontece o leva dentro de ti. A semente da consciencia é a semente de toda a existência.

Assim recorda, se sofrer, escolheste-o você; conscientemente, inconscientemente, diretamente, indiretamente, escolheste-o você. É sua eleição e você é o responsável. Ninguém mais é responsável.

Mas em nossa mente, em nossa confusa mente, tudo está patas acima. Se sofrer, pensa que sofre por culpa de outros. Sofre por sua culpa. Ninguém pode te fazer sofrer. Isso é impossível. E inclusive se alguém te faz sofrer, é sua eleição sofrer através dele. Escolheste a ele e escolheste um tipo específico de sofrimento através dele. Ninguém pode te fazer sofrer, é sua eleição. Mas sempre segue pensando que se o outro trocar, ou se o outro faz outra coisa, não sofrerá.

ouvi que Amacie Nasruddin estava preenchendo um relatório porque tinha estrelado seu carro contra um carro estacionado. Estava preenchendo um relatório, e havia muitas perguntas. Quando chegou à parte em que se perguntava o que poderia ter feito o condutor do outro veículo para evitar o acidente, pôs: «Deveria ter estacionado o carro em outro sítio. Seu carro estava estacionado aí; deveria havê-lo estacionado em outro sítio; o acidente aconteceu por sua culpa.»

E isto é o que está fazendo. O outro é sempre o responsável, deveria ter feito isto ou o outro, e não haveria sofrimento. Não, o outro não é responsável absolutamente. Você é o responsável, e a não ser que aceite esta responsabilidade conscientemente, não trocará. A mudança se fará possível, facilmente possível, no momento em que caia na conta de que você é o responsável por isso.

Se tiver sofrido, foi sua eleição. Esta é a lei do *carma*, nada mais, é completamente responsável. Aconteça o que aconteça -sofrimento ou felicidade, inferno ou céu-, independentemente do que aconteça, essencialmente você é totalmente responsável. Esta é a lei do *carma*: você tem a responsabilidade total.

Mas não te assuste, não te atemorize por isso, porque se tiver a responsabilidade total, então de repente se abre uma porta da liberdade, porque se você for a causa de seu sofrimento, pode trocar. Se outros forem a causa, então não pode trocar. Então, como vais trocar? A não ser que o mundo inteiro troque, sofrerá. E não parece haver nenhuma forma de trocar a outros; então o sofrimento não pode ter fim.

Mas somos tão pessimistas que inclusive doutrinas tão belas como a lei do *carma* as interpretamos de tal maneira que não nos redimem e liberam, mas sim mas bem; pelo contrário, curvam-nos mais. Na Índia a lei do *carma* se conheceu durante ao menos cinco mil anos ou inclusive mais, mas o que temos feito? Não é que tenhamos assumido a responsabilidade; pusemos toda a responsabilidade na lei do *carma*, isso está acontecendo devido à lei do *carma* e não podemos fazer nada, não se pode fazer nada; está vida é assim devido às vidas passadas.

A lei do *carma* era para te liberar. Dava-te liberdade total com respeito a ti mesmo. Ninguém mais pode te causar nenhum sofrimento, esta era a mensagem. Se está

sofrendo, você o criou. Você é o dono de seu destino, e se quer trocá-lo, pode trocá-lo imediatamente e a vida será diferente. Mas a atitude...

ouvi que uma vez havia dois amigos falando. A gente era um autêntico otimista; o outro um genuíno pessimista. Nem sequer o otimista estava muito contente com a situação. O otimista disse: «Se esta crise econômica continuar e estas catástrofes políticas continuam e o mundo permanece tal como é, imoral, então logo vamos ter que pedir esmola.»

Nem sequer ele, o otimista, sentia-se esperançado respeito a isso. Quando disse: «vamos ter que mendigar», o pessimista disse: «A quem? A quem lhe vamos pedir esmola se esta situação continuar?»

Tem uma mente, e segue levando-a a tudo. Em realidade, transforma a qualidade de tudo ensino e doutrina. Vence aos Budas e aos Krishnas tão facilmente porque o altera tudo; colore-o a sua maneira.

É totalmente responsável por tudo o que é e de todo o mundo no que vive. É sua criação. Se isto penetrar profundamente em ti, pode trocá-lo tudo. Não precisa sofrer. Não escolha, se uma testemunha, e te acontecerá a sorte. A sorte não é um estado morto. O sofrimento continuará acontecendo a seu redor. De modo que não é questão do que te acontece; é questão de como é. O sentido supremo total provém de ti, não do que acontece.

Segunda pergunta:

Ontem à noite falou do aborrecimento. Como podemos abrigar a esperança de uma sociedade iluminada quando para manter a sociedade a maioria da gente desempenha tarefas aborrecidas, monótonas e repetitivas?

De novo, nada é aborrecido, nada é repetitivo e monótono; você o é, e leva sua qualidade a tudo o que faz. Nenhum ato é monótono em si mesmo, e nenhum ato pode não ser aborrecido em si mesmo; é você o que o faz aborrecido ou não. E o mesmo ato pode ser um aborrecimento para ti neste momento e ao momento seguinte pode voltar-se algo cheio de sorte. Não é que o ato tenha trocado; trocou seu estado de ânimo, a qualidade que leva a ato. Assim recorda, não está aborrecido porque tenha que fazer atos repetitivos. Mas bem, pelo contrário, parecem repetitivos porque está aborrecido.

Por exemplo, os meninos querem repetir as coisas. Jogam mesmo jogo uma e outra vez. Você te aborrece. O que estão fazendo? O mesmo jogo uma e outra vez? Seguem pedindo que lhes conte a mesma história. Desfrutam-na de uma e outra vez, e dizem: «me conte outra vez essa história.»

O que acontece? Você não pode concebê-lo, parece-te estúpido. Não o é. Estão tão cheios de vida que para eles nada é repetitivo. Você está morto e tudo é repetitivo para ti. Eles seguem repetindo o mesmo jogo. Podem seguir fazendo-o todo o dia, e se fizer que parem, gritarão e chorarão e resistirão, dizendo: «Não danifique nosso jogo.» E não consegue entender o que estão fazendo todo o dia.

Têm uma qualidade diferente de consciencia. Para eles, nada é repetitivo. Desfrutam-no tanto que o desfrute mesmo troca a qualidade, e então voltam a desfrutá-lo; e o desfrutam mais, porque agora estão ao tanto. A terceira vez o desfrutam ainda mais, porque agora estão familiarizados contudo. Seguem desfrutando; sua desfrute segue aumentando. Sua desfrute vai diminuindo.

O que acontece? É aborrecido o ato em si, ou algo está mal em seu modo de ser, em seu modo de consciencia?

Considera-o desde outro ângulo. Dois amantes seguirão repetindo os mesmos atos todos os dias. Beijarão-se e se abraçarão...; são os mesmos atos. E gostariam de seguir fazendo-o até infinito. Se lhes der tempo, seguirão repetindo-o até o fim da existência. Olhando a dois amantes, aborrecerá-te. O que estão fazendo? O mesmo todos os dias? E se lhes dá o dia inteiro, seguirão acariciando-se, amando-se, abraçando-se, beijando-se. O que estão fazendo?

Os amantes se tornaram meninos de novo. Por isso é tão inocente o amor, faz-te um menino outra vez. Agora estão desfrutando do jogo. São meninos de novo. livraram-se de toda essa tolice da maturidade. Estão jogando com o corpo do outro, e para eles nada é repetitivo. Cada beijo é algo absolutamente novo, único. Nunca o houve antes, nunca voltará a ser igual. Cada momento de amor tem sua própria existência individual, não repetitiva; por isso seguem desfrutando.

A lei econômica da diminuição do rendimento não é aplicável ao amor. Para o amor, não há lei de diminuição do rendimento; mas bem, de aumento do rendimento. Por isso os economistas não podem compreender o amor. Todos os que são eficientes no cálculo não podem entender o amor, porque é absurdo, desafia todas as leis, todas as matemática; segue aumentando.

Quando era estudante, quando meu professor de economia nos explicou a lei da diminuição do rendimento, perguntei-lhe sobre o amor: «O que diz você sobre o amor?».

alterou-se, e quando lhe disse que justo o contrário -a lei do aumento do rendimento- é aplicável ao amor, disse-me: «Sal da classe. Não pode entender a economia.» Disse: «Esta leis universal.»

Eu lhe disse: «Não diga que é universal, porque e o amor?».

Parece-nos que dois amantes estão repetindo. Para eles não estão repetindo. Mas para uma prostituta será aplicável a lei da diminuição do rendimento, porque para ela o amor não é amor, a não ser uma mercadoria, algo que vender, algo que se pode comprar. De maneira que se for e beija a uma prostituta, para ela é um aborrecimento, uma repetição, e algum dia dirá: «Isto é uma tolice.

Estou aborrecida de que me beijem e de beijar todo o dia. É insuportável.» Ela dirá que é um ato repetitivo.

Isso é o que quero te mostrar, a distinção. Para um amante não é repetitivo; para uma prostituta é repetitivo. De modo que, em realidade, o ato mesmo não é repetitivo; é sua qualidade, e a põe nele. Faça o que faça, se o amar, nunca será repetitivo. Se amar o que faz, seus atos, não haverá aborrecimento. Mas não ama.

Sigo lhes falando todos os dias. Posso seguir até o infinito. Amo-o. Não é repetitivo para mim. Posso seguir falando com vós de eternidade a eternidade. A comunicação, comunicar-se com o coração, para mim é amor. Não é um ato repetitivo; do contrário me aborreceria.

ouvi que um menino pequeno foi à igreja com seu pai e sua mãe um domingo, e logo outro e outro. O terceiro domingo este menino perguntou a seu pai: «Deus deve estar aborrecendo-se, porque sempre há as mesmas caras na igreja todos os dias. estivemos vindo aqui três domingos... ¡Las mesmas caras! Deus deve estar aborrecido as vendo aparecer uma e outra vez todos os domingos.»

Mas Deus não está aborrecido. Toda a existência esteve repetindo continuamente. nos parece repetição, mas se houver um ser, um ser total, algo como um Deus, não está aborrecido. Se está aborrecido, não há necessidade de continuar. Pode parar. Pode dizer: «Já basta!» Pode dizer: «¡Se acabou!» Mas não está aborrecido. por que?

Porque ama, tudo o que está acontecendo é seu amor. É um criador, não um trabalhador, não um operário. É um criador.

Um Picasso não está aborrecido, é um criador. Se seus atos se converterem em criação, não estará aborrecido. E seus atos se voltam criação se os amar. Mas a dificuldade básica é que não pode amar o que faz porque odeia a ti mesmo; esse é o problema. De modo que, faça o que faça, odeia-o, porque basicamente odeia a ti mesmo.

Ainda não aceitaste a ti mesmo, ainda não lhe deste as graças à existência por sua existência. Em seu coração não há nenhum agradecimento a Deus. Em realidade, tem rancor: «por que me criaste?» No fundo segue perguntando: «por que fui arrojado à existência? Para que?» Pensa, se de repente te encontrar com Deus, o que será o primeiro que lhe pergunte? Perguntará: «por que me criaste?, para sofrer?, para estar angustiado?, para estar vagando innecesariamente por vistas e mais vistas? por que me criou? Responde!»

Não aceitaste a ti mesmo, assim que como vais aceitar seus atos? te ame a ti mesmo. te aceite a ti mesmo tal como é. Porque a ação é secundária, flui de seu ser; se me amar mesmo, então amo tudo o que faço..., e se não o amo, deixo de fazê-lo. Que necessidade tem que continuar?

Mas não ama, e a fonte não é amada, de modo que os produtos dessa fonte não podem ser amados. Faça o que faça -pode que seja engenheiro ou pode que seja médico ou químico ou um cientista-, faça o que faça, levará o ódio a isso. Seu ódio o volta repetitivo. Odeia-o, e segue encontrando desculpas pelas que o está fazendo. Diz: «Estou-o fazendo por minha mulher, por meus filhos.» E seu pai o estava fazendo por ti, e seu pai o estava fazendo por ele, e seus filhos o farão por seus filhos, e ninguém desfrutará da vida.

Estes são truques. É simplesmente um covarde. Não pode escapar disso, porque te dá segurança, certeza, ganhos, um saldo bancário. Porque é um covarde, não pode deixar de fazê-lo e não pode começar a fazer o que amas. Então segue fazendo responsáveis por tudo a seus filhos, a sua mulher, e eles também estão fazendo o mesmo.

lhe pergunte ao menino. Ele vai à escola; está aborrecido. Diz: «Vou por meu pai. Faz-lhe feliz. Se não ir se sente muito desgraçado.» E seu mujer?Ella está fazendo-o tudo só por ti e os meninos. Ninguém está existindo realmente para si mesmo. Ninguém se ama a si mesmo o suficiente para existir para si mesmo. Então tudo vai mau. A fonte está envenenada, e então tudo o que sai dessa fonte está envenenado.

E não pense que se trocar de trabalho, amará-o. Não; levará também sua qualidade a seu novo trabalho. Pode que ao princípio seja emocionante, algo novo, mas cedo ou tarde te assentará e será o mesmo. te troque a ti mesmo, te ame a ti mesmo, e ama tudo o que faça; não importa quão pequeno seja, dá igual.

Isto me recorda uma anedota. Aconteceu que quando Abraham Lincoln foi renomado presidente, o primeiro dia, que estava inaugurando o Senado, alguém que tinha muita inveja de seu poder, de seu prestígio, de seu êxito, ficou de pé e lhe disse: «Lincoln, não esqueça que seu pai era sapateiro.»

Era absolutamente irrelevante, absurdo, e o homem que o disse acrescentou: «Seu pai era sapateiro, e estava acostumado a fazer sapatos para minha família. Não se dele esqueça.»

Era só para lhe insultar, e todo o Senado riu porque todo mundo tinha inveja. No fundo, todos estavam sentindo: «Esta cadeira me pertence, e este homem a usurpou.» É obvio, sempre que alguém trunfa, triunfa por algum meio ardiloso; só você triunfa merecidamente. Assim é como advimos aos triunfos de outros, foi com manhas, com más artes que chegaram aí. Assim é que todo o Senado riu.

Mas Abraham Lincoln disse algo que é formoso. Disse: «É muito amável por sua parte me recordar a meu pai. Se que era sapateiro; mas nunca vi um sapateiro semelhante. Era único, era um criador, porque amava fazer sapatos. E não posso me considerar tão afortunado como ele, porque eu não amo esta presidência tanto como ele amava fazer sapatos. Desfrutava com isso, era ditoso. Eu nunca serei tão ditoso nesta presidência como foi ele como sapateiro.»

«Mas por que se acordou você dele neste momento? Já se», disse Abraham Lincoln, «que meu pai fazia sapatos para sua família, mas, nunca se queixaram, assim confio em que os sapatos foram bons. Mas você se lembra dele neste momento, sem que venha a conto... Será que algum sapato ainda lhe está fazendo mal. Eu sou seu filho; posso arrumá-lo.»

Se amar a ti mesmo, se amas seu trabalho, vive em um entorno diferente. Nesse entorno nada se repete. A repetição só aparece a uma mente aborrecida. Não diga que está aborrecido devido aos atos repetitivos. Os atos parecem repetitivos porque está aborrecido; então, independentemente do que faça, parecerá repetitivo.

Mas olhe a vida, a vida desfruta com a repetição. As estações se movem em círculo. O Sol se move em círculo; sai cada dia, cada manhã. E chega o verão e chega o inverno e chegam as chuvas e seguem passando. Em um sentido profundo, toda a existência acontece repetitivamente. Parece que a criação é como um jogo de meninos. As árvores não estão aborrecidas, e o céu não está aborrecido. O céu nunca diz: «Outra vez as nuvens?». O céu esteve vendo as nuvens durante muitíssimos milênios, cada estação das chuvas, chegam as nuvens e começam a mover-se. Olhe a vida! É repetitiva.

A palavra não é boa; a palavra «repetitiva» não é boa. Mas bem será melhor dizer que segue jogando mesmo jogo. Desfruta tanto com isso que quer repeti-lo de novo. E segue aumentando; segue indo para um clímax. por que se aborrece o homem com a repetição? Não é porque a repetição seja aborrecida, mas sim porque está tão aborrecido que tudo será aborrecido.

Aconteceu uma vez que Sigmund Freud lhe estava fazendo perguntas a um paciente; eram só as perguntas preliminares básicas que fazia antes de poder começar o psicanálise. Perguntou-lhe: «Olhe a estanteria, o que lhe vem imediatamente à mente?».

O homem olhou os livros, sem olhar realmente, e disse: «Vem-me à mente uma mulher, uma mulher formosa.»

Isto era bom para o Freud, porque encaixava com sua teoria de que tudo é sexual, assim disse: «Muito bem.» Então tirou seu lenço e disse: «Olhe isto. O que lhe vem imediatamente à mente? O primeiro que lhe ocorra...»

O homem riu e disse: «Uma mulher formosa.»

Freud estava encantado. Efetivamente, esta era sua teoria: que o único que basicamente interessa a todo homem é o sexo, e nada mais. O homem pensa na mulher, a mulher pensa no homem..., e isso é todo o pensamento. De modo que disse: «Olhe essa porta.» Não havia ninguém na porta, nem sequer passava ninguém pela rua. Disse:

«Olhe, não há ninguém. Esta ausência... O que sente você? A que lhe recorda imediatamente?».

O homem disse: «Uma mulher formosa.»

Agora inclusive Freud se sentiu um pouco inquieto sobre se este homem lhe estava tirando o sarro ou não, assim disse: «Isto parece muito. Tudo recorda a uma mulher!»

O homem disse: «É que não importa. Não importa que seja uma estanteria, ou um lenço, ou uma porta vazia. Em realidade, no único que penso é em mulheres. Nunca penso em outra coisa, assim que o que diga é irrelevante. Só penso em mulheres. Não é

que todo recorde a elas; só penso em mulheres...; não é questão de que algo me recorde isso.»

De modo que, em realidade, não é questão de que este ato te aborreça ou de que aquele ato te aborreça, ou de que a repetição ou a monotonia ou os trabalhos tediosos lhe aborrecam. O que passa é que está aborrecido faça algo ou não. Se simplesmente está te relaxando é uma poltrona, estará aborrecido. Sem fazer nada, estará aborrecido. Dirá: «Não há nada a fazer e estou aborrecido. Nada que fazer; estou aborrecido.» Está aborrecido toda a semana devido ao trabalho tedioso, e o fim de semana está aborrecido porque não há nada a fazer. Está aborrecido toda a vida porque faz um trabalho repetitivo em uma fábrica, em um escritório, em uma loja. Logo, quando te aposenta, está aborrecido porque agora não há nada a fazer.

Não é questão de outra coisa. Nada está produzindo aborrecimento em ti; está aborrecido, e segue levando seu aborrecimento a tudo o que toucas. ouviste sobre o rei MIDAS, tudo o que tocava se convertia em ouro. Você também é um rei MIDAS, tudo o que toucas se converte em aborrecimento. Tem um toque alquímico, pode convertê-lo tudo em aborrecimento; tudo, digo.

Não pense em trocar de trabalho, de ações; pensa em trocar a qualidade de seu consciencia.

te ame mais a ti mesmo. O primeiro que terá que recordar é ser mais amoroso com a gente mesmo. Os moralistas envenenaram o mundo inteiro. Dizem: «Não ame a ti mesmo; isso é egoísmo.» Dizem: «Ama a outros, não ame a ti mesmo. O amor a gente mesmo é pecado.»

E eu te digo que isso é uma absoluta tolice; e não só uma tolice, é uma tolice perigosa. A não ser que ame a ti mesmo não pode amar a ninguém; é impossível, porque um homem que não sente amor por si mesmo, não pode sentir amor por ninguém. Só se ama a ti mesmo pode seu amor transbordante chegar a alguém.

Um homem que não se amou a si mesmo se odiará a si mesmo, e se odeia a ti mesmo, como vais amar a outra pessoa? Odiará também a outros. Só pode fingir. E quando não pode te amar a ti mesmo, como esperas que lhe amem outros? Todo mundo se condena a si mesmo. Tudo o ensino moralista só te dá uma coisa, técnicas de autocondena, de como te condenar a ti mesmo, como ser mau, um criminoso, culpado, um pecador.

O cristianismo diz que o fato de que seja um pecador não depende do que faz; nasce pecador. Não é questão de se cometer algum pecado ou não; não, é pecador de nascimento. O homem nasce em pecado. Adão, o primeiro homem, cometeu o pecado, e você é seu descendente. O pecado foi cometido; não se pode fazer nada. Já não pode ser desfeito, e nasce em pecado..., o pecado do Adão.

Se nascer em pecado, como vais amar te a ti mesmo? Se seu ser mesmo for culpa, como vais amar te a ti mesmo? E se não poder te amar a ti mesmo, não pode amar a ninguém. O amor deve acontecer primeiro em casa -você é a casa-, e só quando se transborda pode chegar a outros. E quando se transborda, transborda-se em seus atos, em tudo o que faz. Já pinte ou faça um sapato ou algo -simplesmente limpar a rua-, independentemente do que faça, se amas profundamente, se te amar profundamente a ti mesmo, flui em tudo o que faz. Flui inclusive quando não está fazendo nada. Segue fluindo, volta-se sua existência mesma, e então nada é aborrecido.

A gente vem para mim; algumas vezes alguns amigos me perguntam muito compasivamente: «Está todo o dia sentado em uma habitação, sem nem sequer olhar pela janela. Não te aborrece?» Estou comigo mesmo, por que ia aborrecer me? Dizem-me: «Sentado aí sozinho, não te aborrece?».

Se me odiar mesmo me aborrecerei, porque não pode viver com uma pessoa a que odeia. Você te aborrece contigo mesmo; não pode estar sozinho. Inclusive se estiver sozinho uns poucos momentos, fica nervoso, sente-se incômodo, chega a ti um desassossego. Desejas estar com alguém, porque não pode permanecer contigo mesmo. A companhia é tão aborrecida..., sua própria companhia. Não pode observar seu próprio rosto. Não pode tocar sua mão amorosamente; não, impossível.

Perguntam-me -e que me perguntem tem isso que ver com sua própria situação, porque eles se aborrecerão se estiverem sozinhos-, «Não sai alguma vez?». Não há necessidade. Às vezes me perguntam: «A gente vem a ti com o mesmo problema uma e outra vez. Não te aborrece?».

Porque todo mundo tem o mesmo problema... São tão pouco originais que nem sequer podem criar um problema original. Todo mundo tem o mesmo problema. Alguns têm que ver com o amor, com o sexo, com a tranqüilidade de espírito, com a confusão, ou alguma outra coisa -alguma psicologia, alguma patologia, ou algo- mas o homem pode ser dividido facilmente em sete categorias, e sempre há as mesmas perguntas, as sete perguntas básicas, e a gente segue as fazendo. De maneira que meus amigos me perguntam: «Não, aborrece-te?»

Nunca me aborreço, porque para mim cada indivíduo é único, e devido ao indivíduo, o problema que traz não é uma repetição, porque o contexto é diferente, o indivíduo é diferente. Você vem com seu problema de amor, outro vem com seu problema de amor, ambos parecem similares, mas não o são, porque dois indivíduos são tão diferentes...; sua diferença troca a qualidade do problema.

De modo que se classificar, pode fazê-lo em sete categorias; mas eu nunca classifico. Cada indivíduo é tão único que não pode ser posto junto a ninguém mais. Não se pode fazer nenhuma categoria. Mas então tem que ter uma consciencia muito aguda para penetrar até a raiz mesma que faz único ao indivíduo. Se não, na superfície todo mundo é semelhante.

Na superfície todo mundo é semelhante, com os mesmos problemas, mas se penetrar no fundo, se estiver alerta e disposto a entrar com a pessoa ao núcleo mais profundo de seu ser, quanto mais profundo vai, mais original, individual e único é o fenômeno que sai à luz. Se pode ver o centro mesmo, esta pessoa que há ante ti é irrepetível. Nunca a houve antes, nunca voltará a havê-la. É única. E então o mistério te enche..., o mistério da pessoa única.

Nada é uma repetição se sabe penetrar, ser amoroso e estar alerta. Do contrário, tudo é repetitivo. Está aborrecido porque tem uma consciencia que cria aborrecimento. Troca a consciencia, e não haverá aborrecimento. Mas segue trocando os objetos; isso não trocará nada.

Capítulo 65

Elimina os Limites

Os Sutras

92 *Ponha a substância da mente em uma finura inexpressable, em cima, debaixo e em seu coração.*

93 *Considera qualquer área de sua forma presente ilimitadamente extensa.*

A vida não é um problema, a não ser um mistério. Para a ciência, a vida é um problema, mas para a religião é um mistério. Um problema pode ser resolvido; um mistério não pode ser resolvido; pode ser vivido, mas não pode ser resolvido. A religião não oferece nenhuma solução, nenhuma resposta. A ciência oferece respostas; a religião não tem nenhuma. Esta é a diferença básica, e antes de fazer nenhum esforço para compreender o que é a religião, terá que compreender profundamente esta diferença básica no enfoque mesmo de uma mente religiosa e uma mente científica.

Quando digo que a ciência considera a vida como um problema, como algo que se pode resolver, todo o enfoque se volta intelectual. Então se implica a mente, não você. Você fica fora disso. A mente manipula, a mente aborda, a mente penetra e analisa. A mente argumenta, dúvida, experimenta, mas você como totalidade fica fora disso. Daqui este fenômeno tão estranho pode que um cientista seja um intelectual muito preclaro no que respeita a seu departamento de investigação, mas na vida corrente será um ser humano tão corrente como qualquer; nada especial. Pode que seja um gênio em seu próprio ramo de conhecimento, mas na vida é corrente e corrente.

A ciência só inclui seu intelecto, sua totalidade. E o intelecto tem uma violência, é agressiva. Por isso muito poucas mulheres podem ser científicas, a agressão não é natural nelas. O intelecto é masculino, agressivo, violento, por isso os homens são mais científicos e as mulheres são mais religiosas. O intelecto trata de cortar em pedaços, dividir, analisar, e quando curtos em pedaços algo vivo, a vida desaparece. Só ficam em suas mãos partes mortas. Por isso a ciência nunca toca a vida. Em realidade, tudo o que touca se volta morto. Quando a ciência diz que não existe a alma ou que não existe Deus, é significativo não porque não existam a alma ou Deus, mas sim porque isto mostra que o enfoque mesmo da mente científica é tal que não pode tocar a vida em nenhuma parte. Em qualquer lugar que touca a ciência, acontece a morte. Em seu método mesmo, em seu procedimento mesmo, no enfoque mesmo de divisão, análise, supressão, a vida fica excluída.

Uma coisa, o intelecto é violento e agressivo, de modo que o resultado final com o intelecto só pode ser a morte, não a vida. É parcial, não total, e as partes estão mortas. A vida é uma unidade orgânica. Pode conhecer a vida mediante a síntese, não mediante a análise. Quanto major é a síntese, mais elevadas são as formas de vida que se desenvolvem. Deus é a síntese suprema, a unidade total, a totalidade da existência. Deus não é uma adivinhação, a não ser a síntese suprema de tudo o que existe; a matéria é a análise suprema de tudo o que existe.

De modo que a ciência chega à materialidade atômica e a religião chega a consciencia cósmica. A ciência baixa até o denominador último, mais baixo, e a religião sobe até o denominador mais alto. Entram em dimensões opostas. De maneira que a ciência o transforma tudo em um problema, porque se tiver que abordá-lo cientificamente, primeiro tem que decidir se for um problema ou não. A religião tem o mistério como base. Não há nenhum problema; a vida não é um problema. A ênfase está em que não pode ser resolvida. Um problema significa algo que pode ser resolvido, algo que pode ser conhecido, algo conhecível. Pode que não se conheça agora mesmo, mas não é incognoscível. Como muito, pode ser desconhecido, mas esse desconhecimento desaparecerá e se transformará em um pouco conhecido.

De modo que, em realidade, a religião não pode fazer uma pergunta como «o que é a vida?». Isso é absurdo. A religião não pode fazer uma pergunta como «o que é Deus?». Isso é uma tolice. O enfoque mesmo da religião é não criar problemas. A religião pode perguntar como estar mais vivo, como estar na corrente mesma da vida, como viver pletóricamente; a religião pode perguntar como ser um deus..., mas não pode perguntar o que é Deus.

Podemos viver os mistérios, podemos nos fundir com eles, podemos envolvemo-nos neles, podemos ter uma existência totalmente diferente; a qualidade mesma troca, mas nada é resolvido, porque nada pode ser resolvido. E tudo o que parece que se pode resolver, tudo o que parece que se pode conhecer, é só porque o consideramos em fragmentos. Se olharmos a totalidade, então nada é conhecível; simplesmente seguimos empurrando para trás o mistério.

Todas nossas respostas são temporárias; só às mentes preguiçosas parece que são respostas. Se tiver uma mente penetrante, voltará a dar com o mesmo mistério; só foi empurrado para trás, um passo para trás. Pergunta-a está oculta justo detrás das respostas. Simplesmente criaste a fachada de uma resposta; tão somente uma cortina sobre o mistério.

Se pode perceber a distinção, então do começo mesmo a religião cobra uma forma diferente, uma cor diferente e um ponto de vista diferente. Toda a perspectiva troca. Estas técnicas das que estamos falando aqui não são para resolver nada; não consideram a vida como um problema. A vida existe. Foi um mistério e continuará sendo um mistério. Façamos o que fazemos não podemos desentranhar seu mistério, porque ser misteriosa é sua qualidade mesma. Que a vida seja misteriosa não é algo acidental, não é algo que possa ser separado, a não ser a vida mesma. De maneira que, para mim, quanto mais entra no mistério, no misterioso, mais religioso te volta.

Um homem realmente religioso não dirá que acredita em Deus; não dirá que Deus existe. Estas coisas parecem muito superficiais, parecem ser como respostas dadas a certas perguntas. Um homem religioso não pode dizer semelhantes profanidades... que Deus existe. É um fenômeno tão profundo, um pouco tão misterioso, que dizer algo será profano. Assim é que sempre que alguém perguntava a Buda se Deus existia ou não, ele permanecia em silêncio. Está perguntando algo que não pode ser respondido. Não é que Deus não exista, mas responder tal coisa a fará contestável. Então a vida se voltará um problema que pode ser respondido. Então o mistério desaparece. De modo que Buda dizia: «Não me façam perguntas metafísicas.»

As perguntas só podem ser físicas. A física pode as responder. Não há perguntas metafísicas, não pode as haver, porque a metafísica significa o mistério.

Estas técnicas são para te ajudar a entrar mais profundamente no mistério; não no conhecimento.

Ou pode considerar o de uma maneira diferente, estas técnicas são para te ajudar a te descarregar de seus conhecimentos. Não são para te ajudar a aumentar seus conhecimentos, porque os conhecimentos são o problema. Fecham a porta ao mistério. Quanto mais sabe, menos capaz é de penetrar profundamente na vida. Terá que recuperar o assombro original, porque em uma sensação de assombro como a dos meninos, não se sabe nada e todo se volta um mistério. E se entrar no mistério, quanto mais profundo vá, mais profundo se volta o mistério. Então chega um momento no que pode dizer que não sabe nada. Esse é o momento apropriado.

Agora te tornaste meditativo. Quando pode sentir uma profunda ignorância, quando toma consciência de que não sabe nada, chegaste ao ponto de equilíbrio apropriado do que pode abri-la a porta do mistério. Se souber, então a porta está fechada; se for ignorante, plenamente consciente de que não sabe nada, a porta se abre de repente. A sensação mesma de que não sabe abre a porta.

Assim não considere estas técnicas como conhecimentos, mas sim como uma ajuda para te fazer mais inocente. A ignorância é inocente; os conhecimentos sempre são uma espécie de astúcia, de esperteza. Se pode usar seus conhecimentos para voltar a ser ignorante, então os usaste corretamente. Este é o único uso de todas as Escrituras, de todos os conhecimentos, de todos os Veda, te fazer de novo como um menino.

92 Se consciente dos momentos de não-pensamento.

Agora a primeira técnica: *Ponha a substância da mente em uma finura inexpressable, em cima, debaixo e em seu coração.*

Três coisas. Primeiro, se os conhecimentos forem importantes, então a cabeça é o centro; se a inocência de menino é importante, então o coração é o centro. O menino vive no coração; nós vivemos na cabeça. O menino sente; nós pensamos. Inclusive quando dizemos que sentimos, pensamos que sentimos. Pensar se volta o primário para nós; sentir se volta secundário. Pensar é a ferramenta da ciência; sentir é a ferramenta da religião.

Deve começar a ser outra vez um organismo que sente. E as duas dimensões são diferentes. Quando pensa, permanece separado; quando sente, funde-te.

Pensa em uma flor, uma rosa. Quando pensa, está separado, há uma distância, um espaço. Para pensar é necessário o espaço; para que discorram os pensamentos, é necessária a distância. Sente a flor, e o espaço desaparece, a distância cessa, porque para sentir, a distância é a barreira. quanto mais te aproxima, mais sente. Chega um momento em que inclusive a cercania parece uma distância..., e então acontece a fusão. Então não pode sentir os confine de onde está você e onde está a flor, de onde termina você e onde começa a flor. Então os confine se fundem, a flor entra em ti de algum modo, você entra na flor de algum modo. Sentir é perder os confine; pensar é criar os confine. Por isso o pensamento insiste sempre em ter definições, porque sem definições não pode criar confine.

O pensamento diz que primeiro defina, e o sentimento diz que não defina. Se definir, o sentimento cessa.

O menino sente; nós pensamos. O menino se aproxima da existência, funde-se e permite que a existência se funda nele. Nós estamos isolados, aprisionados na cabeça. Somos como ilhas.

Este sutra diz que volte para centro do coração. Começa a sentir coisas. Será um grande experimento se começar a sentir coisas. Faça o que faça, ponha algo de seu tempo e energia em sentir. Está sentado aqui, pode me escutar..., mas isso formará parte do pensamento. Também pode me sentir aqui, mas isso não formará parte do pensamento. Se pode sentir minha presença, então as definições se perdem. Então, em realidade, se chegar a um momento de sentir, não sabe quem está falando e quem está escutando.

Isto pode acontecer agora mesmo, neste mesmo momento. Então o que fala se converte no que escuta; então não há dois realmente. Mas bem são dois pólos de um mesmo fenômeno, em um pólo está o que fala; no outro pólo está o que escuta. Mas estes são só pólos, isolados. Não são reais. O real está justo em meio dos dois, a vida, o fluxo. Quando sente, algo distinto a seu ego se volta importante. O objeto e o sujeito perdem suas definições. Existe um fluxo, uma onda, em um pólo o que fala, em outro pólo o que escuta, mas a vida é a onda.

A cabeça te dá claridade, e devido a esta claridade surgiu muita confusão, porque a cabeça define claramente, marca limites, faz mapas. Com a razão, tudo está bem demarcado; não se permite nenhuma vaguedad, nenhum mistério. Tudo o que é impreciso é rechaçado; só o claro é real. A razão te dá uma claridade, e devido à claridade, surge um grande mal-entendido. A claridade não é a realidade. A realidade sempre é imprecisa, ambígua. Os conceitos são claros, a realidade é misteriosa; os conceitos são racionais, a realidade é irracional.

As palavras são claras, a lógica é clara, a vida não é clara. O coração te dá uma vaguedad lhe fundam. Chega mais intimamente à realidade, mas não é claro. E como escolhemos a claridade como meta, estivemo-nos perdendo a realidade. Deve ter olhos imprecisos para voltar a entrar na realidade. Deve ser indeterminável, deve estar disposto a entrar em algo que não pode ser conceptualizado, em algo que não é lógico, em algo que é assombroso e real, assombroso e vivo.

A claridade está morta. Permanece fixa. A vida é um fluxo, nada está fixo, nada permanece igual o momento seguinte. Como vais ter claridade respeito a ela? E se insistir muito em ter claridade, perderá o contato com ela. Isso é o que aconteceu.

Este sutra diz que o básico é voltar o centro do coração; mas como voltar para ele? *Ponha a substância da mente em uma finura inexpressable, em cima, debaixo e em seu coração.*

A expressão «a substância da mente» não é uma boa tradução da palavra sânscrita original *chito*. Mas o castelhano* não tem outro equivalente. De modo que está bem em certo modo, transmite o significado, não da mente», mas sim da substância da mente».

* É obvio, no original Osho se refere ao inglês (*N. do T*)

Mente significa atividade mental, pensar, pensamento, e substância da mente faz referência ao âmbito no que flutuam estes pensamentos; igual às nuvens se movem no céu. As nuvens são os pensamentos e o céu é o âmbito no que se movem. Esse céu, a consciencia, foi chamado a substância da mente. Sua mente pode estar sem pensamentos; então é *chit*, então é mente pura. Quando tem pensamentos, é mente impura.

Se sua mente pode estar sem pensamento, então é muito sutil, o mais sutil que é possível na existência. Não se pode conceber uma possibilidade mais sutil. A consciencia é o mais sutil. De modo que quando não há pensamentos na mente, tem mente pura. A mente pura pode ir para o coração; a mente impura não pode. Ao falar de impureza não refiro a pensamentos imorais na mente; impureza quer dizer todos os pensamentos, os pensamentos em si são impuros.

Inclusive se está pensando em Deus é uma impureza, porque a nuvem se está movendo. A nuvem é muito branca, mas está aí e já não está a pureza do espaço. Não há um céu espaçoso. Pode que uma nuvem seja negra, um pensamento sexual movendo-se na mente, ou pode que a nuvem seja branca, bela, uma oração movendo-se na mente, mas em ambos os casos não está a mente pura. Está impura, com nuvens. E se a mente está nublada, não pode ir ao coração.

Isto terá que compreende-o, porque com os pensamentos te aferra à cabeça. Os pensamentos são as raízes, e a não ser que se cortem essas raízes, não pode voltar para coração.

O menino só permanece no coração até o momento em que os pensamentos se cristalizam, que os pensamentos começam a flutuar em sua mente. Então jogam raízes; então, por meio da educação, a cultura, o saber, arraigam-se; então, pouco a pouco a consciencia vai do coração à cabeça. A consciencia só pode permanecer na cabeça se houver pensamentos. Isto é básico. Se não haver pensamentos, a consciencia volta imediatamente para sua inocência original no coração.

daqui que fique tanto ênfase na meditação, tanto ênfase em não pensar, na consciencia sem pensamentos, na consciencia que não escolhe, ou na «atenção correta» da Buda, que é atenção sem nenhum pensamento, simplesmente ser consciente. O que

acontece então? Acontece um grande fenômeno, porque quando se cortam as raízes, a consciencia volta imediatamente para coração, ao lugar original onde tinha estado. Volta-te um menino de novo.

Jesus disse: «Só os que sejam como meninos entrarão no reino de meu Deus.» refere-se a aquelas pessoas cuja consciencia voltou para coração. tornaram-se inocentes, como meninos.

Mas o primeiro requisito básico é pôr *a substância da mente em uma finura inexpresable...*

Os pensamentos podem ser expressos. Não há um só pensamento que seja inexpresable, não pode havê-lo. Se for inexpresable, não pode pensá-lo; se pode pensá-lo, é expresable. Não há um só pensamento que possa dizer que é inexpresable. No momento em que pode pensá-lo, tornou-se expresable: já lhe expressaste isso a ti mesmo.

A consciencia, a consciencia pura, é inexpresable. Por isso os místicos seguem dizendo que não podem expressar o que sabem. Os lógicos sempre expõem a questão de que se souber, então, por que não pode dizê-lo? E seu argumento tem sentido e significado. Se realmente disser que sabe, então, por que não pode expressá-lo?

Para um lógico, o conhecimento deve ser expresable, o que pode ser conhecido pode fazer-se conhecer outros; não há problema. Se o conheceu, então, onde está o problema? Pode dá-lo a conhecer outros. Mas o conhecimento do místico não é dos pensamentos. Não o conheceu como um pensamento; conheceu-o como uma sensação. De modo que, em realidade, não está bem dizer: «Conheço deus.» É melhor dizer, «Sinto.» Não está bem dizer: «conheci a Deus.» É melhor dizer: «Hei-lhe sentido.» Essa é uma descrição mais certa do fenômeno, porque é um «conhecimento» através do coração; é como sentir, não é como saber.

Ponha a substância da mente em uma finura inexpresable... A substância da mente, a consciencia, *chit*, é inexpresable. De modo que, pôr *a substância da mente em uma finura inexpresable* significa chegar a um ponto no que é consciente, mas não consciente de nenhum pensamento; no que está alerta, mas não há nenhum pensamento rondando pela mente. Este é um ponto delicado e muito difícil, lhe pode perder isso facilmente.

Conhecemos dois estados mentais. A gente é quando há pensamentos. Quando há pensamentos, não pode ir ao coração. Logo conhecemos outro estado mental, quando não há pensamentos. Quando não há pensamentos, dorme. Tampouco então pode ir ao coração. Cada noite, durante uns poucos momentos, durante umas poucas horas, sai do pensamento. Os pensamentos cessam, mas não chega ao coração porque está inconsciente. De maneira que se necessita um equilíbrio muito delicado. Os pensamentos devem cessar como cessam no dormir profundo, quando não há nenhum sonho; e deve estar tão alerta como quando está acordado. Devem juntar-se estes dois pontos. A mente deve estar tão sem pensamentos como o está no sonho profundo, mas não deve estar dormido; deve estar perfeitamente alerta, consciente.

Quando se juntam a consciencia e esta ausência de pensamentos, é meditação. Por isso diz Patanjali que o *samadhi* é como o *sushupti*. O êxtase mais alto, o *samadhi*, é como o dormir mais profundo, com uma única diferença, nele não está dormido. Mas a qualidade é a mesma, sem pensamentos, sem sonhos, sereno, sem um só escarcéu, totalmente em calma e tranqüilo, mas alerta. Quando estiver consciente e não haja nenhum pensamento, sentirá uma transformação súbita em seu consciencia. O centro troca. Volta. Volta para coração. E quando olha o mundo do coração, não há mundo; só há Deus. Quando olha a existência da cabeça, não há Deus; só há existência material.

A matéria, a existência material, o mundo, e Deus não são duas coisas, dois pontos de vista, duas perspectivas. São o mesmo fenômeno contemplado desde dois centros de ser.

Ponha a substância da mente em uma finura inexpressável, em cima, debaixo e em seu coração. Estate totalmente nela, fundido, imerso. Se simplesmente consciencia, em cima, debaixo, no coração; todo o coração rodeado pela simples consciencia; sem pensar em nada em particular, só sendo consciente, sem nenhuma palavra, sem nenhuma verbalização, sem pensar absolutamente; simplesmente sendo.

Ponha a substância da mente em cima, debaixo, e no coração, e todo se voltará possível para ti. Todas as portas da percepção se limparão e todas as portas dos mistérios se abrirão. de repente não haverá nenhum problema, e de repente não haverá nenhum mistério, é como se a escuridão tivesse desaparecido completamente. Uma vez que conhece isto, pode voltar para a cabeça, mas não será o mesmo.

Agora pode usar a cabeça como um instrumento. Pode trabalhar com ela, mas já não está identificado com ela, e inclusive enquanto esteja trabalhando com ela e olhando o mundo através dela, saberá que tudo o que está vendo é devido ao intelecto. Agora conhece um ponto de vista mais elevado, uma visão mais profunda, e pode voltar no momento em que queira.

Uma vez que conhece o passo e sabe como volta a consciencia, como sua idade, seu passado, sua memória e seus conhecimentos desaparecem e te volta de novo um menino recém-nascido; uma vez que conhece este segredo, este passo, pode ir a esse ponto todas as vezes que queira, e pode te revitalizar uma e outra vez. Se tiver que ir à cabeça, pode usá-la; pode entrar no mundo ordinário, trabalhando mas sem te implicar nele, porque no fundo sabe que o que se conhece com o intelecto é parcial. Não é toda a verdade. E uma verdade parcial é mais perigosa que uma mentira, porque parece ser verdade e te pode enganar.

Alguns pontos mais. Quando vai ao coração, miras a existência como um ser total. O coração não é departamental, não é teu fragmento; o coração significa você em sua totalidade. A mente é um fragmento, a mão é um fragmento, a perna é um fragmento, o estômago é um fragmento; todo o corpo tomado em partes está fragmentado. O coração não é um fragmento. Por isso, podem-me cortar a mão e estarei vivo. Inclusive podem retirar meu cérebro e estarei vivo, mas se não estar o coração, não estou eu.

Em realidade, podem me despojar de todo meu corpo, mas se meu coração está pulsando, estou vivo. O coração significa sua totalidade, assim é que quando o coração falha, já não está. Todas as demais costure são partes, descartables. Se o coração está pulsando, permanecerá intacto. O centro do coração é o núcleo mesmo de sua existência.

Posso te tocar com minha mão; esse contato me proporcionará um certo conhecimento sobre ti, sobre sua pele, se for suave ou não. A mão me proporcionará um certo conhecimento, mas esse conhecimento será parcial, porque a mão não é minha totalidade.

Posso verte. Meus olhos me darão um certo conhecimento de um ponto de vista diferente, mas não será o tudo. Posso pensar em ti, outra vez o mesmo. Mas não posso te sentir em parte. Se te sentir absolutamente, sinto-te em sua totalidade. Por isso, a não ser que conheça por meio do amor, nunca conhece a totalidade de ninguém.

Só o amor pode revelar-se toda a personalidade, todo o ser, o essencial, o total, porque amor significa conhecer por meio do coração, sentir por meio do coração. De modo que, para mim, sentir e saber não são dois fragmentos de seu ser. Sentir é todo seu ser, e saber é só teu fragmento.

Para a religião, o amor é o conhecimento mais elevado. É por isso que a religião se expressa mais em termos poéticos que em termos científicos. Os termos científicos não podem usar-se, pertencem à esfera de saber. pode-se usar a poesia. E tudo o que dizem os que chegaram a conhecer a realidade por meio do amor se volta poesia. Os Upanishads, veda-os, as palavras do Jesus ou Buda ou Krishna, são todos eles enunciações.

Não é só uma coincidência que todas as Escrituras religiosas antigas estejam escritas em poesia. Tem um significado. Mostra que há alguma afinidade entre o mundo de um poeta e o mundo de um místico. O místico também está usando a linguagem do coração.

O poeta só é um místico em certos momentos de vôo, igual a quando salta pode te afastar da gravitação da Terra, mas volta para ela. Um poeta é uma pessoa que durante uns segundos voou ao mundo dos místicos. teve alguns vislumbres. Um místico é alguém que foi além da gravitação completamente, que vive no mundo do amor, que vive através do coração. Este se tornou sua morada mesma. Para a pessoa poética é só um vislumbre; às vezes cai da cabeça ao coração. Mas isto é só no momento, volta de novo para a cabeça. De modo que se vir um belo poema, não trate de ver o poeta que o tem escrito, porque não te encontrará com a mesma pessoa. Sentirá-se decepcionado, porque te encontrará com um homem muito corrente. Teve um vislumbre. Durante certos momentos foi revelada a realidade e baixou ao coração. Mas não conhece o passo; não o controla. foi algo que aconteceu e não pode ir a isso por sua própria vontade.

Quando morreu Coleridge, deixou ao redor de quarenta mil poemas inacabados. Só acabou sete poemas em toda sua vida. Chegou a ser um grande poeta, um dos maiores do mundo, mas lhe perguntaram muitas vezes: «por que segue acumulando poemas inacabados, e quando vais completar os?».

O dizia: «Não posso dizer nada. Às vezes me chegam umas poucas linhas e logo cessam. Assim que como vou completar os? Esperarei. Terei que esperar. Se acontecer de novo e chega para mim o vislumbre, e volta a me ser revelado o mundo, a realidade, então o completarei. Mas por mim solo não posso fazer nada.» Deve ter sido um poeta muito sincero. É difícil encontrar um poeta tão sincero; porque a tendência da mente é prover. Se tiverem chegado três linhas, então eu te providerei a quarta, e a quarta matará as outras três, porque virá de um estado mental muito inferior, quando está de volta na terra.

Quando saltou, e te liberou da gravitação durante alguns momentos, teve uma dimensão de ser diferente.

Um poeta está na terra, mas às vezes salta. Nesses saltos tem vislumbres. Um místico vive no coração. Não está na terra; o coração se tornou sua morada. De modo que não cria poesia realmente, mas tudo o que faz se volta poético, tudo o que diz se volta poético. Em realidade, um místico não pode usar a prosa, porque sua prosa também é poesia, chega através do coração, vem através do amor.

Ponha a substância da mente em uma finura inexpressable, em cima, debaixo e em seu coração. O coração é seu ser total, e quando é total pode conhecer o total; recorda isto. Só o similar pode conhecer o similar. Quando é fragmentário não pode conhecer o total. Como é dentro, é fora. Quando é total dentro, é-te revelada a realidade total fora; tornaste-te capaz de conhecê-la, ganhaste-te o direito de conhecê-la. Quando está fragmentado dentro, a realidade está fragmentada fora. De modo que o que seja dentro será o externo para ti.

No fundo do coração o mundo inteiro é diferente, a *gestalt* é diferente. Estou-lhes olhando. Se te estou olhando através da cabeça, através do intelecto, através de uma de

minhas partes do saber, então há aqui alguns amigos, indivíduos, egos separados. Mas se estou olhando através do coração, então não há aqui indivíduos. Então aqui só há uma consciencia oceânica e os indivíduos são só ondas. Se vos Miro através do coração, então você e o que está a seu lado não são dois; então a realidade está entre você e o que está a seu lado. São só dois pólos, e o real está justo no meio. Então há aqui um oceano de consciencia no que existem como ondas. Mas as ondas não estão separadas, a não ser interconectadas. E te está fundindo em todo momento no outro, saiba ou não.

A respiração que faz só um momento estava dentro de ti, deixou-te; agora está entrando em quem esta a seu lado. Faz só um momento era sua vida e teria morrido sem ela, e agora está entrando em quem está a seu lado. Agora é sua vida. Seu corpo está radiando vibrações continuamente, é um radiador, de modo que sua energia vital está entrando constantemente em quem está a seu lado, e sua energia vital está entrando em ti.

Se lhe Miro desde meu coração, se lhe Miro com olhos amorosos, se Miro sua totalidade, então é só um ponto radiante, e a vida está indo continuamente de ti a outros e de outros a ti...

E não só nesta habitação; todo este universo é um fluxo constante de energia vital. Segue movendo-se. Não há unidades individuais; é uma totalidade cósmica. Mas através do intelecto o cósmico nunca aparece; só aparecem fragmentos, fragmentos atômicos. E esta não é uma questão que se possa compreender mediante o intelecto. Se tenta compreender com o intelecto, será-te impossível entendê-la. É um ponto de vista totalmente diferente, de um ponto de existência diferente.

Se for total dentro, te revela a totalidade fora. Alguns chamaram realização de Deus a essa revelação; alguns a chamaram *moksha*, liberação; outros a chamaram *nirvana*, afastamento. Palavras diferentes, inteiramente diferentes, mas denotam o mesmo núcleo, a mesma essência.

Há uma coisa básica em todas estas expressões, o individual desaparece. Pode que o chame realização de Deus, em cujo caso já não é um indivíduo; pode chamá-lo liberação, em cujo caso já não é um «eu»; pode chamá-lo cessa -como o chamou Buda-, em cujo caso, igual a um abajur, uma chama, cessa, desaparece, se dispersa, não pode voltar a encontrá-la em nenhuma parte, não pode achá-la, entrou no noser...; assim desaparece o indivíduo. Mas terá que considerar cuidadosamente este ponto. por que dizem todas as religiões que o indivíduo, o eu, o ego, desaparece quando cai na conta da verdade? Se todas as religiões enfatizarem isto, isso significa que o eu deve ser ilusório; se não, como vai desaparecer? O eu não deve existir realmente; só então pode desaparecer. Pode que isto pareça paradoxal, mas é assim, só o que não existe pode desaparecer. O que existe continuará sendo; não pode desaparecer.

Tão somente devido à cabeça se originou uma entidade falsa, o indivíduo. Se baixas ao coração, a entidade falsa desaparece. Era uma criação da cabeça. Do coração existe o cósmico, não o indivíduo; existe a totalidade, não as partes.

E recorda, quando não está, não pode criar um inferno; quando não está, não pode ser desventurado; quando não está, não pode ter ansiedade, sofrimento. Toda a ansiedade, todo o sofrimento, existe devido a ti, a sombra da sombra. O eu é irreal, o ego é irreal, e devido a esse eu irreal se criam muitas sombras irreais. Seguem-lhe, não deixa de lutar com elas, mas nunca vencerá, porque a base segue estando oculta dentro de ti.

Swami Ramateertha há dito em alguma parte que estava hospedando-se em uma casa, na casa de um aldeão pobre. O filho pequeno do aldeão estava jogando em frente da cabana, e o Sol estava saindo e o menino viu sua sombra. Tentou agarrá-la, mas quanto mais se movia, mais tomava a dianteira a sombra. O menino começou a chorar.

Tinha fracassado. Tentou agarrá-la por todos os meios, mas era impossível. Agarrar uma sombra é impossível, não porque uma sombra seja algo tão difícil de agarrar, mas sim porque o menino se estava movendo para agarrá-la. Quando se movia, a sombra lhe adiantava. Não pode agarrar uma sombra, porque uma sombra não tem substância, e só uma substância pode ser agarrada.

Ramateertha estava sentado ao lado do menino. Estava renda-se e o menino estava chorando, e a mãe não tinha nem idéia do que fazer. Como consolar ao menino? Assim que disse a Ramateertha Swami, pode me ajudar?» Ramateertha se aproximou do menino, agarrou-lhe a mão e a pôs na cabeça, tinha pego a sombra. Agora que o menino se pôs a mão na cabeça, tinha pego a sombra. O menino começou a rir. Agora podia ver que sua mão tinha pego a sombra.

Não pode agarrar uma sombra, mas pode te agarrar a ti mesmo. E no momento em que agarra a ti mesmo, agarraste a sombra.

O sofrimento é só uma sombra do ego. Somos todos como esse menino, lutando com o sofrimento, com a ansiedade, com a angústia, e tratando de dispersá-los. Nunca podemos vencer. Não é questão de força; o empenho inteiro é absurdo, impossível. Deve agarrar o eu, o ego, e uma vez que o agarraste, o sofrimento desaparece de repente. Era só uma sombra.

Há pessoas que começam a lutar com o ego. ensinou-se: «Dispersa o eu, não tenha ego, e será ditoso»; de modo que começam a lutar com o eu, o ego. Mas se lutas, ainda crie que o eu existe. Sua luta o alimentará, voltará-se algo que lhe dá energia, estará-o nutrindo. Esta técnica diz que não pense no ego; simplesmente vê da cabeça ao coração, e o ego desaparecerá. O ego é uma projeção da cabeça. Não lute com ele. Pode seguir lutando durante vistas e vistas, mas se permanecer na cabeça não pode vencer.

Simplesmente troca de ponto de vista, simplesmente vete da cabeça a um ponto de vista diferente, a um ponto de vista mais profundo do ser, e tudo troca, porque agora pode olhar de uma perspectiva diferente. Do coração não há ego. devido a isto, agarramo-lhe medo ao coração. Nunca lhe deixamos fazer o que queira, sempre interferimos com ele, sempre introduzimos mente nele. Tratamos de controlar o coração com a mente porque nos assustamos, se for ao coração, perde a ti mesmo. E este perder-se é como a morte. daqui a incapacidade de amar, daqui o medo a apaixonar-se; porque perde a ti mesmo, não tem controle. Algo maior que você te agarra e toma posse. Então não está sobre terreno seguro e não sabe onde te está movendo. De maneira que a cabeça diz: «Não seja tolo, atua com a razão. Não seja louco.»

Quando alguém está apaixonado, todo mundo pensa que está louco. Ele mesmo pensa que algo se tornou louco: «Não estou em meu são julgamento!» por que passa isto? Porque já não há controle. Está acontecendo algo que não pode controlar, não pode dirigir e manipular. Mas bem, algo lhe está manipulando a ele, uma força maior tomou posse dele. Está poseído...

Mas a não ser que esteja disposto a estar poseído, não pode haver Deus para ti. A não ser que esteja disposto a ser poseído, não há mistério para ti, nem sorte, nem bênção. Alguém que está disposto a ser poseído pelo amor, pela oração, pelo cosmos é alguém que está disposto a morrer como ego. Só ele pode saber o que é a vida realmente, que tem que oferecer a vida. O que é possível se faz realidade imediatamente, mas tem que te pôr a ti mesmo em perigo.

Esta técnica é formosa. Não diz nada sobre seu ego. Não diz nada sobre isso. Simplesmente te dá uma técnica, e se seguir a técnica, o ego terá desaparecido.

93 Considera ilimitado o corpo.

Segundo sutra: *Considera qualquer área de sua forma presente ilimitadamente extensa.*

É o mesmo, através de uma porta diferente. A essência básica é a mesma, quer dizer, eliminar os limites. A mente cria limites. Se não pensar, entra no ilimitado. Ou, por uma porta diferente, pode provar com o ilimitado e sairá da mente. A mente não pode coexistir com o ilimitado, com o indefinido, incomensurável, infinito. A mente não pode existir com o incomensurável, de modo que se provas algo ilimitado, a mente desaparecerá.

Esta técnica diz: *Considera qualquer área de sua forma presente ilimitadamente extensa.* Qualquer área. Pode simplesmente fechar os olhos e imaginar que sua cabeça se tornou infinita. Já não tem limites. Continua e continua e não tem limite. Sua cabeça se tornou todo o cosmos, sem nenhum limite. Se pode imaginar isto, de repente os pensamentos cessarão. Se pode imaginar que sua cabeça é infinita, não haverá pensamento. O pensamento só pode existir em uma mente muito estreita. Quanto mais estreita seja, melhor para o pensamento. Quanto maior é a mente, menor é o pensamento, e quando a mente se volta espaço total, não há pensamento absolutamente.

Buda está sentado sob sua árvore *bodhi*. Pode imaginar o que está pensando? Não está pensando absolutamente. Sua cabeça é todo o cosmos. tornou-se extenso, imensamente extenso. Esta técnica é boa para os que podem imaginar; não será boa para todos. Para os que podem imaginar, e para os que a imaginação se volta tão real que não podem dizer realmente se for imaginação ou real, funcionará. De outra forma não será muito útil. Mas não te assuste, porque ao menos trinta por cento da gente é capaz de semelhante imaginação. Essas pessoas são muito poderosas.

Se sua mente não estiver muito educada, resultará-te fácil imaginar. Se está educada, então a criatividade se perdeu, então sua mente é tão somente um espaço de armazenamento, um banco. E todo o sistema educativo é um sistema bancário. Vão depositando e jogando coisas em ti. Tudo o que consideram que terá que jogar em ti, jogam-no. Usam sua mente para a armazenagem; então não pode imaginar. Então, tudo o que faz é simplesmente repetir o que te foi ensinado.

De modo que os que têm pouca cultura podem usar esta técnica muito facilmente. E os que passaram pela universidade sem ser distorcidos por ela, também podem usá-la. Os que ainda estão realmente vivos, inclusive depois de tanta educação, podem fazê-la. As mulheres podem fazê-la mais facilmente que os homens. Todos os que são imaginativos, sonhadores, podem fazê-la muito facilmente.

Mas como saber se pode fazê-la ou não?

Pode fazer um pequeno experimento antes de entrar nela. Entrelaça as duas mãos e fecha os olhos. Durante cinco minutos, em qualquer momento, te relaxe em uma poltrona, entrelaça as mãos, e imagina que as mãos estão tão travadas que, inclusive se o tenta, não pode as abrir. Parecerá-te absurdo, porque não estão travadas, mas segue imaginando que o estão.

Durante cinco minutos, segue pensando, e logo dava três vezes em sua mente, “Agora tenta reabrir as mãos, mas se que é impossível. Estão travadas e não se podem abrir.»

Então trata das abrir. Trinta por cento de vós não poderá abrir as mãos. Estarão realmente travadas, e quanto mais o tente, mais sentirá que é impossível. Começará a suar; não pode abrir suas próprias mãos. Então este método é para ti. Então pode provar este método.

Se pode abrir as mãos facilmente e não aconteceu nada, este método não é para ti. Não poderá fazê-la. Mas não te assuste se suas mãos não se abrem, e não o tente muito,

porque quanto mais o tente, mais difícil será. Simplesmente volta a fechar os olhos e imagina agora que suas mãos estão destravadas. Voltará a necessitar cinco minutos para seguir imaginando que quando tentar as abrir, abrirá-as imediatamente.

Destrava as da mesma maneira que as travou, com a imaginação. E se isto é possível, que suas mãos se travem com apenas a imaginação e que você mesmo não possa as abrir, então esta técnica terá um efeito milagroso para ti. E entre estas cento e doze técnicas há muitas que funcionam com a imaginação. Para todas essas técnicas, será bom este experimento de travar as mãos. Recorda, faz provas para ver se esta técnica é para ti ou não.

Considera qualquer área de sua forma presente ilimitadamente extensa. Qualquer área... Pode considerar todo o corpo. Fecha os olhos e considera que todo o corpo está expandindo-se, expandindo-se, expandindo-se, e logo desaparecem os limites. tornou-se infinito. O que acontecerá? Nem sequer pode conceber o que acontecerá. Se pode conceber que te tornaste o cosmos -esse é o propósito, o infinito-, tudo o que está ligado a seu ego já não estará aí. Seu nome, sua identidade, tudo se perderá. Sua pobreza ou riqueza, sua saúde ou sua enfermidade, suas desditas..., tudo se perderá, porque formam parte do corpo finito. Não podem existir com um corpo infinito. E uma vez que saiba isto, volta para seu corpo finito. Mas agora te pode rir. E inclusive no finito pode ter a sensação, a percepção do infinito. Então pode levá-lo contigo.

Prova. E será bom se o tentar com a cabeça, porque é a base de toda enfermidade. Fecha os olhos, te tombe no chão ou sente-se em uma cadeira e te relaxe. Olhe dentro da cabeça. Sente que os muros da cabeça se estendem, expandem-se. Se sentir que será muito assombroso, então tenta-o lentamente. Primeiro pensa que sua cabeça chegou a ocupar toda a habitação. Sentirá realmente que sua pele está tocando as paredes. Se tiver podido travar suas mãos, acontecerá isto. Sentirá o frescor das paredes que está tocando sua pele. Sentirá a pressão.

Segue avançando. Sua cabeça foi mais à frente; agora a casa está dentro de sua cabeça, logo toda a cidade está dentro de sua cabeça. Segue expandindo. Em três meses, lentamente, pode chegar ao ponto em que o Sol saia em sua cabeça, comece a mover-se em sua cabeça. Sua cabeça se tornou infinita. Isto te dará uma profunda liberdade que nunca conheceste, e toda a desdita que pertence a esta mente estreita desaparecerá. Em um estado tal, iluminado-los dos Upanishads podiam dizer: «*Aham Brahmasmi*: sou o divino, sou o absoluto.» Em semelhante êxtase, proferia-se: «*Ana'l haq*».

Mansoor gritou em êxtase: «*Ana'l haq, Ana'l haq... -sou Deus-*» Os muçulmanos não puderam lhe entender. Em realidade, nenhum sectário poderá compreender semelhantes costure. Pensaram que se tornou louco, mas não estava louco; era a pessoa mais corda possível. Pensaram que se tornou um egotista. Dizia: «Sou Deus.» De modo que lhe mataram. Enquanto lhe estavam matando, com as mãos cortadas, ele ria e dizia: «*Ana'l haq, aham Brahmasmi... -sou Deus-*»

Alguém lhe perguntou: «Mansoor, por que te está rendo? Estão-lhe assassinando.»

Ele disse: «Não podem me assassinar. Sou a totalidade. Só podem assassinar uma parte. Como ides assassinar a totalidade? Façam o que façam, dará igual.»

conta-se que Mansoor disse: «Se realmente queriam me matar, deveriam ter vindo faz ao menos dez anos atrás. Então eu existia. Então poderiam me haver matado, mas agora não podem me matar, porque já não existo. Eu mesmo matei o ego que poderiam ter matado e assassinado.»

Mansoor praticava certos métodos sufíes deste tipo, o tipo em que alguém segue expandindo-se até que a expansão se volta tão infinita que um já não existe. Então existe a totalidade e não existe o indivíduo. Nas últimas décadas, estas duas ou três décadas passadas, no Ocidente se tornaram muito importantes as drogas psicodélicas. E o que

atrai realmente é a expansão, porque sob a influência da droga, perde-se sua estreiteza, suas limitações. Mas é uma mudança química; não acontece nada espiritual com isso. É só violência forçada sobre o sistema, força ao sistema a romper-se.

Pode ter um vislumbre de que já não está confinado em nada, de que te tornaste infinito, liberado. Mas isto se deve à imposição química. Uma vez que volte, voltará a estar no corpo estreito, e agora este corpo te parecerá mais estreito que antes. Voltará a estar confinado no mesmo aprisionamento, mas agora o aprisionamento será mais intolerável, porque tiveste um vislumbre. E como esse vislumbre se deveu a uma substância química, não tem controle sobre isso, voltará-te um escravo, um viciado. Agora necessitará mais e mais.

Esta técnica é um psicodélico espiritual. Se a praticar, terá lugar uma mudança espiritual que não será químico e de que terá controle.

Considera-o um critério, se tiver o controle, então é espiritual. Se for escravo disso, então tome cuidado, é possível que pareça espiritual, mas não pode sê-lo. Algo que se volta aditiva, poderosa, lhe escravizem, lhe aprisionem, está-te conduzindo a mais escravidão, mais falta de liberdade..., independentemente de qual seja a aparência.

De modo que adota o critério de que, faça o que faça, seu controle deve crescer com isso. Deve ter cada vez mais controle disso. diz-se, e o repito uma e outra vez, que quando a meditação te tenha acontecido realmente, não precisará fazê-la. Se ainda precisa fazê-la, não aconteceu realmente, porque também isso se tornou uma escravidão.

Inclusive a meditação deve desaparecer. Deve chegar um momento em que não precise fazer nada. Então, tal como é, é divino; tal como é, é a sorte, o êxtase.

Mas esta técnica é boa para a expansão, para expandir a consciencia. antes de tentá-la, prova o experimento de travar as mãos, para que possa sentir. Se suas mãos se travarem, tem uma imaginação muito criativa; não é impotente. Então pode fazer maravilhas com ela.

Capítulo 66

Um Buda não é Ninguém

PERGUNTAS

O que quer dizer com «mistério»?

Sinto-me corrente, mas não transformado.

Existe o bom e o mau?

Podemos investir a imaginação?

Primeira pergunta:

Ontem à noite disse que quando não há pensamentos na mente, a mente se volta um espaço vazio, e se abrem as portas a todos os mistérios. Sinto funda e claramente este espaço interno, mas não há nada especial que perceba como um mistério.

Poderia explicar o que quer dizer com «mistério» e como se percebe?

O vazio interno mesmo é o mistério. Não pode senti-lo e não pode conhecê-lo. É ele. Quando está o espaço interno, você não está. Não pode observá-lo. Se o observar,

então o espaço interno ainda não apareceu. Quem o observará. Se pode observá-lo, está separado dele, de modo que não é interno, a não ser externo. Está fora de ti. O interno ainda não se tornou vazio; está cheio. Está aí o ego..., de uma forma muito sutil; como observador ou espectador, está aí. O interno ainda não está vazio, porque quando o interno está vazio, você não está.

De maneira que o primeiro que terá que recordar é que não será uma testemunha do mistério, a não ser o mistério. Não poderá observá-lo porque não pode estar separado, não pode haver nenhuma dualidade.

Uma coisa... Quando o interno está realmente vazio, você não está, porque você é o que enche o interno. Não está vazio devido a ti; devido a ti, o espaço está coberto, ocupado. Quando você se dissolve, quando simplesmente desaparece..., só então está aí o vazio interno. De modo que não será uma testemunha do mistério. Até que você não esteja, o mistério não será revelado; quando você não esteja, o mistério será revelado. De maneira que se disser que sente o vazio interno, isso significa que não é o vazio; o vazio é algo que está acontecendo, em torno de ti, mas você não está vazio. Assim, em realidade, este vazio é só um pensamento do vazio; por isso pode dizer que agora seu espaço interno se tornou vazio.

Isto é um pensamento; este vazio não é real, este vazio forma parte da mente. O observador está aí, de modo que o objeto deve estar aí. Pode fazer do vazio um objeto, um pensamento.

conta-se que Bokuju se voltou vazio deste modo. Deveu encontrar este tipo de vazio. Foi a seu professor e lhe disse: «Já não há nada, tornei-me vazio.»

O professor disse: «Vete e despreza também esta nada. Esta nada ainda é algo, por que a está levando? Se realmente te tornaste nada, não poderá contá-lo. Quem a levará? Quem sentirá nisso um certo lucro?» O professor disse ao Bokuju: «progrediste, tornaste-te vazio; agora vete e descarta também este vazio.»

Pode estar cheio de vazio; este é o problema. E se estiver cheio de vazio, não está vazio.

O segundo. O que quero dizer com «mistério»? Algo que entenda, não é o que quero dizer, porque pensa que um mistério será algo muito inaudito, assombroso, estremeedor, que te sacudirá completamente. Não é isso. O mistério é a simples existência pura sem nada inaudito, nada assombroso. Não será jogado a um lado, arrojado, sacudido, desconcertado. Em realidade, o mistério não é nada misterioso. Esta mesma existência ordinária... aceita-a tal como é sem criar nenhum problema. Quando não cria um problema, esta existência é o mistério; quando cria o problema, está destruindo o mistério. Agora está em busca de uma solução, alguma resposta. A mesma mente continua. Se me ouve falar do mistério, pensa em um pouco muito especial. Não há nada especial na existência. Só para o ego existe a palavra «especial».

conta-se que quando Lin Chi alcançou a iluminação, riu. Seus discípulos lhe perguntaram: «por que te ri?»

Ele disse: «Rio-me por isso. Durante milhares e milhares de vistas estive me esforçando por isso... É tão corrente...»

Este é o mistério: nada especial.

diz-se do Dogen, outro professor Zen, que quando alcançou a iluminação, os discípulos lhe perguntaram: «O que é o primeiro que quis fazer depois?»

conta-se que Dogen disse: «Quis tomar uma taça de chá.»

Era tão corrente. Mas para o ego estas coisas não são atrativas. Se disser que a iluminação é tão corrente que quererá uma taça de chá depois de alcançá-la, então te parecerá que todo o assunto é uma tolice... por que esforçar-se? Então entra o ego. O ego quer algo especial, algo excepcional, algo que não aconteça de ordinário, que só te

tenha acontecido a ti, que não lhe tenha acontecido a qualquer. O ego quer algo especial, extraordinário.

A realidade não é extraordinária; está acontecendo em todas partes. E se não aconteceu a ti, então isso é especial! Porque está aqui, sempre presente. Não está ausente nem um só momento. A iluminação está acontecendo em todo momento, é o núcleo mesmo da existência; mas está surdo e cego. Não é nada especial.

Ser um buda, estar iluminado, é o fenômeno mais corrente. Quando digo «corrente» quero dizer, deve ser assim. Se parecer muito extraordinário é devido a ti, porque cria tantos impedimentos..., e você adora. Primeiro cria o obstáculo, e logo tráficos de cruzá-lo. E então se sente muito eufórico. Em primeiro lugar, não há nenhum obstáculo. Mas seu ego não se sentirá bem, deve criar uma rota larga para chegar ao ponto que estava mais próximo, que era o mais íntimo. E nunca tinha estado sem ele! Assim não procure algo misterioso. Simplesmente se simples e inocente, e então toda a existência se abre a ti. Não te voltará louco; simplesmente pode sorrir ante o absurdo de todo o assunto, que estava tão perto mas não podia alcançá-lo. E não havia nenhuma barreira. Em certo sentido, estava sempre dentro de ti. Era um milagre como lhe seguia perdendo isso

Se o vazio for real, tudo o que existe, todo isso, a realidade, abrirá-se a ti. Não é que esteja fechado agora mesmo; está aberto, não está fechado. Sua mente está ocupada. Quando sua mente esteja vazia, desocupada, estará aberto a isso, e haverá um encontro. E então tudo é belo em sua total normalidade. Por isso se diz que alguém que sabe se volta absolutamente corrente. É um com a realidade. Estar desejando o especial é o caminho do ego, e todos os caminhos do ego criam espaços e distâncias entre você e o real. Estate vazio e todo te terá acontecido.

Não é que vás ter muito que contar, não há nada que contar. pensa-se que os Budas ou os Krishnas, ou os que alcançaram o supremo, não podem descrevê-lo porque é muito complexo... Não, não podem descrevê-lo porque é muito simples. As coisas complexas se podem descrever; recorda. As coisas simples não se podem descrever. quanto mais complexo é algo, mais fácil é a descrição, porque em uma complexidade pode dividir, contrastar, comparar. Com algo simples não pode fazer nada.

Por exemplo, se te perguntar: «O que é o amarelo?», o que dirá? Que amarelo é muito simples; não há nada complexo nisso. Se perguntar: «O que é a água?», pode dizer: «H₂O.» É complexo, há hidrogênio, há oxigênio, de modo que pode defini-lo. Mas se te pergunto: «O que é o amarelo?», como muito pode dizer que o amarelo é o amarelo. Mas isso é uma tautologia, não tem sentido. O que fará se disser: «O que é o amarelo?» Pode que sinais uma flor amarela, pode que sinais um sol nascente amarelo, mas não está dizendo nada; está assinalando.

Uma coisa simples só pode ser assinalada; uma coisa complexa pode ser definida, dividida, analisada. Os budas guardam silêncio, não porque tenham encontrado uma realidade muito complexa; estão em silêncio devido a um fenômeno tão simples que só pode ser famoso, não definido. De maneira que podem te conduzir para isso, mas não podem dizer nada sobre isso.

Esse mistério não é algo complexo, a não ser muito simples, o mais simples possível. Mas só pode encontrá-lo quando você também te tornaste simples. Se for complexo, não pode encontrá-lo. Não há ponto de encontro. Só quando te tornaste simples, totalmente simples, inocente, vazio, encontram-lhes a realidade e você. Então há um reflexo dela em ti. Reverbera em ti. Entra em ti.

Mas não espere algo especial. O *nirvana* não é nada especial. Quando digo isto, o que está acontecendo em sua mente? Quando digo que este *nirvana* não é nada especial, o que sente? Como se sente? Sente-se um pouco decepcionado. Na mente deve estar

surgindo a pergunta: «Então, por que esforçar-se? Então, por que fazer nenhum esforço? Então, por que meditar? Então, por que estas técnicas?»

Observa essa mente; essa mente é o problema. A mente quer algo especial. É devido a esse desejo, a mente segue criando coisas especiais. Na realidade não há nada especial, ou toda a realidade é especial ou nada é especial.

devido a este desejo, a mente criou céus, paraísos. E não está satisfeita com um; segue criando muitos. Os cristãos têm um céu, os hindus têm sete..., porque há tanta gente boa que deve haver uma hierarquia. Os bons supremos, onde deveriam ir? É interminável. Na época da Buda havia uma seita que acreditava em setecentos céus. Tem que situar os egos, o ego mais alto deve ir ao céu mais alto.

Estive olhando um livro dos Radhaswamis. Dizem que há muitas divisões: quatorze divisões. Só seu gurú alcançou a última. Buda está em alguma parte da sétima, Krishna em alguma parte da quinta, Mahoma em alguma parte da terceira. Só seu gurú alcançou a décimo quarta. E a todos outros lhes dá um lugar, lhes classifica. Só seu gurú é especial. Este é o desejo de ser especial. E todo mundo é com arrumo a este desejo.

ouvi uma anedota. Em uma catequese, o padre estava dando uma lição religiosa a meninos muito pequenos do bairro. Falava muito do que conseguirá a gente boa, as coroas de glória e uma recompensa celestial. Os que são bons serão coroados no céu. Então, ao final de seu bate-papo disse: «Quem conseguirá a maior coroa?»

Houve um silêncio durante um momento; então, um menino, o filho do chapeleiro, levantou-se com muita segurança e disse: «que tenha a cabeça maior.»

Isto é o que estamos fazendo todos. Nossa definição da maior cabeça pode que difira, mas temos uma idéia de algo especial ao final, e seguimos avançando devido a isso «especial». Mas recorda, devido a isso «especial» não está avançando absolutamente; está-te movendo nos desejos. E um movimento no desejo não é um progresso; é circular.

Se ainda pode meditar -sabendo que não vai acontecer nada especial, que simplesmente chegará a uma reconciliação com a realidade ordinária, que estará em harmonia com esta realidade ordinária-, se pode meditar com isto em mente, então a iluminação é possível neste mesmo momento. Mas com isto em mente não gostará de meditar; dirá: «Deixa-o tudo se não ir acontecer nada especial.»

A gente vem para mim e diz: «meditei durante três meses e ainda não aconteceu nada.»

Um desejo..., e esse desejo é a barreira. Pode acontecer em um só momento se não haver desejo.

Assim não deseje o misterioso. Em realidade, não deseje nada. Simplesmente sinta-se a gosto, em casa, com a realidade tal como é. Se corrente; ser corrente é maravilhoso. Porque então não há nenhuma tensão, nenhuma angústia. Ser corrente é muito misterioso porque é muito simples. Para mim, a meditação é um jogo, uma diversão; não é um trabalho. Mas para ti segue sendo um trabalho; pensa do ponto de vista do trabalho.

Será bom compreender a distinção entre trabalho e jogo. O trabalho se orienta a um fim; não é suficiente em si mesmo. Deve conduzir a alguma parte, a alguma felicidade, a alguma meta, a algum fim. É uma ponte, um meio. Em si mesmo não tem sentido. O sentido está oculto na meta.

O jogo é totalmente diferente. Não tem nenhuma meta, ou é a meta em si mesmo. A felicidade não está além dele, fora dele; estar nele é ser feliz. Não te proporcionará nenhuma felicidade fora dele, não há nenhum sentido fora dele; tudo o que há é intrínseco, interno. Joga, não por nenhuma razão, mas sim porque o desfruta agora mesmo. Não tem nenhum propósito.

É por isso que só os meninos podem jogar realmente; quanto maior te faz, menos capaz é de jogar. devido a mais e mais propósito, perguntas mais e mais por que, por que deveria jogar. Vai orientando mais e mais a um fim, terá que obter algo com isso; não tem sentido em si mesmo. O valor intrínseco perde sentido para ti. Só os meninos podem jogar, porque eles não pensam no futuro. Podem estar aqui intemporalmente.

O trabalho é tempo; o jogo é intemporal. A meditação deve ser como um jogo, não orientada a um fim. Não deve meditar para obter algo, porque então é totalmente irrelevante. Não pode meditar absolutamente se está meditando *para* algo. Só pode meditar se está jogando com isso, se for belo em si mesmo. A meditação pela meditação mesma... Então se volta intemporal. Então o ego não pode surgir.

Sem desejo, não pode te projetar a ti mesmo ao futuro, sem desejo não pode começar a ter expectativas, e sem desejo nunca estará decepcionado. Sem desejo, o tempo desaparece realmente vai de um momento de eternidade a outro momento de eternidade. Não há sequência..., e então nunca perguntará por que não está acontecendo nada especial.

Por mim mesmo, ainda não cheguei a conhecer o mistério. O jogo mesmo é o mistério; estar sem tempo, sem desejo, é o mistério. E ser corrente é a «meta», se me permite usar a palavra. Ser corrente é a meta. Se pode ser corrente, está liberado; então não há *sansara* para ti, não há mundo para ti.

Todo este mundo é um esforço para ser extraordinário. Alguns o tentam na política, alguns o tentam na economia, alguns o tentam na religião. Mas o desejo segue sendo o mesmo.

Segunda pergunta:

Não só na meditação, mas também também na vida habitual, sinto constantemente uma unidade com a existência, uma ausência de ego, uma intemporalidade. Entretanto, sinto que sou corrente. E não encontro em mim a transformação total da que falas tão miúda.

Isto é bom. Este é o objetivo. Não deveria convertê-lo em um problema. Deveria te relaxar e ser corrente.

Mas por que se sente assim? por que sente que segue sendo corrente? Em alguma parte deve haver o desejo de ser extraordinário, de não ser corrente. Só contrastado com isso pode te sentir corrente, e então se produzirá uma certa tristeza. Mas por que não ser corrente? O que quero dizer com «se corrente»? Quero dizer que, seja o que seja, sei-o.

Um jovem vinho a mim faz uns poucos dias e disse: «Sou um egoísta e, sempre que te escuto, sinto que vou por mau caminho. Assim que como não ter ego?»

Disse-lhe: «Simplesmente se egoísta, e aceita o fato de que é assim, e não lute. Não tente não ter ego. É um egoísta, assim sente-o e sei-o.»

sentiu-se decepcionado, porque, em realidade, estava procurando uma nova via para o ego. Estava procurando não ter ego. E lhe disse: «Deve ser o que é», para que esse desejo ficasse truncado e o ego não pudesse mover-se. E lhe disse: «Durante três meses, não venha para mim e não lute com o ego; aceita-o, está aí. Forma parte de ti; assim é como é. Não lute com isso, e não pense em função do contrário, como não ter ego, porque isso é o que quer o ego. Aceita-o. A aceitação é sua morte.»

Mas o jovem disse: «Mas todas as religiões dizem que não terá que ter ego, e eu quero ser assim.»

Quem é este «eu» que não quer ter ego? Os caminhos do ego são muito sutis. Quando lhe estava falando, senti que não me estava escutando. Se lhe dava alguma

técnica para fazer para não ter ego, estaria disposto e receptivo, porque então o ego poderia começar a trabalhar. Mas lhe estava dizendo: «Não fale de não ter ego; simplesmente se o que é. E durante três meses, não lute com isso; logo vêem ver-me.»

Tentou-o. Voltou depois de três meses e me disse: «foi muito difícil aceitar, mas como me disse isso, tentei-o. Agora me dê alguma técnica, me dê alguma chave para ir além deste ego.» Todo o esforço era falso, porque se aceitar, então não há nenhum desejo de *ir* mais à frente.

Quando sente que é corrente, trata de ser extraordinário de algum jeito. Mas todo mundo é corrente; ser corrente é ser real. Pode que alguém te pareça extraordinário porque lhe compara contigo, mas um gênio em si mesmo é tão corrente como qualquer, e se sente corrente. Uma rosa é corrente, uma flor de lótus é corrente, mas se a rosa começa a comparar e começa a pensar em como ser uma flor de lótus, então surgem os problemas. E se o lótus começa a pensar no belo perfume que sai da rosa, então a rosa se volta extraordinária.

Quando compara, na comparação acontece a qualidade de extraordinário; se não, tudo é corrente. Em si mesmo, tudo é como é. Não compare e não o deseje. Se desejar, então a meditação te decepcionará, porque a meditação te levará a um ponto em que percebe o totalmente corrente que é. Se receptivo a isso, lhe dê a bem-vinda. É bom. Mostra que a meditação está progredindo, fazendo-se mais profunda. Mas o desejo do extraordinário ainda está aí em alguma parte, e isso está criando a barreira.

Se esse desejo desaparecer, não se sentirá corrente. Simplesmente será. Como vais sentir que é corrente? Simplesmente será, e ser, ser tão simplesmente que não sente se for corrente ou extraordinário, é alcançar.

É bom, não se sinta decepcionado por isso. Se está decepcionado, então recorda que está levando um desejo, e esse desejo está criando veneno. por que há esta loucura? por que chega e acontece a todos? Todo este mundo está louco devido a isto, todo mundo está tratando de ser especial, de ser alguém.

A vida te acontece quando não é ninguém. Quando está tão vazio que não há ninguém; então a totalidade da vida flui por ti sem nenhuma barreira, sem nenhum obstáculo, sem nenhum impedimento. Então o fluxo é total e completo.

Quando é alguém, volta-te uma rocha, perturba o fluxo; a vida não pode passar por ti. Há uma luta, uma resistência, e, é obvio, cria muito ruído. E pode que pense que como está criando tanto ruído, é algo extraordinário.

Se um recipiente vazio, um passadiço sem nenhuma resistência, para que a vida possa fluir por ele, possa fluir por ele facilmente. Então não se criará ruído. É possível que não possa sentir que existe, porque só sente que existe quando lutas. quanto mais luta, mais sente.

A vida flui com tanta facilidade por ti que pode que inclusive se esqueça completamente de que existe. Não há nenhuma barreira, nenhuma resistência, nenhum rechaço, nenhuma negação. E é tão receptivo que inclusive se esquece de que existe.

ouvi a respeito de um professor Zen que pronunciava seu próprio nome muitas vezes ao dia. Pela manhã dizia: «Bokuju?», e então dizia: «Sim, senhor, estou aqui.» chamava-se Bokuju. E seus discípulos lhe perguntavam por que fazia isto. Ele dizia: «Sigo-me esquecendo. Tornei-me tão leve que tenho que me recordar mesmo: «Bokuju?» E então digo: «Sim, senhor, estou aqui.»

A vida pode voltar um fluxo tão suave, um rio tão silencioso, que não se cria nenhum ruído. Mas se estiver resolvido a ser algo, alguém, extraordinário, especial, então a vida não pode fluir por ti. Então há uma luta constante entre a vida e você, entre seu pequeno ego e o cosmos.

Isto está criando loucura. Toda a Terra se tornou um planeta louco. E esta loucura não pode remediar-se com tratamentos, terapias, porque é um estilo de vida tão básico que não é uma patologia. Assim é como estamos vivendo. Todo nosso estilo de vida está louco. De modo que as terapias não lhe podem ajudar a menos que troque todo o estilo de vida.

Só há dois estilos de vida, o orientado ao ego e o não orientado ao ego. Deve ser alguém...

Este é um modo de vida. Então a loucura é o resultado. Em realidade, o louco é o homem mais extraordinário. Obteve o extraordinário porque agora está completamente desarraigado da realidade, não está comprometido na realidade absolutamente. Agora vive isolado em si mesmo, criou seu próprio mundo. Agora o sonho é real e o real se tornou só um sonho. Tudo está patas acima.

Não pode conceber um louco que esteja equivocado, porque é muito lógico. Os loucos são muito racionais e lógicos.

Um louco estava acostumado a sair de sua casa todos os dias pela manhã e entoar alguns *mantras* e fazer alguns gestos. De modo que, naturalmente, tudo o que passava lhe perguntava o que estava fazendo. E o louco dizia: «Estou protegendo este bairro dos fantasmas.»

Assim é que a pessoa que estava perguntando dizia: «Mas não há fantasmas neste bairro.»

E o homem dizia: «Vê-o? Graças a meus *mantras* não há fantasmas neste bairro.»

É racional, não pode lhe convencer, não há fantasmas obrigado a que entoar *mantras*. Mas agora vive em seu próprio mundo subjetivo de sonho e não pode lhe tirar dele.

Se pensar que é alguém -ninguém pode ser alguém; isso não pode ser-, então uma parte de ti se tornou louca. Esse «ser alguém» é sua loucura. E quanto mais cresça este câncer de «ser alguém», mais afastado estará da realidade.

Um buda não é ninguém. Todas suas portas estão abertas. O vento chega e sopra, as chuvas chegam e caem, os raios de sol entram e passam, a vida flui, mas ele não está. Isto é ao que me refiro quando digo que te aconteceu a meditação. E isto é muito corrente, natural, real.

Terceira pergunta:

Diz freqüentemente que algo é bom ou mau, ou que é correto ou errôneo; É isto uma linguagem que usa só para nós porque não podemos perceber a unidade de tudo, ou existe algo como o bom e o mau?

Não, é simplesmente uma linguagem. Para mim não há nada bom e nada mau. Mas isto será muito perigoso para vós. A verdade pode ser perigosa. Em realidade, só a verdade pode ser perigosa; as mentiras nunca são tão perigosas, porque não são potenciais. Não têm força nelas.

A verdade pode ser muito devastadora. É a verdade que não existe o bom e o mau, que nada é correto e nada é errôneo. Tudo é como é; toda condenação, toda divisão é fútil; mas isto será perigoso para ti. Isto será muito para ti, o interpretará mal. Não pode compreendê-lo; quando não há nada bom, nada mau, não pode compreendê-lo, e terá sua própria interpretação disso.

Se disser que nada é bom, nada é mau, pensará que tudo o que estiveste considerando mau até agora, já não é necessário seguir considerando-o assim. De modo

que isto se voltará uma licença para ti e começará a ter um pensamento dobro. Pensará que para ti não há nada bom, nada mau, mas a outros não permitirá o mesmo. Se pode lhes permitir o mesmo também a outros, então compreendeste; então não é uma licença, a não ser liberdade. Mas a mente deve ser uma; não deveria haver padrões dobre.

por que digo que não há nada bom e nada mau? Porque o bom e o mau som interpretações, não são a realidade.

Se houver uma flor no jardim, pode dizer que é bela, e outro pode dizer que é feia. A flor não é nenhuma das duas coisas. A flor existe aí tal como é em sua autenticidade, e não lhe preocupam suas interpretações. Mas para ti, ou é bela ou não o é. Essa beleza e fealdade é uma interpretação, não uma realidade. É seu memore a que diz que é bela ou feia. A flor não será afetada por isso, mas você, sim.

Se disser que é bela, sua conduta será de um certo tipo; se disser que é feia, sua conduta será diferente. Será afetado por sua interpretação.

E te estou falando, de modo que tenho que recordar constantemente que algo que diga afetará sua conduta. A não ser que chegue a um ponto em que toda a ênfase tenha passado de fazer a ser, quando não estiver interessado em fazer e só esteja interessado em ser, não pode compreender a que me *refiro* quando digo que nada é bom ou mau. As coisas são como são.

Mas isto só é possível entendê-lo quando está profundamente centrado no ser. E se está centrado no ser, então, faça o que faça, será bom. Então não há perigo. Mas agora mesmo não está centrado no ser, a não ser na periferia. Está escolhendo continuamente o que fazer e que não fazer.

Verdadeiramente, não tem feito a pergunta: «O que ser?» Sempre estiveste perguntando o que fazer e que não fazer, e se será bom ou não. Nunca faz a pergunta: «O que ser?» E a não ser que se volte mais importante que fazer, então existe o bom e existe o mau..., para ti. Então terá que fazer algo e terá que não fazer algo.

Como faço esta distinção e por que? Se em realidade não existe o bom e o mau, então, como e por que se faz esta distinção?

Para mim, isto é de novo uma distinção que faço para vós: chamo bom a algo se te levar a seu ser, onde todo se voltará bom, e chamo mau a algo se te afastar de seu ser. Se segue estando longe de ti mesmo, tudo se voltará mau.

Para te ajudar a chegar a ti mesmo, a seu lar, digo que algo é bom ou mau, ou que algo é correto ou errôneo. É melhor usar as palavras «correto» e «errôneo» que as palavras «bom» e «mau», porque estou mais interessado nas técnicas que servem para te levar a seu ser. De modo que uma técnica pode ser correta se te levar a seu ser; uma técnica pode ser errônea se não te levar a seu ser ou se se converter em um obstáculo, ou se te desvia, ou te leva por caminhos que se voltarão becos sem saída e não lhe levarão a nenhuma parte.

Mas se me pergunta isso, essencialmente não há nada bom, nada mau, nada correto, nada errôneo. E se pode compreender isto agora mesmo, então começa a viver de um modo no que nada é correto e nada é errôneo; e isto é para ti com respeito a outros, e para outros com respeito a ti.

Jesus diz: «Trata a outros como quisesse que tratassem a ti.» Este é o princípio básico de «um único padrão», e este é tudo o ensino de todos os que querem te ajudar a ir a ti mesmo, há um único padrão, no que nada é bom e nada é mau; não só para ti, mas também para todos.

É fácil dizer que roubar não é mau se está roubando, mas se outro te está roubando a ti, então se volta mais difícil dizer que roubar não é mau. ouvi a respeito de um ladrão. Tinham-lhe pilhado pela quarta vez, e o juiz lhe perguntou: «Pilham-lhe uma e outra vez. O que acontece? Se não ser tão eficiente, por que segue fazendo-o?»

O homem disse: «Não é questão de eficiência.

Estou sozinho e é muito trabalho.»

Assim que o juiz disse: «Então, por que não tem um companheiro, um sócio?»

O ladrão disse: «O nível moral baixou tanto que não te pode confiar em nenhum sócio.»

Inclusive um ladrão pensa em termos de moralidade... para outros: «O nível moral baixou tanto que não te pode confiar em um sócio. Assim tenho que fazer todo o trabalho eu mesmo, e é muito trabalho.»

Este é o ensino mais profundo de todos os que sabem, não há nada que escolher. Tudo é aceito. Se pode aceitá-lo em sua totalidade, transforma-te. Mas se for ardiloso e quer te enganar a ti mesmo, então esta aceitação total será perigosa.

De modo que lhes digo muitas coisas devido a vós, e entremédias sigo também comunicando o que queria lhes dizer realmente. Mas só pode dar-se muito indiretamente. São tão perigosos, tão suicidas, que podem fazer algo que será daninho para vós.

Estou falando de uma verdade mais elevada; não só uma verdade mais elevada, mas também uma verdade suprema. Naropa, em sua canção, diz que só um centímetro de diferença separa o céu do inferno. E um centímetro de diferença entre o que é bom e o que é mau separa o céu do inferno.

E terá que viver angustiado, porque você criaste a divisão. Aproxima todas as qualidades, as aproxime, e deixa que se fundam. Deixa que o bom e o mau se fundam o um no outro, que a escuridão e a luz se fundam a uma na outra, que a vida e a morte se fundam a uma na outra. Então há *advaita*, então há unidade. Essa unidade traz a liberdade, a transformação.

Quarta pergunta:

É nossa imaginação a que, mediante auto-sugestões, fixou-nos no mundo do finito, no mundo dos nomes e as formas, no mundo dos dores e os prazeres. Pode usar o mesmo instrumento para alcançar o infinito, o absoluto, a sorte? O mesmo instrumento em sentido inverso?

vieste a esta casa; logo irá de volta, e usará de novo o mesmo caminho..., mas em sentido inverso. Quando vinha para aqui, dava-me a cara, e quando for, dará-me as costas. Mas o caminho será o mesmo. Não é necessário nenhum outro caminho para voltar para casa. Só troca a direção.

O caminho que percorreste para entrar na escuridão será o caminho, é o caminho, o único caminho, terá que voltar atrás por esse caminho. O caminho que te levou a desdita e a angústia será o caminho que te conduzirá à sorte e o êxtase. Não há outro caminho, não há necessidade. E recorda, não siga nenhum outro caminho; do contrário nunca chegará a casa.

Tem que estar alerta para seguir o mesmo caminho outra vez. A única mudança está na direção, é uma meia volta total. A hipnose, a auto-sugestão, criam este mundo; a deshipnose, a desautosugestão, levarão-lhe de volta ao real. Não há nenhum mundo finito; o mundo é infinito. É sua superposição, sua hipnose, o que faz que pareça finito. Tira sua hipnose e o mundo é infinito, sempre o foi.

Todas as técnicas de meditação são similares à hipnose. Isto cria um problema. Cria um problema quando a gente segue perguntando a respeito da diferença entre a hipnose e a meditação. Não há diferença. O caminho é o mesmo, mas a direção é diferente.

Na hipnose está dormindo mais e mais, perdendo consciencia; na meditação está despertando, adquirindo consciencia. É o mesmo caminho. Na hipnose te está condicionando, na meditação te está descondicinando; mas o processo é o mesmo. A meditação é hipnose à inversa. De modo que tudo o que tem feito contigo mesmo tem que desfazê-lo; isso é tudo.

Tenta fazer um experimento muito simples que será revelador: pode te hipnotizar a ti mesmo. Fecha sua habitação e ponha completamente às escuras; logo ponha uma pequena vela em frente de seus olhos. Então, sem pestanejar, olhe fixamente a chama, e segue pensando que te está dormindo, está-te dormindo. Um dormir, profundo está chegando a ti... Simplesmente deixa que este pensamento flutue aí, dentro. Segue olhando a vela e deixa que este pensamento esteja aí como uma nuvem rondando sobre ti. Está-te dormindo, está-te dormindo. Quando o fizer, tem que dizer: «Estou-me dormindo. Está chegando o sonho. Meus membros se estão relaxando.»

Sentirá imediatamente uma mudança sutil, e em três minutos sentirá que o corpo se há voltado pesado. Pode cair em qualquer momento. As pálpebras são pesadas e agora é muito difícil seguir olhando a chama. Os olhos querem fechar-se. Tudo se intumesceu.

Agora pode sentir que isto é a hipnose, adormecer-se mais, cair na inconsciência, voltar-se mais inconsciente. Sente como é, o que está acontecendo, como sua mente se nublou. A claridade se foi, a vitalidade se foi; está, cada vez mais mortiço. Sente o corpo mais pesado. Isto te dará a sensação de como seu consciencia pode voltar-se inconsciência.

isto prova durante sete dias para poder sentir completamente o que é, e como baixas ao poço. Com mais e mais escuridão, mais sonho, mais inconsciência, de repente no último momento não estará aí e a chama terá desaparecido. Está profundamente dormido. Pode sentir a tumba.

Logo, depois de uma semana, prova outro experimento. Com a mesma habitação, a mesma chama, a mesma maneira de olhar, mas um pensamento diferente na mente: «Porei-me mais alerta, estou cada vez mais alerta, mais vivo, mais alerta. O corpo está cada vez mais ligeiro.» Deixa que esteja aí este pensamento e segue olhando a chama; sentirá uma quebra de onda repentina de vida, consciencia e consciencia.

Em sete dias pode chegar a um ponto no que se sinta tão alerta como se não tivesse corpo. Em um pólo de todo o espectro está o dormir profundo, no que se esquece completamente de ti mesmo; no outro pólo há consciencia profunda, em que tudo é esquecido; só te lembra de ti mesmo.

Logo há muitos estádios intermédios. O estádio no que estamos está justo no meio, médio dormidos, médio acordados. De modo que tudo o que faz o está fazendo médio dormido, médio acordado. Ambos os processos são o mesmo; são o mesmo processo.

O pensamento em um estado intenso se volta realidade; o pensamento condensado se volta uma coisa. Um pensamento mantido continuamente na consciencia te transforma, volta-se uma semente. De modo que se está te esforçando para estar cada vez mais alerta, está-te descondicinando a ti mesmo, indo na outra direção. Gurdjieff o chama lembrança da gente mesmo; diz: «te recorde a ti mesmo continuamente.» Buda diz: «Não se esqueça a ti *mesmo*; independentemente do que esteja fazendo, segue repetindo continuamente que o está fazendo.» E é tão específico, que diz a suas monges: «Quando estiver andando e se eleve seu pé esquerdo, recorda que seu pé esquerdo está elevando-se. Agora o pé está baixando, agora o pé direito está elevando-se, agora o direito está baixando. Recorda que a respiração está entrando, que a respiração está saindo. Recorda continuamente, independentemente do que esteja acontecendo, e usa

tudo o que aconteça como uma situação para recordar. Não faça nada em um estado inconsciente, dormitado.» E Buda diz que isto é suficiente. Se pode funcionar assim as vinte e quatro horas, cedo ou tarde te haverá deshipnotizado a ti mesmo. haverá te tornado consciente, alerta.

A hipnose e a meditação são o mesmo processo em direções diametralmente opostas. Pode usar a hipnose para despertar; pode usar a hipnose para dormir profundamente. E se chegar a dominar a arte da hipnose, tem a chave que abre todas as portas da vida.

Se não dominar a chave da hipnose, então é vítima de muitíssimas forças. Isto merece a pena compreendê-lo, se não saber o que é a hipnose, então é uma vítima. Todo mundo está tratando de te hipnotizar, todo mundo, digo-te! Pode que não o estejam fazendo sabendo, mas todos o estão tentando. Há formas, métodos diferentes. O mundo inteiro está cheio de truques hipnóticos, o mesmo anúncio no periódico, na televisão e na rádio. Segue amassando; volta-se hipnótico.

Segue repetindo na mente: «Lux é o melhor sabão.» Segue repetindo-o. Em qualquer lugar que vai, está escrito nos muros; vê-o no cinema, está na tela do televisor, está na rádio, nas revistas, nos periódicos, em algo, «Sabonete Lux.» Segue e segue. Fica hipnotizado por isso. Então vai à loja e o dependente te pergunta: «Que sabão necessita?» e diz: «Sabonete Lux.» Está dormido. Não o está dizendo conscientemente; colocaram-lhe isso à força de repetir e agora o leva dentro.

gastaram-se milhões em publicidade para te hipnotizar. Esses anúncios têm que ser repetidos continuamente. A repetição é o método. Então ficam gravados em ti, e não é consciente disso; logo, de repente sai de sua boca: «Sabonete Lux.» E pensa que você está escolhendo. Não é você o que escolhe.

Todo o sistema educativo é hipnótico. Por isso o professor deve estar em um lugar mais alto. Terá que medi-lo cientificamente, porque há um ponto concreto... Como eu estou sentado aqui é um ponto inapropriado, não é o correto. Seus olhos deveriam estar tensos ao me olhar, muito tensos, não relaxados; então pode ser hipnotizado facilmente.

Hitler usou todas as proporções. Tinha um comitê de peritos para medir que distância da audiência e quanta altura eram necessárias para que os olhos estivessem com uma tensão correta em que fora fácil hipnotizá-los e adormecê-los. E então apagavam todas as luzes; na sala de conferências do Hitler as únicas luzes iluminavam ao Hitler. Ninguém podia ver nada mais, e assim lhe forçavam a olhar só a ele. criava-se uma tensão específica para uma situação específica. Nessa tensão, seguia dizendo algo durante um tempo. As coisas que queria gravar em ti as diria depois, quando toda a audiência estivesse dormitada. Então as palavras entrariam simplesmente no inconsciente e começariam a funcionar.

Agora inventaram a publicidade subliminal nos filmes. Enquanto está vendo um filme, entre dois fotogramas, durante justo uma fração de segundo, cintilará o anúncio. Não poderá lê-lo; nem sequer saberá que aconteceu. Simplesmente olhando o filme, de repente, durante uns segundos, haverá publicidade..., mas não terá consciencia disso.

Só duas de cada cem pessoas podem notar que aconteceu algo. Só os que têm olhos muito agudos podem perceber que houve algo no meio. O noventa e oito por cento da gente não o notará, mas o inconsciente o tem lido. entrou em ti.

Houve um experimento com isso em um filme americana. Fizeram cintilar momentaneamente na tela uma marca concreta de refresco, algo novo. Só dois por cento da gente se deu conta de que tinha havido um anúncio publicitário; o noventa e oito por cento foi totalmente inconsciente disso, mas no descanso muita gente saiu a comprar essa bebida. Não eram conscientes de que tinha havido um anúncio, porque tinha sido fulgurante.

A hipnose está por toda parte. A educação a usa, o comércio a usa..., todo mundo a está usando. E se não ser consciente, então é uma vítima. Toma consciencia. Se tomadas consciencia, pode usá-la; não para hipnotizar a outros, a não ser para deshipnotizarte a ti mesmo. E se pode chegar a estar completamente deshipnotizado, é livre, está liberado.

E não há nenhum conflito entre a meditação e a hipnose. O conflito está nas direções; o processo é o mesmo.

Capítulo 67

Vê além da Mente e a Matéria

Os Sutras

94 *Sente sua substância, ossos, carne, sangue, saturados com a essência cósmica.*

95 *Sente as sutis qualidades da criatividade permeando seus peitos e assumindo delicadas configurações.*

Os filósofos de todo o mundo estiveram debatendo durante séculos a respeito de que substância básica compõe o universo, qual é sua substância. Houve proposições, sistemas, que dizem que a matéria é a realidade básica e a mente é só uma excrescência, que a matéria é básica e a mente é só um produto secundário, que a mente também é material, só que sutil. Charwaka propôs isto na Índia, Epicuro na Grécia, e, ainda hoje, os marxistas e outros materialistas seguem pensando em termos de matéria. Oposto a isto, houve um segundo sistema de pensamento que diz que a substância básica é a mente e não a matéria, e que a matéria não é mais que uma forma de mente. O Vedanta e outras filosofias idealistas do mundo o reduziram tudo a mente.

A começo deste século, pensava-se que os materialistas tinham saído vitoriosos, porque a física e outras investigações científicas estavam provando, ou pareciam estar provando, que a matéria é a substância básica. Mas faz só duas ou três décadas, tudo trocou completamente. Um dos cientistas mais insígnies desta época, Eddington, disse: «Agora podemos dizer que o universo parece ser mais como um pensamento que como uma coisa.» E quando os físicos Max, Planck e Einstein aprofundaram em seu trabalho, chegaram a dar-se conta de que quanto mais profundamente se penetra na matéria, mais desaparece a matéria; algo mais que a matéria, além da matéria, parece estar aí. Pode chamá-lo memore mais facilmente que matéria, porque é uma forma de energia. Uma coisa é segura, não é material absolutamente no velho sentido.

Para o tantra, para o ioga, não houve eleição. O tantra não diz que a matéria ou a mente é a realidade básica. O tantra tem um terceiro ponto de vista, e eu penso que esse ponto de vista vai triunfar ao final. O tantra diz que tanto a mente como a matéria são formas de algo que podemos chamar «X». Nem a matéria nem a mente seus substanciais, mas sim o real é uma terceira entidade, que existe em ambas mas que não está confinada a nenhuma; as duas são suas manifestações. A matéria e a mente não são realidades, a não ser formas de uma terceira realidade, uma realidade básica, que permanece oculta. Sempre que se manifesta a si mesmo, se manifesta como matéria ou como mente.

De modo que todo o conflito entre a mente e a matéria, e seus seguidores, não tem fundamento, porque o substrato último que a física chegou a conhecer agora não é em realidade nem como a matéria nem como a mente. A divisão desapareceu, a dualidade

desapareceu. O comportamento da substância básica é muito indeterminável; às vezes se comporta como matéria, e às vezes se comporta como mente.

Pode que te surpreenda saber que a física não pode dizer nada sobre os átomos individuais, são imprevisíveis, como qualquer ser humano. Não se pode dizer nada sobre o átomo individual e sobre como vai se comportar. Parece que tem uma certa independência; nenhuma casualidade pode predizer como vai comportar se. Podemos predizer o comportamento da massa, mas não podemos predizer o comportamento de um átomo individual. Às vezes se comporta em termos de causa-efecto, como a matéria, e às vezes se comporta como mente, como se tivesse uma vontade própria, como se tivesse eleição.

Esta idéia da física encaixa muito bem com o tantra. Mas por que diz o tantra que a realidade básica é o terceiro, desconhecido-o, «X»? Não é porque o tantra esteja interessado em propor alguma teoria sobre a realidade, não. Propõe-o simplesmente como uma ajuda para o *sadhana*, como uma ajuda para o crescimento espiritual. Se isto for assim -que a realidade é o terceiro, e que a mente e a matéria são só duas manifestações-, então pode entrar na realidade por duas portas: ou pela matéria ou pela mente. Se tenta entrar pela matéria, então há certas técnicas que se podem usar. O *hatha ioga* é uma técnica para entrar na realidade pela matéria, mediante o corpo. Tem que fazer algo com o corpo, tem que transformar o corpo, tem que cristalizar certos fenômenos químicos no corpo, e então entrará na realidade.

Ou pode entrar diretamente por meio da mente. O *racha ioga* e outros métodos se usam para entrar por meio da mente. E para o tantra, ambos os médios são corretos.

Não pode lhe dizer ao tantra: «Como vai ser útil uma postura corporal, uma postura corporal específica, para entrar na realidade?» O tantra diz que pode ser útil. Um certa postura corporal não é uma mera postura corporal, porque o corpo é a manifestação da realidade. De modo que quando lhe dá ao corpo uma certa postura, está-lhe dando uma certa forma à realidade. E há posturas com as que pode entrar em ti mesmo facilmente. Uma certa comida pode ser útil. Uma certa prática de respiração pode ser útil. Estas são coisas materiais -a comida, a respiração, o corpo-, mas pode entrar por meio delas.

E o caso é similar com a mente, trabalhando com a mente também pode entrar. Pode que tenha surto em sua mente muitas vezes o fato de que Shiva diga ao Parvati certas técnicas que parecem imaginárias. Surgirá a pergunta: como pode ser útil a imaginação?

Inclusive a imaginação é um modo de realidade, porque a mente é uma manifestação da realidade. E quando troca de imaginação na mente, está trocando o modo da realidade. Para o tantra, nada é irreal. Inclusive um sonho tem sua própria realidade; e lhe afeta. De modo que um sonho não é um mero sonho. Um sonho é tão real como qualquer outra coisa, porque lhe afeta, troca-te. É diferente devido a que o sonhou; não voltará a ser o mesmo, porque aconteceu certo sonho. De maneira que se sonhar que é um ladrão, pela manhã dirá que dá no mesmo, que só foi um sonho. Mas para o tantra não é assim. Um sonho de roubo, de furto, trocou-te. Sua realidade é diferente pela manhã; não pode ser o mesmo. Reconheça-o ou não, afetou-te. Afetará seu comportamento, seu futuro se converteu em uma semente.

Nem sequer um sonho é irrelevante. E pensa que os sonhos são só sonhos. Isso não é assim, porque não pode criar um sonho conscientemente, não pode escolher um sonho. Acontece-te como te acontece qualquer outra coisa. Pode escolher um sonho? Pode pensar em um sonho que sonhará esta noite? Pode escolhê-lo? Pode escolhê-lo a vontade? Não pode, porque escolher um sonho a vontade requererá muitas mudanças em sua realidade. Só então virá um sonho. Um sonho é como uma flor. Uma rosa sai em

uma roseira, e não pode trocar a flor a menos que troque todo o processo, da semente em diante. Não pode simplesmente trocar a flor. Um sonho é um florescimento. Se pode trocar o sonho, pode trocar a realidade.

De modo que muitas vezes, muitas técnicas parecerão imaginárias; mas também são reais. E o tantra está tratando de trocar sua imaginação. Se se pode trocar a imaginação, então a realidade oculta detrás dela será diferente automaticamente.

As técnicas das que falaremos hoje começam em sua imaginação, em seus sonhos, em sua mente. Terá que recordar três coisas. Uma: nada do que acontece a sua mente é superficial; está acontecendo devido a ti, está acontecendo porque você está em uma certa situação. De modo que se podem fazer duas coisas: trocar a situação, em cujo caso terá que começar com o corpo, porque o corpo é a situação; ou se não começa com a situação, então troca o que acontece. Persistirá, não será fácil trocá-lo, mas se fizer um esforço e segue fazendo o esforço, se for teimoso e não te dá por vencido, então o esforço mesmo o trocará.

Uma coisa é segura, pode que não alcance a meta em que estava pensando, mas o fato de que faça este esforço trará consigo uma mudança. Será diferente, triunfe ou fracasse, será diferente. O esforço mesmo contará.

Em terceiro lugar, não pense que a mente é só mente, e não pense que sonhar é só sonhar. Se pode dirigir seus sonhos diretamente -e agora há uma terapia no Ocidente chamada «sonho dirigido»-, se pode dirigir seus sonhos, está-te dirigindo a ti mesmo. E trocarão muitas coisas.

Há uma antiga técnica tibetana chamada «o rugido do leão». Se está zangado, sexual, cheio de ódio, ciúmes, então o professor tibetano te dará esta técnica, «o rugido do leão». Tem que te sentar ante um espelho, e tem que imaginar que é um leão, não um homem. Tem que pôr a cara como um leão, tem que tirar a língua, e tem que rugir. E tem que praticar o de tal maneira que a imaginação se volte tão real que esqueça que é um homem imaginando que é um leão.

E quando chega o ponto em que tem cansado presa de sua própria imaginação, e te tornaste um leão, e sai de ti um rugido autêntico, de repente está transformado. Nesse rugido, todo o ódio, a ira, o sexo, desaparece, e cai em um silêncio profundo que nunca antes conheceste.

Nos velhos monastérios tibetanos têm uma habitação especial com muitos espelhos. Sempre que alguém está sofrendo por algo como a ira, o ódio ou o ciúmes, é enviado a essa habitação dos espelhos e tem que permanecer ali até que chegue a um clímax. E quando chegar ao clímax, todo o monastério saberá, porque haverá um leão autêntico rugindo ali. Para nós, tornou-se louco. Todo o monastério se congregará e acolherá ao homem, que sairá sendo um homem totalmente diferente. Pode que tarde três dias, pode que tarde sete dias. Lhe leva comida, mas não lhe permite sair. Tem que perseverar imaginando que é um leão, até que das raízes mesmas do inconsciente saia o rugido. Todo o corpo está comprometido, cada uma de suas células; cada célula nele ruge, e nesse rugido se expulsa tudo. É a catarse mais profunda possível. E nunca voltará a ver zangado a esse homem, porque o veneno já não está aí. Pela primeira vez, o rosto se voltará humano.

Seu rosto não pode ser humano, porque há inúmeras costure reprimidas nele. O ciúmes, o ódio, a ira que reprimiste estão aí: capas e mais capa estão ocultas sob a pele. Formam seu rosto. Mas podem tirar-se..., simplesmente com esta imaginação, esta imaginação dirigida.

No Ocidente agora têm outra técnica que chamam psicodrama. Também esse é um dos métodos budistas mais antigos: voltar-se parte de um drama, representá-lo tão

totalmente que esquece que simplesmente está atuando. A atuação se converte em ação, e não é um ator; volta-te um executor real nela. Troca-te.

O tantra diz que se pode trocar seus sonhos, sua imaginação, se pode trocar sua mente e sua pauta, a realidade detrás dela será diferente. devido a que está profundamente enraizada na realidade, pode avançar por meio da mente. Estas técnicas são só para trocar a maneira e o estilo em que sua mente esteve comportando-se até agora.

94 Sinta-se saturado.

Primeira técnica: *Sente sua substância, ossos, carne, sangue, saturados com a essência, cósmica.*

Prova com experimentos simples. Durante sete dias prova um experimento simples, sente seu sangue, seus ossos, sua carne, seu corpo, cheios de tristeza, cada célula do corpo está triste; rodeia-te a noite escura; muito pesado, deprimido; nem um só raio de luz; nenhuma esperança, pesaroso, como se te fosses morrer. A vida não está pulsando em ti; está simplesmente esperando a morte. É como se a morte já se assentou, ou estivesse assentando-se. Durante sete dias, contempla a sensação de que a morte entrou por todo o corpo; penetrou até o fundo dos ossos, até a mesma medula. Segue pensando desta maneira; não altere este estado de ânimo. E logo, depois de sete dias, vê como se sente.

Será um peso morto. Todo sentimento terá desaparecido, não sentirá o corpo vivo. E o que tem feito? comeste, fez tudo igual a sempre o tem feito; a única mudança esteve na imaginação: há uma nova pauta de imaginação em torno de ti.

Se o conseguir... Conseguirá-o. Em realidade, já o conseguiste; está-o fazendo, é um perito em fazê-la, sem sabê-lo. Por isso digo que comece com a tristeza. Se disser que esteja cheio de sorte, será muito difícil. Não pode concebê-lo. Mas se pode fazê-lo com a tristeza, então tomará consciencia de que se pode te acontecer a tristeza, por que não a felicidade? Se pode criar uma atmosfera triste em torno de ti e te voltar uma coisa morta nela, então por que não vais poder criar uma atmosfera viva em torno de ti e estar vivo, dançando? O outro se volta concebível.

Em segundo lugar, tomará consciencia de que toda a tristeza que estiveste padecendo não era real. Você a criou, você foi o autor; sem sabê-lo, estiveste fazendo isto. Parece difícil de acreditar que sua tristeza é sua imaginação, porque então toda a responsabilidade recai sobre ti. Então ninguém mais é responsável, então não pode tornar-lhe em cima a Deus, ao destino, a outros, à sociedade, a sua mulher, a seu marido... Não pode tornar-lhe em cima a nada. Você é o criador, e tudo o que te está acontecendo, está-o criando você.

Prova-o durante sete dias. E então, digo-te, não voltará a sentido nunca mais..., porque terá conhecido a chave.

Logo, durante sete dias tenta estar em uma corrente de sorte flutuando nela, cada respiração te dando êxtase. Sente-o. Começa com a tristeza durante sete dias e logo durante sete dias vete ao contrário. E quando for ao oposto, sentirá-o melhor, porque haverá um contraste.

Só então pode provar este experimento, porque é mais profundo que a felicidade. A tristeza é a superfície, a felicidade é o meio, e isto é o centro ultimo, o centro mais íntimo, a essência cósmica. *Sente sua substância, ossos, carne, sangue, saturados com a essência cósmica, com a vida eterna, com a energia divina, com a essência cósmica.* Mas não comece com isso diretamente, porque então não poderá tocá-lo. Começa com a

tristeza, logo vete à felicidade, e logo prova a origem, a origem mesmo da vida: a essência cósmica. E sinte-se encho dela.

Ao princípio tomará consciencia uma e outra vez de que simplesmente o está imaginando, mas não pares. Inclusive a imaginação é boa. Inclusive que possa imaginar algo que vale a pena é bom. Está imaginando, e na imaginação mesma está trocando. É você quem está imaginando. Segue imaginando, e com o tempo se esquecerá completamente de que está imaginando-o, feito-se realidade.

Um dos livros mais insignes que foram escritos é a Escritura budista *Lankavafara Sutra*. Buda lhe diz uma e outra vez a seu discípulo Mahamati, segue-lhe dizendo uma e outra vez: «Mahamati, isto é só mente. O inferno é mente. O céu é mente. O mundo é mente. A iluminação é mente.»

Mahamati pergunta uma e outra vez: «Só memore? Só memore? Inclusive o *nirvana*, a iluminação, só memore?»

E Buda diz: «Só memore, Mahamati.»

Quando compreende que tudo é só mente, está liberado. Então não há nenhuma atadura, então não há nenhum desejo. Na *Lankavafara Sutra*, Buda diz que o mundo inteiro é como um mundo mágico, uma cidade da Gandharva, como se um mago tivesse criado um mundo. Tudo parece existir, mas é só devido à forma do pensamento.

Mas não comece com a realidade externa; isso está muito longe. Isso também é mente, mas está muito longe de ti. Começa com o muito próximo, seus próprios estados de ânimo, e terá domínio sobre eles se pode sentir e saber que são sua própria criação.

Sempre que começa a pensar a respeito da tristeza, fica triste, e te volta receptivo a toda a tristeza que te rodeia. Então todo mundo ajuda a sentido. Todo mundo te ajuda, o mundo inteiro está sempre preparado para te ajudar, independentemente do que faça. Quando quer sentido, o mundo inteiro é serviçal, cooperativo. Tornaste-te receptivo. Em realidade, entra em uma certa longitude de onda em que só pode receber-se tristeza. De modo que inclusive se alguém vier a te animar, ficará mais triste. Não te parecerá afetuoso, não te parecerá pormenorizado; sentirá que te está insultando, porque está muito triste e está tentando te animar. Pensa que sua tristeza é superficial. Que não te está tomando a sério.

E quando está preparado para ser feliz, situa-te em uma longitude de onda diferente. Agora está harmonizado com toda a felicidade que pode proporcionar este mundo, agora começam a sair flores por toda parte, agora todos os sons e os ruídos se voltam musicais..., e não aconteceu nada. O mundo inteiro segue igual, mas você é diferente. Tem uma maneira diferente de olhar, uma atitude diferente, uma perspectiva diferente; através dessa perspectiva, chega a ti um mundo diferente.

Mas começa com a tristeza, porque é um perito nisso. Estive lendo uma frase de algum antigo místico Hassida; eu gostei muitíssimo. Diz que há certas pessoas que, se toda sua vida se voltar um caminho de rosas, não estarão contentes até que se voltem alérgicas às rosas. As rosas não podem lhes fazer felizes a menos que se voltem alérgicas a elas. As rosas não podem lhes fazer felizes; só quando tiverem alguma alergia começarão a sentir-se vivas. Só estão sintonizadas com a tristeza, com a enfermidade, com o mal-estar; não podem ser conscientes de nada mais. Seguem encontrando tristeza. São buscadores do mau, algo mau, algo triste, deprimido, escuro. orientam-se à morte.

conheci a centenas e centenas de pessoas profundamente, intimamente, estreitamente. Quando começam a falar de sua tristeza, tenho que estar sério; do contrário não lhes parecerá que sou pormenorizado, não se sentirão bem. E não voltarão a recorrer para mim. Tenho que sentido com sua tristeza e sério com sua seriedade para ajudar a tirar as disso..., e é sua própria criação, e estão fazendo todo tipo de esforços

para as criar. E se intento as tirar, criam todo tipo de barreiras; não intencionalmente, é obvio, porque ninguém o faz intencionalmente.

Isto é o que os Upanishads chamam ignorância. Sem sabê-lo, segue perturbando sua própria vida, segue criando mais problemas e ansiedades, e não importa o que aconteça; dará o mesmo, porque tem uma pauta..., não importa o que aconteça. Há pessoas que vêm para mim e dizem: «Estamos sozinhas.» De modo que são desventuradas. E ao momento seguinte vem alguém e diz que não pode encontrar um sítio no que estar sou-os, assim é desventurado. Logo há pessoas que têm muito trabalho em sua mente, assim são desventuradas, e há pessoas que não têm trabalho, assim são desventuradas. Uma pessoa que está casada é desventurada; uma pessoa que não está casada é desventurada. Parece que ao homem lhe resulta impossível ser feliz. Isso é ao que me refiro quando digo que são peritos...; é muito eficiente encontrando maneiras e meios para ser desventurado. E sempre o obtém.

Começa com a tristeza, e durante sete dias se completamente desventurado pela primeira vez. Isso te transformará totalmente, porque uma vez que saiba que pode ser desventurado conscientemente, será consciente cada vez que se sinta desventurado. Então saberá o que está fazendo, está-o fazendo você. E se pode ser feliz por sua própria mente, então por que não vais poder ser feliz? Não há diferença; a pauta é a mesma. E então pode provar isto.

Sente sua substância, ossos, carne, sangue, saturados com a essência cósmica. Sente que o divino está fluindo por ti; você não existe, mas sim o divino existe em ti, Deus existe em ti. Quando sente fome, ele sente fome, então, lhe dar alimento ao corpo se converte em adoração. Quando sentir sede, ele sente sede, o cósmico em ti. Quando sente sonho, ele sente sonho, quer descanso, relaxação. Quando é jovem, ele é jovem em ti. Quando lhe apaixonava, ele se apaixonava. te sature com ele, e estate *totalmente* saturado com ele. Não faça nenhuma distinção. Bom ou mau, o que está acontecendo lhe está acontecendo a ele. Simplesmente te retire; já não está aí, só está ele. De modo que, bom ou mau, inferno ou céu, tudo o que acontece acontece a ele. Toda a responsabilidade recai sobre ele e você já não existe. Esse «já não existir» que pode te trazer esta técnica é o supremo na religião.

Mas tem que estar saturado com isso. E não conhece nenhuma saturação, não sente que seu corpo é poroso, não sente que em seu corpo está fluindo uma energia vital. Considera-te algo sólido, morto, fechado. A vida só pode acontecer quando é vulnerável, aberto, não fechado. A vida se move por ti, e tudo o que acontece lhe está acontecendo à energia vital, não a ti; você é só um fragmento. E todos os confine que criaste em torno de ti são falsos, não são reais.

Não pode existir sozinho. Se estiver sozinho na Terra, como vais existir? Não pode existir sozinho. Não pode existir sem as estrelas. Eddington diz em alguma parte que toda a existência é como um tecido de aranha; toda a existência é um tecido de aranha. Se toucas a telaraña em qualquer parte, toda ela vibra; se toucas a existência em qualquer parte, toda ela vibra. *É* uma. Se toucas uma flor, há meio doido todo o cosmos; se miras aos olhos a seu próximo, olhaste o cosmos. Como toda a telaraña é uma, não pode tocar qualquer parte sem tocar a totalidade, e nenhuma parte pode existir sem a totalidade.

Quando começar a perceber isto, o ego desaparecerá. O ego só existe quando considera uma parte como o tudo. Quando faz de uma parte o tudo, o ego existe. Quando chega a conhecer a proporção correta, o ego desaparece. O ego é só um mal-entendido.

iY esta técnica, sentir-se a gente mesmo saturado com o cósmico, é simplesmente maravilhosa!

Da manhã cedo, quando sentir que a vida está despertando, quando sentir que o sonho se foi, o primeiro pensamento deve ser sobre esta saturação, agora o divino está abrindo-se, voltando do sonho, não você. De modo que os hindus, que foram uma das culturas mais influentes do mundo, começam sua primeira respiração com o nome de Deus. Agora se tornou uma formalidade e o essencial se perdeu, mas isto constituía sua raiz, que no momento em que te volta alerta pela manhã não deve te recordar a ti mesmo, a não ser recordar o divino. O divino deve passar a ser o primeiro que recorde; e o último, de noite, quando te estiver dormindo. O divino deve ser recordado; deve ser o primeiro e o último. E se for realmente o primeiro pela manhã e o último de noite, estará contigo todo o dia, também no meio.

Deve dormir saturado com ele. Surpreenderá-te, porque a qualidade de seu dormir será diferente. Quando te estiver dormindo esta noite, por favor, não você seja o que dorme; deixa que durma o divino. Quando estiver preparando a cama, prepara-a para o divino, chega o hóspede. E quando estiver convexo na cama, deixa que esteja o divino, não você, te trate a ti mesmo como o hóspede. E quando estiver dormindo, segue sentindo que existe o divino, que satura cada respiração, que pulsa no sangue, que palpita no coração. Agora está cansado depois de todo um dia de trabalho, agora quer dormir.

E pela manhã sentirá que estiveste dormindo de um modo diferente. A qualidade do dormir será cósmica, porque o encontro acontecerá no profundo da fonte.

Quando sente a ti mesmo como o divino, cai ao abismo, porque então não há medo. Se não, inclusive de noite, quando está dormido, tem medo de cair profundamente nele. Muita gente padece de insônia; não devido a nenhuma outra tensão, mas sim porque têm medo de dormir, porque dormir parece um abismo, algo sem fundo. Conheci a várias pessoas que têm medo.

Um ancião veio para mim e me disse que não podia dormir porque tinha medo. Perguntei-lhe: «por que tem medo?»

Ele disse: «Tenho medo porque se *dormir* realmente, e morro, não estarei consciente, alerta. E posso morrer, porque já sou velho; e eu não gosto da idéia de morrer enquanto *durmo*. Ao menos, que esteja consciente e alerta do que está acontecendo.»

Segue te aferrando a algo para não dormir, mas quando sente que existe o divino, aceitaste. Então o abismo também é divino. Então cai muito profundamente nas mesmas fontes originais de seu ser..., e a qualidade será diferente.

E quando te levantar pela manhã sinta que já não está dormido, recorda que se está levantando o divino. O dia inteiro será diferente.

E estate saturado -independentemente do que faça ou não, deixa que o faça o divino-; simplesmente deixa que se faça. Come, dorme, trabalha, mas deixa que o faça o divino. Só então pode estar saturado, pode te fazer um com isso. E uma vez que sente, embora seja um só momento -embora seja um só momento, digo-, que chegou o cenit, que não está, que o divino te saturou completamente, está iluminado. Nesse único momento, esse momento intemporal, tomará consciencia de todo o mistério da vida. Então não há medo e então não há morte. Agora te tornaste a vida mesma. Segue e segue; nunca termina, nunca começa. Então a vida é êxtase.

E os conceitos de *moksha*, de céu e paraíso, são infantis, porque não são realmente algo geográfico. São símbolos deste estado supremo de ser, quando o indivíduo se há dissolvido no cosmos ou quando o indivíduo permitiu que o cosmos se dissolva nele; quando os dois se feito um, quando a mente e a matéria; as duas manifestações, voltaram para a fonte original, o terceiro. Toda a busca é por isso. Essa é a única busca, e não estará satisfeito até que *obtenha* isto. Nada pode substituí-lo. Pode seguir

passando por vistas e mais vistas, mas a não ser que se *obtenha* isto, sua busca seguirá te perseguindo constantemente. Não pode descansar.

Esta técnica pode ser muito útil e não há nenhum perigo nela; pode praticá-la sem um professor. Recorda isto, todas as técnicas que começam com o corpo são perigosas sem um professor..., porque o corpo é um fenômeno muito complexo, muito complexo. É um mecanismo, e sem alguém que saiba exatamente o que está acontecendo, é perigoso começar; pode que perturbe o mecanismo, e então será difícil repará-lo. Todas as técnicas que começam diretamente com a mente se apóiam na imaginação, e não são perigosas, porque não se afeta ao corpo absolutamente. Podem fazer-se sem um professor; embora será difícil, porque não tem nenhuma confiança em ti mesmo. Um professor não vai fazer nada realmente, mas se converte em um agente catalisador. Não vai fazer nada -em realidade, não se pode fazer nada-, mas sua presença mesma afeta sua segurança em ti mesmo e sua confiança, e isso ajuda. Simplesmente com a sensação de que o professor está aí, avança com confiança. Porque ele está presente, não tem medo; porque está contigo, pode entrar no desconhecido, o inexplorado. Mas com as técnicas corporais, o professor é muito necessário, porque o corpo é um mecanismo e pode fazer algo que não possa remediar-se facilmente. Pode te danificar a ti mesmo.

Veio para mim um homem que fazia *shirshasana*, estar cabeça abaixo durante horas. Ao isso princípio era muito bom e se sentia muito depravado e acalmado todo o dia. Mas logo surgiram problemas, e se alterou muito quando a calma desapareceu e se acalorou completamente. Quase se voltou louco. E como pensava que *shirshasana* lhe ajudou ao princípio, e se voltou muito acalmado, e se sentiu muito sereno; silencioso, depravado, fez-o mais, porque agora se sentia muito alterado. Pensou que mais *shirshasana* lhe ajudaria..., e, em realidade, *shirshasana* era a causa.

O mecanismo da mente, o cérebro, só necessita que uma certa quantidade de sangue circule por ele; se circular menos sangue, estará em dificuldades. E isto é diferente com cada um. Depende. Por isso não pode dormir sem travesseiros. Se tenta dormir sem travesseiros, não pode, ou dormirá menos porque flui mais sangue à cabeça. Esses travesseiros lhe ajudam. A cabeça está alta para que flua menos sangue, e para dormir é necessária menos sangue. Se fluir mais sangue, então o cérebro está alerta, não pode relaxar-se. Se fizer muito *shirshasana*, pode que perca completamente o sonho. Pode que não seja capaz de dormir absolutamente.

E há perigos. registrou-se que sete dias é quão máximo pode estar sem dormir; só sete dias. Depois te voltará louco, porque tecidos muito sutis do cérebro se romperão, e não podem ser reparados facilmente. Quando está cabeça abaixo em *shirshasana*, tudo o sangue está baixando à cabeça. Assim é que não vi a ninguém que faça *shirshasana* que seja inteligente em modo algum. Se uma pessoa fizer muito *shirshasana*, voltará-se estúpida, porque se destruirão tecidos muito sutis do cérebro. Com tanto sangue passando, as malhas sutis não podem existir.

De maneira que tem que ser decidido por um professor que saiba quanto tempo será útil para ti uns poucos segundos, ou vários minutos. E isto é só um exemplo. Todas as posturas, *asanas*, técnicas corporais terá que as fazer com um professor. Não terá que as fazer nunca sozinho, porque não conhece seu corpo. Seu corpo é algo tão grande que nem sequer pode concebê-lo. A pequena cabeça, sua cabeça, tem milhões de células. E esses milhões de células estão interrelacionadas. Os cientistas dizem que a inter-relação é tão complexa como o universo inteiro.

Os antigos iluminados hindus hão dito que todo o cosmos existe em miniatura na cabeça. Toda a complexidade do universo está aí em miniatura. Se pode compreender toda a relação de todas as células, compreendeste toda a complexidade do universo. Não

é consciente de nenhuma célula, e não é consciente de nenhuma relação. E é bom que não seja consciente; do contrário te voltará louco com semelhante guerra em curso. Só pode prosseguir inconscientemente.

O sangue circula, mas não é consciente disso. Faz só três séculos que tirou o chapéu que o sangue circula pelo corpo. Antes se pensava que o sangue era estática, que não se movia. A circulação é um conceito muito recente. E o homem esteve existindo durante milhões de anos, mas ninguém podia sentir que o sangue estriba circulando. Não pode senti-lo. Muita velocidade, muito trabalho está tendo lugar aí. É uma grande fábrica, seu corpo, e uma das mais delicadas. Está constantemente reparando-se a si mesmo, renovando-se continuamente. Durante setenta anos, se não lhe criar problemas, funcionará como uma seda. Até o momento não criamos nenhum mecanismo que possa manter-se a si mesmo durante setenta anos. De modo que quando começar a trabalhar de alguma forma com seu corpo, recorda estar perto de um professor que saiba do que está falando. Se não, não o faça.

Mas com a imaginação não há problema. É um fenômeno simples. Pode começar com isso.

95 Te concentre nos peitos, ou na raiz do pênis.

Segunda técnica: Sente as sutis qualidades da criatividade permeando seus peitos e assumindo delicadas configurações.

Uns poucos pontos importantes antes de entrar nisto...

Shiva lhe está falando com o Parvati, ao Devi, seu cônjuge, de maneira que esta técnica é especificamente para as mulheres. Terá que compreender várias questões. Uma, o corpo masculino e o corpo feminino são similares, mas diferentes em muitíssimos aspectos. E a diferença é sempre complementar. Tudo o que é positivo no corpo masculino será negativo no corpo feminino; e tudo o que é positivo no corpo feminino será negativo no corpo masculino. Por isso, quando se unem em um orgasmo profundo, voltam-se um organismo. O positivo se une ao negativo, o negativo se une ao positivo, e ambos se fazem um..., um círculo de eletricidade. daqui que haja tanta atração pelo sexo, tão atrativo. Este atrativo não se deve a que o homem seja um pecador ou imoral, não é porque o mundo moderno se tornou muito licencioso, não é devido aos filmes e a literatura obscenas...; está muito profundamente enraizado, é muito cósmico.

A atração se deve a que tanto o masculino como o feminino som dois semicírculos, e há uma tendência inerente na existência a transcender todo o incompleto e a completá-lo. Esta é uma das leis supremas: a tendência a completar. Sempre que sente que falta algo, sente que você gostaria de preenchê-lo, completá-lo. A natureza aborrece o estado incompleto, qualquer tipo de estado incompleto. O homem está incompleto, a mulher está incompleta, e só podem ter um momento de estar completos: quando seus circuitos elétricos se fazem um, quando os dois se dissolvem. Por isso, as duas palavras mais importantes em todas as línguas são amor e oração. No amor te faz um com um só indivíduo; na oração te faz um com todo o cosmos. E o amor e a oração são similares no que respeita a seu funcionamento interno.

O corpo masculino e o feminino são similares, mas seus pólos positivo e negativo são diferentes. Quando nasce um bebê no útero de sua mãe, durante várias semanas. Acredito que ao menos seis semanas, é neutro: não é nem varão nem fêmea. Tem a tendência, mas o corpo ainda está justo no meio. Logo, depois de seis semanas, o corpo se voltará masculino ou feminino. Se se voltar feminino, então a polaridade da energia

sexual estará perto dos peitos, o pólo positivo, porque a vagina é o pólo negativo. Se o bebê for varão, o centro sexual, o pênis, será o pólo positivo, e também terá peitos -tem todo o mecanismo-, mas são negativos. No corpo feminino existe um equivalente ao pênis, o clitóris, mas não é funcional. Igual aos peitos masculinos, o clitóris feminino não é funcional, não tem nenhuma função.

Os fisiologistas estiveram expondo perguntas com respeito a por que há peitos no corpo masculino quando não parece haver necessidade, porque não vão alimentar a um bebê. Que necessidade tem que eles? São pólos negativos. Por isso há tanta atração da mente masculina para os peitos femininos são eletricidade positiva. Tanta poesia, literatura, pintura, escultura, tudo, ocupa-se dos peitos femininos. Em realidade, parece que o homem tem menos interesse pelo resto do corpo feminino, e mais interesse pelos peitos. E isto não é algo novo. As pinturas primitivas mais antigas, nas covas, são de peitos; tão enfaticamente de peitos que todo o corpo gira em torno deles. Os peitos são básicos.

Esta técnica é para as mulheres, porque seu pólo elétrico positivo está nos peitos. Em realidade, por isso respeita à vagina, é mais ou menos insensível. Os peitos são as partes mais sensíveis, e toda a criatividade do corpo feminino gira em torno dos peitos.

É por isso que os hindus vieram dizendo que a não ser que uma mulher seja mãe, não está realizada. O mesmo não é certo para os homens ninguém dirá que a não ser que um homem seja pai, não está realizado. Ser pai é acidental. pode-se ser, pode-se não ser. Não é muito básico, e um homem pode seguir sem ser pai sem perder nada. Mas uma mulher perderá algo, porque toda sua criatividade, todo seu funcionamento, chega só quando é mãe. Quando seus peitos se voltam o centro de seu ser, ela se volta total. E não pode ir aos peitos a menos que os chame um bebê. De modo que os homens se casam com as mulheres para ter uma esposa, e as mulheres se casam com os homens para ser mães, não para ter um marido. Seu único interesse básico é ter um filho que desperte sua feminilidade. De maneira que, em realidade, os maridos sempre têm medo, porque assim que nasce o menino, eles passam à periferia do interesse da mulher o menino se volta o centro. De modo que os pais sempre se sentem ciumentos, porque os meninos se interpõem, e agora a mulher está mais interessada nos meninos que no pai dos meninos. Ele se tornou uma existência periférica, necessária para a sobrevivência, mas não essencial. Agora se tem satisfeito a necessidade básica.

No Ocidente há agora uma tendência, uma moda, de não alimentar aos meninos diretamente com os peitos. Isto é muito perigoso, porque significa que a mulher não irá ao centro criativo de seu ser. Quando um homem ama a uma mulher, pode amar seus peitos, amar-los, mas não pode chamá-los «mamãe». Só um menino pequeno pode chamá-los «mamãe». Ou se o amor for muito profundo -tão profundo que o marido se volta como um menino-, então é possível. Então a mulher se esquece completamente de que é só um cômputo e se volta uma mãe para seu amante. Então não haverá necessidade de um menino; ela pode voltar uma mãe e o centro do ser pode acontecer junto aos peitos.

Esta técnica diz: *Sente as sutis qualidades da criatividade permeando seus peitos e assumindo delicadas configurações.* Toda a criatividade da existência feminina está enraizada na maternidade. Por isso as mulheres não estão interessadas em nenhum outro tipo de criatividade. O homem é um criador; a mulher não é uma criadora. Ela não pintou, ela não criou grande poesia, não tem escrito grandes livros, não criou grandes religiões; ela não tem feito nada, realmente. Mas o homem segue criando, está louco. Segue inventando, criando, fazendo, construindo. O tantra diz que isto se deve a que o homem não é um criador, por natureza permanece insatisfeito, tenso. Quer ser mãe, quer ser um criador, assim cria poesia, cria livros, cria muitas coisas: «dará a luz» muitas

costure. Mas uma mulher está a gosto. Se pode ser mãe realmente, está realizada; não está interessada. É só quando uma mulher não pode ser mãe, não pode amar, não pode chegar realmente ao cenit de sua criatividade, que começará a pensar em fazer outra coisa. De modo que, basicamente, as mulheres não criativas se voltarão criadoras - poetisas e pintoras-, mas sempre serão de segunda categoria; não podem ser de primeira categoria. É-lhes tão impossível ser criadoras de pinturas e poesia, e outras coisas, como lhe é impossível ao homem criar um menino. Ele não pode ser mãe; isso é biologicamente impossível, e ele sente o vazio. Para encher o vazio, segue fazendo muitas coisas; mas inclusive um grande criador segue sem estar tão realizado, ou só muito raramente, como o está uma mulher se realmente for uma mãe.

Um buda está realizado porque se criou a si mesmo. renasceu, deu-se a luz a si mesmo, é um homem novo; agora é tanto seu pai como sua mãe. Pode sentir-se realizado.

Uma mulher pode sentir-se realizada mais facilmente. Sua criatividade está em torno de seus peitos. Por isso, em todo mundo, as mulheres se ocupam muito de seus peitos é como se toda sua existência estivesse concentrada ali. Sempre estão alerta com respeito a seus peitos: ocultando-os ou exibindo-os, mas sempre pendentos deles. Os peitos são sua parte mais secreta, seu tesouro, seu centro de ser..., de ser mãe, de ser uma criadora.

Shiva diz: *Sente as sutis qualidades da criatividade permeando seus peitos e assumindo delicadas configurações.* te concentre nos peitos, te faça uma com eles, esquece o resto do corpo. Leva toda seu consciencia aos peitos e lhe acontecerão muitos fenômenos. Se pode fazer isto, se pode te concentrar totalmente junto aos peitos, todo o corpo perderá peso, e te envolverá uma doçura profunda, muito doce. Pulsará em torno de ti, dentro de ti, em cima, debaixo, em todas partes... uma profunda sensação de doçura.

Em realidade, todas as técnicas foram desenvolvidas mais ou menos pelo homem, de modo que sempre dão centros que lhes resultam mais fáceis de seguir aos homens. Que eu saiba, só Shiva deu algumas técnicas que são basicamente para as mulheres. Um homem não pode fazer isto. Em realidade, se um homem tratar de concentrar-se junto aos peitos, ficará muito nervoso. Prova-a. Até em cinco minutos começará a suar e ficará muito nervoso, porque os peitos masculinos são negativos, darão-lhe negatividad. Sentirá-se nervoso, incômodo, parecerá-te que algo vai mal no corpo, sentirá-se doente.

Mas os peitos femininos são positivos. Se as mulheres se concentrarem junto a seus peitos, sentirão-se muito felizes, muito ditosas; uma doçura se estenderá por todo seu ser e seu corpo perderá pesadez. Sentirão-se ligeiras, como se pudessem voar. E com esta concentração trocarão muitas coisas; voltará-te mais maternal. Pode que não seja mãe, mas te voltará mais maternal. Suas relações com todo mundo serão mais maternais; haverá mais compaixão, mais amor. Mas esta concentração junto aos peitos deveria fazer-se muito relaxadamente, não de maneira tensa. Se ficar tensa, haverá uma divisão entre você e os peitos. te relaxe e te dissolva neles, e sente que já não existe; que só existem os peitos.

Se um homem tiver que fazer o mesmo, terá que fazê-lo com o centro sexual, não com os peitos. daqui a importância do primeiro *chakra* em todos os iogas de *kundalini*. Ele tem que concentrar-se justo na raiz do pênis, ele tem aí a criatividade; ele é positivo aí. E recorda isto sempre, nunca te concentre em algo negativo, porque com o negativo virá todo o negativo. Com o positivo, virá todo o positivo.

Quando os dois pólos do homem e a mulher se unem, o negativo está na parte de acima do homem, e o positivo na parte de abaixo; e o negativo está na parte de abaixo da mulher, e o positivo na parte de acima. Estes dois pólos do positivo e o negativo se

unem e se cria um círculo. Esse círculo está cheio de sorte, mas não é corrente. Nos atos sexuais correntes, o círculo não acontece; por isso se sente tão atraído pelo sexo e também tão repellido. Busca-o muito, necessita-o muito, pede-o muito, mas quando te dá, quando está aí, sente frustração, não acontece nada. Só é possível quando ambos os corpos estão muito relaxados e muito abertos ao outro sem nenhum medo, sem nenhuma resistência. Então a relaxação é tão completa que as eletricidades podem se fundir e unir-se e voltar um círculo.

Então há um fenômeno muito estranho... O tantra o registrou, mas pode que não o tenha ouvido. Este fenômeno é muito estranho. Quando dois amantes se unem realmente e se voltam um círculo, acontece uma oscilação. Por um momento, o amante se volta a amada, e a amada se volta o amante, e no momento seguinte, o amante volta a ser o amante, e a amada volta a ser, a amada. O masculino se volta o feminino por um momento; então o feminino se volta o masculino por um momento..., porque a energia se está movendo, e se tornou um círculo. De modo que acontecerá que o homem será ativo durante uns minutos, e logo se relaxará e a mulher se voltará ativa. Isso significa que agora a energia masculina passou ao corpo feminino, e ela atuará, enquanto que ele permanecerá passivo. E isto continuará. Normalmente, são homem e mulher; no amor profundo, no orgasmo profundo, acontecerá que por alguns momentos o homem se voltará mulher, e a mulher se voltará homem. Sentirá-se, reconhecerá-se e se sentirá absolutamente que a passividade troca.

Na vida há ritmo; há ritmo em tudo. Quando respira, a respiração entra; então, durante uns segundos se detém, não há movimento.

Então volta a mover-se, sai; e de novo há um alto, um intervalo, nenhum movimento. Movimento, não movimento, movimento. Quando pulsa o coração, há um batimento do coração, um alto, outro pulsado, um alto. O batimento do coração significa os masculino; o intervalo sem pulsado significa o feminino.

A vida é ritmo. Quando duas pessoas se unem, homem e mulher, forma-se um círculo, haverá intervalos para ambos. Será uma mulher e de repente haverá um intervalo e já não é uma mulher; tornaste-te um homem. Será homem e mulher e homem. Quando se percebem estes intervalos, podem sentir que obtivestes um círculo. Este círculo se representa no símbolo da Shiva, o *shivalinga*. Este círculo está representado pelo *yoni* do Devi e o *linga* da Shiva. É um círculo. É um dos fenômenos culminantes de duas altas energias unindo-se.

Esta técnica será boa. *Sente as sutis qualidades da criatividade permeando seus peitos e assumindo delicadas configurações.* Simplesmente te relaxe, entra nos peitos, deixa que os peitos se voltem todo seu ser. Deixa que o corpo inteiro seja tão somente uma situação para que existam os peitos; seu corpo se tornou secundário, tão somente um trasfondo, e fica a ênfase nos peitos, e te está relaxando totalmente neles, entrando neles. Então surgirá sua criatividade. A criatividade feminina surge só quando os peitos se voltam ativos. te funda neles e perceberá que surge a criatividade.

O que significa quando surge a criatividade?

Terá muitas visões em torno de ti. Buda e Mahavira disseram em suas vidas passadas que, quando nascessem, suas mães teriam certas visões, certos sonhos. devido a esses sonhos, pôde-se predizer que ia nascer um buda. Haverá dezesseis visões consecutivas.

estive experimentando com isto. Se uma mulher se fundir realmente em seus peitos, terá certas visões em uma determinada seqüência. Começará a ver certas coisas. As seqüências serão diferentes para diferentes mulheres, mas te direi umas poucas. Uma, haverá figuras, figuras humanas, e se a mulher vai dar a luz, então aparecerá a figura do filho. Se tiver havido uma fusão total nos peitos, então a mulher pode ver que

tipo de filho vai nascer dela. Aparecerá a figura, e logo será mais clara. Se não ir ser mãe logo ou se não está grávida, então haverá em torno dela fragrâncias, perfume muito desconhecidos. Os peitos podem voltar-se fontes de perfumes muito delicados que não são deste mundo, que não podem criar-se quimicamente; ouvirão-se sons, sons harmoniosos; todas as esferas da criatividade podem aparecer em novas e muito diversas configurações. Tudo o que aconteceu aos grandes pintores e poetas lhe acontecerá à mulher se pode fundir-se em seus peitos.

E isto será tão real que trocará toda sua personalidade; voltará-se diferente. E se seguir com estas visões, com o tempo cessarão, e chegará um momento em que acontecerá um nada, o vazio, a vacuidade: acontecerá *shunyata*. Este *shunyata* é a mais elevada das meditações.

Assim recorda isto, se for uma mulher, não te concentre no terceiro olho. Será melhor para ti que te concentre junto aos peitos, nos peitos, justo nos dois mamilos dos peitos.

te concentre aí. E o segundo: não te concentre em um peito; te concentre em ambos simultaneamente. Se te concentrar em um, seu corpo se desestabilizará imediatamente. Inclusive é possível que se produza a paralisia se te concentrar só em um. Assim te concentre em ambos simultaneamente, te funda neles, e o que aconteça, deixa que aconteça.

Simplemente segue observando e não apegue a nenhum ritmo, porque os ritmos serão muito belos, celestiales. Não te apegue. Segue observando-os e se uma testemunha. Chegará um momento em que começarão a desaparecer; e quando acontece *Shunyata*, um nada, quando só fica o espaço, só espaço, e os peitos desapareceram, então está sob a árvore *bodhi*.

Capítulo 68

A Energia se Deleita Jogando

Perguntas

Não é a imaginação também desejo?

Ontem disse que a mente é realidade...

por que enfatiza em trocar o centro?

por que técnicas diferentes para os homens e para as mulheres?

Primeira pergunta:

há-se dito que nenhum desejo, já seja mundano ou religioso, pode conduzir à liberdade. Mas uma imaginação positiva da felicidade e a sorte também é um tipo de desejo. Não é certo, então, que também a imaginação é desejo e, portanto, cria tensões?

A imaginação não é desejo. A imaginação é só um jogo. O desejo é algo totalmente diferente. Pode beijar sua imaginação no desejo, pode projetar sua imaginação mediante o desejo...; então será uma atadura. Se simplesmente jogar com a imaginação sem nenhum desejo..., não para chegar a nenhuma parte, não para conseguir

algo com isso, a não ser só como um jogo, então não há desejo e não há atadura. Estas técnicas de imaginação só podem ser úteis se está jogando com elas. Se ficar sério, perde a oportunidade.

Mas a pergunta é relevante, porque, em realidade, não pode conceber nada que possa fazer sem desejo. Inclusive se está jogando, joga só para chegar a alguma parte, para conseguir algo, para ganhar. Se não houver nada no futuro, perderá o interesse. Dirá: «Então, por que? Então, por que jogar absolutamente?»

Estamos tão orientados a um fim que o convertemos tudo em um meio. Isto terá que recordá-lo, a meditação é o jogo supremo; não é um meio para alcançar nada, não é um meio para alcançar a iluminação. A iluminação acontece nela, mas não é um meio para alcançá-la. Não é um meio para alcançar a liberdade suprema. A liberdade suprema acontece nela, mas não é um meio para alcançá-la. Não pode usá-la como uma causa para produzir um efeito. Esta foi uma das coisas mais enigmáticas, através dos séculos, os que souberam seguem insistindo na meditação pela meditação mesma. Não deseje conseguir nada com ela, desfruta-a em si mesmo, não te dela saia..., e a conseqüência será a iluminação. Recorda, a conseqüência..., não o efeito. A meditação não é uma causa, mas se estiver em meditação profunda, acontece a iluminação. Em realidade, estar em meditação profunda é a iluminação.

Mas a mente diz sempre que o converta tudo em trabalho. Diz: «Faz algo porque; este será o benefício que obterá disso.» Imaginário ou real, a mente necessita algo ao que agarrar-se, ao que projetar-se. Só então pode aplicar-se. Assim é como funciona a mente, funciona no presente para o futuro. Pode que o futuro seja ilusório, pode que nunca aconteça, mas se a mente pode ter posta a esperança no futuro, então pode funcionar. A isto é ao que se chama desejo: fazer algo no presente para o futuro. O fim sempre está em alguma outra parte; os meios estão aqui, mas o fim está em alguma outra parte. Esta divisão do fim e os meios, esta brecha, é o desejo. Se está jogando, não há desejo, porque o fim está aqui e os meios também estão aqui. Enquanto está jogando não há futuro; simplesmente está tão fundido nisso que o futuro desaparece.

Olhe aos meninos jogando. Olha seus rostos, seus olhos. Agora estão na eternidade. São felizes porque estão jogando. A felicidade não resultará como um fim; está aqui agora mesmo. Momento a momento, são felizes, não é que algo estupendo vá acontecer depois; já está acontecendo. Estão na eternidade. Mas suas mentes ainda não estão desenvolvidas. Forçaremos-las a desenvolver-se porque este jogo não será útil no mundo. Terão que aprender a trabalhar. Terão que dividir o fim e os meios. Terão que criar uma brecha entre este momento e o futuro, e lhes ensinaremos a sacrificar o presente pelo futuro. Assim é como funciona o mundo, como funciona o mercado, como funciona o desejo. O desejo o volta todo utilitário.

Na meditação te voltará um menino de novo, jogando, sem nenhuma idéia de futuro, desfrutando deste mesmo momento, desfrutando do ato em si mesmo, intrinsecamente. Então a imaginação não é desejo. Então pode jogar com ela, e é uma das coisas mais belas possíveis. E este jogar, este estar no momento, totalmente absorto, é a iluminação. No momento em que acontece, está transformado.

De modo que a iluminação nunca está no futuro, sempre está no presente; e não é um trabalho que terá que fazer, a não ser um jogo que terá que jogar.

Esse é o significado do conceito hindu de *lê-a*. Deus está jogando; não está enfrascado em um trabalho. Este mundo não é utilitário, a não ser só um jogo de energia. A energia se deleita jogando; divide-se a si mesmo e logo joga esconderijo. De modo que, em realidade, iluminado-los hindus nunca hão dito que Deus é o criador, mas sim Deus é o jogador..., porque a palavra mesma «criador» leva consigo muita seriedade, como se houvesse algum fim e algo que conseguir. Deus criando o mundo?

Isto é absurdo, porque significa que falta algo, de maneira que Deus está criando o mundo para conseguir algo. Ou significa que há um futuro, de modo que Deus também vive desejando.

Os jainas e os budistas não puderam compreender o conceito hindu de *lê-a*, assim negaram completamente a Deus, porque se Deus cria o mundo, então deseja. De modo que os jainas e os budistas dizem que se Deus deseja, então Deus forma parte do mundo; ele mesmo não é livre, ele mesmo não está liberado. Assim é que negaram completamente o conceito de Deus, porque dizem que Deus significa um que está mais à frente do desejo. E dizem que Mahavira é um deus, está mais à frente do desejo, mas Brahma não é um deus porque cria o mundo, deseja o mundo. Não puderam entender o conceito de *lê-a*.

O conceito de *lê-a* é totalmente diferente do conceito da criação. Deus está simplesmente jogando e não pode perguntar «por que?», porque um jogo não tem que responder a nenhum «por que?». Se os meninos estão jogando e perguntam: «por que estão jogando?», dirão: «Estamos jogando, assim estamos jogando.» Jogar é bom em si mesmo, a energia está movendo-se; está transbordando-a energia abundante.

Quanto maior te faz, menos joga. por que? Porque agora sua energia não é tão transbordante. Agora te tornaste econômico. Agora sabe que tem uma certa quantidade de energia e tem que canalizar essa energia para trabalhar, para conseguir algo. Os meninos estão simplesmente transbordantes. Dispõem de tanta energia que têm que jogar. O jogo é só energia transbordante, energia excessiva movendo-se. Então desfrutam do momento mesmo. Um menino está saltando, correndo, mas não para alcançar alguma meta. Correr é em si mesmo uma bela experiência de energia vital, uma experiência de vitalidade, uma experiência de estar vivo, de transbordar tão abundantemente que pode expulsar a energia sem nenhuma mente econômica detrás disso.

Deus significa energia absoluta, energia infinita. Deus não pode ser econômico. Tem tanta, imensamente tanta, que só pode jogar. E este jogo segue e segue, não tem fim. Não pode o ter, porque a energia é infinita. E não pode perguntar «por que?». A energia se move, não tem nenhum «porquê». Se Deus criou o mundo pode perguntar: «por que? por que criaste o mundo?» Mas se simplesmente está jogando, não pode perguntar «por que?»

Quando te converte em um jogador, volta-te divino. Se for um trabalhador, és humano; se for um jogador, tornaste-te divino. Então participa do jogo. Por isso chamamos a Krishna o *avatara* absoluto. Não chamamos a Ramo o *avatara* absoluto; chamamo-lhe um *avatara* parcial, uma chegada parcial do divino ao mundo. Mas da Krishna dizemos que é uma chegada absoluta. A diferença é que Ramo é sério. Ainda é utilitário, está orientado a um fim, isto está bem e isso está mau. O bom e o mau só existem no trabalho, deveria-se fazer isto e não se deveria fazer isso, isto é bom e isso é mau. Para a Krishna todo se tornou um jogo, de modo que tudo é arbitrário, tão somente regra do jogo.

Se seguir as regras, se segue sabendo que isto é um jogo e que terá que seguir as regras, isso é bom. Se não as seguir, não há nada de mau nisso; em realidade, está jogando o jogo contrário, o de não seguir. Se obedecer, segue o jogo da obediência; se não obedecer, segue o jogo da desobediência, o jogo da rebelião. Mas não há nada mau. Ao que queira jogar, é sua eleição. E se não lhe toma a sério e é feliz, independentemente do que faça, está iluminado.

Há regras porque um jogo terá que jogá-lo com outros. Se está jogando sozinho, não surge a questão das regras; então pode trocar suas regras quando quiser. Mas como está jogando com outros, terá que seguir certas regras para poder jogar com eles. Não há

nenhuma outra razão detrás disso. A moralidade é uma regra, o amor é uma regra, a sociedade é só uma regra..., regras acordadas, vamos jogar a algo, de modo que as lembraremos. Se não quiser observar as regras, então pode ser rebelde, mas não lhe tome a sério. Então joga jogo de ser rebelde. E se alguém te mata, você assassina, ou te sacrifica, sabe que estava jogando jogo de ser um líder rebelde, assim é que lhe mataram. Não há nenhuma condenação. Não estava a favor das regras estabelecidas, de modo que as regras estabelecidas estavam contra ti; está bem. Então não há nada mau, e não tem que te queixar.

Uma vez que toma consciencia de que o conceito do trabalho, a utilidade, chegar a alguma parte, a meta, é a escravidão, isso não significa que deixa de jogar o jogo no mercado. Segue jogando, mas sabe que isto é um jogo. Isso não significa que te divorcia de sua mulher; segue jogando jogo do matrimônio. Mas tenha muito claro que é um jogo. Não lhe tome a sério. E se quer jogar jogo do divórcio, pode jogar a isso, mas, recorda, não lhe tome a sério. Divórcio ou matrimônio..., estes são jogos alternativos; ser mundano ou fazer-se sannyasin..., estes são jogos alternativos. Mas não lhe tome a sério. Se risonho, festivo. E escolha o que escolha, pode jogar; independentemente de quais sejam as conseqüências, dará-lhes a bem-vinda, porque não lhe as tomadas a sério.

Uma vez que isto aprofunde em seu consciencia -e aprofundará se começar a jogar com a meditação-, será um bom começo. Porque na meditação você é o único jogador; por isso pode ser um bom começo, o começo adequado. Está jogando sozinho, de modo que pode te esquecer da sociedade, e a sociedade não deverá interferir. É um jogo a sós, a meditação, um jogo a sós. Joga-o sozinho.

De modo que pode jogar ao que queira, mas te esqueça dos fins. Se houver fins; também converteste a meditação em um trabalho. Simplesmente joga, desfruta-a, ama-a. É bela em si mesmo. Não há necessidade de nenhum outro fim para embelezá-la.

A gente vem para mim e me diz: «Estamos desfrutando da meditação, mas nos diga o que vai acontecer. Qual será o resultado final?»

Digo-lhes: «Este é o resultado final, que está desfrutando. iDisfrútala mais!»

Mas seguem insistindo: «nos diga algo sobre isso. Qual será o resultado final? Onde chegaremos?» Não lhes interessa absolutamente onde estão; o que lhes interessa sempre é aonde chegarão. A mente não pode existir no presente, assim segue te dando desculpas para entrar no futuro. Essas desculpas são os desejos. De maneira que se desejas ser um deus, ser um buda, sua meditação será um tipo de desejo, e então não será meditação. Se não desejar nada, se simplesmente desfruta estando aqui, celebra estar vivo, desfruta da energia interna jogando na imaginação, em visões, no vazio, independentemente do que escolha, e é totalmente um com este momento de deleite, então é meditação. Então não há desejo, e sem desejo o mundo cessa. Com uma mente que não deseja, uma mente brincalhona, entraste. Já está aí.

Mas terá que amassar isto em sua mente uma e outra vez, porque sua mente é um transformador. Transforma-o tudo em um desejo; tudo; pode transformar inclusive o no-desejo em um desejo. A gente vem para mim e diz: «Como se consegue o estado de no-desejo? Como conseguir o estado de não desejo?» Agora este se tornou o desejo. Sua mente tem um mecanismo lhe transformem: tudo o que ponha nela sairá como um desejo.

Estate alerta e te deleite tanto nos momentos, que não fique energia para ir-se ao futuro. Então, qualquer dia, em qualquer momento, acontecerá-te que, de repente, toda a escuridão cai; de repente, tudo o que é uma carga desaparece; de repente, está liberado. Mas a ênfase deveria recair cada vez mais no jogo, o presente, aqui e agora; e cada vez menos no futuro.

Segunda pergunta:

Ontem disse que a mente é realidade, o sonho é realidade. Então, por que os gurús como você tomam a moléstia de nos ensinar que a mente é a única barreira, que a mente é o único obstáculo?

Os gurús e os discípulos são fenômenos da mente. Há gurús porque sua mente necessita gurús. Você os cria. Há professores porque quer que lhe ensinem. Você os necessita.

É um jogo. Quando digo que o matrimônio é um jogo, não pense que não diria que um gurú e uns discípulos conformam um jogo. É um jogo. Algumas pessoas o desfrutam, assim que o jogam. Se o desfrutar, joga-o profundamente; se não o desfrutar, esquece-o. Mas este é um dos jogos mais formosos. Vai ainda mais fundo que o matrimônio.

É um dos jogos mais formosos, mais refinados; e só quando uma cultura alcança o cenit, desenvolve-se este jogo, nunca antes. De modo que, em realidade, o jogo só se desenvolveu na Índia. O jogo do gurú e o discípulo foi criado aqui. Ocidente o está descobrindo agora por primeira vez, porque agora Ocidente está chegando a um cenit. Este jogo é o mais luxuoso. Não é corrente, de modo que só pode jogá-lo a gente que o pode permitir. E se souber que este é um jogo muito formoso e o desfruta, pode jogá-lo. Mas não lhe tome a sério. E se pode perdoar aos discípulos se forem sérios, mas quando os professores são sérios, é ridículo. Não se pode perdoar se nem sequer são conscientes de que isto é um jogo.

Na realidade, todos os jogos desaparecem, mas para a mente os jogos existem. Com isto não estou dizendo que deveria deixar de jogar; tão somente estou dizendo que deveria tomar consciencia de que isto é só um jogo, e então, se o desfrutar, segue jogando-o. Se não o desfrutar, então para. Uma vez que cai na conta de que tudo na vida, toda relação, é um tipo de jogo, já é livre, porque só está pacote devido à seriedade. Está pacote porque pensa que tudo é muito sério. Nada é tão sério. Mas é difícil conceber toda esta vida como um jogo.

por que é tão difícil? Porque então o ego cai de repente. Se tudo for um jogo, o ego não pode manter-se. O ego necessita comida. A seriedade é a comida. alimenta-se dela. De modo que quando te faz discípulo, se simplesmente está jogando, seu ego não pode fortalecer-se com isso, porque sabe que isto é um jogo.

Sobre o que te vais sentir tão egotista? A gente começa a pensar que são discípulos de um gurú muito prodigioso. Pode que o gurú seja prodigioso ou pode que não o seja, não se trata disso; mas o discípulo pensa: «Sou o discípulo do maior dos gurús.» Isso se converte em uma vitamina e o ego cresce com ela, fortalece-se.

Por isso os discípulos seguem lutando em relação com os gurús. Ninguém pode acreditar que seu gurú seja o número dois; é sempre o número um. E a questão não é se for o número um ou não...; não, não é isso; é porque você só pode ser o número um se seu gurú for o número um. O ego do discípulo depende da elevação do gurú. Se alguém disser algo contra seu gurú, por, o que se sente tão ferido? Seu ego está ferido. *Seu* gurú significa *seu* ego, encarnado, e se alguém diz algo contra seu gurú, não pode tolerá-lo. É impossível, porque é um golpe direto a seu ego.

Mas isto se pode tolerar nos discípulos.

São ignorantes, e façam o que façam, farão-o mau. Isso se dá é obvio. Mas os supostos gurús também estão jogando o jogo muito seriamente. Não podem rir; resultalhes impossível rir de todo o jogo. Um gurú é realmente um gurú quando sabe que todo

o assunto é um jogo e que o jogo te está ajudando a te fazer mais consciente. E chegará um momento em que você também te rirá, chegará um momento em que poderá olhar atrás..., e então se sentirá muito agradecido, porque para ti tudo era muito sério, e para o gurú nunca foi nada. Mas estava jogando o jogo tão a sério contigo e fazendo todo tipo de esforços..., como se estivesse te levando a alguma parte.

Recorda, é «como se», porque não há nenhuma parte a que te levar. Tem que estar aqui. De modo que todos os esforços que parece que lhe estão levando a alguma parte são só artifícios. Não te pode levar a nenhuma parte. Já está em casa; nunca o percebeste. Está enraizado na realidade, na verdade. Assim é que todos estes jogos de levar, guiar, ser um gurú, são para te pôr em situações nas que descobrirá que tudo o que queria encontrar já está aqui.

Mas não pode compreender a falta de seriedade. O ego não conhece essa linguagem. Toda religião nasce como um jogo, e toda religião se volta uma igreja, muito séria, mortalmente séria. Toda religião nasce como uma dança, como uma canção, como uma celebração, e logo todo se volta morto e sério. Em realidade, a religião não pode ser séria. Deve ser enlevada, deve ser a cúpula mais alta da sorte. Como vai ser séria?

Os cristãos seguem pensando e acreditando que Jesus nunca riu. Olhe a Krishna, não se pode encontrar nada em comum entre eles. Não é que Jesus fora assim, mas os cristãos lhe têm feito sério porque só em torno de um Jesus sério é possível uma igreja séria. E então todo o jogo das Batatas..., tão sérios, tão curvados. Jesus deveu ter sido um homem muito alegre, rindo, desfrutando, comendo, bebendo, dançando. Deveu ter amado a vida profundamente.

Esse foi seu pecado. Essa foi a razão pela que foi crucificado. Os que lhe crucificaram eram muito sérios. Eram a velha igreja estabelecida. Em realidade, não crucificaram ao Jesus, crucificaram sua celebração; e não teria havido cristianismo se não tivesse sido crucificado, porque era um homem muito alegre. No momento em que os judeus lhe crucificaram, tudo se voltou muito sério; a morte se converteu no importante. E, é obvio, a figura na cruz está muito séria, a morte. O cristianismo surgiu em torno do corpo morto e a cruz. A cruz se voltou o símbolo; não Jesus rindo-se em um povo, bebendo em uma festa, comendo com amigos, ou ficando em casa de uma prostituta. Não, esses não se converteram nos símbolos. A cruz se converteu no símbolo, e com a cruz, a seriedade..., a seriedade da morte. E devido a essa cruz e ao Jesus crucificado, o cristianismo se voltou contrário à vida. Tudo o que está vivo se converteu em pecado.

E toda religião segue fazendo isto a sua maneira. Os que são muito sofisticados não o farão dessa maneira; farão-o de outra forma. Nós não transformamos a Krishna - Índia é um país muito sofisticado, e não fará semelhante coisa-, mas nunca lhe consideramos real. É só um mito formoso.

O Gita se voltou mais importante que Bhagavad; a vida da Krishna não é tão importante para os hindus, mas a mensagem que transmitiu no campo de batalha é muito importante. por que? Porque é algo sério. Um campo de batalha está mais próximo à morte que à vida. A vida da Krishna está muito cheia de vida, mas se converteu em um mito e ninguém se preocupa com ela. As poucas palavras que pronunciou no campo de batalha se tornaram mais importantes que toda sua vida. E então há especialistas que seguem explicando que sua vida é só simbólica, que não é real. Que jogasse com seus *gopis* não é real, as *gopis* são só símbolos dos sentidos, não são reais. Não são mulheres reais de carne e osso, não. As *gopis* não são mulheres; são simbólicas. E os especialistas são muito eficientes fazendo tais truques. Dizem que

Krishna é a alma e as *gopis* são os sentidos do corpo, os sentidos estão dançando ao redor da alma.

Este é um país sofisticado. Matam a Krishna, crucificam a Krishna, mas de uma maneira muito sofisticada. mata-se sua celebração; volta-se simbólica, sem sentido, e se aparta a um lado toda sua vida real. Ele dançava com mulheres reais, mas isso é escandaloso, porque não podemos conceber a Krishna dançando com mulheres reais. Podemo-lhe permitir dançar com mulheres simbólicas, mas não com mulheres reais. Estaremos escandalizados. A vida nos escandaliza. Tornamo-nos tão mortícios que algo viva nos escandaliza.

Toda religião nasce na celebração; e quando a celebração morre, tenha muito claro que a religião está morta. Sempre que nasce uma nova religião, todas as velhas religiões estarão contra ela, porque voltará a estar presente a celebração. Igual a quando nasce um menino -todo menino nasce brincalhão, alegre, vivo, celebrando, celebrando irresponsavelmente, não acreditando no futuro, acreditando no aqui e agora- toda a sociedade estará contra ele; toda a sociedade tentará lhe reformar antes de que se perca. Terá que lhe trazer para o bom caminho.

O mesmo acontece com toda nova religião.

De maneira que quando digo que a meditação é uma dança, quando falo de *sannyas* como uma celebração e uma felicidade internas, uma afirmação da vida, é óbvio, todos os que pertençam a antigas tradições dirão: «A isto chama *sannyas*?» E em certo modo têm razão, porque tudo o que vieram acreditando que é *sannyas*, não o é. estiveram acreditando em nomes mortos: quanto mais mortos, mais dizem: «Isto se que é renúncia autêntica...» Quando se renunciou à vida, chamam-no *sannyas*; mas eu o chamo *sannyas* quando se está vivendo a vida em sua totalidade.

Mas assim é como será sempre. Quando eu já não esteja, converterão-o em algo sério. Darão explicações sobre qual é o significado real. Mas o significado real sempre é óbvio; não há necessidade de dar nenhuma explicação. Todas as explicações são para justificar, para pôr algo que não havia.

Gurús, discípulos, iluminados e ignorantes... Este é um grande jogo, um jogo cósmico. Os ignorantes precisam iluminados; iluminado-los não podem jogar a sós, sozinhos, necessitam aos ignorantes. Mas o professor sabe que isto é um jogo e não toma a sério.

Terceira pergunta:

Disse ontem à noite que uma mudança nos aspectos externo ou interno e físico ou mental pode trazer consigo uma mudança na consciencia. Isso significa que as mudanças na periferia também afetam a consciencia, o centro. Mas então, por que enfatiza em trocar o centro, em vez de trocar o externo, a periferia?

Este é o problema, seguem lhes agarrando às palavras, mas lhes perdem o sentido.

A periferia também te pertence; forma parte do centro. A periferia forma parte do centro, é a parte externa do centro, mas não é diferente do centro. Pode criar uma periferia sem centro? Ou pode criar um centro sem periferia? Não estão separados, são um. A periferia é o centro cuidadoso desde fora. Se trocar sua periferia, o centro também será afetado, por duas razões: em primeiro lugar, a periferia forma parte do centro, e, em segundo lugar, o que trocará a periferia a não ser o centro? O que trocará a periferia? O centro trocará a periferia.

Mas minha ênfase em começar a trabalhar do centro segue aí, porque se começar a trocar a periferia se demorará mais tempo em chegar ao centro. Pode que se demorem

muitas vidas no que se pode fazer em um só momento, porque tem que ir da periferia ao centro, para trás, do superficial ao profundo.

Se começar a trabalhar do centro, a periferia troca automaticamente. Quando o centro é diferente, a periferia lhe segue, porque a periferia não pode afastar-se de ti. Por exemplo, não te direi que tente ser no-violento na periferia, é uma perda desnecessária de tempo e esforço. no-violento-se no coração, se compassivo, amoroso, no coração..., e a periferia virá detrás. Pode te esquecer completamente dela, porque tudo o que acontece na periferia vem do centro, de modo que se for compassivo no centro, a periferia virá detrás. E esta compaixão será totalmente diferente, porque a periferia não saberá que isto é compaixão; a periferia não se sentirá alvoroçada por que isto seja compaixão; a periferia será felizmente ignorante, a compaixão te seguirá como uma sombra. Este é o caminho mais fácil.

O que quero dizer é isto: se quer trocar uma árvore, troca as raízes. É obvio, as folhas da árvore também são a árvore, e também pode tentar trocar as folhas. Se trocar as folhas, as raízes serão afetadas, mas vai ser um comprido processo, porque o fluxo é da raiz às folhas, o fluxo não é das folhas à raiz. Está seguindo uma direção inversa a da natureza. Se segue trocando as folhas, depois de muitíssimas vidas pode que afete a pauta das raízes, mas isto vai ser innecesariamente comprido. Pode fazê-lo imediatamente se trocar a pauta nas raízes. As folhas trocarão e se voltarão diferentes.

De modo que quando ponho a ênfase no centro, não quero dizer que a periferia está separada do centro. E quando ponho a ênfase no centro, não quero dizer que não se pode afetar o centro da periferia; pode-se, mas é a rota mais larga possível. Se escolhe ir pela rota larga, isso depende de ti. Não há nada de mau nisso. Se desfrutar de da viagem, então a rota larga é boa; se simplesmente quer ver as vistas, então a rota larga é boa. Do contrário, começa do centro.

É desta maneira, estamos sentados aqui e me estão escutando, de modo que se cria um centro nesta habitação, lhes voltam a periferia, eu me volto o centro. Existe uma alma de grupo. Centram-lhes em mim. Se alguém quer afetar esta habitação e esta alma de grupo, é melhor começar por mim que por vós. Porque se eu trocar de parecer, os efeitos não demorarão para produzir-se, mas se alguém começa por vós, vai ser um esforço muito prolongado. Porque, para começar, são muitos, e primeiro terá que lhes trocar um por um, e logo deve tratar de me trocar por meio de vós. Isto vai ser muito prolongado, e pode que nunca aconteça. O outro é mais fácil. Se me trocar e se vós estão ligados a mim como centro, os efeitos se produzirão imediatamente.

Em seu corpo, em seu ser, está acontecendo o mesmo fenômeno. Há o centro e há a periferia de sua vida. Tocando seu centro diretamente, a periferia seguirá; tem que seguir, não há outro caminho. Trocar a periferia é um assunto fragmentado, troca um fragmento, e outros noventa e nove fragmentos permanecem como antes; então, quando passa a outro fragmento, esses noventa e nove fragmentos restantes trocarão o que tentou trocar; voltarão a fazê-lo como era antes. Toda a pauta estará contra isso. Posso trocar um hábito -será necessário muito esforço-, mas não toda sua pauta, porque seu centro segue te dando todos os velhos hábitos. troquei só um hábito e há milhares de hábitos. Este hábito trocado o está só da superfície, forçado. Assim que esteja despreparado, todos outros hábitos e a pauta o voltarão a trocar a como era antes. desperdiça-se muito esforço trabalhando na superfície.

Vi a pessoas que estiveram esforçando-se toda sua vida por coisas correntes. Por exemplo, alguém esteve toda sua vida tentando deixar de fumar, esta foi sua aspiração, sua única aspiração, e não o consegui. A semelhante pessoa digo que, inclusive se o consegue, o que conseguiste? Toda a vida se perde tratando de deixar de fumar. Não merece a pena. Quando chegar à fonte divina, a Deus, só poderá dizer que deixaste que

fumar. Isto não vale a pena dizer-se. E toda a vida se aconteceu tentado deixar de fumar, e nem sequer isso se conseguiu. Isto é trabalho fragmentado. E o problema não é fumar; está lutando contra uma corrente trocando uma pequena onda..., e todo o rio segue fluindo. Se trocar uma onda, o rio inteiro voltará a trocar a onda ao que é, porque a pauta, a pauta inerente, segue sendo emitido do centro à periferia. Em um programa inerente, tudo o que está acontecendo na periferia aconteceu já no centro. Por isso está acontecendo aí. A periferia chega a inteirar-se de coisas que estiveram acontecendo muito profundamente.

Vete à causa e não se preocupe muito pelo efeito.

Isto é científico. Troca o centro. Não tente deixar de fumar, não tente deixar isto e aquilo... Segue a pauta mais profunda. por que fuma? por que tem esta obsessão com o centro sexual? por que tem esta obsessão com o dinheiro? por que é um miserável? por que te segue aferrando a dinheiro morto? Pode doá-lo; isso não trocará nada. Doá-lo não ajudará; voltará a acumulá-lo. E doar será em si mesmo um investimento para o futuro, formará parte do saldo bancário. Não pode doar simplesmente jogando. Ou sim? Pode doar muito seriamente quando se diz que a doação te levará a céu. Então, pode doar. Para mim, um doador que está dando seu dinheiro por um futuro no paraíso se está aferrando mais a seu dinheiro que uma pessoa que pode dilapidar toda sua fortuna em um jogo de naipes. Esta pessoa é menos avara. Pode jogar com ele, e seu consigo é mais profundo. Pode que pareça imoral, porque a moralidade a criaram os doadores. Estes dirão: «Está esbanjando o dinheiro». Eles nunca esbanjam o dinheiro; eles sempre o investem. E este homem está louco, é imoral, está esbanjando dinheiro. Mas este homem é menos avaro, e este homem pode aprofundar mais facilmente que o homem avaro que está doando por algum paraíso ou algo similar.

Pode trocar as coisas externas, mas, no *fundo*, inclusive a mudança terá a mesma pauta. Terá que tirar de raiz e transformar a pauta. Por isso ponho a ênfase em começar do centro. Mas não pense que quero dizer que se não poder começar do centro, não comece da periferia. Não é isso o que quero dizer. Se não poder começar do centro, por favor, começa da periferia. Algo é melhor que nada. Tomará muito tempo; pode que nunca possa fazê-lo, mas mesmo assim, o esforço mesmo será bom.

Lembrança um incidente. Na sala de espera de um aeroporto, uma jovem chorava sem parar. Todos os que estavam por ali eram conscientes disso, mas ninguém sabia o que fazer. Então, um homem se armou de valor. aproximou-se da mulher, tratou de consolá-la, disse coisas confortadoras, estreitou-a com seu braço, e lhe perguntou: «O que posso fazer? Há algo que possa fazer para te ajudar a deixar de chorar?»

Mas ela não estava escutando. Seguia chorando, assim que ele a estreitou ainda mais e voltou a lhe perguntar: «Posso fazer algo para que deixe de chorar?».

A mulher disse por fim: «Temo-me que não. Isto é febre do feno, mas, por favor, segue tentando.»

Isso é o que eu te digo. Da periferia é difícil, porque é como a febre do feno. É quase impossível, mas, por favor, segue tentando. Pode que aconteça algo. Quem sabe?

Mas se realmente está interessado, começa do centro.

Quarta pergunta:

por que deveria haver uma diferença entre técnicas para homens e para mulheres?

Porque são diferentes. São todo o diferente que se pode ser. São pólos opostos. Em realidade, uma pergunta mais relevante seria esta: por que deveria haver técnicas similares?

Há técnicas que estão sendo usadas tanto por homens como por mulheres, não porque sejam adequadas para as mulheres, a não ser, em realidade, porque nunca se criaram técnicas especiais para elas. Foram uma parte desatendida da humanidade. Todas as técnicas foram criadas por homens. Basicamente, o homem estava experimentando consigo mesmo: conhecia a pauta de sua energia, as trajetórias de sua energia, as passagens de sua energia. Trabalhou com isso. E estava falando com outros homens; de modo que as técnicas foram criadas por homens para homens. Nunca se considerou as mulheres.

As mulheres não podem entrar em uma mesquita muçulmana. Em realidade, não têm que formar parte do islã; a mesquita só existe para os homens. Durante muitos anos, Buda negou insistentemente a iniciação às mulheres. Mahavira iniciou a muitas mulheres, nunca lhes negou a iniciação, mas não se desenvolveram nenhuma técnicas para elas. Todas as técnicas eram para os homens. As mulheres trabalharam com dificuldade com elas. É por isso que os resultados nunca foram tão milagrosos, nunca foram, sempre médios; tinham que sê-lo.

Em realidade, não há necessidade de trezentas religiões no mundo; só se necessitam duas religiões; uma para os homens e uma para as mulheres. E essas duas religiões não precisam estar em conflito; podem estar juntas. Voltarão-se uma. Não haverá necessidade de nenhum conflito. Se um homem e uma mulher podem apaixonar-se e viver juntos como uma só unidade, essas duas religiões podem apaixonar-se... Deveriam.

Toda a fisiologia, toda a psicologia, cada capa da consciencia feminina é diferente da do homem; não só diferente, mas também justo a contrária. Por exemplo, o *kundalini* ioga... não é absolutamente para as mulheres. Mas muitos se escandalizarão se disser isso..., sobre tudo as mulheres. Pensarão que lhes tiraram algo das mãos. Não é para elas absolutamente porque se apóia no centro sexual que é positivo para o homem. O centro sexual positivo está na raiz do pênis..., para os homens, não para as mulheres. Para as mulheres, esse centro é negativo, e não se pode fazer subir a energia de um centro negativo. De modo que quase sempre se dá o caso -esta é minha observação- de que quando as mulheres dizem que estão sentindo que lhes está subindo a *kundalini*, estão-o imaginando. Não pode acontecer, mas são muito imaginativas, mais imaginativas que os homens. De maneira que se trabalho com dez mulheres e dez homens, nove mulheres sentirão que a energia ascende, e só um homem sentirá que a energia ascende. Estou é milagroso, porque não pode acontecer! Seguem vindo a me dizer: «Sim, está acontecendo.» O que se pode fazer? É impossível, cientificamente impossível, porque a energia só pode sair de um centro positivo.

deveriam-se desenvolver técnicas diferentes, técnicas totalmente diferentes; mas como o homem e a mulher vivem tão perto, seguem esquecendo que são diferentes.

Nada é similar, e é bom que nada seja similar, porque é por isso que se podem voltar um círculo de energia. São complementares, encaixam o um no outro. Mas que encaixem não significa que sejam similares; encaixam porque não são similares.

E quando dois tipos similares de corpos e mentes tentam encaixar o um no outro, isto é uma perversão. Assim é que digo que a homossexualidade é uma perversão. No Ocidente, agora se tornou mais e mais prevacente. Agora os homossexuais pensam que são progressistas, têm seu clube, festas, instituições, revistas, propaganda, tudo. E seu número está crescendo. Em certos países chegou a ao redor de quarenta por cento. cedo ou tarde, a homossexualidade se converterá em uma pauta em todas partes, uma

pauta normal. Se a gente insistir, tem que permiti-lo; porque o governo tem que servir às pessoas. Se dois homens querem viver juntos em matrimônio, não é assunto de ninguém criar obstáculos. Está bem. Se duas mulheres querem viver juntas, casadas, não é assunto de ninguém. É assunto dele. Mas isto é basicamente acientífico. É assunto dele, mas é acientífico. É assunto dele e ninguém precisa interferir.

Mas suas mentes são ignorantes da pauta muito básica da energia humana e seu movimento. Os homossexuais não podem desenvolver a espiritualidade; é muito difícil. Toda sua pauta do movimento de energia está alterada. Todo o mecanismo está comocionado, pervertido. E agora, se a homossexualidade crescer muito no mundo, terão que ser criadas técnicas muito diferentes, desconhecidas antes, para lhes ajudar a ir para a meditação.

Quando digo que um homem e uma mulher são dois contrapartes de um tudo, quero dizer que são complementares. E a complementariedade só é possível quando seus pólos opostos se unem. Considera o desta maneira: a vagina é o pólo negativo no corpo feminino e os peitos são o pólo positivo. Esta é a banda do magnetismo, o pólo positivo junto aos peitos, o pólo negativo junto à vagina. Para o homem, o pólo negativo está nos peitos, e o pólo positivo está no pênis. De modo que quando os peitos se unem -os masculinos e os femininos-, estão-se unindo o positivo e o negativo; e quando os centros sexuais se unem no coito, estão-se unindo o negativo e o positivo. Agora ambas as bandas magnéticas se estão unindo em seus pólos opostos, agora há um círculo, a energia pode fluir, a energia pode mover-se.

Mas este círculo só acontecerá quando um homem e uma mulher estejam apaixonados. Se não haver amor, então só se unirão seus centros sexuais, um pólo positivo se unirá a um pólo negativo. Haverá um intercâmbio de energia, mas linear. Não se pode fazer um círculo. É por isso que sem amor nunca se sente satisfeito.

O sexo sem amor se volta uma bagatela, não vai muito fundo. A energia se move, mas em uma linha, não se cria um círculo. E quando há um círculo, fazem-lhes um; não antes. Quando estão profundamente apaixonados, então se unem também os peitos; nunca antes. De modo que o ato sexual é muito fácil; o ato de amor é mais complexo. O ato sexual é só físico: duas energia que se unem e se dissipam. Por isso, se só houver sexo, cedo ou tarde se sentirá frustrado, desperdiça energia e não ganha nada. O ganho só acontece quando há um círculo. Se houver um círculo total, então os dois membros do casal sairão do ato sexual com mais energia, mais vivos, mais cheios, com mais energia fluindo. Se só houver o ato sexual, ambos os membros do casal sairão disso vazios, desfalecidos. perderam energia. dormirão, porque o único que se sentem é débeis.

Neste «encontro de um só pólo» os homens perdem mais que as mulheres. É por isso que as mulheres podem fazer-se prostitutas: porque o pólo positivo é o homem e o pólo negativo é a mulher. A energia flui do homem à mulher, mas não à inversa. De modo que uma mulher pode ter vinte ou trinta atos sexuais em uma noite; um homem, não. Um homem pode ter dois.

Depende da idade, de como se mova sua energia..., porque não ganha nada. De maneira que, para mim, se a prostituição for malote não é devido à prostituição; é porque é impossível um círculo. Não te recarrega; simplesmente desperdiça sua energia. Se houver amor, então o homem e a mulher se unem em dois pólos. O homem lhe dá à mulher, e a mulher o devolve. É recíproco, mútuo.

Para as mulheres, a meditação será boa se começar nos peitos. Esse é seu pólo positivo.

devido a isto, muitas coisas estranhas se voltam possíveis, acontecem. Ao homem sempre gosta de entrar na mulher imediatamente. Não está interessado na brincadeira

prévia, porque seu pólo positivo sempre está preparado. E as mulheres estão sempre pouco dispostas a entrar no ato sexual imediatamente, sem nenhuma estimulação prévia, porque seu pólo negativo não está preparado. E não pode estar preparado; a menos que o homem comece a amar à mulher começando pelos peitos, o pólo negativo não estará preparado. Podem ceder, mas não participarão. E o homem pensa que o ato sexual é simples. por que perder tempo? Entra na mulher, imediatamente..., e acaba em uns minutos. Mas a mulher não participou, não estava excitada. Por isso as mulheres têm um desejo de que seus amantes lhes toquem os peitos, amem seus peitos..., um fundo desejo. Só quando seus peitos se encheram de energia responde seu segundo pólo da banda magnética, que é negativo. Então estão vivas nisso, então podem participar, então é possível a comunicação..., e então se dissolverão. A brincadeira prévia é primitiva.

Os matrimônios se secam porque ao princípio, quando une a uma nova mulher, joga com seu corpo antes. Não está seguro de se ela te permitirá uma aproximação direta, de modo que joga. Provas o terreno para ver se ela estiver preparada. Mas quando é sua mulher, dá-o por descontado, não há necessidade. As algemas estão insatisfeitas com seus maridos, não porque seus maridos não sejam amorosos, mas sim porque são amorosos desacertadamente. Não pensam que uma mulher existe de maneira diferente, que seu corpo responde de um modo diferente, oposto ao deles.

Esta concentração nos peitos, dissolver-se neles, proporcionará uma nova sensação à mulher meditadora, uma nova percepção de seu próprio corpo, porque agora, do centro, pode sentir todo o corpo vibrando. Simplesmente amando os peitos de uma mulher lhe pode levar a um profundo orgasmo, porque o pólo negativo responderá imediatamente,

Há muitas outras coisas. Se começar pelos peitos, meditando nos mamilos... Não siga a rota que tem lido nos livros, porque isso é para os homens. Simplesmente não siga nenhum gráfico; tão somente deixa que a energia se mova por si só. Acontecerá desta forma: com apenas uma vaga sugestão, seus peitos se encherão de energia, radiarão energia, esquentarão-se, e então sua vagina responderá. E só depois de que sua vagina responda e vibre começará a funcionar seu *kundalini*.

A rota será diferente e a maneira em que ascenderá a *kundalini* será diferente.

No homem ascende muito ativamente, drasticamente. Por isso a denominaram «serpente que sobe». Muito drasticamente, repentinamente, com uma sacudida, a serpente se desdobra. E se sente em muitos pontos. Esses pontos se chamam *chakras*. Onde há resistência, a serpente se abre caminho à força. Igual ao pênis entra na vagina, da mesma maneira é similar a passagem para o homem. Quando a energia ascende é como se o pênis se estivesse movendo dentro.

E a serpente é um símbolo fálico. Em realidade, para não usar a linguagem direta, para não chamá-lo pênis, chamaram-no serpente. Deve ter ouvido a história do Paraíso Terrestre, onde a serpente persuadiu a Eva para que comesse o fruto da árvore da ciência. Agora os estudiosos estão trabalhando e dizem que esta serpente é também um símbolo fálico. De modo que, em realidade, não é uma questão de comer o fruto do conhecimento; é uma questão de sexualidade.

O mesmo símbolo foi usado de maneira similar na Índia: a serpente sobe como um pênis entra em ereção, em sacudidas, e indo para dentro.

Isto não é o que sentirá uma mulher. A sensação será a oposta. Ao igual a uma mulher sente quando o pênis entrou na vagina –a sensação de dissolver-se, a acolhida, a vagina cedendo, vibrando muito, muito delicadamente, em um estado receptivo, amoroso, acolhedor-, o fenômeno será o mesmo dentro. Quando a energia ascenda, será uma ascensão receptiva, passivo, como se se estivesse abrindo uma passagem: não uma serpente subindo, a não ser uma porta abrindo-se, e uma passagem abrindo-se, e algo

cedendo. Será passivo e negativo. Com os homens, algo está entrando; com as mulheres, algo está abrindo-se, não entrando.

Mas ninguém se ocupou disso nunca antes, porque ninguém teve em conta à mulher. Mas para o futuro, penso que agora é indispensável; o corpo feminino não deveria ser desatendido. São necessários muita investigação e muito trabalho, mas é muito difícil trabalhar devido a tantas tolices puritanas, moralistas. É muito difícil trabalhar e criar um mapa de como responderá aos fenômenos o corpo feminino.

Mas assim é como acredito que será, tudo será justo o oposto. Tem que ser assim. Não pode ser similar. Mas o ponto culminante será o mesmo.

Capítulo 69

É um Desconhecido para Ti Mesmo.

Os Sutras

96 Amora em algum lugar ilimitadamente espaçoso, livre de árvores, colinas, moradias. Assim chega o final das pressões da mente.

97 Considera que o espaço pleno é seu próprio corpo de sorte.

O homem nasce sozinho e morre sozinho, mas entre estes dois pontos vive em sociedade, vive com outros. A solidão é sua realidade básica; a sociedade é só accidental. E a não ser que o homem possa viver sozinho, possa conhecer sua solidão em sua total profundidade, não pode conhecer-se si mesmo. Tudo o que acontece na sociedade é só externo; não é você, é só sua relação com outros. Você permanece desconhecido. Não pode ser revelado do exterior.

Mas vivemos com outros. devido a isto; o conhecimento da gente mesmo é totalmente esquecido. Sabe algo sobre ti mesmo, mas indiretamente, não-lhe isso dito outros. É estranho, absurdo, que outros tenham que te falar sobre ti mesmo. A identidade que tem te é dada por outros; não é real, a não ser só uma etiqueta. Te dá um nome. Esse nome se dá como uma etiqueta, porque à sociedade resultará difícil relacionar-se com uma pessoa sem nome. Não só se dá o nome; a imagem mesma que pensa que é é dada pela sociedade, que é bom, que é mau, que é bonito, que é inteligente, que é moral, um santo, ou o que seja. A imagem, a forma, também é dada pela sociedade, e você não sabe o que é. Nem seu nome revela nada, nem a forma que te deu a sociedade. Segue sendo um desconhecido para ti mesmo.

Esta é a ansiedade básica. Existe, mas é um desconhecido para ti mesmo. Esta falta de conhecimento sobre ti mesmo é a ignorância, e esta ignorância não pode ser eliminada por nenhum conhecimento que lhe possam dar outros. Podem te dizer que não é este nome, que não é esta forma, que crie uma «alma eterna», mas isso também lhe dão isso outros; tampouco isso é imediato. A não ser que chegue a te conhecer ti mesmo diretamente, permanecerá na ignorância; e a ignorância cria ansiedade. Não só lhes tem medo a outros, tem-te medo a ti mesmo; porque não sabe quem é e o que há oculto em ti. Não sabe o que é possível, o que sairá de ti no momento seguinte. Segue tremendo, e a vida se volta uma funda ansiedade. Há muitos problemas que criam ansiedade, mas esses problemas são secundários. Se penetrar profundamente, então todo problema revelará finalmente que a ansiedade básica, a angústia básica, é que desconhece a ti mesmo; desconhece a fonte da que vem, o fim para o que vai, o ser que é agora mesmo.

daqui que toda religião diga que entre na solidão, para que, por um tempo, possa deixar a sociedade e tudo o que a sociedade te deu, e confronte a ti mesmo diretamente.

Mahavira viveu doze anos só no bosque. Durante esses dias não falava, porque no momento em que falas, entraste na sociedade. A linguagem é a sociedade. Permaneceu completamente silencioso; não falava. Tinha talhado a ponte básica para poder estar sozinho. Quando não fala, está sozinho, profundamente sozinho; não há maneira de ir ao outro. Durante doze largos anos viveu sozinho sem falar. O que estava fazendo? Estava tratando de descobrir quem era. É melhor repudiar todas as etiquetas, é melhor afastar-se de outros para que não haja necessidade da imagem social. Estava eliminando a imagem social. Estava desfazendo-se de tudo o lixo que lhe tinha dado a sociedade; estava tentando estar totalmente nu, sem nenhum nome, sem nenhuma forma. Isso é o que significa a nudez da Mahavira. Não era só atirar a roupa; era mais profunda. Era a nudez de estar totalmente sozinho. As roupas também as usa para a sociedade, são para esconder seu corpo, ou são para te cobrir ante os olhos de outros, porque a sociedade não aprove todo seu corpo. De modo que tudo o que a sociedade não passa, tem que escondê-lo. Só se permite que determinadas partes do corpo estejam ao descoberto. A sociedade te escolhe em partes. Não passa, não aceita sua totalidade.

O mesmo está acontecendo com a mente; não só com o corpo. aprova-se sua cara, aprovam-se suas mãos, mas não se aprova todo seu corpo, particularmente as partes do corpo que podem sugerir o sexo. Essas partes não se passam, não se aceitam. daqui a importância da roupa. E isto está acontecendo também com a mente, sua mente total não é aceita; só partes dela. De modo que tem que ocultar a mente e reprimi-la. Não pode abrir sua mente. Não pode abrir sua mente a seu amigo mais íntimo, porque te julgará. Dirá: «Isto é o que pensa? Isto é o há em sua mente?» Assim é que lhe tem que dizer só o que pode ser aceito -uma parte muito diminuta-, e todo o resto que há em ti tem que estar completamente oculto. Essa parte oculta cria muitas enfermidades. Todo o psicanálise do Freud consiste só em tirar a parte oculta. Pode que se demorem anos antes de que uma pessoa se cure. Mas o psicanalista não está fazendo nada; simplesmente está tirando a luz a parte reprimida. O mero tirar a à luz se volta uma força curativa.

O que significa isto? Significa que a repressão é a enfermidade. É uma carga, uma pesada carga. Queria confessar-lhe a alguém; queria dizê-lo, expressá-lo; queria que alguém te aceitasse em sua totalidade. Isso é o que significa o amor: que não será rechaçado. Seja, ou que seja -bom, mau, santo, pecador-, alguém te aceitará em sua totalidade, não rechaçará nenhuma parte de ti. Por isso o amor é a maior força curativa, é o psicanálise mais antigo. Quando ama a uma pessoa, está aberto a ela, e com apenas estar aberto, suas partes cortadas, divididas, juntam-se. Faz-te um.

Mas inclusive o amor se tornou impossível. Nem sequer com sua esposa, pode dizer a verdade. Nem sequer com seu amante pode ser totalmente autêntico, porque inclusive seus olhos estão julgando. Ele ou ela também quer uma imagem que seguir, um ideal, sua realidade não é importante; o ideal é importante. Sabe que se expressas sua totalidade será rechaçado, não será amado. Tem medo, e devido a este medo o amor se volta impossível.

O psicanálise tira a luz as partes ocultas, mas o psicanalista não está fazendo nada; simplesmente está aí sentado te escutando. Ninguém te escutou, conforme parece. Por isso agora necessita ajuda profissional. Ninguém está disposto a te escutar, ninguém tem tempo, ninguém tem muito interesse em ti. De modo que se criou a ajuda profissional, está pagando a alguém para que te escute. E então, ano detrás ano, escutará-te todos os dias, ou duas vezes à semana, ou três vezes à semana, e te curará. estou é milagroso! por que deveria te curar só com que lhe escutem? É porque alguém te empresta atenção sem

te julgar e pode dizer tudo o que há em ti. E com apenas dizê-lo, sai à luz e se faz parte do consciente. Quando curtas algo, cegas algo, proíbes algo, reprime algo, está criando uma divisão entre o consciente e o inconsciente, aceito-o e o rechaçado. Terá que desprezar esta divisão.

Mahavira procurou a solidão para poder ser como era sem ter medo a ninguém. Como não tinha que pôr nenhuma cara para ninguém, pôde desprezar todas as máscaras, todas as caras. Então podia estar sozinho, totalmente nu, tal como é, sob as estrelas, junto ao rio e no bosque. Ninguém lhe julgaria e ninguém diria: «Não se admite que seja assim. Deveria te comportar. Deveria ser deste modo.»

Deixar a sociedade significa deixar a situação em que a repressão se tornou inevitável. De modo que a nudez significa ser como a gente é, sem barreiras, sem refrear-se. Mahavira entrou no silêncio, na solidão, e disse: «A não ser que me encontre mesmo - não o ser que outros me deram, que é falso, a não ser o ser com o que nasci-, não voltarei para a sociedade. A não ser que saiba quem sou, não voltarei para a sociedade. A não ser que me em frente diretamente a minha realidade, a não ser que tenha encontrado o essencial em mim, não o acidental, não falarei, porque é inútil falar.»

É o acidental. Tudo o que pensa que é é a parte acidental. Por exemplo, nasceste na Índia; poderia ter nascido na Inglaterra ou na França ou no Japão. Essa é a parte acidental. Mas por ter nascido na Índia, tem uma identidade diferente. É hindu, considera-te hindu; mas poderia te haver considerado budista no Japão, ou cristão na Inglaterra, ou comunista na Rússia. Não tem feito nada para ser hindu; é só um acidente. Ali onde tivesse estado, haveria-te afiliado à situação. Considera-te religioso, mas sua religião é só acidental. Se tivesse nascido em um país comunista, não teria sido religioso, a não ser tão irreligioso ali como é religioso aqui. nasceste em uma família jaina, assim não crie em Deus..., sem ter descoberto que não existe Deus. Mas justo ao lado de sua casa nasce outro menino o mesmo dia, e ele é hindu. Ele acredita em Deus, e você, não. Isto é acidental, não é essencial. Depende das circunstâncias. Falas a língua hindu, alguém fala guajarati, alguém fala francesa... Estes som acidente. A língua é acidental. Sua alma é essencial; seu «eu» é acidental. E encontrar o essencial é a busca, a única busca.

Como encontrar o essencial? Buda esteve em silencio durante seis anos. Jesus também se foi ao profundo de um bosque. Seus seguidores, os apóstolos, queriam ir com ele. Seguiram-lhe e em certo momento, em certo ponto, disse: «lhes detenha. Não deveriam vir comigo. Agora devo estar sozinho com meu Deus.» Entrou no bosque. Quando voltou, era um homem totalmente diferente; enfrentou-se a si mesmo.

A solidão se converte em um espelho. A sociedade é o engano. Por isso tem sempre medo de estar sozinho, porque terá que te conhecer ti mesmo, e terá que te conhecer ti mesmo em sua nudez, em seu desabrigo. Tem medo. Estar sozinho é difícil. Sempre que estas sozinho, imediatamente começa a fazer algo para não estar sozinho. Pode que comece a ler o periódico, ou pode que acenda a televisão, ou pode que vá a algum clube a te reunir com seus amigos, ou pode que vás visitar algum familiar..., mas, tem que fazer algo. por que? Porque no momento em que está sozinho, sua identidade se dissolve, e tudo o que sabe de ti mesmo se volta falso, e tudo o que é real começa a aflorar.

Todas as religiões dizem que o homem deve entrar na solidão para conhecer-se si mesmo. Não é necessário permanecer ali para sempre, pois é fútil, mas terá que estar em solidão durante um tempo, um período. E a duração do período dependerá de cada indivíduo. Mahoma esteve em solidão vários meses; Jesus só uns dias; Mahavira

durante doze anos e Buda durante seis anos. Depende. Mas a menos que chegue ao ponto em que possa dizer: «Agora conheci o essencial», é imprescindível estar sozinho.

96 Olhe o espaço ilimitado.

Esta técnica se ocupa da solidão. *Mora em algum lugar ilimitadamente espaçoso, livre de árvores, colinas, moradias. Assim chega o final das pressões da mente.*

antes de entrar nesta técnica, terá que compreender outros três pontos a respeito da solidão. Um: estar sozinho é básico, fundamental; assim é como é seu ser. No útero da mãe está sozinho, totalmente sozinho, e os psicólogos dizem que o desejo do *nirvana*, da iluminação, da salvação, do paraíso, em realidade é uma memória profundamente gravada da experiência do útero da mãe. Conheceste-a, a solidão total, e sua sorte. Estava sozinho, foi Deus. Não havia ninguém mais. Ninguém te incomodava, ninguém interferia. Solo foi o dono e senhor. Sem nenhum conflito, a paz era intrínseca. Havia silêncio, não linguagem. Estava no profundo de ti mesmo. Não te dá conta conscientemente do fato, mas está profundamente gravura, está oculto no inconsciente.

devido a isto, os psicólogos dizem que todo mundo pensa que a vida era bela na infância. E todo país e toda raça pensa que em algum momento passado houve uma idade de ouro, em algum momento passado, a vida era ditosa. Os hindus o chamam *satyuga*, era-a da verdade. No passado, em algum momento, no passado muito, muito remoto, antes de que começasse a História, tudo era belo e ditoso. Não havia nenhum conflito, nenhum antagonismo, nenhuma violência. Só prevalecia o amor. Essa foi a idade de ouro. Os cristãos dizem que Adão e Eva viviam no Éden, no jardim, em absoluta inocência e sorte. Então chegou a queda. De modo que a idade de ouro é antes da queda. Todo país, toda raça, toda religião, acredita que houve uma idade de ouro em algum momento passado, e o estranho é que, independentemente do profundamente que entre no passado, isto sempre se acreditou... Sempre.

Na Mesopotâmia se encontrou uma pedra que tem seis mil anos de antiguidade. Há uma inscrição nela. Se aos, parecerá-te que é o editorial de um periódico de hoje. A inscrição diz que esta era é a era do pecado, que tudo foi por mau caminho, o filho não acredita no pai, a esposa não acredita no marido. assentou-se a escuridão.. O que foi que aqueles dias, os dias do passado, aqueles dias dourados? iY é uma inscrição de faz seis mil anos!

Lao Tsé diz que no passado, nos tempos antigos, tudo é formoso. Então prevalecia o Tao, então não havia nada mau, e como não havia nada mau, ninguém pregava. Não havia nada mau que trocar, transformar, e não havia nenhum sacerdote, nenhum pregador, nenhum líder moral, porque tudo estava tão bem que Lao Tsé diz que naqueles tempos, aqueles tempos antigos, não havia nenhuma religião. Não havia necessidade, porque prevalecia o Tao. Todos eram tão religiosos que não havia necessidade de religião. Não havia sábios então, porque não havia pecadores. Todo mundo era tão sábio que, naturalmente, ninguém era consciente de quem era um sábio e quem era um pecador.

Os psicólogos dizem que este passado nunca existiu. Este passado é tão somente a profunda memória do útero que há em todo indivíduo. Existiu, em realidade. O Tao estava no útero, e tudo era formoso, tudo era como devia ser. Completamente ignorante do mundo, o menino é ditoso. A situação do menino no útero é como a do Vishnu em seu *shesnaga*. Os hindus acreditam que Vishnu está tendido em seu sofá, um sofá de serpente; flutuando no oceano da sorte. Em realidade, essa é a situação do menino no útero. O menino flutua. O útero da mãe é como o oceano.

Pode que te surpreenda saber que a água em que frota o menino no útero da mãe tem os mesmos componentes que a água do oceano, muito similares, as mesmas sai, tudo. É água do oceano, sosegadora. E o útero mantém sempre a temperatura adequada para o menino. Pode que a mãe esteja tremendo de frio; isso dá no mesmo. Para o menino sempre faz a mesma temperatura no útero. Com uma temperatura cálida, está flutuando felizmente, sem nenhuma preocupação, nenhuma ansiedade, nenhuma responsabilidade, sozinho. Não é consciente da mãe; a mãe não existe para ele. Este *sanskar*, esta estampagem, persiste em ti. Esta é a realidade básica, como foi antes de entrar na sociedade, e esta voltará a ser a realidade quando sair da sociedade e morra. Voltará a estar sozinho.

E entre estes dois pontos de solidão, sua vida se cheia de muitos eventos. Mas esses eventos são acidentais. No fundo segue estando sozinho, porque essa é sua realidade básica. Em torno dessa solidão pode que aconteçam muitas coisas, casa-te, voltam-lhes dois, logo têm filhos e lhes voltam muitos. Tudo segue acontecendo; mas só na periferia. O estrato profundo segue estando totalmente sozinho. Essa é sua realidade. Pode que chame a isto sua *alma*, sua essência.

Em profunda solidão, terá que recuperar esta essência. De modo que quando Buda diz que alcançou o *nirvana*, em realidade alcançou esta solidão, esta realidade básica. Mahavira diz que alcançou *kaivalya*. A palavra mesma *kaivalya* significa solidão, o que está sozinho. Justo debaixo da agitação dos eventos, está essa solidão. Atravessa sua vida como um fio atravessa um *malote*.* As contas são visíveis, mas o fio, não. Mas as contas penduram do fio, e as contas são muitas e o fio é um. Em realidade, o *malote* é um símbolo desta realidade. O fio é a realidade e as contas são tão somente os eventos que vão pendendo dele. E a não ser que penetre e chegue ao fio básico, estará angustiado, sofrerá.

* *Má*: colar de 112 contas, pelo general de madeira, levado tradicionalmente na Índia pelos *sannyasins*. ou «renunciantes». (*N. do T.*)

Tem uma história, essa história é acidental.

E tem uma natureza, essa natureza não é histórica. Nasce em uma certa data, de certos pais, em uma certa sociedade, em uma certa época; é educado de uma certa maneira. Logo entra em uma determinada profissão, apaixona-te por uma mulher, tem filhos. Estes acontecimentos são contas, eventos, história, mas no fundo está sempre sozinho. E se se esquece completamente de ti mesmo devido a estes eventos, perdeste-te o propósito mesmo de estar aqui. Então perdeste a ti mesmo no drama da vida e te esqueceste que ator, que não formava parte dele, que simplesmente estava representando um papel. Todas estas coisas são papéis.

devido a isto, Índia não tem histórias escritas. Em realidade, é muito difícil ter certeza a respeito de quando nasceu Krishna, quando morreu; quando nasceu Ramo, quando morreu..., ou se nasceu alguma vez ou não, ou se for só um mito. Não temos escrito sua história, e esta é a razão, na Índia estamos interessados no fio e não nas contas. Em realidade, no mundo religioso, Cristo é a primeira pessoa histórica, mas se tivesse nascido na Índia, não teria sido histórico. Na Índia estamos sempre procurando o fio; as contas são irrelevantes. Mas Ocidente se orienta mais aos eventos, os fatos -as coisas temporárias-, que ao essencial e o eterno. A história é o drama.

Na Índia, dizemos que seguem nascendo Ramos e Krishnas em todas as épocas. repetiram-se muitas vezes antes e voltarão a repetir-se muitas vezes depois, assim não

há necessidade de ocupar do histórico. É irrelevante quando nasceram. O significativo é o que é seu ser: o fio. De modo que não nos interessa se foram realmente pessoas históricas ou não, não nos interessam as coisas externas que acontecem a um ser; interessa-nos o ser mesmo e se lhe acontecer algo ou não.

Quando entra na solidão, está indo ao fio; quando entra na solidão, está entrando na natureza. Se estiver realmente sozinho, sem nem sequer pensar em outros, sentirá por primeira vez o mundo da natureza a seu redor. Harmonizará-te com ele. Agora mesmo está harmonizado com a sociedade. Se te desprender desta harmonización com a sociedade, harmonizará-te com a natureza. Quando chegam as chuvas -sempre chegam, mas não compreende a linguagem das chuvas- não lhe dizem nada, não significam nada para ti; como muito, cai na conta de algo utilitário sobre a necessidade de água. De modo que há alguma utilidade, mas não há nenhum diálogo, não pode compreender a linguagem das chuvas, a chuva não tem nenhuma personalidade para ti.

Mas se deixar a sociedade durante um tempo e permanece em solidão, começará a sentir um novo fenômeno, as chuvas virão e lhe falarão. Então sentirá seus estados de ânimo, um dia a chuva está muito zangada e outro dia é muito sosegadora e amorosa. Um dia todo o céu está deprimido, e outro dia está dançando. Um dia o Sol sai como a desgosto, forçado, cumprindo seu trabalho; e outro dia, por sua conta, agora não é um trabalho, a não ser um jogo.

Sentirá todos os estados de ânimo a seu redor. A natureza tem sua própria linguagem, mas é silencioso, e a não ser que você seja silencioso, não pode entendê-lo.

O primeiro estrato de harmonización é com a sociedade, o segundo estrato de harmonización é com a natureza, e o terceiro estrato, o mais profundo, é com o Tao ou o *Dharma*. Essa é a existência pura. Então as árvores, então as chuvas, então as nuvens, também se deixam atrás. Então, só existência... A existência não tem estados de ânimo. A existência é sempre a mesma. A existência é sempre a mesma, sempre festiva, transbordando energia. Mas primeiro terá que acontecer a sociedade à natureza; logo depois da natureza à existência. Quando está harmonizado com a existência, está totalmente sozinho, mas esta solidão é diferente da do menino no útero. O menino está sozinho, mas não é que esteja realmente sozinho, mas sim não tem consciência de nada mais. Sua solidão é a da ignorância. Quando te voltar conscientemente silencioso, um com a existência, sua solidão não estará rodeada de escuridão, a não ser rodeada de luz.

Para o menino no útero, o mundo não existe, porque não tem consciência dele. Para ti, o mundo existirá, porque o mundo e você lhes tornastes um.

Quando alcança o ser mais profundo, volta a estar sozinho, porque já não há ego. O ego o dá a sociedade. Pode persistir um pouco inclusive quando está na natureza, embora não será tanto como na sociedade. Quando está em solidão, o ego começa a desaparecer, porque sempre existe em relação. Observa este fenômeno, o ego troca com cada indivíduo. Se está lhe falando com seu servente, olhe dentro de ti, observa o ego, vê como é. Se está lhe falando com seu amigo, olhe dentro de ti, vê como é o ego. Se está lhe falando com sua amada, olhe dentro de ti, olhe a ver se estiver o ego ou não.

Se está lhe falando com um menino inocente, olhe dentro de ti, não haverá ego, porque será estúpido ser egotista com um menino inocente. Parecerá-te que isso seria estúpido, de modo que enquanto joga com meninos te volta um menino. O menino não conhece a linguagem do ego. E sendo egotista com um menino parecerá estúpido. Assim é que quando joga com meninos, estes lhe fazem baixar, levam-lhe de volta a sua própria infância. Quando está lhe falando até cão, ou jogando com um cão, o ego que te deu a sociedade não pode existir, porque com um cão o ego não vem ao caso. Se vai andando com seu cão -um cão precioso e muito caro e alguém cruzamento a rua,

inclusive o cão parece te dar ego. Mas o cão não te está dando ego, a não ser o homem que passa. fica rígido, sente-se muito contente porque tem um cão muito bonito e esse homem parece ciumento. O ego está aí.

Se for a um bosque, o ego desaparece. daqui a insistência de todas as religiões em que vá, ao menos durante um tempo, ao mundo da natureza.

Este sutra é singelo: *Mora em algum lugar ilimitadamente espaçoso...*, no topo de alguma colina, de onde possa ver ilimitadamente, de onde a vista nunca encontre horizonte. Se pode ver ilimitadamente e sua vista não tem fim, o ego se dissolverá. O ego necessita limites, confine. quanto mais definidos estejam os confine, mais fácil lhe resulta existir ao ego.

Mora em algum lugar ilimitadamente espaçoso, livre de árvores, colinas, moradias. Assim chega o final das pressões da mente.

A mente é muito sutil. Pode viver no topo de uma colina onde não haja ninguém, mas se pode ver uma casa abaixo, no vale, começará a falar com essa casa, terá uma relação com ela, veio a sociedade. Não sabe quem vive ali, mas alguém vive ali, e esse se volta o confine, começará a sonhar sobre quem vive ali e seus olhos procurarão todos os dias para ver quem vive ali. A casa se converterá em um símbolo da humanidade.

Assim é que o sutra diz *sem moradias*; inclusive sem árvores, porque se sabe que a gente que vive sozinho começa a falar com as árvores. Cercam amizades, criam um diálogo. Não pode compreender a dificuldade de um homem que foi a estar sozinho. Quer que haja alguém, assim dirá «olá» à árvore, e «que tal está?». E as árvores são seres. Se for realmente honesto, começarão a responder, haverá uma resposta.

De modo que pode criar uma sociedade. O significado do sutra é este, fica em algum lugar e estate alerta para não voltar a criar uma sociedade. Pode que comece a cuidar uma árvore, a amar uma árvore. Pode que sinta que a árvore tem sede, e que queira trazer um pouco de água... começaste uma relação, e com uma relação não está sozinho.

De modo que este é a ênfase: vete a um sítio semelhante, mas tenha a intenção de não criar nenhuma relação. Deixa atrás todas as relações e o mundo das relações, e permanece sozinho ali. Ao princípio vai ser muito difícil, porque sua mente está criada pela sociedade. Pode deixar a sociedade, mas onde deixará a mente? A mente te seguirá como uma sombra. A mente te perseguirá. A mente começará a te torturar. Aparecerão rostos em seus sonhos, tratarão de te arrastar. Tentará meditar, mas os pensamentos não cessarão. Começará a pensar em sua casa, começará a pensar em sua mulher, ou em seus filhos. Isto é humano.

E não te acontece só a ti, aconteceu a Buda e a Mahavira. Aconteceu a todo mundo. Inclusive um Buda está exposto a pensar na Yashodhara durante os seis largos anos de solidão. Ao princípio, quando a mente lhe estava seguindo, deveu estar sentado sob uma árvore simulando meditar, e Yashodhara deveu lhe seguir. Amava a essa mulher, e deveu haver-se sentido culpado, porque a tinha abandonado..., e sem lhe dizer nada. Não se menciona em nenhuma parte que pensasse na Yashodhara, mas eu digo que deveu pensar nela. Isso é humano, é muito humano; pensar que nunca voltou a pensar na Yashodhara seria muito desumano e não seria justo com a Buda. Só com o tempo, depois de uma larga conflito, teria sido capaz de desfazer-se da mente.

Mas a mente persistirá, porque não é outra coisa que a sociedade, a sociedade internalizada. A sociedade entrou em ti, isso é sua mente. Pode escapar da sociedade, da realidade externa, mas a interna te seguirá.

Buda deveu falar muitas vezes com a Yashodhara, com seu pai, com o menino pequeno que abandonou. O rosto de seu filho deveu lhe seguir.

Tinha-o em sua mente quando se foi. A noite que se foi, foi à habitação da Yashodhara, só para ver o menino por última vez. O menino só tinha um dia; Yashodhara estava dormindo e o menino estava obstinado a seu peito. Olhou ao menino. Quis agarrar ao menino em seus braços, porque esta era sua última oportunidade. Ainda não o havia meio doido, e era possível que nunca retornasse, e então não haveria nenhum encontro. Estava deixando o mundo. Quis tocar e beijar ao menino, mas então se assustou porque se agarrava ao menino em seus braços, Yashodhara poderia despertar. Então lhe resultaria muito difícil ir-se, ela começaria a chorar e a soluçar. O tinha um coração humano. É formoso que pensasse nisso, que se ela começava a chorar, resultaria-lhe muito difícil ir-se. Então, tudo o que tinha criado em sua mente -que este mundo era inútil e fútil- desapareceria. Não seria capaz de ver chorar a Yashodhara. Amava a essa mulher. Assim que se foi, saiu da habitação sem fazer ruído.

Este homem não pôde deixar a Yashodhara e ao menino facilmente. Ninguém pôde. Quando estava mendigando, teria-lhe que voltar para a mente, seu palácio, e tudo. Era um mendigo por vontade própria. O passado persistiria, amassaria-lhe a mente uma e outra vez: «Volta.» Pensaria muitas vezes, «cometi um engano.» Tem que ser assim. Isto não se menciona em nenhuma parte, e às vezes penso em fazer um jornal do que lhe aconteceu à mente da Buda durante esses seis anos, um jornal do que aconteceu a sua mente, pelo que estava passando.

A mente te seguirá como uma sombra em qualquer lugar que vá. Assim não vai ser fácil; nunca foi fácil para ninguém. Será uma larga conflito uma e outra vez para te pôr alerta; uma e outra vez para ser uma testemunha; uma e outra vez para não ser vítima. E a mente te segue até o último momento. A não ser que esteja desesperado, a não ser que sintas que é incurável, que não se pode fazer nada, a mente seguirá te perseguindo. Tentará-o por todos os meios. Criará fantasias, ensonações, sonhos; criará todo tipo de atrações, de seduções. Está escrito na vida de todos quão iluminadas vem Satanás, vem o Diabo, a seduzir. Não vem ninguém, só sua mente. Sua mente é o único Diabo, e ninguém mais. Tentará-o por todos os meios. Dirá-te: «Darei-te o mundo inteiro; volta.» Deprimirá-te: «É um parvo, todo mundo está desfrutando e você vieste ao topo desta colina. Está louco. Todo esse cilindro religioso é uma pamema; volta. Olhe, todo mundo não está louco e está desfrutando.» E a mente te dará imagens muito belas de todos os que estão desfrutando, e o mundo inteiro te parecerá mais atrativo que nunca. Tudo o que deixaste atrás atirá de ti para que volte.

Esta é a conflito básica. E isto é só porque a mente é um mecanismo de hábitos, de persistência mecânica. No topo da colina, a mente se sentirá como no inferno, não há nada bom ali, tudo está mau. A mente criará negatividad a todo seu redor, «O que está fazendo aqui? Tornaste-te louco?» O mundo que deixaste atrás se voltará mais e mais belo a seus olhos, e o lugar no que esteja se voltará mais e mais feio. Mas se persistir e permanece consciente de que isto é o que está fazendo a mente, de que isto é o que a mente está destinada a fazer, e se não te identifica com a mente, chega um momento em que a mente te abandona, e com ela, todas as pressões. Quando a mente te abandona, fica sem carga alguma, porque a mente é a única carga. Então não há nenhuma preocupação, nenhum pensamento, nenhuma ansiedade; entraste no útero da existência. Despreocupado, frotas. Um profundo silêncio explora dentro de ti.

O sutra diz: *Assim chega o final das pressões da mente.* Em semelhante solidão, terá que recordar uma coisa mais, a multidão exerce uma funda pressão sobre ti, saiba ou não.

Agora, depois de ter trabalhado com animais, os cientistas chegaram a uma lei muito básica. Dizem que todo animal considera um certo espaço como seu território. Se

entrar nesse espaço, o animal fica tenso e te atacará. Todo animal tem um certo espaço a seu redor. Não permitirá entrar em ninguém, porque assim que entra alguém, sente a pressão. Ouve muitos pássaros cantando nas árvores. Não sabe o que estão fazendo. Os cientistas dizem agora, depois de anos de estudo, que quando um pássaro está cantando na árvore, está fazendo muitas coisas. Uma: está chamando a sua noiva. Outra: está avisando a todos os machos competidores que este é seu território: não entrem. E se alguém entra no território, haverá uma luta. E a noiva simplesmente esperará para ver quem vontade, porque o que consegue o território a conseguirá a ela. Simplesmente esperará, e o que ganhe ficará e o que perca terá que ir-se. Os animais criam territórios de muitas maneiras, por meio do som, cantando, com o aroma corporal. Nenhum competidor deveria entrar nesse território.

Pode que tenha visto cães mijando por toda parte. Os cientistas dizem que os cães criam seu território mijando. O cão irá mijar neste poste e nesse poste. Não mijará em um só lugar... por que? pode-se fazer em um só lugar por que mover-se tanto? Está criando seu território. Sua urina tem um aroma específico e com ela cria seu território. Ninguém deveria entrar; é perigoso. Vive retirado em seu próprio território; é o amo aí.

estão-se fazendo muitos estudos. provaram pondo animais em uma jaula com todas suas necessidades satisfeitas; melhor que como podem as satisfazer eles mesmos em um bosque. Mas se voltam loucos, porque não têm espaço. Quando alguém está sempre ao redor, estão tensos, assustados, dispostos para lutar. Esta constante disposição para a luta lhes produz tais tensões que têm insuficiências cardíacas ou se voltam loucos. Os animais incluso se suicidam, porque a pressão aumenta enormemente. E se desenvolvem muitas anormalidades que nunca se encontram em estado natural. Os macacos em estado natural som totalmente diferentes. Quando estão enjaulados em um zoológico, começam a comportar-se de maneira anormal. Ao princípio se pensou que era o cativoiro o que estava criando o problema. Agora se sabe que não é o cativoiro. Se lhes proporcionar o espaço adequado que necessitam em uma jaula, são felizes. Então não há problema. Mas têm um instinto intrínseco do espaço. Quando alguém entra nesse espaço, surge a pressão em suas mentes. Suas mentes começam a estar tensas, estresadas; não podem dormir bem, não podem comer bem, não podem amar bem.

devido a estes estudos, os cientistas dizem agora que toda a humanidade se está voltando louca e desenquadrada por causa da superpopulação. A pressão é tão grande... Nunca fica sozinho no trem, no ônibus, no escritório, em todas partes, montões e montões de gente. Também o homem tem uma necessidade de espaço, de ficar sozinho. Mas não há sítio, nunca está sozinho. Quando vai a casa, sua mulher está ali, e os meninos, e os parentes seguem vindo. E ainda pensam que o hóspede é Deus! Já está louco porque a pressão é excessiva a todo seu redor. Não pode lhe dizer a ninguém: «me deixe sozinho.» Se disser a sua mulher: «me deixe sozinho», zangará-se: «O que quer dizer?» Esteve-te esperando todo o dia. A mente necessita espaço para relaxar-se.

Este sutra é realmente formoso e muito cientista. *Assim chega o final das pressões da mente.*

Quando te vais viver sozinho ao topo de uma colina solitária, tem espaço a todo seu redor, espaço sem fim. A pressão da multidão, a pressão de outros a seu redor, vai. Dormirá mais profundamente. Seu despertar terá uma qualidade diferente pela manhã. Sentirá-se livre. Já não há um círculo de pressão interna. Sentirá-se sem confinar, sem restrições.

Isto é bom. Mas nos tornamos tão viciados na multidão que só se sentirá bem durante uns poucos dias -três ou quatro dias-; logo surgirá o desejo de voltar para a massa. Sempre que vai de férias, aos três dias quer voltar. devido à pauta, ao hábito, sente-se inútil. Quando está sozinho, sente-se inútil; quando está sozinho não pode fazer

nada, e inclusive se fizer algo, ninguém saberá, ninguém te verá fazê-lo, ninguém o apreciará. Não pode fazer nada solo porque toda sua vida estiveste fazendo algo para outros. Sente-se inútil.

Assim, recorda, se alguma vez tentar esta loucura solitária, abandona a idéia da utilidade. Se inútil. Só então pode estar sozinho. Porque, em realidade, a utilidade foi imposta em sua mente pela sociedade. A sociedade diz: «Se útil; não seja inútil.» A sociedade quer que seja uma unidade econômica, uma coisa, eficiente, utilitário. A sociedade não quer que seja como uma flor. Não, inclusive se for uma flor, deve valer o suficiente para ser vendida. A sociedade necessita que esteja no mercado, que tenha alguma utilidade. Só então é necessário; se não, não. A sociedade segue pregando que essa utilidade é a meta da vida, o propósito da vida. Isto é uma tolice.

Não estou dizendo que seja inútil. Estou dizendo que esta utilidade não é a meta. Tem que viver em sociedade, ser útil para ela, mas tem que seguir sendo capaz de ser inútil em qualquer momento. Terá que conservar essa capacidade; do contrário te volta uma coisa e não uma pessoa. Quando for à solidão, isto se converterá em um problema. Sentirá-se inútil.

estive trabalhando com muita gente. Às vezes lhes sugiro que estejam três semanas ou três meses em solidão, em silêncio, totais. E lhes digo que depois de sete dias quererão voltar e sua mente encontrará todas as razões para não estar ali, para que possam voltar. Digo-lhes que não escutem esses argumentos e que estejam resolvidos a não ir-se durante o tempo que tenham fixado. Dizem-me que vão por sua própria vontade, assim, por que foram-se? Digo-lhes que não se conhecem si mesmos. Como muito, ficarão ali de três a sete dias; logo ansiarão voltar, porque a sociedade se tornou alcoólica, é um estupefaciente. Nos momentos sóbrios pode pensar em estar sozinho, mas quando estiver sozinho, em três dias pensará: «O que estou fazendo? Isto é inútil.» Assim que lhes digo que sejam inúteis e não pensem do ponto de vista da utilidade.

Às vezes aconteceu que permaneceram ali três semanas ou três meses, e logo vêm e dizem: «foi formoso, fui muito feliz, mas esta idéia continuou amassando: "Do que serve isto?"» Dizem: «Fui feliz, muito silencioso, desfrutei-o. Mas esta idéia estava constantemente no trasfondo: "Do que serve? O que estou fazendo?"» Recorda, a utilidade é para a sociedade. A sociedade te usa e você usa a sociedade. É uma relação recíproca.

Mas a vida não é para a utilidade. Não é utilitária, não tem propósito; é um jogo, uma celebração. De modo que, quando for à solidão para fazer esta técnica, estate preparado desde o começo porque vais ser inútil, e desfruta-o; não se sinta triste por isso. Não pode conceber os argumentos que apresentará a mente. Dirá: «O mundo tem tantos problemas e seu está aqui, sentado em silêncio. Olhe o que está acontecendo no Vietnam, e o que está acontecendo no Paquistão, e o que está acontecendo na China; e você país se está morrendo, não há comida, não há água. O que está fazendo aqui meditando? Do que serve? Trará isto o socialismo ao país?»

A mente apresentará belos argumentos; a mente é a grande argumentadora. É o Diabo, tentará te persuadir, convencerá-te de que está perdendo o tempo. Mas não lhe escute. Estate preparado desde o começo: «vou perder o tempo. Não farei nada útil. Simplesmente desfrutarei de estar aqui.»

E não se preocupe pelo mundo. O mundo segue. Sempre está em apuros, sempre estive em apuros e seguirá sempre estando em apuros. Assim é o mundo. Não pode fazer nada, assim não tente ser um grande reformador do mundo, um revolucionário, um mesías. Não o tente.

Simplesmente se você mesmo e desfruta de sua solidão, igual a uma rocha ou uma árvore ou um rio... Inútil! Para que serve uma rocha tendida sob as chuvas, sob o sol,

sob as estrelas? Que utilidade tem esta rocha? Nenhuma; a rocha desfruta sendo assim. Simplesmente se uma rocha. Há jardins de rochas no Japão, nos mosteiros Zen; fazem jardins de rochas particularmente para isto. Não há árvores no jardim; só areia e rocha. Há uma rocha solitária, e o professor lhe diz ao discípulo: «Vete e se uma rocha, como essa rocha. Não se preocupe pelo mundo. Essa rocha permanece aí independentemente do que lhe passe ao mundo. Não está preocupada. Está sempre em meditação.»

A não ser que esteja realmente preparado para ser inútil, não pode ser solitário, não pode estar em solidão. E uma vez que conheça sua profundidade, pode voltar para a sociedade. Deve voltar, porque a solidão não é um estilo de vida; é só um adestramento. Não é um modo de vida, a não ser só uma relaxação profunda para trocar de perspectiva. É sair do ritmo da sociedade para te olhar a ti mesmo, quem é, sozinho. Assim não pense que isto é um estilo de vida. Muitos o converteram em um estilo de vida. Estão equivocados, estão absolutamente equivocados. converteram uma medicina em comida. Não é um estilo de vida; é só medicinal. Afasta-te por um tempo para ter uma perspectiva, uma distância, para ver o que é e o que te está fazendo a sociedade. Quando te sai dela, pode olhar melhor. Pode observar. Sem estar envolto, sem estar nela, pode te voltar um observador do topo de uma colina, pode te voltar uma testemunha. Está tão longe... imparcial, equânime, pode olhar.

Assim toma nota, isto não é um modo de vida. Não estou dizendo que deixe o mundo e te faça ermitão em alguma parte dos Himalayas; não. Mas, às vezes, vete, te relaxe. se inútil, permanece sozinho, existe como uma rocha, se independente, livre do mundo, parte-se da natureza..., e rejuvenescerá, voltará a nascer. Logo volta e te mova outra vez na sociedade e na multidão, e trata de levar contigo essa beleza, esse silêncio que te aconteceu quando estava sozinho. Leva-o contigo agora, não perca contato com ele. Entra profundamente na multidão, mas não te volte uma parte dele. Deixa que a multidão esteja fora de ti; você permanece sozinho.

E quando te volta capaz de estar sozinho entre a multidão, alcançaste a solidão real. É fácil estar sozinho no topo de uma colina; toda a natureza te ajuda, e nada é uma barreira. Voltar para mercado, à loja, ao escritório, à família, e permanecer sozinho...; isto é um lucro. Então é algo que obtiveste e não é só acidental, algo que aconteceu devido às colinas. Agora trocou a qualidade da consciencia. Assim permanece sozinho entre a multidão. A multidão estará fora, mas não deixe que entre. Protege o que conseguiste. Defende-o, não deixe que seja alterado. E quando sentir que a sensação se apagou, que se está indo, que a sociedade a alterou, que acumulou pó, que o manancial fresco já não está fresco, que está poluído..., vete outra vez. te distancie da sociedade para renovar essa sensação, para revivê-la de novo. Logo volta e entra na multidão. E então chegará um momento em que o manancial original permanecerá fresco e ninguém poderá poluí-lo ou fazê-lo impuro. Então não há necessidade de ir-se a nenhuma parte.

De modo que isto é só uma técnica, não um estilo de vida. Não te faça monge, não te faça monja; não te vás viver para sempre a um mosteiro. Se viver para sempre em um mosteiro, nunca poderá saber se tiver obtido o que obtiveste, ou se simplesmente lhe deu isso o mosteiro. Pode que seja acidental, não essencial. O essencial terá que pô-lo a prova. O essencial terá que contrastá-lo com a sociedade, terá que levá-lo a pedra de toque. E quando nunca se rompe, quando pode contar com isso. Quando nada pode trocá-lo, então se tornou uma cristalização.

97 Enche o espaço infinito com seu corpo de sorte.

Segunda técnica: *Considera que o espaço pleno é seu próprio corpo de sorte.*

Esta segunda técnica tem que ver com a primeira. Considera que o espaço é seu próprio corpo de sorte. Meditando no topo de uma colina com um espaço sem fim ante ti, pode fazê-la. Considera que está cheio de seu próprio corpo de sorte.

Há sete corpos. O corpo de sorte é o último corpo, de modo que quanto mais entra em ti, mais sente que é ditoso. Está te aproximando do corpo de sorte, à capa de sorte. Rodeia sua alma essencial, que é o primeiro corpo de dentro para fora, ou o último corpo de fora para dentro. Rodeando seu ser, a alma essencial, está a capa de sorte. A chama o corpo de sorte. Sentado no topo de uma colina, olhando o céu infinito, sente que todo o espaço, todo o espaço pleno, se cheia de seu corpo de sorte. Sente que seu corpo de sorte se aumentou e todo o espaço está cheio dele.

O que sentirá? Não sabe o que é a sorte, assim que como imaginá-la? Será melhor tentar sentir primeiro que o espaço está cheio de silêncio, não de sorte. Sente-o cheio de silêncio. A natureza será útil, porque na natureza incluso os ruídos são silenciosos. Nas cidades, inclusive o silêncio é ruidoso. Os sons naturais são silenciosos porque não perturbam, são harmoniosos. Assim não pense que o silêncio é necessariamente a ausência de som. Não; um som musical pode ser silencioso, porque é harmonioso. Não te perturba. Mas bem, faz mais profundo seu silêncio.

De modo que quando entra na natureza, a brisa que sopra, o arroio, o rio, o vento ou quaisquer sons que haja, são harmoniosos, criam um tudo. Não são perturbadores. Pode escutá-los e a escuta mesma fará mais profundo seu silêncio. Assim primeiro sente que todo o espaço está cheio de silêncio; sente profundamente que cada vez é mais silencioso, que o céu se tornou silencioso a seu redor.

E só quando sentir que o céu se tornou silencioso deverá tratar de te encher de sorte. Quando o silêncio se faça mais profundo, terá o primeiro vislumbre de sorte. Quando aumenta a tensão, tem o primeiro vislumbre de desdita, estresse; quando o silêncio se faça mais profundo, sentirá-se a gosto, em casa, depravado, e virá a ti o primeiro vislumbre de sorte. E quando chega esse vislumbre, pode imaginar que agora todo o espaço está cheio dessa sorte. *Considera que o espaço cheio é seu próprio corpo de sorte...* Todo o céu se volta seu corpo de sorte.

Pode fazê-la separadamente; não há necessidade de conectá-lo com a primeira técnica, mas são necessários os mesmos requisitos, espaço ilimitado, silêncio, nenhum ser humano a seu redor. por que esta insistência em que não haja seres humanos a seu redor? Porque no momento em que veja um ser humano, começará a reagir como antes. Não pode ver um ser humano sem reagir. Acontecerá-te algo imediatamente. Volta-te a trazer todas suas velhas pautas. Se não ver a seres humanos, se esquece de que és humano, e esquecer que és humano, parte da sociedade, é bom. É bom recordar simplesmente que é, inclusive se não saber o que. Não pertence a ninguém, a nenhuma sociedade, a nenhum grupo, a nenhuma religião. Este «não pertencer» será útil.

De modo que será bom que vá sozinho a alguma parte e faça isto, pratique isto. Esta técnica só será útil, mas recorda começar com algo que possa sentir. Vi a gente fazendo técnicas que não podem sentir. Se não poder senti-lo, se não ter nenhuma experiência disso, nem sequer um vislumbre, então todo o assunto se volta falso.

Um homem veio a me dizer: «Estou praticando que Deus está em todas partes.»

Assim que lhe perguntei: «Como pode praticá-lo? O que imagina? conheceste, sentaste a Deus? Só então será fácil imaginar; se não, simplesmente estará pensando que está imaginando, e não acontecerá nada.»

Recorda isto para qualquer técnica que faça. Ao princípio deve fazer algo com o que esteja familiarizado; pode que não esteja totalmente familiarizado com isso, mas será necessário um pequeno vislumbre. Só então pode avançar, passo a passo. Mas não

lance a algo que te é absolutamente desconhecido, porque então não pode senti-lo e não pode imaginá-lo.

devido a isto, muitos professores, particularmente Buda, descartaram completamente a palavra «deus». Buda disse: «Não pode trabalhar com ela. É o final mesmo, e não pode pôr o final ao princípio. De modo que começa pelo princípio mesmo.» Disse: «Esquece o final; o final virá automaticamente.» E disse a seus discípulos: «Não pensem em Deus. Pensem na compaixão, pensem no amor.» Assim é que não diz que alguém deveria sentir que Deus está em todas partes; a gente simplesmente deveria sentir compaixão por todos os que existem, pela árvore, pelos seres humanos, pelos animais. Simplesmente sente compaixão. Sinta-se pormenorizado, cria amor, porque o amor o conhece, embora seja só um pouco. Houve algo como o amor na vida de todos. Pode que não tenha amado, mas pode que alguém te tenha amado, ao menos sua mãe. Deve haver cuidadoso aos olhos: ela te amava.

«Simplesmente se maternal com a existência», diz Buda: «E sente uma funda compaixão. Sente que o mundo inteiro está cheio de sua compaixão. Então todo o resto virá por si só.»

Recorda isto como uma lei básica: começa sempre com algo que possa sentir, porque só então pode entrar o desconhecido através disso.

Capítulo 70

Sofre a Dor da Solidão

PERGUNTAS

A solidão é muito dolorosa. O que se pode fazer?

Como conciliar a solidão com a totalidade?

Minimizar ou maximizar?

É o sexo o desejo de voltar para útero?

A quem te refere ao dizer «nós»?

Primeira pergunta:

A confrontação com a gente mesmo na solidão é aterradora, muito dolorosa. O que se pode fazer?

É aterradora e é dolorosa, e terá que padecê-la. Não se deveria fazer nada para evitá-la, não se deveria fazer nada para distrair a mente, não se deveria fazer nada para escapar dela. Terá que sofrê-la e terá que acontecer ela. Este sofrimento, esta dor, é um bom sinal de que está perto de um novo nascimento, porque todo nascimento é precedido pela dor. Não se pode evitar, e não se deveria evitar, porque forma parte de seu crescimento. Esta dor e este sofrimento se conhece tradicionalmente como *tapascharya*, austeridade. Este é o significado de *tapas*: austeridade, esforço árduos.

Mas por que há esta dor? Isto deveria compreender-se, porque te compreendê-lo ajudará a passar por isso, e se passas por isso sabendo, sairá disso mais facilmente, e antes.

por que há esta dor quando está sozinha? O primeiro é que seu ego fica doente. Seu ego só pode existir com outros. cresceu em relação; não pode existir sozinho. De modo que se houver uma situação em que já não pode existir, sente-se asfisiado, sente-se ao bordo da morte.

Este é o sofrimento mais fundo. Sente que te vais morrer, mas não é você quem está morrendo, a não ser só o ego que consideraste que é você mesmo, com o que te identificaste. Não pode existir porque lhe deram isso outros. É uma contribuição.

Quando deixa a outros, não pode levá-lo contigo. Considera o desta maneira, quando está na sociedade, a gente pensa que é muito boa pessoa. Esta bondade não pode existir quando está sozinho e solitário, porque isso é o que a gente pensava de ti. Agora essa gente já não está. Não se pode emprestar apoio a sua imagem. ficou-se sem base. Com o tempo, desaparecerá, e se sentirá muito triste, porque foi tão boa pessoa, e agora já não o é. E não só sofrerá a gente boa; se for uma má pessoa, também isso foi dado por outros. Também isso é uma maneira de conseguir atenção. Quando muita gente te considera mau, dão-lhe atenção. Não podem ser indiferentes a ti; têm que te ter em conta. É alguém, uma má pessoa, perigoso. Quando entra na solidão, volta-te um ninguém. Essa má imagem desaparecerá, e te estava nutrindo dela, seu ego se estava nutrindo dela. De modo que os maus e os bons não são basicamente diferentes, ambos estão obtendo seus egos. Seus meios são diferentes, mas sua meta é a mesma.

O mau depende de outros; o bom, também. Existem na sociedade. O santo e o pecador existem na sociedade. Solo não é nem um santo nem um pecador. De modo que em solidão tudo o que sabe a respeito de ti mesmo se virá abaixo; pouco a pouco, desaparecerá. Pode prolongar seu ego durante um certo período –e isso também terá que fazê-lo com a imaginação-, mas não pode prolongá-lo muito tempo. Sem a sociedade, está desarraigado; não existe o terreno de que obtém nutrição. Este é a dor básica. Já não está seguro de quem é: é só uma personalidade que se desagrega, uma personalidade que se dissolve. Mas isto é bom, porque, a não ser que desapareça este falso você, o real não pode aflorar. A não ser que seja completamente lavado e fique limpo de novo, o real não pode aflorar.

Este falso você está ocupando o trono. Terá que destroná-lo. Vivendo em solidão, tudo o que é falso pode ir-se. E tudo o que é dado pela sociedade é falso; em realidade, tudo o que é dado é falso, tudo o que nasce contigo é real. Tudo o que é por ti mesmo, ao que não contribuiu ninguém mais, é real, autêntico. Mas o falso deve ir-se. E o falso é um grande investimento; investiste tanto nisso, estiveste cuidando-o tanto... Todas suas esperanças dependem disso, de maneira que, quando começar a dissolver-se, sentirá-se atemorizado, assustado, tremente. O que te está fazendo a ti mesmo? Está destruindo toda sua vida, toda a estrutura.

Haverá medo. Mas tem que acontecer este medo; só então deixará de ter medo. Não digo que te voltará valente, não; digo que deixará de ter medo. A valentia é só uma parte do medo. Independentemente do valente, que seja, o medo está oculto detrás. Digo que deixará de ter medo. Não será valente; não há necessidade de ser valente quando não há medo. Tanto a valentia como o medo se voltam irrelevantes. Ambos os som caras da mesma moeda. De modo que seus valentes não são outra coisa que vós cabeça abaixo, fazendo *shirshasana*. Sua valentia está oculta dentro de ti e seu medo está na superfície; seu medo está oculto dentro deles e sua valentia está na superfície. De modo que quando está sozinho é muito valente, quando pensa em algo é muito valente, mas quando chega uma situação real é medroso.

diz-se a respeito dos soldados, dos mais insígnies entre eles, que antes de ir à frente têm tanto medo como qualquer. Estão tremendo por dentro, mas irão. Empurrarão este tremor ao inconsciente; e quanto mais tremor haja por dentro, mais criarão uma fachada

de que são valentes. Criarão uma couraça. Vê a couraça, parecem valentes, mas no fundo estão cheios de medo. A gente só deixa de ter medo quando passou pelo medo mais profundo de todos, o da dissolução do ego, a dissolução da imagem, a dissolução da personalidade.

Isto é a morte, porque não sabe se for aflorar uma nova vida disso; durante o processo só conhecerá a morte. Só quando estiver morto tal como é, assim que entidade falsa, só então saberá que a morte era só uma porta à imortalidade. Mas isso será o final. Durante o processo, simplesmente está morrendo. Tudo o que valoraste tanto te está sendo arrebatado, sua personalidade, suas idéias, tudo o que pensava que era formoso. Tudo te está deixando. Está sendo despido. Todos os róis e as vestimentas lhe estão sendo arrebatados. No processo, haverá medo, mas este medo é básico, necessário, inevitável; terá que passar por ele. Deveria compreendê-lo, mas não trate de evitá-lo, não trate de escapar dele, porque toda escapada te trará de volta, voltará a entrar na personalidade.

Os que vão entrar no silêncio e a solidão profundos, perguntam-me sempre: «Haverá medo, assim que o que se pode fazer?» Digo-lhes que não façam nada, que simplesmente vivam o medo. Se chegar o tremor, treme. por que impedi-lo? Se houver um medo interno, e está tremendo com ele, treme com ele. Não faça nada. Deixa que aconteça. Irá-se por si só. Se o evitar..., e pode evitá-lo, pode começar a entoar «Ramo, Ramo, Ramo»; pode te aferrar a um *mantra* para distrair a mente. Apaziguará-te e não sentirá o medo. Empurraste-o ao inconsciente. Estava saindo -o que era bom; foste liberar te dele-, estava te abandonando, e quando te abandonar, tremerá. Isso é natural, porque desde cada célula do corpo, da mente, está saindo uma energia que sempre tinha estado pressionada aí. Haverá um estremecimento, um tremor; será como um terremoto. Toda a alma se agitará com isso, mas deixa que aconteça. Não faça nada. Esse é meu conselho. Nem sequer entoe o nome de Ramo. Não tente fazer nada com isso, porque o único que pode fazer é, de novo, a repressão. Permitindo que aconteça, deixando que passe, sairá de ti. E quando tiver saído, será um homem inteiramente diferente.

O ciclone se foi e agora estará centrado, centrado como nunca antes o tinha estado. E uma vez que conheça a arte de deixar que as coisas aconteçam, conhecerá uma das chaves professoras que abre todas as portas internas. Então, independentemente do que seja, deixa que passe, não o evite.

Se durante só três meses pode estar em solidão total, em silêncio total, sem lutar com nada, permitindo que aconteça tudo, seja o que seja, em três meses o velho se foi e estará presente o novo. Mas o segredo é deixar que acontecer, à margem do aterrador, doloroso, que seja, à margem do perigoso, mortal, que pareça. Chegarão muitos momentos nos que sentirá que te volta louco se não fazer algo, e começará a fazer algo involuntariamente. Pode que saiba que não se pode fazer nada, mas não te controlará e começará a fazer algo.

É como se estivesse passando por uma rua escura de noite, a meia-noite, e sente medo, porque não há ninguém ao redor e a noite é escura e não conhece a rua..., assim começa a assobiar. Para que pode servir assobiar? Sabe que não serve para nada. Então começa a cantar uma canção. Sabe que não serve de nada cantar uma canção, não se pode afugentar a escuridão, que seguirá estando sozinho, mas, distrai a mente. Se começar a assobiar, com apenas assobiar tem mais segurança e se esquece da escuridão. Sua mente se vai ao assobio e te começa a sentir bem.

Não aconteceu nada. A rua é a mesma, a escuridão é a mesma, o perigo, se é que há algum, segue aí, mas agora se sente mais protegido. Tudo é igual, mas agora está fazendo algo. Pode começar a entoar um nome, um *mantra*, «Ramo, Ramo», que será uma espécie de assobio. Dará-te fortaleza. Mas essa fortaleza é perigosa, essa fortaleza

se converterá de novo em um problema, porque essa fortaleza vai ser seu velho ego. Está reavivando-o outra vez.

Permanece como testemunha, e deixa que aconteça algo que esteja acontecendo. Terá que confrontar o medo para ir além dele. Terá que confrontar a angústia para transcenderla. E quanto mais autêntico seja o encontro, quanto mais cara a cara, quanto mais esteja olhando as coisas, antes chegará o sucesso.

Só leva tempo porque sua autenticidade não é intensa. Assim pode que demore três dias, três meses, ou três vistas..., segundo a intensidade. Em realidade, três minutos também podem bastar... três segundos também podem bastar. Mas então terá que acontecer um inferno tremendo, com tanta intensidade que pode que não seja capaz de suportá-la, tolerá-la. Se a gente pode confrontar tudo o que está oculto na gente mesmo, sai, e quando se foi, é diferente. Porque tudo o que saiu que ti, antes formava parte de ti, e agora já não forma parte de ti.

Assim não pergunte o que fazer. Não é necessário fazer nada. Não fazer, ser uma testemunha, confrontar sem esforço algum tudo o que há, sem nem sequer fazer um ligeiro esforço, simplesmente deixando que esteja... Permanece passivo e deixa que saia. Sempre sai. Quando faz algo, isso é o que não lhe deixa sair, porque então interfere.

E quem interferirá? Quem tem medo? O mesmo que é a enfermidade é o que interferirá.

O mesmo ego que terá que abandonar é o que interferirá.

Disse-te que o ego forma parte da sociedade. Abandona a sociedade, mas não quer abandonar a parte que te deu a sociedade. Está enraizada na sociedade; não pode viver sem a sociedade. Assim tem que abandoná-la ou tem que criar uma nova sociedade em que possa viver.

De modo que pode criar uma sociedade alternativa; esse é um dos maiores truques da mente. Sempre foi assim. Pode criar uma sociedade diferente, pode criar um *ashram*. Vinte pessoas que pensam que querem viver em solidão podem criar um monastério; então o monastério se tornou uma sociedade alternativa. De maneira que saem da sociedade, mas criam outra sociedade, de modo que basicamente não troca nada. Seguem sendo os mesmos. Mas bem, pelo contrário, pode que se voltem mais egotistas, porque agora são o grupo dos escolhidos, escolhido-los. deixaram o mundo, mas criaram outro mundo, e volta a haver a mesma pauta de relação. Há o chefe, há os discípulos, há um professor, e toda a hierarquia e tudo está aí, em miniatura. E então há bons discípulos, há maus discípulos, os que têm êxito e os que não o têm..., de modo que é o mesmo. Em um pequeno grupo existe toda a sociedade.

Isso não servirá. Isto está acontecendo agora no Ocidente. Um grande número de jovens está deixando a sociedade porque sentem que essa sociedade está podre, é decadente, está morrendo, e sentem que é tão decadente que não se pode trocar. Isto é algo muito novo. Os jovens sempre pensam que a sociedade está podre, mas pensam que se pode trocar, transformar, de modo que é necessária uma revolução. Isto só acontece na última fase de uma sociedade ou civilização, a gente começa a pensar que não se pode fazer nada, que a revolução é uma tolice, que a sociedade está tão morta que ninguém pode reavivá-la, que não se pode trocar. De modo que simplesmente te sai dela. Não pode fazer nada, a casa está ardendo... Assim simplesmente te escapa dela.

Isto é o que está acontecendo no Ocidente: *hippies*, *beatniks*, *yippies*; todos saindo-se da sociedade. Mas estão criando outra sociedade, uma sociedade alternativa. Os mesmos *hippies* se converteram em uma sociedade alternativa. Na sociedade corrente, se tiver o cabelo comprido, outros lhe olharão como se te tivesse desviado do bom caminho. Algo vai mau. Na sociedade *hippie*, se tiver o cabelo curto, não está bem! Não vai por bom caminho. Que diferença há?

Na sociedade corrente, se viver sujo, não está bem, é descortês, inculto, mal educado, inaceitável. Mas em uma sociedade *hippie*, se viver de maneira muito limpa, então não está bem. Então ainda está te aferrando à velha mentalidade que diz que a limpeza está muito perto de Deus. Deus morreu faz muito tempo; agora o segundo, a limpeza, também morreu. Não pode existir sem Deus.

Há aí a mesma condenação e a mesma apreciação. Cria uma sociedade alternativa com justo as regras opostas, mas isso dá igual, seu ego pode nutrir-se de novo. foi transplantado, formou-se um novo terreno.

Estar em solidão significa não criar uma sociedade alternativa. Simplesmente sai da sociedade, e então tudo o que te deu a sociedade sairá de ti. Só pode existir em um ambiente, no ambiente social; não pode existir fora dele. Terá que abandoná-lo. Será doloroso, porque está tão adaptado a ele, tudo está tão planejado. tornou-se tão cômodo estar adaptado; tudo é conveniente. Quando troca e vai sozinho, está deixando todas as comodidades, todas as conveniências, tudo o que a sociedade pode oferecer; e quando a sociedade te dá algo, também te tira algo, sua liberdade, sua alma.

De modo que é um intercâmbio; e quando está tentando alcançar sua alma em toda sua pureza, tem que concluir a negociação. Será doloroso, mas se pode passar por isso, a sorte mais alta está perto. A sociedade não é tão dolorosa como a solidão, a sociedade é tranquilizadora, a sociedade é conveniente, cômoda. Mas te deixa como dormido. Se te sair dela, terá que haver inconveniência. Haverá todo tipo de inconveniências. Essas inconveniências terá que as padecer compreendendo que formam parte da solidão, parte de te recuperar a ti mesmo.

Isto é *tampas*, isto é austeridade, e sairá disso novo, com uma nova glória e dignidade, uma nova pureza e inocência.

Segunda pergunta:

Ontem à noite disse que a solidão total é a natureza essencial, é a realidade última do homem. Outro dia explicou que a individualidade é falsa e que o homem é uma onda na totalidade orgânica da existência. Como é possível uma conciliação entre a solidão e a totalidade?

Não há necessidade de conciliação. A solidão é a totalidade. Mas solidão não significa individualidade. É um indivíduo devido à sociedade. Quando estiver totalmente solo não será um indivíduo.

Um indivíduo representa uma parte de uma sociedade. Quando está na multidão é um indivíduo; quando te sai da multidão, não só fica atrás a multidão, mas também também a individualidade. Essa individualidade foi dada. A individualidade e a sociedade são dois pólos de um mesmo fenômeno. Solo não é um indivíduo; o indivíduo tem que existir em uma pauta da sociedade. É como quando disse que solo não é nem bom nem mau, solo não é nem santo nem pecador, solo não é nem bonito nem feio, solo não é nem sábio nem tolo. Ambos os pares de qualidades cessam. A dicotomia cessa.

O indivíduo existe na sociedade; o indivíduo é a unidade componente da sociedade. Solo não é um indivíduo, assim não pense que te voltará um indivíduo quando estiver sozinho. Não, não será um indivíduo. Se não haver sociedade, como vais ser um indivíduo? Você estará aí, e essa solidão será a totalidade. O ego cessará, e é o ego o que te dá a sensação de individualidade.

Só não significa que seja um indivíduo; solo significa que agora a dicotomia de sociedade e indivíduo já não existe. Isto te dará totalidade. Agora não é parte de nada, tornaste-te o tudo.

Isto é difícil de expressar porque em linguagem parece absurdo. Não pode imaginar como não será um indivíduo se estiver sozinho, porque se pensar e imagina a ti mesmo no topo de uma colina, sentado sozinho em uma cova nos Himalayas, pensará em ti mesmo como um indivíduo..., porque não sabe o que é a solidão. Solidão significa que todos os pensamentos, toda a mente, toda a individualidade que te deu a sociedade ficaram atrás. Voltará-te tão somente um espaço, um vazio, ninguém. Sentado em uma cova nos Himalayas, não haverá ninguém que esteja sentado; só um espaço.

Buda estava meditando sob uma árvore. Era uma noite de lua enche e alguns jovens tinham vindo ao bosque. Havia trazido muito álcool e a uma jovem prostituta. Mas beberam tanto álcool e se embebedaram tanto que a prostituta escapou. Quando se deram conta de que a garota se foi, começaram a procurá-la. Onde tinha ido?

Em sua busca, chegaram a Buda, que estava meditando sentado sob uma árvore. Assim que lhe disseram: «Deve ter visto acontecer por aqui a uma garota jovem, formosa, nua, porque este é o único caminho e é uma noite de lua enche. Assim deve ter visto passar a uma garota jovem, bonita, nua. Viu-a?».

Buda abriu os olhos e disse: «Passou alguém, mas não posso dizer se quem passou era uma mulher ou um homem. Não posso dizer se a pessoa que passou era formosa ou feia. E não possa dizer se a pessoa que passou estava vestida ou nua. Passou alguém... ouvi passos.»

Estavam assombrados e disseram: «Isso é impossível!».

Buda disse: «Eu mesmo não o tivesse acreditado antes. Quando formava parte da sociedade, isto teria sido impossível, mas agora que deixei a sociedade, deixei também todas as concepções da sociedade. Agora só acontece a natureza a meu redor. Assim ouvi o som de que passava alguém; houve tão somente um som que chegou a meu espaço interno, isso é tudo. Passou alguém.»

Volta-te um espaço interno silencioso. Não é um indivíduo porque não é uma mente. Para que afastamento a mente, sugere-se a solidão. E com a mente, cessa tudo. Chega um momento em que não sabe quem é..., e esse é o momento em que começará o conhecimento real.

Chega um momento em que se esquece completamente de quem é, e tudo o que sabia antes já não está, todas as folhas velhas têm cansado. Agora este é o momento, e agora haverá um intervalo durante um tempo. Este intervalo será de muita angústia, porque o velho se foi e o novo ainda não chegou. Quando as folhas velhas caem da árvore, a árvore estará nua durante alguns dias, esperando a que surjam as novas. As folhas novas estão vindo, estão em caminho; as velhas deixaram sítio. Agora que esse sítio está vazio, as novas estão fluindo para esse espaço, e cedo ou tarde surgirão. Mas terá que esperar.

Quando estiver meditando em solidão, a sociedade cessará, a mente cessará, o ego cessará e haverá um intervalo. Terá que passar também por esse intervalo. Agora a árvore está esperando a que venham as folhas novas..., mas não se pode fazer nada. O que pode fazer a árvore? Não se pode fazer nada para as trazer antes; seguirão seu próprio curso.

É bom que o velho tenha cessado; porque agora há sítio, há espaço para que aflore o novo. Agora não haverá nenhuma barreira.

De modo que há um outono da mente interna. As folhas cairão. Será doloroso. Viveste tanto tempo com essas folhas velhas que sentirá que está perdendo algo. E então haverá um inverno de espera, um inverno interno, no que estará nu -sem folhas, uma árvore nua contra o céu-, e não sabe o que vai acontecer. Agora todo se deteve. Agora nenhum pássaro deve cantar em seus ramos; agora ninguém vem a sentar-se debaixo de ti, sob sua sombra, para esperar, para relaxar-se. Agora não é consciente em modo

algun de se estiver morto ou se for acontecer uma nova vida. Este é o parêntese, o intervalo.

Os místicos cristãos o chamaram a noite escura da alma..., antes do amanhecer. Todas as luzes artificiais foram apagadas. A noite se tornou muito escura. E o momento mais próximo ao amanhecer será o mais escuro.

De modo que há um inverno da alma interna no que não há folhas, e nenhum pássaro canta, e ninguém deve esperar e a relaxar-se debaixo de ti. Sente-se morto. Tudo se deteve. Todo movimento cessou. Terá que passar por isso..., porque então virá a primavera, virão novas folhas, nova vida, novas flores. Uma dimensão totalmente nova aparecerá dentro de ti.

Mas recorda o outono, recorda o inverno; só então é possível a primavera. O outono também forma parte da primavera -se pode compreender-, está abrindo caminho para que aconteça a primavera. De modo que o outono não está contra a primavera; é só o começo dela. E o parêntese também é necessário, porque no parêntese te prepara. O velho se foi. Já não está atormentado por isso, arrasado por isso. Está incomodado, mas o embaraço é esperar; o novo menino está crescendo. antes de que apareça, de que se manifeste no mundo, terá que ocultar-se no profundo do inconsciente, porque toda semente tem que ir ao profundo da escuridão, por debaixo, oculta. Só então lhe acontece a vida. Se puser a semente ao sol, não lhe acontecerá nada. Necessita escuridão profunda, um útero. De modo que será inverno quando estiver incomodado, todo movimento cessa, tem que carregar com o peso... conscientemente, compreensivamente, amorosamente, confiando, orando, esperando. E então chegará a primavera. Sempre foi assim. O homem também é uma árvore.

E, recorda, a solidão é a totalidade; não são contraditórias. O ego é parte, o ego está fragmentado, o ego não pode ser total, o ego está contra a totalidade. Em solidão, o ego desaparece. Faz-te um com a totalidade e o confine desaparece. Quando está realmente sozinho, é o cosmos, é Brahma.

Terceira pergunta:

Na primeira técnica tratada ontem à noite se diz que morar na solidão é minimizar a relação. Mas em ocasiões prévias disse que alguém deveria maximizar a relação com a expansão ilimitada.

Faz qualquer das duas coisas. te expanda tanto que não fique nada que não esteja relacionado contigo; então desaparecerá. Ou permanece tão totalmente solo que não fique nada que esteja relacionado contigo; então também desaparecerá.

Está no meio, onde algo está relacionado e algo não está relacionado, onde alguém é um amigo e alguém é um inimigo, onde alguém te pertence e alguém não te pertence, onde há uma eleição. Está no meio. Vete a qualquer dos dois extremos. te relacione com todos, com tudo o que existe, e desaparecerá. Estar relacionado contudo é um fenômeno tão tremendo que não pode existir; transbordará-te.

Você ego é tão estreito que só pode existir com umas poucas relações, e também nelas está contra algo; do contrário não poderia existir. Se for amistoso com tudo o que há no mundo, desaparece. Se quer existir como um ego, pode ser amistoso; mas também tem que ser hostil a alguém; deve amar a alguém e deve odiar. Então pode existir entre estas duas contradições, o ego pode existir. Ama tudo o que existe e desaparecerá, ou odeia-o e desaparecerá. Parecem coisas contraditórias. Não o são. A técnica é a mesma. A técnica é a mesma, ame-o tudo ou o odeie tudo. O ódio a todo se conhece no Oriente

como *vairagya*, como renunciamento. Este é o ódio a tudo, retirar completamente seu amor, sentir que tudo é inútil, que não vale nada.

Se pode odiar tão totalmente, voltará-te total; então não pode existir. Só pode existir quando há duas contradições, o amor e o ódio. Balança-te entre os dois. É como um homem caminhando sobre uma corda frouxa, tem que balançar-se entre a direita e a esquerda. Se for completamente à esquerda, cairá; se for completamente à direita, cairá. De modo que dá igual a vá à direita ou à esquerda. Escolhe uma, e te cairá da corda.

Se quer ser um homem sobre uma corda, tem que te balançar, às vezes à esquerda, às vezes à direita. E, em realidade, o equilíbrio é uma ciência. Quando te inclinar à esquerda, terá que te inclinar imediatamente à direita, porque a esquerda criará a possibilidade de cair. Para reequilibrar, terá que te inclinar à direita, e quando te inclina à direita chega a possibilidade de que te possa cair. De modo que terá que te inclinar à esquerda. Por isso segue te movendo entre o amor e o ódio, entre o amigo e o inimigo, entre isto e aquilo, entre o gosto e o desgosto, entre a atração e a repulsão. Está-te movendo sobre uma corda, continuamente. Se não compreender isto, sua vida será um total mal-entendido.

estive estudando a muchíssima gente e este é um dos problemas mais básicos. Amam, logo odeiam, e não podem compreender por que odeiam quando também amam. Assim é como se balançam; e este balanço te dá o ego, sua personalidade. Se realmente quer estar sem o ego, escolhe qualquer dos dois extremos. Vete à esquerda, ama, e não o compense com a direita, cairá-te da corda. Ou vete à direita, odeia, e odeia totalmente, e não vá à esquerda. Cairá-te da corda.

Mahavira diz que esteja desapegado de tudo -isso é o ódio-, e Krishna diz que ame. É por isso que os jainas nunca podem entender a mensagem da Krishna... Impossível. E os hindus têm feito caso omissa da Mahavira. Nem sequer mencionaram seu nome em suas Escrituras, nenhuma só menção, nem sequer repararam nele, porque diz que alguém esteja tão desapegado de todo que isso se volta ódio. Krishna diz que ame, e que ame tão profundamente que o ódio caia completamente da mente. Ambas as coisas são o mesmo. Parecem-lhe contraditórias, mas não o são.

Ou te inclina à esquerda ou à direita, dá no mesmo, cairá-te ao chão, não estará *sobre* a corda, isso é seguro. Essa corda é o ego ou o mundo, o *sansara*, e você te está balançando. Muita gente me ama, mas se que cedo ou tarde se balacearán e odiarão. E quando odeiam ficam ansiosos. Não deveriam ficar ansiosos, porque é assim como podem estar sobre a corda. Mas não podem odiar muito tempo. Terão que voltar a balançar-se.

Pela manhã ama, pela tarde odeia, pela manhã volta a amar. A não ser que esteja disposto a deixar o ego, o balanço continuará. Pode continuar imensamente..., imensamente pode continuar, a corda não tem fim. Mas uma vez que te farta de todo o jogo, uma vez que sente que isto é uma tolice -balançar-se cada vez com o ódio e o amor, e ir-se cada vez à direção contrária, uma e outra vez-, então pode ir a um, ao amor ou ao ódio, e saltar da corda. E uma vez que salta da corda, está iluminado. O balanço é *sansara*, o mundo.

Quarta pergunta:

O homem tem um desejo inerente de entrar no útero. Por favor, explica se o desejo do homem pelo ato sexual, pela penetração, simboliza ou não seu desejo inerente de voltar.

Sim. Forma parte disso. Tudo na natureza quer voltar para origem. Esta é uma das leis.

Tudo o que acontece entremédias é irrelevante; todo círculo chega ao final ou ao princípio mesmo, à fonte original.

O homem nasce do útero. Quando está angustiado ou deprimido, quando tem muita responsabilidade, muita carga, e todo se volta pesado, quer voltar para útero. daqui esta atração, este desejo de entrar na mulher. Não pode entrar, não pode te voltar um menino de novo, de modo que o ato sexual se volta um ato simbólico, a penetração se volta simbólica. Está outra vez no útero. Por isso o sexo é tão relaxante, tão sosegador. Todas as tensões se foram, sua mente se aliviou. Ao menos neste momento está enlevado. É uma catarse, purga-te de muita sujeira.

De modo que o sexo se volta uma descarga, uma relaxação, e a mulher se volta um útero. Isto forma parte da atração, parte do desejo. Pode que não seja consciente disso, mas tudo o que criamos para a comodidade é como o útero. Em uma habitação, fechada, à temperatura do corpo, silenciosa, pode-te relaxar facilmente. É como o útero. E se seu dormitório tem todas as qualidades do útero, dormirá profundamente. Inclusive um relógio na parede te ajuda. Segue tiquetaqueando, tictac; é igual ao coração da mãe tiquetaqueando, tictac, para o menino no útero. O menino segue escutando-o. O ritmo do tictac é útil; o colchão, os travesseiros, todas as coisas que usamos são realmente como o útero. Agora os cientistas pensam que cedo ou tarde faremos dormitórios exatamente como o útero, exatamente iguais, porque lhe farão dormir o mais profundamente possível.

A concepção suprema do *nirvana* também é como o útero. O menino no útero é tão livre... livre de toda responsabilidade. Nunca chega a conhecer nenhum desejo. antes de que haja um desejo já foi satisfeito. Isso é o que os hindus chamam *kalpavriksha*. No céu há árvores sob os que se sinta e quando surge um desejo em sua mente, é satisfeito imediatamente. Não há intervalo, não há intervalo de tempo entre o desejo, a demanda e o fornecimento. Não há intervalo. Assim que surge o desejo é satisfeito.

Isto acontece no útero; é *kalpavriksha*, a árvore que cumpre os desejos. Um menino nunca cai na conta de que tem fome, antes de que haja fome, é saciada. O menino nunca cai na conta de que tem sede, antes de que haja sede, é saciada. Nunca cai na conta de nenhum esforço, nenhuma conflito; é servido silenciosamente pelo cosmos que lhe rodeia. Os psicólogos dizem que é por isso pelo que o menino não pode ser consciente no útero, porque para a consciencia é necessário o esforço, é necessária a conflito. A consciencia só cresce quando há uma demanda, logo um intervalo de tempo, e logo o fornecimento. Esse intervalo te faz consciente. Se não haver nenhum intervalo, se tudo o que precisa é subministrado imediatamente, dormirá. Assim é que o menino está dormido durante nove meses seguidos; não fica alerta nem um só momento. Não há necessidade de estar alerta. Todas as necessidades estão satisfeitas. Não há dor, sofrimento, tensão, de modo que a alerta não é possível.

O menino dorme, e quando nasce é uma comoção tal que, segundo Freud, ninguém se recupera nunca disso. É traumático. Permanece em ti como uma ferida. E acredito que tem razão. ¡Quando o menino nasce é uma comoção! É expulso do Jardim do Éden, do Paraíso. Tudo era tão formoso..., era tão formoso que o menino estava dormido. Era tão cômodo que não havia necessidade de estar acordado nem um só momento. Era um mundo de sonho, e agora é expulso pela força. Existem todas as possibilidades de que o inconsciente do menino lute por permanecer no útero. É difícil dizer se for assim ou não, mas existem todas as possibilidades de que o inconsciente do menino lute por permanecer no útero. Cria todo tipo de dificuldades para sair. daqui a dor e a luta; está sendo expulso, jogado.

E no primeiro momento fora do útero terá que ser o maior sofrimento que o menino padecerá nunca -nem sequer a morte será um sofrimento tal-, porque no primeiro momento, por sua conta, terá que respirar, e começou o mundo com todas suas preocupações. Agora ele será o centro e será responsável e terá que levar sua própria carga. É expulso da mãe. Terá que respirar, e chorar quando tiver fome, e agora nada é seguro; se será alimentado quando tiver fome, não é seguro. Dependerá, tornou-se dependente. Agora tem que lutar por cada necessidade.

Mas então proporcionamos todo o bem-estar a nossos filhos, em todos os aspectos, para que a comoção não seja tanta, não seja excessiva. A mãe segue satisfazendo suas necessidades imediatamente. devido a isto, o menino começa a sentir que é o centro do mundo e que o mundo inteiro tem que lhe fazer caso. Um só grito e o mundo inteiro tem que cair a seus pés. Isto produz um princípio muito egoísta. De modo que todo menino é muito egoísta. E então terá que haver outras comoções, porque este é só o primeiro nascimento, tão somente o princípio dos nascimentos. Os que conhecem profundamente os fenômenos humanos dizem que toda a vida é um contínuo nascimento. Há muitos nascimentos. Chegará um dia em que a mãe se negará a dar de mamar ao menino. Agora ele tem que depender da comida, tem que mastigá-la. A responsabilidade cresce. Agora a comida tem que ser mastigada, digerida. O leite era outra coisa. O menino não fazia nada, simplesmente chupar. Era um chupão.

As responsabilidades crescerão cada dia, e será afastado, afastado cada vez mais longe da mãe. E quanto mais afastado é, mais lhe rodeia o mundo. O mundo é hostil; o útero nunca era hostil, a não ser muito acolhedor. O mundo não é acolhedor; há competição, e todo mundo está interessado em si mesmo e ninguém está interessado em ti. O mundo não é sua mãe.

Quando um menino vai à escola, está entrando em um mundo hostil, com traumas e mais traumas e muitas comoções. E continua. A última ruptura acontece quando o menino se apaixonou por uma mulher. está-se fazendo adulto. Esta é a última ruptura com a mãe; agora se tem quebrado o último enlace. Entretanto, este homem-menino seguirá comportando-se como se sua mulher fora sua mãe. Não o é. Ela está interessada em si mesmo, e ele está interessado em si mesmo. Os dois estão interessados em si mesmos. São egos. E todo marido segue tentando que a mulher se comporte como sua mãe. Essa é a luta. Ela não pode comportar-se assim... Ela tem seus próprios interesses. A mãe estava totalmente dedicada.

De modo que todo homem está frustrado com sua esposa, porque nenhuma esposa pode ser uma mãe. Não é uma questão de algemas boas e más, nenhuma esposa pode ser uma mãe. Todo homem está frustrado. Ainda não vi um homem que não esteja frustrado com sua esposa. Parece impossível não estar frustrado, porque o desejo é impossível.

Mas o marido se sente bem quando entra na mulher, na esposa. Está outra vez no útero. Esta é uma penetração simbólica. Nesses poucos momentos esquece todas as preocupações, o mundo, tudo. Volta a ser um menino. Olhe a um homem profundamente apaixonado por sua mulher, ou de sua amada, seu rosto parecerá como o de um menino. Todas as tensões se foram. De modo que não é uma coincidência que, quando estão apaixonados, a mulher chame o marido «nenê», «amorcito».

Li uma anedota. Era meia-noite e a casa estava ardendo. No último momento, tiraram dela a uma mulher. Estava como louca gritando: «Meu nenê se ficou dentro.» E, então, o nenê apareceu de repente. Saiu ao balcão um homem de cento e cinquenta quilogramas e disse: «Não se preocupe, estou vivo e agora saio.» E toda a multidão se perguntava o que acontecia!

Mas estavam profundamente apaixonados, deitados juntos, e o homem era um nenê nesse momento. A mente está procurando de todas as maneiras um estado como o

do útero de novo, mas não pode entrar no útero, nem sequer em um ato sexual. Só parece que o está.

A única possibilidade de voltar a entrar no útero não é física, a não ser psicológica, ou, nos estratos mais profundos, espiritual. Se pode ser um com o cosmos, estará de novo no útero, e isto é algo que não te pode arrebatá-lo. Então toda a existência se volta uma mãe. Assim, para mim, as religiões que hão dito que Deus não é um pai, a não ser uma mãe, são mais científicas. As que chamaram «pai» a seu Deus não são tão científicas, porque um pai não é algo muito essencial, a não ser só accidental. O pai não existiu sempre. A palavra «mãe» é muitíssimo mais antiga que «pai». Incluso a palavra «tio» é mais antiga que «pai», porque faz cinco mil anos não existia o matrimônio. Havia grupos que viviam juntos, o menino conhecia sua mãe, mas não sabia quem era o pai, de modo que todos os homens do grupo eram tios. «Tio» é uma palavra mais antiga que «pai». Todos os homens eram tios, porque não havia nenhuma certeza a respeito de quem era o pai.

O pai apareceu mais tarde. Quando um homem dominou a uma mulher e apartou à força a todos outros homens, criou-se o pai. E não é seguro se for permanecer, porque a família se está dispersando. Não é algo eterno; é só institucional. Parece que o pai está desaparecendo; não pode permanecer no futuro. Não há esperança para o pai! Desaparecerá pouco a pouco. Os tios voltarão a ser importantes. A mãe é básica; o pai é social e pode ser descartado. Depende da instituição, do modo de pensar da sociedade. Mas a mãe não pode ser descartada. De modo que as religiões que consideram Deus uma mãe são realmente mais profundas. Quando entra em Deus mãe e te faz um com isso, entraste no útero eterno. Já não haverá dor, não haverá sofrimento. Já nunca será expulso.

Última pergunta:

Disse que nos correspondem os fios, a essência. Mas a quem te refere ao dizer «nós»? Porque, tal como somos, correspondem-nos as contas, os eventos. Vivemos nos eventos.

Quando digo que nos corresponde o fio, a essência, o fundamental, o real, ao dizer “nós” não refiro a ti; você tal como é, não, mas você como pode ser, sim. É duplo, e o que é agora mesmo não é o real. É só uma coisa falsa, só uma imagem que pode ser desprezada facilmente. O autêntico você é o que só se pode conhecer quando se eliminaram todas as máscaras. Assim quando digo que »nos corresponde o fio, incluímos em sua realidade, não como egos, mas sim como almas. É dois, um como parece ser, e um como é. À aparência correspondem os eventos, correspondem-lhe as contas, o superficial. Ao interno, o que é, não lhe correspondem os eventos, não lhe corresponde o tempo absolutamente. Atar-lhe o eterno.

Contarei-te uma história de uma das vidas passadas da Buda, quando ainda não era um buda; nessa vida, Buda era tão ignorante como qualquer. Ouviu falar de um homem que se iluminou, assim foi tocar seus pés e a ter um *darshan*. Tocou os pés do iluminado, e quando se estava levantando, ficou atônito ao ver que o iluminado lhe estava tocando os pés a ele. Disse: «O que está fazendo? Sou ignorante, não estou iluminado, sou um pecador, e você está iluminado, é a luz mais pura que vi. por que deveria tocar meus pés? Eu vim a tocar seus pés. por que deveria você tocar meus?»

O iluminado riu e disse: «Não estou tocando seus pés. Estou tocando os pés do essencial, da alma que está oculta dentro de ti. Isso já está iluminado. Pode que saiba mais tarde, e quando o souber, recorda. Um dia chegará a conhecer a realidade ante a

que me inclinei. Não o conhece agora mesmo, não conhece seu próprio tesouro, mas eu conheço meu tesouro, e no momento em que conheci meu tesouro, conheci o tesouro de todos outros.»

O iluminado disse a Buda: «No momento em que me iluminei, conheci a realidade essencial de tudo. Pode seguir te enganando a ti mesmo se essa for sua decisão, mas eu posso penetrar e posso ver dentro de ti a luz mais pura. me recorde quando tomar consciencia dela.»

E quando Buda se iluminou em sua vida seguinte, disse a seus discípulos: «Não compreendi o que estava dizendo o iluminado. Era um mistério. Mas agora vejo o que queria dizer. Agora apareceu, e tudo o que sou agora o era também naquele momento. Ele se deveu *Oinclinar ante isto.*»

De modo que quando digo «nós», incluo-te em sua possibilidade, não em sua aparência. Sua aparência é só um sonho, mas não é consciente disso porque se tomadas consciencia de que está sonhando, o sonho cessou. Não é consciente do que é realmente. Se tomadas consciencia, a aparência desaparecerá. Eu sou consciente..., assim pode imaginar minha dificuldade. Vejo-lhes como iluminados. Já são isso. Estão jogando jogo de ser ignorantes, tentando lhes enganar a vós mesmos, mas para a realidade mais íntima dá igual o que façam. Permanece inocente, pura, absolutamente pura.

Está aqui. Se Miro sua superfície, terá que te ensinar muitas coisas. Mas se Miro o que tem dentro, não há necessidade de te ensinar nada, não há necessidade de fazer nada. A isso é ao que me refiro quando digo: «nos corresponde o fio, a essência; não as contas, os eventos, o externo.»

Recorda isto. Algum dia, quando te iluminar, saberá a que me referia quando disse «nós», e a quem incluía. É certo que não está incluído tal como é aqui, ante mim, a aparência, não; a não ser como sempre foste e como será sempre quando se tirar esta cortina, quando desaparecerem estas nuvens e saia o Sol. Eu posso ver o Sol detrás das nuvens.

Você está tão identificado com as nuvens que nem sequer pode me acreditar. Se te disser que já está iluminado, como vais acreditar o? dirá que devo estar te enganando ou gastando uma brincadeira. É a verdade, mas a verdade é difícil de entender. E tem que dar muitas voltas antes de chegar a ti mesmo, tem que dar muitas voltas antes de chegar a te dar conta de que seu lar é a meta, de que sempre estiveste no lugar ao que queria chegar.

GRUPO PROVISÃO, ESTUDA MECÂNICA
QUÂNTICA
VENHA PARTICIPAR , VC TAMBÉM
65 9 9632 0674